

INDÚSTRIAS DE BENEFICIAMENTO DE ERVA MATE NO
ESTADO DO PARANÁ (1890-1977)

LUCRÉCIA CARON BERTAGNOLI

LUCRÉCIA CARON BERTAGNOLI

INDÚSTRIAS DE BENEFICIAMENTO DE
ERVA MATE NO ESTADO DO PARANÁ
(1890 - 1977)

Tese de Mestrado em História do
Brasil. Setor de Ciências Huma
nas, Letras e Artes. Universida
de Federal do Paraná.

Curitiba

1978

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação não poderia ter-se realizado sem a preciosa colaboração do professor, orientador, Dr. Brasil Vinheiro Machado.

A autora agradece, igualmente, o inestimável auxílio da futura economista Rosette Ari Belenda Pacheco de Carvalho, que além de datilografar o trabalho, revisou-o minuciosamente; à estatística Vera Lúcia Russo, pela confecção de gráficos e cálculos estatísticos; à bibliotecária Helma, da Seção Paranaense de Biblioteca Pública, pela orientação recebida quanto às normas de bibliografia e documentação; à Regina, professora de português, pela leitura da dissertação e inúmeras sugestões.

Por fim, muito obrigado pela assistência financeira prestada durante a concretização do curso de pós-graduação em História.

E finalmente à Dra. Alzira Milotti Salhana, coordenadora dos cursos de pós-graduação em História, agradeço a dedicação e o empenho em manter um curso de Mestrado considerado pelo C.A. . . . como o melhor do Brasil.

SUMÁRIO

	Página
Lista de Quadros	v
Lista de Gráficos	xi
Introdução	1
PARTE I. A ECONOMIA ERVATEIRA SOB A POLITICA DO "LAISSEZ FAIRE."	5
1. A consolidação da erva-mate brasileira no mercado internacional	6
2. As exportações paranaenses	11
3. O ciclo de 1865-66 a 1871 na economia ervateira do Brasil e do Paraná	24
4. O ciclo de 1872-73 a 1875 na economia do mate brasileiro e provincial. A crise de 1877-78 a 1884-85	34
5. A erva-mate brasileira e o início do período republicano	50
6. A erva-mate brasileira e os ciclos de 1901-1906, - 1906-1912 e 1913-1915.	60
7. A economia ervateira do Brasil durante a década de 1916-26	78
PARTE II. O INTERVENCIONISMO DOS GOVERNOS ESTADUAIS DO PARANÁ E DE SANTA CATARINA NA ECONOMIA ERVATEIRA. . .	97
8. A ação dos Institutos Estaduais de Mate e a decadência da economia ervateira brasileira durante os anos de 1930 a 1939.	98
9. A economia paranaense na década de 30 e os reflexos das oscilações do mercado ervateiro sobre a conjuntura econômica	116
PARTE III. A INTERVENÇÃO DO GOVÊRNO DA UNIÃO NA ECONOMIA ERVATEIRA.	121
10. O nascimento do cooperativismo no setor produtivo e a criação do Instituto Nacional do Mate.	122
11. A grande crise da erva-mate nos anos 1946-54. Os produtos substitutos da erva-mate.	135
12. A economia ervateira e o Plano Salte. A grande depressão de 1959-61.	171
13. A atuação do Instituto Nacional do Mate e a decadência da economia ervateira brasileira.	178
14. A economia paranaense após a decadência da economia ervateira: uma nova conjuntura econômica.	192

SUMÁRIO

	Página
PARTE IV. INDÚSTRIA DE BENEFICIAMENTO DE ERVA MATE. 1890-	
1977.	216
15. O parque industrial de beneficiamento de erva-mate no Paraná. (1890 - 1977)	217
16. O grupo econômico Indústrias Adalberto Araujo S.A. (1929 - 1972)	224
17. A Leão Jr. & Cia. S.A. uma empresa pioneira na eco nomia paranaense. (1901 - 1977).	234
18. Um grupo econômico: A Moinhos Unidos Brasil Mate S.A. (1953 - 1977).	238
Conclusão	242
Apêndice estatístico	245
Bibliografia	326

LISTA DE QUADROS

QUADRO Nº

PÁGINA

1.	Valôr médio por tonelada de erva-mate exportada (1833-1838-9)	7
2.	Quantidade total exportada e valores totais exportados. (1833-38)	8
3.	Estimativa da produção total e consumo.(1833-39)	8
4.	Exportações de erva-mate. (1855-1965)	12
5.	Valôr médio por tonelada de erva-mate exportada (1908 a 1912)	13
6.	Quantidade total exportada e valores totais exportados. (1908 - 1912)	14
7.	Movimento de embarcações no Pôrto de Paranaguá	16
8.	Destino dos navios saídos do Porto de Paranaguá	16
9.	Exportações através do Porto de Paranaguá . . .	16
10.	Comércio exterior de erva-mate em comparação com o consumo interno	17
11.	Exportações paranaenses	20
12.	Importações paranaenses	21
13.	Preços médios dos principais produtos exportados pela Província do Paraná	23
14.	Valôr médio por tonelada de erva-mate exportada (1908 - 1912)	25
15.	Quantidade total de erva-mate exportada e valores totais exportados (1908 - 1912)	27
16.	Estimativa da produção total e consumo de erva-mate	28
17.	Exportações paranaenses. (1866 - 1873)	29
18.	Exportações da Província do Paraná para Portos Nacionais	32
19.	Exportações paranaenses para Portos estrangeiros	33
20.	Valôr médio por tonelada de erva-mate exportada. (1908 - 1912)	34
21.	Quantidade total de erva-mate exportada e valores totais exportados. (1908 - 1912)	35
22.	Valôr médio da tonelada de erva-mate exportada. (1908 - 1912)	37

23.	Quantidade total exportada e valores totais exportados. (1908 - 1912)	39
24.	Estimativa da Produção total e consumo de Erva-Mate.	40
25.	Exportações de erva-mate paranaense.(1874-1880)	43
26.	Exportação de erva-mate paranaense.(1881-1890)	46
27.	Exportação de erva-mate paranaense segundo os destinos. (1881-1890)	47
28.	Estimativa da produção total e consumo de erva-mate. (1892-1898)	51
29.	Valor médio por tonelada de erva-mate exportada. (1908-1912)	52
30.	Quantidade total exportada de erva-mate e dos valores totais exportados. (1908-1912)	52
31.	Exportação do Estado do Paraná. (1891-1900) . .	56
32.	Exportações paranaenses segundo os destinos . .	56
33.	Exportações Paranaenses	58
34.	Valor médio por tonelada de erva-mate exportada. (1908-1912)	62
35.	Quantidade total exportada de erva-mate e dos valores totais exportados. (1908-1912)	62
36.	Valor médio por tonelada de erva-mate exportada. (1908-1912)	63
37.	Estimativa da Produção total e consumo de erva-mate.	63
38.	Quantidade total exportada de erva-mate e valores totais exportados. (1908-1912).	64
39.	Estimativa da produção total e consumo de erva-mate.	65
40.	Valor médio por tonelada de erva-mate exportada. (1908-1912).	66
41.	Exportação de erva-mate paranaense em toneladas.	67
42.	Arrecadação pelas Agências fiscais de Batêas e Rio Negro.	72
43.	Exportação de erva-mate do Paraná, segundo o destino.	74
44.	Quantidade total de erva-mate exportada e valores totais exportados. (1908-1912)	79

QUADRO Nº.

PÁGINA

46.	Valôr médio por tonelada de erva-mate exportada. (1908-1912)	80
47.	Estimativa da produção total e consumo de erva-mate.	82
48.	Quantidade total de erva-mate exportada e dos valores totais exportados. (1908-1912)	82
49.	Exportações paranaenses segundo o destino . . .	84
50.	Exportações paranaenses de erva-mate no exercício de 1916-17.	89
51.	Exportação de erva-mate paranaense. (1916-17 a 1925-26).	93
52.	Volume da produção Argentina e importação de erva-mate do Brasil e do Paraguai no mercado Argentino. (1910 - 1938)	101
53.	Exportações Paranaenses de erva-mate beneficiada (1931-1934).	110
54.	Exportações Paranaenses de erva-mate cancheada. (1931-1934)	111
55.	Exportações paranaenses de erva-mate. (1931-1939)	111
56.	Exportação Brasileira	112
57.	Contribuição para a receita estatal dos principais produtos de exportação. (1931-1936)	114
58.	Valôr da exportação geral do estado para o País e Exterior.	116
59.	Federação do Mate do Brasil.	127
60.	Federação das Cooperativas de Mate Paraná Ltda. Quadro social em cinco anos.	128
61.	Produção total, valôr unitário e Consumo interno aparente. 1953.	132
62.	Valôr médio anual deflacionado, quantidade total exportada e valores totais exportados.	133
63.	Federação do mate do Brasil - Capital das Cooperativas em 1959.	134
64.	Valôr médio anual deflacionado, quantidade total exportada e valores totais exportados.	135
65.	Volume da produção de erva-mate do Brasil segundo os estados produtores.	136.

66.	Produção agrícola paranaense. (1938-39)	140
67.	Mercado Argentino - Importação de erva-mate Brasileira segundo os tipos.	145
68.	Preço do café torrado e moido - a varejo. Curitiba. (1940-1970)	147
69.	Salário mínimo em Curitiba. 1940 - 1970.	148
70.	Exportações argentinas de erva-mate. (1946-1953)	151
71.	Exportações de erva-mate argentina. (1954-1963)	152
72.	Exportações argentinas de erva-mate beneficiada. 1964-67 - 1968 - 1972.	153-4
73.	Consumo Interno Argentino de erva-mate. (1947-1963)	155
74.	Preços minoristas de erva-mate no mercado Argentino. 1947 - 1963.	156
75.	Produção bruta nacional e consumo de erva-mate per capita na Argentina. (1947 - 1963)	159
76.	Consumo de erva-mate, café e chá na Argentina - per capita. 1947 - 1963.	160
77.	Preços do café na Argentina. (1947 - 1963).	161
78.	Preços do chá na Argentina. (1947 - 1963)	162
79.	Preços de bebidas sem álcool na Argentina. (1956-1963).	163
80.	População do Paraná. (1940 - 1970)	164
81.	Preços do café torrado e moido em Curitiba em proporção ao seu valor em 1940.	165
82.	Consumo real de erva-mate comparado com o consumo de café no mercado interno. (1942 - 1976).	166
83.	Consumo de erva-mate no mercado interno por unidade da Federação. (1942 - 1976)	168
84.	Sistema de quotas individuais estabelecidas pelo I.N.M. em 1950.	181
85.	Exportações brasileiras para a Argentina.	185
86.	Produção argentina de erva-mate. (1967-70).	186
87.	Produção argentina. (1971- 1975).	187
88.	Indústria de Beneficiamento de erva-mate.	190
89.	Exportação do café - Paraná.	193
90.	Café.	194
91.	Setor Secundário Paranaense em 1959.	195
92.	Comparação de Censos Industriais do Paraná.	196

93.	Setor secundário por ramos segundo os censos de 1960 a 1970.	198
94.	Banco de Desenvolvimento do Paraná S.A. Empréstimos concedidos ao setor privado por região. Valores deflacionados, 1971-72.	203
95.	Banco de Desenvolvimento do Paraná S.A. Setor Privado - Empréstimos por ramo de atividade - Recursos próprios e de terceiros - 1971.	206
96.	Banco de Desenvolvimento do Paraná S.A. Empréstimos concedidos ao setor privado por ramo de atividade em 1972-73-74.	207
97.	Financiamentos concedidos pela Codepar e pelo Bader às indústrias paranaenses de beneficiamento de erva-mate. (1965-1976)	221
98.	Consumo per capita de erva-mate e café no Brasil. 1940 - 1970.	246
99.	Consumo aparente per capita da erva-mate e café no Paraná. 1940 - 1970.	247
100.	Valôres das exportações de erva-mate do Paraná para o Exterior. 1940 - 1975.	248-9
101.	Brasil. Exportações externas de erva-mate beneficiada comparadas com as exportações totais de erva-mate. 1940 - 1965.	250
102.	Brasil. Exportações de erva-mate para o exterior somando as classes beneficiada e cancheada. . .	251-2
103.	Valôr das exportações de erva-mate do Paraná em G\$. (1967 - 1977)	253
104.	Quantidade das exportações paranaenses de erva-mate segundo os destinos. (1945 - 1976). . . .	254
105.	Valôr das exportações de erva-mate para o exterior em G\$. no Paraná. (1945 - 1965)	255
106.	Valôr das exportações de erva-mate do Paraná. (1971 - 1976)	256
107.	Volume da produção de erva-mate no Brasil, segundo os estados produtores. 1940-1975.	257-8
108.	Indústrias de beneficiamento de erva-mate no estado do Paraná, registradas na Junta Comercial do Paraná. (1890 - 1977)	259-60-1

109.	Indústrias de beneficiamento de erva-mate no Estado do Paraná. (1890 - 1977) - Por década. . .	262
110.	Nacionalidade dos beneficiadores de mate no Estado do Paraná. (1890 - 1977)	263-4-5
111.	Indústrias de beneficiamento de erva-mate no Estado do Paraná. Capital inicial registrado por ano. (1890 - 1977)	266-7-8
112.	Indústrias de beneficiamento de erva-mate no Estado do Paraná - tipos de firma. (1890 - 1977)	269-70-1
113.	Indústrias de beneficiamento de erva-mate no Paraná - Forma de gestão das empresas. (1890-1977)	272-3-4
114.	Indústrias de beneficiamento de erva-mate no Estado do Paraná. Capital registrado por ano. 1890 1977. Médias móveis.	275-6-7
115.	Indústrias de beneficiamento de erva-mate no Estado do Paraná. Capital inicial registrado por ano. (1890 - 1977). Médias quinquenais.	278
116.	Média aritmética da concentração das Indústrias de beneficiamento de erva-mate no Paraná, por município. (1890 - 1977).	279
117.	Quociente de liquidez (1944 - 1969). Leão Junior	280
118.	Quociente de liquidez (1944 - 1974). Indústrias Adalberto Araujo.	281
119.	Quociente de liquidez (1959 - 1970). Moinhos - Unidos Brasil Mate S.A.	282
120.	Séries de crescimento do capital - Leão Junior. (1942 - 1973).	283
121.	Séries de crescimento do capital - Moinhos Unidos Brasil Mate. (1953 - 1977).	284
122.	Séries de crescimento do capital - Adalberto Araujo S.A. (1944 - 1946).	285

LISTA DE GRÁFICOS.

GRÁFICO Nº.		PÁGINA
1.	Valôr médio por tonelada de erva-mate exportada. (1908 - 1912)	7
2.	Valôr médio por tonelada de erva-mate exportada. (1908 - 1912)	26
3.	Valôr médio por tonelada de erva-mate exportada. (1908 - 1912)	38
4.	Volume da produção de erva-mate no Brasil, segundo os estados produtores.	286
5.	Consumo interno aparente no estado do Paraná de café verde e erva-mate.	287
6.	Consumo aparente per capita de erva-mate e café no Brasil.	288
7.	Consumo aparente per capita de erva-mate e café no Paraná	289
8.	Exportação externa de erva-mate.	290
9.	Exportação brasileira de erva-mate para o exterior somando as classes e segundo os destinos.	291
10.	Consumo e mercado interno de erva-mate segundo unidades da federação.	292
11.	Consumo interno aparente de erva-mate e café no Brasil.	293
12.	Valôr das exportações de erva-mate em C\$ no Paraná. Médias móveis centradas em 5 anos.	294
13.	Indústrias de beneficiamento de erva-mate. (1890 - 1977)	295
14.	Indústrias de beneficiamento de erva-mate por década.	296
15.	Indústrias de beneficiamento de erva-mate. Tipos de firma por década.	297
16.	Distribuição geográfica por município do parque industrial de beneficiamento de erva-mate no Paraná.	298
17.	Capital registrado.	299
18.	Capital registrado.	300
19.	Capital registrado.	301
20.	Capital registrado.	302

21.	Nacionalidade dos beneficiadores de mate no <u>es</u> tado do Paraná.	303
22.	Adalberto Araujo S.A. Série do crescimento do capital.	304
23.	Moinhos Unidos Brasil Mate S.A. Série de cres- cimento do capital.	305
24.	Leão Jr. S.A. Série do crescimento de capital	306
25.	Leão Jr. S.A. Série do crescimento de capital	307
26.	Leão Jr. S.A. Série do crescimento do capital social.	308
27.	Adalberto Araujo. Quociente de liquidez imedia ta.	309
28.	Adalberto Araujo. Quociente de liquidez geral	310
29.	Leão Jr. S.A. Quociente de liquidez geral. . .	311
30.	Leão Jr. S.A. Quociente de liquidez imediata.	312
31.	Moinhos Unidos. Quociente de liquidez geral. .	313
32.	Moinhos Unidos. Quociente de liquidez imediata.	314
33.	Valor médio da tonelada de erva-mate exportada.	315

I N T R O D U Ç Ã O

CONCEITUAÇÃO E JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO TEMA. MÉTODOS E TÉCNICAS.

O tema é um estudo da contribuição do setor de beneficiamento de erva-mate no desenvolvimento econômico paranaense entre 1890 e 1977, por intermédio da coleta e análise de dados sobre empresas paranaenses.

O problema principal pretende abordar em que medida as oscilações da produção e dos mercados importadores afetaram a rentabilidade das empresas que operavam no setor de beneficiamento de erva-mate, isto é:

- Em que medida as depressões na economia ervateira afetaram o lucro das empresas que operavam com beneficiamento de erva-mate?

- Em que medida o Estado procurou amparar a economia ervateira em sua fase de apogeu e de decadência?

A partir do problema principal foram desenvolvidas várias hipóteses de trabalho tais como:

- Qual o tipo mais comum de empresa que operava no setor de beneficiamento de erva-mate?

- A origem dos capitais seria majoritariamente nacional?

- A maior concentração do parque industrial de erva-mate após 1940 continuou sendo em Curitiba? Porque?

- Era significativo o montante de capitais investido no setor de beneficiamento de erva-mate entre 1890 e 1970?

- Seriam as empresas clônicas, típicas de economias em desenvolvimento, a forma mais comum de administração de empresas?

- Teriam as modificações na conjuntura econômica política e social paranaense conduzido à transformações relevantes na mentalidade dos empresários, na forma de controle administrativo das empresas que operavam no referido setor?

- Qual a probabilidade de sobrevivência das unidades familiares diante do aparecimento de grupos econômicos no setor?

- Teriam as sucessivas depressões na economia ervateira levado os empresários a diversificar suas atividades como forma de adaptação à novas conjunturas econômicas que se sucederam?

- Qual o papel das indústrias que operavam no setor de beneficiamento de erva-mate no desenvolvimento da economia paranaense, entre 1890 e 1970?

Quanto a intervenção do estado na economia, as leis do governo provincial sucederam-se desde que o produto atingiu real importância comercial.

Entretanto, a legislação local não visou medidas que assegurassem a *illex paraguariensis*, um futuro econômico promissor, porém preocupou-se apenas com as receitas dos orçamentos provinciais e estaduais, dependentes em grande parte dos tributos que incidiam sobre a erva-mate.

Após a crise dos anos 1930, a política de dirigismo estatal procurou atender a economia ervateira, através da atuação do Instituto Nacional do Mate.

Pretende-se abordar o problema de que a atuação de uma autarquia estatal em nada beneficiou a economia ervateira.

Para comprovar-se esta indagação formulou-se as seguintes hipóteses:

- Em que medida conseguiu o Instituto Nacional do Mate ampliar a produção ou elevar a renda dos produtores que operavam no setor de beneficiamento de erva-mate?

- Em que medida a publicidade realizada pelo Instituto contribuiu para expandir os mercados interno e externo?

- Em que medida as taxas e o estabelecimento de um sistema de quotas onerou ou contribuiu para o disciplinamento da oferta de erva-mate nos mercados tradicionais?

As hipóteses referentes ao Instituto Nacional do Mate têm por objetivo verificar a influência da política de dirigismo estatal nos setores de produção, beneficiamento e comercialização de erva-mate.

Através deste estudo, a autora pretende contribuir, para um melhor conhecimento da história econômica da erva-mate, através da análise serial da evolução histórica do setor de beneficiamento de erva-mate e sua contribuição para o desenvolvimento econômico paranaense.

Dentro desta perspectiva, elaborar-se-ão estudos de caso sobre empresas cuja participação no setor for significativa tais como as sociedades anônimas, que formam verdadeiros grupos econômicos no setor de beneficiamento de erva-mate.

As hipóteses sobre os estudos de caso versam sobre a origem dos capitais das empresas e origem social do empresariado.

Considerando, por outro lado, o mercado de capitais como uma instituição cuja função é negociar com o crédito com o intuito de financiar o desenvolvimento¹ abordar-se-ão algumas noções sobre o funcionamento do mercado de capitais.

Pretende-se averiguar a forma mais utilizada pelas instituições financeiras e bancárias para amparar o setor produtivo, bem como em que medida as empresas de beneficiamento de erva-mate têm recebido assistência creditícia.

O método a ser utilizado é o método histórico. Técnicas quantitativas foram utilizadas no que se refere à interpretação das séries estatísticas seguintes e de outros dados numéricos:

- série anual da origem dos capitais, com o objetivo de verificar se os capitais investidos no setor eram majoritariamente nacionais. Estes dados foram obtidos através da coleta de informações sobre a nacionalidade dos empresários que operavam no setor.
- ramo de operações, visando verificar a forma de integração de atividades (vertical, horizontal ou desconectada) das empresas que operavam no setor de beneficiamento de erva-mate e sua ligação com atividades rurais.
- série de médias móveis anuais do capital registrado nas empresas de beneficiamento de erva-mate.
- série anual do tipo de firmas existentes (sociedade anônima, individual, limitada etc.) estabelecendo o número de cada tipo de firma que funcionava anualmente.

¹SCHUMPETER, Joseph. Teoria do desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961. 329 p. p. 170.

- forma mais comum de gestão de empresas (individual, clânica, etc.)
- distribuição de empresas por município e determinação da área de concentração do parque industrial de beneficiamento de erva-mate.

Para a construção de séries a respeito do capital inicial registrado pelas empresas de beneficiamento de erva-mate foi feita a soma do capital registrado por ano e por média de cinco anos, separando-se a atividade de acordo com o ramo de operações.

Para a construção da série de médias quinquenais de capital foi feito o cálculo de médias móveis, para verificar a tendência da série.

Nas séries anteriores a 1948, não foram utilizados os deflatores implícitos do PIB, calculados pela Fundação Getúlio Vargas, porque os mesmos são encontrados para o Paraná somente após 1948 e até 1961. Tomou-se portanto os números iniciais das séries como índice para cálculos de deflação de valores de produção, exportação etc.

Por outro lado, as séries de capital e valores foram transformadas em cruzeiros novos.

Entre os arquivos consultados, o principal foi o arquivo da Junta Comercial do Paraná, cuja documentação data de 1893. Foram utilizados sobretudo os livros "Firmas" e "S.A. e Diários Oficiais".

Outros tipos de documentação, tais como relatórios e mensagens de presidentes de Província e governadores de estado, jornais da época e revisão da Bibliografia foram feitos através do Museu Paranaense, da Divisão Paranaense da Biblioteca Pública e da Biblioteca Central da U.F.P. Os dados recentes sobre exportação e consumo interno foram obtidos na Delegacia Regional do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, em Curitiba.

Outros arquivos de capital importância foram os arquivos de empresas privadas, onde foram obtidos os Relatórios dos Presidentes do Instituto Nacional do Mate, Boletins estatísticos do Instituto Nacional do Mate e entrevistas com os empresários de Moinhos Unidos, Leão Jr., E. Jordan e Adalberto Araujo S/A.

Informações de ordem geral, tais como crescimento da população brasileira e concessão de empréstimos ao setor industrial paranaense, foram coletadas nos Anuários estatísticos do Brasil, editados pelo I.B.G.E. e, nos Relatórios externos da Codepar e do Badep.

PARTE I

A ECONOMIA ERVATEIRA SOB A POLÍTICA DO

"LAISSEZ FAIRE"

CAPÍTULO 1

A CONSOLIDAÇÃO DA ERVA-MATE BRASILEIRA NO MERCADO INTERNACIONAL. (1820 - 1854)

Até 1820, os paranaenses dedicavam-se ao beneficiamento e comércio da erva-mate como atividade de subsistência. Nesta fase, somente Lapa e Curitiba dedicavam-se ao beneficiamento do produto, em rudimentares monjolos e pilões.

Saint-Hilaire observou a existência de ervais nativos nos arredores de Curitiba e Borda do Campo e assinalou a superioridade da erva-mate paraguaia.¹

"A antiga maneira de fabricar o mate nos arredores de Curitiba diferia da paraguaia em várias cousas. Não se prestava atenção à estação do ano em que os ramos eram cortados. Para sapecar, não se queimavam ramos verdes de nó de pinho. Não se construía, barbacuás, mas giraos de um metro sobre os quais eram colocadas as folhas de mate...

Se, pois, o mate do Paraguai é superior em qualidade ao do Brasil isto advém do preparo."

Entretanto, na década de 1850, o mate adquiriu importância econômica no comércio exterior do Brasil Meridional.

Luiz Fernando Souza Aranha estudou o movimento de preços e o volume do comércio exterior brasileiro de erva-mate. Segundo o referido autor:

"A partir de 1855, ocorreu alta nos preços médios da tonelada de erva-mate exportada, devido ao incremento do consumo nos mercados interno e externo.

Os progressos tecnológicos na produção da matéria-prima foram os responsáveis pelo crescimento da demanda de erva-mate."²

O melhoramento do nível técnico dos métodos de produção de erva-cancheada são atribuídos a Francisco Aizaguiray, que introduziu o sistema paraguaio e fundou o primeiro engenho de seque do litoral paranaense, na Baía de Paranaguá, em 1822.³

¹ SAINT HILAIRE, August. Viagens na Comarca de Curitiba; 1820. Trad. de Carlos da Costa Pereira. São Paulo, Ed. Nacional, 1964. 189 p. p. 136-140.

² ARANHA, Luiz Fernando de Souza. O mercado erva-mateiro. São Paulo, Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, 1967. Boletim nº 48. 283 p. p. 21.

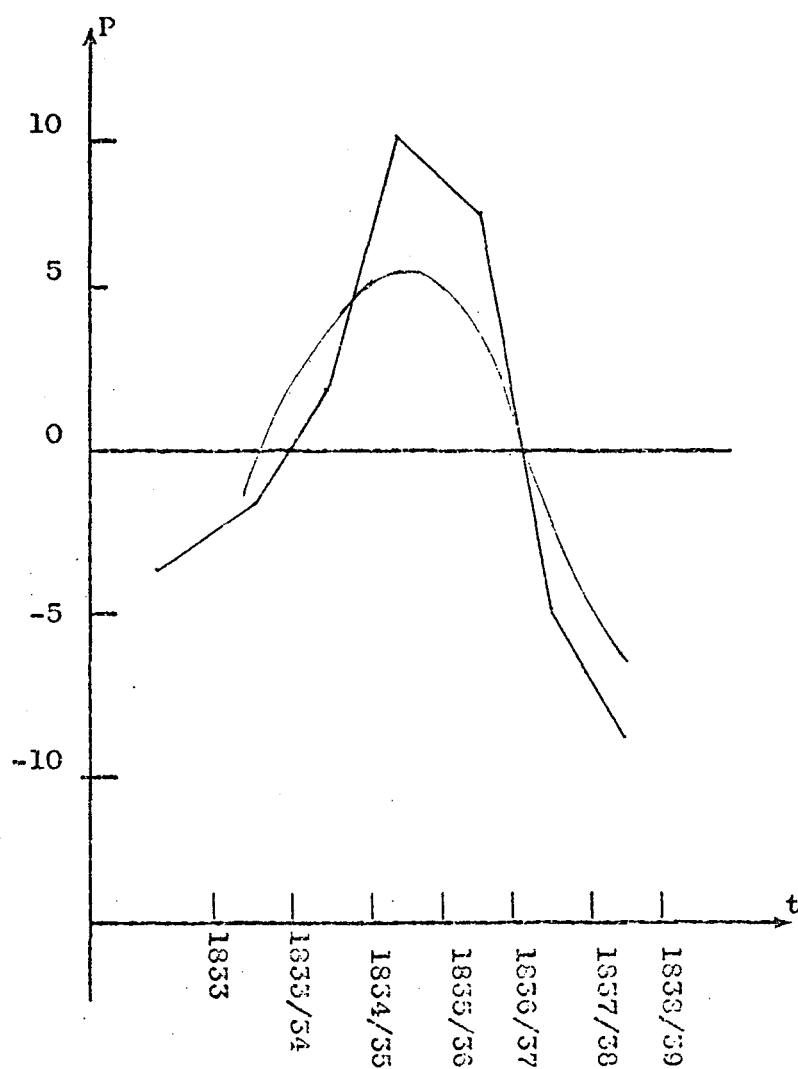
³ LINHARES, Temistocles. História econômica do mate. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1969. 322 p. p. 77. (Col. Documentos Brasileiros).

QUADRO Nº 1

Valor médio por tonelada de erva-mate
exportada (Base: 1908 a 1912 = 100)

Anos	Mil reis por tonelada	Índice	Libra ouro por tonelada	Índice
1833 (*)	77	16,00	12,1	38,53
1833/34	81	16,83	13,0	41,40
1834/35	85	17,66	14,1	44,90
1835/36	102	21,20	16,7	53,18
1836/37	98	20,36	16,0	50,95
1837/38	95	19,74	11,7	37,26
1838/39	93	19,35	10,8	34,59

GRÁFICO Nº 1.



FONTE: ARANHA, p. 21-22.

Segundo Aranha, o volume de erva-mate comercializado também apresentou incremento entre 1833 e 1838, nos mercados nacional e internacional.⁴

QUADRO Nº 2

Quantidade total exportada e
valores totais exportados
(Base: 1908 a 1912 = 100)

Anos	Quant. t	Índi- ce	Valor total contos de reis	Índi- ce	Valor total 1 000£ ouro	Índi- ce
1833 (*)	1 653	2,79	128	0,45	20	1,07
1833/34	1 805	3,03	146	0,51	23	1,23
1834/35	1 207	2,03	103	0,36	17	0,91
1835/36	2 345	3,94	239	0,83	39	2,08
1836/37	2 139	3,60	210	0,73	34	1,82
1837/38	2 566	4,31	244	0,85	30	1,60
1838/39	2 321	3,90	216	0,75	25	1,34

FONTE: ARANHA, p. 24.
NACIONAL.

QUADRO Nº 3

Estimativa da produção total
e consumo de erva-mate

Anos	Consumo interno aparente em t	Produção em t
1833 (*)	531	2 183
1833/34	578	2 583
1834/35	386	1 593
1835/36	750	3 095
1836/37	684	2 823
1837/38	821	3 587
1838/39	745	3 064

FONTE: IBID., p. 25

⁴ ARANHA, p. 24-25.

Aranha assinalou ainda "que a constante elevação do preço em libra ouro da tonelada de erva-mate exportada, entre 1834-35 e 1836-37, superou a capacidade de importação dos mercados platinos devido aos reflexos da crise européia de 1836. No biênio de 1836-37 decaíram as exportações e os preços também declinaram a partir de 1837-38." ⁵

O desordenado crescimento da produção, por outro lado, agravou a tendência declinante dos preços, não só da erva-mate como de outros produtos primários. ⁶

A recuperação da crise iniciou-se no biênio de 1838-39, com a alta do câmbio e dos preços médios da tonelada de mate em libras ouro.

A recuperação ocorreu não somente em função do comércio internacional, porém, graças ao desenvolvimento do consumo interno. ⁷

Entre as províncias do Império, sem dúvida, o Rio Grande do Sul era um grande consumidor.

Por outro lado, "o ditador paraguaio Francia estabeleceu o monopólio estatal do comércio de erva-mate e regulamentou as exportações e os preços do produto, com a finalidade de melhorar o orçamento estatal." ⁸

A atitude do governo paraguaio diminuiu a demanda argentina e uruguaia, passando estes mercados a se fornecerem no Brasil. ⁹

Um dos fatores "que incrementou as exportações brasileiras foi a proteção dispensada à produção ervateira pelos líderes farroupilhas."

O mate exportado para o Prata, até 1833, gozou de isenção de impostos. ¹⁰

Em 1833, o imposto foi restabelecido.

Porém, seu restabelecimento em nada afetou a recuperação da economia ervateira entre 1839-40 e 1840-41. ¹¹

Em 1840, a queda do governo de Gaspar Rodrigues Francia motivou a reabertura das exportações do chá do Paraguai. A concorrência paraguaia era, entretanto, insuficiente para permitir a "debâcle" da economia ervateira brasileira e alterar a estabilidade das exportações da erva-mate do Atlântico, entre 1842 e 1846.

⁵ IBID., p. 27.

⁶ IBID., p. 29.

⁷ IBID., p. 30.

⁸ CORREIA FILHO, Virgílio. Ervais do Brasil e ervateiros. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura. 1937 33 p. p. 7.

⁹ ARANHA, p. 31.

¹⁰ LINHARES, p. 114.

¹¹ ARANHA, p. 33.

Em 1846, as marinhas inglesa e francesa estabeleceram um bloqueio no porto de Buenos Aires, com o objetivo de forçar Rosas a renunciar suas pretensões sobre a Banda Oriental do Uruguai. A retração da oferta, por outro lado, incrementou os preços.

Após o término do referido bloqueio, o preço em libras ouro da tonelada de erva-mate exportada demonstrou estabilidade.¹²

Esta estabilidade dos níveis de preço só seria alterada com a desvalorização oficial da moeda brasileira em setembro de 1846, o que propiciou uma alta dos preços da erva do Atlântico no mercado internacional.¹³

Em 1847, a economia ervateira sofreria novamente os efeitos da crise europeia de 1847. Embora as exportações houvessem aumentado progressivamente, os preços declinaram.

A Lei da oferta e da procura voltaria a atuar: a retração da produção impôs outra vez níveis elevados de preço entre 1849-50.¹⁴

O Professor Souza Aranha atribuiu ao período de 1849-50 a 1863-65 a formação de um novo ciclo, cujas oscilações advém da formação de estoques de guerra em 1851-52. A política das nações latino-americanas teve decisiva influência no comércio exterior da erva-mate e uma vez formados os estoques pelos países platinos, ocorreram retrações nas exportações da erva-mate brasileira a partir de 1852-53.¹⁵

Melhoramentos no nível tecnológico nos engenhos foram responsáveis pela superioridade do mate brasileiro e pelo incremento da demanda.

¹² IBID., p. 36.

¹³ VIEIRA, Dorival Teixeira. Evolução do sistema monetário brasileiro. Boletim da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas. São Paulo, USP, 24:103-140, 1962.

¹⁴ ARANHA, p. 39.

¹⁵ IBID., p. 46.

AS EXPORTAÇÕES PARANAENSES - 1820-65.

Temístocles Linhares afirmou que:

"as exportações paranaenses tornaram-se contínuas e sistemáticas após a ditadura de Francia no Paraguai e as restrições impostas por este ditador ao comércio internacional de erva-mate."¹⁶

Contribuíram para a expansão das exportações paranaenses a substituição dos animais de tração, que moviam os engenhos, pela energia hidráulica e o decreto de seis de dezembro de 1854.

Em 1855, começam a aparecer os primeiros engenhos movidos a água no litoral paranaense.

O trabalho realizado nos engenhos era manual e exigia certo grau de especialização por parte dos trabalhadores.

Nesta fase, a técnica de beneficiamento da erva-mate nos engenhos consistia na torrefação e após esta operação, o mate era peneirado em instrumentos de taquara, triturado nos pilões de soque e embalado em grosseiros surrões de couro.¹⁷

Por outro lado, o decreto do governo provincial paranaense de seis de dezembro de 1854, trouxe melhoramentos quanto às técnicas de preparo da matéria-prima, isto é, da erva-mate cancheada,

O chamado Regulamento da Erva-mate regulamentou o período de coleta nos ervais entre os meses de fevereiro a agosto.¹⁸

Além desta medida, o citado regulamento zela pelas condições higiênicas do produto lançado no mercado, estabelecendo o primitivo beneficiamento da erva-mate em carijos cobertos para preservá-la da umidade e sua trituração sobre "forro adequado para não se misturar terra ou qualquer matéria estranha."¹⁹

¹⁶ LINHARES, p. 118.

¹⁷ IBID., p. 183.

¹⁸ VASCONCELLOS, Zacarias de Góes e. Relatório do Presidente de Província do Paraná, o Conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos, na abertura da Assembleia Legislativa Provincial de 8 de fevereiro de 1854. Curitiba, Palácio do Governo do Paraná, 1854. 191 p. p. 109.

¹⁹ IBID., p. 109.

Entre 1855 a 1857, as exportações de erva-mate da Província do Paraná apresentaram ascensão:

QUADRO Nº 4

EXPORTAÇÕES DE ERVA-MATE
(1855 - 1865)

Anos	Quantidade em toneladas	Valor em N\$ CR.
1855	4.908	981
1856	6.905	1.381
1857	6.077	1.215
1858	4.974	994
1859	5.657	1.131
1860	6.123	1.224
1861	4.441	888
1862	4.811	962
1863	5.582	1.116
1864	8.631	1.726
1865	8.218	1.643

FONTE: MUNHOZ, Alcides. Anuário estatístico do relatório da Secretaria geral do estado do Parana apresentado a Sua Excelência Sr. Dr. Caetano Munhoz da Rocha por Alcides Munhoz, Secretario Geral d'Estado referente aos serviços do exercício financeiro de 1923-24. Curitiba, Officina de Artes Graphicas, 1924. 236 p. p. 140.

O professor Souza Aranha calculou os valores médios por tonelada de erva-mate brasileira exportada para o periodo de 1849-50 a 1864-65.

Valor Médio por tonelada de
erva-mate exportada
 (Base: 1908 a 1912 = 100)

Ano	Mil réis por t	Índice	Libra ouro	Índice
1849/50	116	24,11	12,6	40,13
1850/51	112	23,27	13,4	42,67
1851/52	122	25,55	14,8	47,15
1852/53	117	24,51	13,3	42,56
1853/54	123	25,56	14,6	46,50
1854/55	144	29,92	16,6	52,87
1855/56	260	54,05	29,9	95,22
1856/57	347	72,11	39,9	127,07
1857/58	349	72,53	38,8	123,56
1858/59	246	51,12	26,2	83,44
1859/60	216	44,89	22,6	71,97
1860/61	211	43,85	22,8	72,61
1861/62	196	40,73	21,0	66,88
1862/63	170	35,33	18,7	59,55
1863/64	143	29,72	16,2	51,59
1864/65	122	25,55	13,7	43,63

FONTE: ARANHA, p. 42.

Observou-se igualmente que se comparado com o total das exportações brasileiras, o comércio exterior de erva-mate paranaense é significativo, tanto no que se refere ao volume, como no que se refere ao valor.

Quantidade total exportada e valores
totais exportados
 (Base: 1908 a 1912 = 100)

Ano	Quant. t	Índice	Valor total contos de réis	Índice	Valôr total 1 000 £	Índice
1849/50	5 593	9,40	651	2,27	70	3,74
1850/51	5 098	8,57	571	1,99	68	3,64
1851/52	7 514	12,30	891	3,11	108	5,77
1852/53	4 738	7,97	554	1,93	63	3,37
1853/54	6 937	11,56	852	2,98	101	5,40
1854/55	5 973	10,04	857	2,99	99	5,29
1855/56	6 836	11,49	1 780	6,22	204	10,91
1856/57	7 604	12,78	2 638	9,21	303	16,20
1857/58	5 933	9,98	2 071	7,23	230	12,30
1858/59	7 107	11,95	1 749	6,11	186	9,94
1859/60	9 302	16,48	2 113	7,39	221	11,31
1860/61	7 386	12,42	1 530	6,45	168	8,98
1861/62	7 130	12,07	1 404	4,90	150	8,02
1862/63	8 836	14,93	1 513	5,29	166	8,87
1863/64	10 562	17,76	1 510	5,27	171	9,14
1864/65	7 177	12,07	878	3,07	93	5,24

FONTE: ARANHA, p. 44.

Em 1858, iniciou-se novo declínio do comércio exterior de erva-mate do Atlântico, devido à situação política dos mercados consumidores.

No Uruguai, ocorria a guerra civil entre Blancos e Colorados (1855) e desencadeava-se a guerra entre argentinos e paraguaios (1856), sob os auspícios de Mitre.

A crise fez-se sentir sobretudo no nível de preços em libras ouro da tonelada de erva-mate exportada e não quanto ao volume exportado.²¹

A depressão persistiu até 1864/65.

²⁰ LINHARES, p. 123.

²¹ ARANHA, p. 50.

O Relatório do Presidente Francisco Liberato de Mattos afirma ser a crise o reflexo de uma depressão "que abalara as primeiras praças do mundo e que repercurtiu com funesta influência em todos os ângulos do Império."²²

Assinalou o Presidente Liberato de Mattos que a retração do comércio exterior do Império do Brasil e da Província, reduziu o orçamento do Governo do Paraná. A arrecadação no exercício de julho a dezembro de 1857 foi cerca de 122:636001, enquanto que o exercício de janeiro a junho de 1858 acusou apenas "a módica quantia de 73:5600341."

Liberato de Mattos observou que o declínio das rendas do orçamento provincial, ocorreu em virtude "dos incalculáveis prejuízos que em dano da província não sofrido os exportadores de seu principal ramo de comércio."²³

O referido presidente da Província afirmou que o desleixo dos industriais no que se refere ao beneficiamento e acondicionamento do produto era o fator básico da redução dos volumes importados pelos compradores do Rio do Prata, como também pelos preços ínfimos do produto naquelas praças e no Chile.

O relatório de Liberato de Mattos evidenciou que a partir de janeiro de 1859 o preço do mate declinou de 5:860000 a arroba e permaneceu estável em torno de 30300 e 30400,²⁴ "e ainda assim, a sua demanda era fraca."²⁵

A análise do movimento do Porto de Paranaguá nos exercícios de 1856, de julho de 1857 a junho de 1858 e de julho a setembro de 1858, demonstrou a importância das relações comerciais com o Prata, na segunda metade do século XIX, e a progressiva retração do comércio exterior da Província do Paraná.²⁶

²² MATTOS, Francisco Liberato de. Relatório do Presidente da Província do Paraná, Francisco Liberato de Mattos na abertura da Assembleia Legislativa Provincial em 7 de janeiro de 1858.

²³ IBID., p. 1-2.

²⁴ Uma arroba é igual a 14,688 quilogramas.

²⁵ MATTOS, p. 4.

²⁶ IBID.

QUADRO Nº 7 MOVIMENTO DE EMBARCAÇÕES NO PORTO DE PARANAGUÁ.

PERÍODO	NAVIOS	TONEL.	EQUIP.
de jul./1857 - jun. 1858	48	15,340	497
1856	60	16,669	638
de jul./set. 1858	9	2,623	90

Quanto aos destinos dos navios saídos do Porto de Paranaguá, observou-se o seguinte: 99,9% do

QUADRO Nº 8 DESTINO DOS NAVIOS SAÍDOS DO PORTO DE PARANAGUÁ.

PERÍODOS	PARA O RIO DO PRATA	%	CHILE	%
de Jul.1857 a jun.1858	35	72,9	13	27,0
1856	52	86,6	8	13,3
de jul. a set. 1858	8	88,8	1	11,1

FONTE: MATTOS, Francisco Liberato de. Relatório do Presidente de Província do Paraná, Francisco Liberato de Mattos. p. 4.

movimento comercial do Porto de Paranaguá estava voltado para as nações platinas e para o Chile.

De forma que, quaisquer oscilações nestes mercados afetaria todo o movimento comercial paranaense de fora do Império.

Entre os produtos do Paraná o mate era a grande riqueza, capaz de "excitar a cobiça dos especuladores."²⁷

Quanto à carga dos referidos navios, observou-se o seguinte:

QUADRO Nº 9 EXPORTAÇÕES ATRAVÉS DO PORTO DE PARANAGUÁ.

PERÍODO	ARROBAS DE MATE		TONELADAS (em mil kg)		Valor total mate	Valor outros produtos.
	PRATA	CHILE	PRATA	CHILE	NC\$	NC\$
1857/58	189,64	160,222	2,785	2,365	1.881	34,50
1856/57	319,715	100,777	4,695	1,480	2.169	44,30
1858/59	62,357	12,735	0,915	0,187	260	4,40

FONTE: MATTOS, Francisco Liberato de. Relatório do Presidente de Província do Paraná. Francisco Liberato de Mattos.

²⁷ IBID., p. 4.

Comparou-se igualmente o comércio exterior de erva-mate com o consumo interno no referido período e com a demanda interna e externa de outros artigos:

QUADRO Nº 10 COMÉRCIO EXTERIOR DE ERVA-MATE EM COMPARAÇÃO COM O CONSUMO INTERNO.

PERÍODOS	DESTINOS EXTERIOR		OUTRAS PROVÍNCIAS DO IMPÉRIO	
	ERVA-MATE		ERVA-MATE	
	ARROBAS	VALÔR(RÉIS)	ARROBAS	VALÔR (RÉIS)
1857 - 1858	350,562	1.881:124U762	3,703	12:472U635
1856 - 1857	420,492	2.169:126U060	5,858	24:656U340
	MADEIRA - VALÔR		MADEIRA - VALÔR	
1857 - 1858	16:292U110		12:560U300	
1856 - 1857	14:426U334		18:636U680	
	ARROZ - VALÔR		ARROZ - VALÔR	
1857 - 1858	8:465U600		19:054U300	
1856 - 1857	24:720U750		28:853U200	
	OUTROS ARTIGOS - VALÔR		OUTROS ARTIGOS - VALÔR	
1857 - 1858	9:824U358		20:084U165	
1856 - 1857	5:244U400		16:573U880	

FONTE: MATTOS, p. 5

Observou-se no quadro nº 10 que o valor do segundo principal produto de exportação paranaense - a madeira - era de pequeno significado se comparado com o valor das vendas de erva-mate no mercado externo.

No que se refere ao mercado interno, comprovou-se a falta de interesse por parte dos industriais e comerciantes paranaenses em divulgar a erva-mate em outras províncias do Império.

Por exemplo, no mercado brasileiro os valores das vendas de arroz e outros artigos ultrapassaram o valor das vendas de erva-mate.

Este fato ocorreu porque a indústria e o comércio desta província preocupavam-se unicamente em manter suas relações comerciais externas.

Outro fator que desencorajava o comércio da Província do Paraná, em 1859-1860, era a falta de rodovias e ferrovias transitáveis, assim como o elevado preço dos transportes.²⁸

Calculou o Presidente Cardoso que um animal ao se deslocar no planalto curitibano para o litoral transportando cerca de oito arrobas de mate (117,50 quilogramas) "faz contra o carregador a despesa de 40000 por conta do valor d'aquela genero que deverá ser vendido naquela praça a 26000, o que equivale a quatorze por cento do seu valor."²⁹

No interior da Província os custos do transporte eram ainda mais elevados. Por exemplo, para Guarapuava o preço da carga de qualquer animal se achava em torno de 160000; para Castro em torno de 5 a 60000; para Ponta Grossa em torno de 3 a 40000.

Por outro lado, a província não possuía em 1860, um único estabelecimento bancário que amparasse seu sistema produtivo. O Presidente Cardoso afirma a necessidade da criação "de uma caixa filial do Banco do Brasil para amparar o setor primário, a indústria nascente e o comércio."³⁰

Nesta fase, inúmeros aperfeiçoamentos técnicos foram introduzidos na indústria de beneficiamento de erva-mate paranaense.

Observou-se anteriormente que, nos engenhos hidráulicos a peça básica era o forno, consistindo o trabalho nesta operação de secagem, seguida de várias operações manuais, em que o mate era coado para eliminar o excesso de paus e corpos estranhos e a moagem feita em pilões horizontais de madeira.³¹

O relatório do Presidente José Francisco Cardoso refere-se ao emprego de energia a vapor para o beneficiamento da erva-mate pelo industrial, João Antonio Pereira Alves, em Antonina.

O mencionado engenho do litoral beneficiava diariamente quatrocentas arrobas de erva-mate, enquanto que a produção dos engenhos hidráulicos era cerca de cento e vinte arrobas, em cada jornada de onze horas de trabalho.

²⁸ CARDOSO, José Francisco. Relatório apresentado à Assembléia Legislativa da Província do Paraná na abertura da 1ª sessão da 4ª legislatura pelo Presidente José Francisco Cardoso no dia 19 mar. 1860. Curitiba, Typ. de Candido Martins Lopes, 1860. 124 p. p. 69.

²⁹ IBID.

³⁰ IBID., p. 70.

³¹ CARNEIRO, Newton. Um precursor da justiça social, David Carneiro e a economia paranaense. Curitiba, s.ed., 1965. 220 p. p. 27.

Entretanto, em meados da década de 1860, apesar das vantagens mencionadas, eram raros os engenhos que estavam atualizados com a nova tecnologia.³²

Mencionou ainda o dito Presidente da Província que após "o Regulamento de seis de dezembro de 1854, o benefício da erva-mate exportada melhorou consideravelmente."³³

A balança comercial, entre 1849-59,³⁴ na Província do Paraná, apresentava-se deficitária, pois a importação superou em termos de valores a exportação.

Entre os artigos exportados pela Província, os de grande significado econômico eram a erva-mate, a madeira e o arroz.³⁵

Entre os artigos importados pelos paranaenses os maiores valores foram atribuídos a panos ou fazendas, farinha de trigo, açúcar e moedas.

No quadro de nº 11 encontram-se todos valores dos produtos exportados pela Província no quinquênio de 1854-55 até 1858-59.

³²CARDOSO, p. 71.

³³IBID., p. 74.

³⁴BALANÇA Comercial é a parte do balanço de pagamentos que demonstra as diferenças de nível entre as importações e exportações.

³⁵CARDOSO, p. 81.

ANOS	MATE VALOR EM R\$	VALOR EM NC\$	MADREIRA VALOR EM R\$	VALOR EM NC\$	ARROZ VALOR EM R\$	VALOR EM NC\$
1854-55	731:884\$663	731,80	69:241\$379	69,20	48:031\$136	48,00
1855-56	1,571:860\$690	1.571,80	37:565\$925	37,50	34:386\$000	34,30
1856-57	2,193:732\$400	2.193,70	36:539\$499	36,50	53:653\$950	53,50
1857-58	1,393:597\$393	1.393,30	34:609\$363	34,60	3:465\$600	3,40
1858-59	1,078:909\$757	1.078,90	27:102\$717	27,10	18:220\$500	18,20
ANOS	DIVERSOS VALOR EM R\$	VALOR EM C\$	TOTAL VALOR EM R\$	VALOR EM NC\$		
1854-55	105:765\$304	105,70	954:972\$532	954,90	-	-
1855-56	42:533\$960	42,50	1,736:351\$575	1.736,30	-	-
1856-57	35:836\$623	35,80	2,319:712\$472	2.319,70	-	-
1857-58	95:613\$502	95,60	2,032:286\$362	2.032,20	-	-
1858-59	43:540\$006	43,50	1,167:772\$980	1.167,70	-	-

OBSERVAÇÃO: DIVERSOS incluiu: aguardente de cana, café, farinha de mandioca, feijão, lenha em achas e milho.

FONTE: CARDOSO, p. 81-82.

IMPORTAÇÕES PARANAENSES

Quadro nº 12

ANOS	FAZENDAS		FARINHA DE TRIGO		AÇÚCAR		MOEDA	
	VALOR EM R\$	VALOR EM C\$	VALOR EM R\$	VALOR EM C\$	VALOR EM R\$	VALOR EM C\$	VALOR EM R\$	VALOR EM C\$
1854-55	887:156\$797	887,10	147:600\$000	147,60	64:668\$534	64,66	313:780\$000	313,70
1855-56	1,245:932\$592	1.245,90	39:976\$200	39,90	105:143\$754	105,10	510:711\$200	510,70
1856-57	650:612\$065	650,60	64:947\$400	64,90	139:819\$280	139,30	227:130\$000	227,10
1857-58	2,132:450\$280	2.132,40	165:374\$497	165,30	173:506\$037	173,50	93:815\$000	93,80
1858-59	545:899\$337	545,80	108:129\$688	108,10	125:464\$057	123,40	138:600\$000	138,60
ANOS	DIVERSOS		TOTAL					
	VALOR EM R\$	VALOR EM C\$	VALOR EM R\$	VALOR EM C\$				
1854-55	642:094\$347	642	2,057:299\$678	2.057,20	-	-	-	-
1855-56	774:822\$086	774,80	2,675:535\$832	2.675,50	-	-	-	-
1856-57	1,743:073\$309	1.743	2,300:582\$004	2.300,30	-	-	-	-
1857-58	1,065:801\$147	1.065,30	3,635:945\$561	3.635,90	-	-	-	-
1858-59	846:946\$518	846,90	1,811:033\$530	1.811	-	-	-	-

FONTE: CARDOSO, p. 81.

Quanto aos preços da arroba de erva-mate exportada verificou-se uma tendência declinante de preços, entre os anos 1857-1858 e 1858-1859. A média para o período foi cerca de 3\$511 réis para a erva-mate fina e 3\$692 réis para a erva-mate grossa. Nos exercícios de 1857-58 e 1858-59 os preços da erva-mate grossa foram respectivamente 3\$350 e 3\$350.

Para a erva-mate fina cerca de 3\$536 e 3\$356.

PREÇOS MÉDIOS DOS PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS
PELA PROVÍNCIA DO PARANÁ.

CLASSIFICAÇÃO	UNIDADES	1853-54	1854-55	1855-56	1856-57	1857-58	1858-59	TERMO MÉDIO
								1853-59
Aguardente de cana	Pipa.	65\$000	75\$000	95\$750	123\$000	152\$500	125\$250	105\$416
Arroz pilado	Alqueire	4\$015	3\$735	5\$000	4\$424	3\$906	3\$966	4\$172
Café	Arroba	4\$500	5\$000	5\$750	5\$509	3\$536	3\$356	4\$963
Farinha de Mandioca	Alqueire	1\$547	1\$840	2\$100	4\$891	3\$330	3\$330	2\$742
Feijão	"	4\$000	3\$356	6\$666	7\$916	5\$612	5\$612	5\$510
Gomma	"	2\$000	2\$250	3\$640	3\$500	3\$500	3\$500	3\$292
Herva mate fina	Arroba	1\$350	2\$200	4\$354	5\$276	3\$356	3\$356	3\$311
" " grossa	"	\$	2\$200	4\$132	4\$943	3\$330	3\$330	3\$392
Lenha em achas	Cento	\$600	\$500	\$500	\$600	\$600	\$600	\$503
Milho	Alqueire	2\$000	1\$744	3\$500	3\$516	3\$252	3\$252	2\$840

FONTE: CARDOSO, p. 82.

Por volta do exercício de 1864, que marcou o término da depressão, o Presidente André de Pádua Fleury afirmara que tanto no Prata como no Pacífico a erva do Atlântico encontrava forte concorrência da erva paraguaia "ou por mais bem preparada ou por ser de melhor qualidade do que a colhida nos municípios próximos ao litoral."³⁶

Nesta época, o Presidente já previa o afrouxamento da concorrência paraguaia graças à aproximação da Guerra do Paraguai e afirma ser o mais significativo produto de exportação da Província desconhecido na Europa.

CAPÍTULO 3

3.1. O ciclo de 1865-66 a 1871 na economia ervateira do Brasil e do Paraná.

Após 1864, novo período de alta de preços ocorreu na economia ervateira brasileira.

A valorização das moedas dos países platinos em relação ao mil réis, "passando a vinte e cinco dinheiros por mil réis em 1864-65 para dezessete dinheiros em 1867-68," foi um fator de estímulo ao consumo de erva-mate do Atlântico por parte destas nações.³⁷

³⁶ FLEURY, André Augusto de Padua. Relatório do Presidente da Província do Paraná o Dr. André Augusto de Padua Fleury, na abertura da 22ª sessão da 7ª legislatura em 21 de março de 1865. Curitiba, Typ. C. Lopes, 1865. 66 p. p. 50.

³⁷ ARANHA, p. 56.

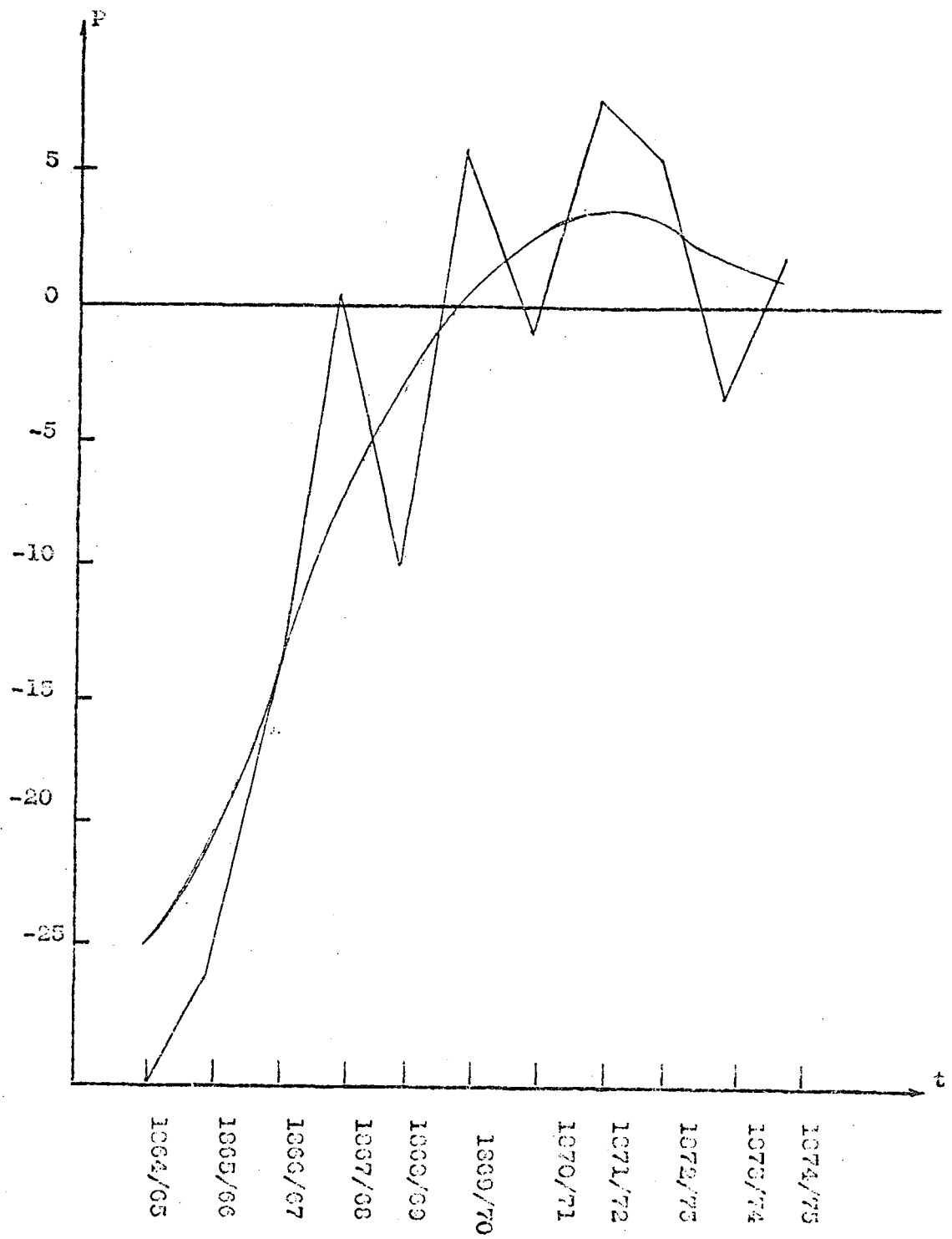
QUADRO Nº 14

Valor médio por tonelada de erva-mate
exportada
 (Base: 1903 a 1912 = 100)

Anos	Mil réis por t	Índice	Libras ouro por t	Índice
1864/65	122	25,35	13,7	43,63
1865/66	140	29,09	14,07	46,31
1866/67	175	36,37	17,6	56,05
1867/68	238	49,46	22,3	71,02
1868/69	259	53,82	18,4	58,60
1869/70	295	61,30	23,2	73,38
1870/71	226	49,96	20,8	66,24
1871/72	232	48,21	23,2	73,38
1872/73	214	44,47	22,1	70,33
1873/74	175	36,16	18,8	59,87
1874/75	185	38,44	19,9	63,37

FONTE: ARANHA, p. 54.

Gráfico nº 2



A alta de preços atingiu seu clímax em 1871-72 e nos anos anteriores, isto é, entre 1867-68 começaram a aumentar as quantidades exportadas.

QUADRO Nº 15

Quantidade total de erva-mate exportada
e valores totais exportados
 (Base: 1908 a 1912 = 100)

Anos	Quant. t	Índice	Valor total contos réis	Índice	Valor total 1 000 £	Índice
1864/65	7 177	12,07	878	3,07	98	5,24
1865/66	10 524	17,69	1 473	5,13	154	8,23
1866/67	10 599	17,82	1 856	6,43	187	10,00
1867/68	13 088	22,00	3 121	10,90	292	15,61
1868/69	10 299	17,51	2 370	9,32	189	10,10
1869/70	10 465	17,59	3 086	10,78	242	12,94
1870/71	16 566	27,35	5 741	13,06	344	18,39
1871/72	17 389	29,23	4 023	14,07	403	21,54
1872/73	15 563	26,17	3 357	11,35	348	18,60
1873/74	13 436	22,59	2 350	8,14	253	13,63
1874/75	12 322	20,72	2 230	7,96	245	13,10

FONTE: ARANHA, p. 38.

O consumo interno apresentou igualmente acelerado desenvolvimento entre os anos de 1864-65 até 1871-72, estimulando o crescimento da produção de erva-mate.

A queda de preços, entre 1872-73, não foi suficiente para desestimular os produtores e os industriais de erva-mate quanto a oferta do produto no mercado externo.

3.2. As exportações do Paraná entre 1864-65 e 1871-72.

Quadro nº 16

Estimativa da produção total
e consumo de erva-mate

ANOS	Produção em t.	Consumo interno aparente em t.
1864-65	9 474	2 297
1865-66	13 592	3 368
1866-67	13 991	3 392
1867-68	17 276	4 133
1868-69	13 595	3 296
1869-70	13 814	3 349
1870-71	21 367	5 301
1871-72	22 955	5 564
1872-73	20 550	4 962
1873-74	17 736	4 300
1874-75	16 265	3 943

FONTE: ARANHA, p. 60.

"E se lançarmos um olhar sobre os caminhos do Paraná, especialmente sobre a estrada que saindo do interior da Província conduz via Morretes à Paranaguá, podemos dizer com alguma certeza que uns dois terços dos burros que passam pela estrada vão carregados de mate e levam muitos milhares de arrobas da estranha erva para a costa."³⁸

Com estas palavras o erudito médico e viajante alemão Roberto Avé Lallemand descreveu a importância do comércio de erva-mate para a Província do Paraná em 1858.

A estrada em construção mencionada pelo Dr. Lallemand era a estrada da Graciosa, que ligava o primeiro planalto ao porto de Antonina.

Por outro lado, a guerra contra o Paraguai, empreendida pela Tríplice Aliança entre 1864 e 1870, tem sido considerada por renomados historiadores e economistas como um dos antecedentes básicos deste ciclo de prosperidade, pois praticamente eliminou a concorrência paraguaia.

³⁸ LALLEMANT, Roberto Avé. Viagem pelo sul do Brasil no ano de 1858. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura e Instituto Nacional do Livro, 1953. 757 p. em 2v. p. 270.

O Presidente Frederico Abranches comentava a influência deste conflito sul-americano sobre o orçamento provincial:

"Com a guerra que sustentamos contra o despotismo do Paraguai, a alta da erva-mate, a nossa mais importante indústria extrativa, operou uma revolução econômica tal nas finanças da Província, que seus cofres regorgitaram de numerário."³⁹

Observou-se que o conflito armado tratou-se de um acontecimento "sui-generis". Uma vez cessada a guerra, o Paraguai conseguiu restabelecer sua posição como exportador no mercado internacional.

Afirmou ainda Frederico Abranches que o movimento ascendente que ocorreu nas finanças da Província do Paraná entre 1864-65 até 1870-71 sofreu uma tendência estacionária a partir desta época e declinou nos anos posteriores.⁴⁰

Portanto, embora benéficos, os efeitos da Guerra do Paraguai sobre a expansão da produção, beneficiamento e comércio de erva-mate foram efêmeros.

QUADRO Nº 17

Exportações paranaenses - NCS

Anos	Total em toneladas	Valor das exportações
1866	9 877	1.975,40
1867	12 432	2.492,40
1868	12 313	2.532,30
1869	13 365	2.672,70
1870	14 264	2.833,00
1871	15 714	2.752,00
1872	13.652	3.325,00
1873	15.442	2.883,40

FONTE: MUNHOZ, p. 140.

³⁹ ABRANCHES, Frederico José Cardoso de Araujo. Relatório com que o Exmo. Sr. Dr. Frederico José Cardoso de Araujo Abranches abriu a 22 sessão da 11ª legislatura no dia 15 de Fevereiro de 1875. Curitiba, Viuva Lopes, 1875. 45 p. p. 38.

⁴⁰ IBID., p. 42.

A Província do Rio Grande do Sul, por outro lado, revelou-se poderosa concorrente da erva-mate paranaense nos mercados do Prata, devido aos aperfeiçoamentos técnicos introduzidos na fabricação de produtos similares.⁴¹

As condições naturais de desenvolvimento das ervaíras também eram importantes para a boa qualidade do produto. A maior ou menor quantidade de "teína" nas folhas da erva-mate era essencial para definir a qualidade do produto.

O primitivo beneficiamento da erva-mate cancheada apresentava igualmente deficiências. Muitas ervaíras jovens eram podadas "sem terem as folhas atingido pleno desenvolvimento";⁴² por outro lado, a erva ficava exposta sobre o carijo durante muitos dias, sob a ação de intempéries, deteriorando-se.

Outro antecedente do desprestígio da erva-mate paranaense nos mercados platinos foi a falsificação. Ao *ilex paraguariensis* eram misturadas ervas de má qualidade como a congonhinha, a caúna e a orelha d'anta.

Estudou-se a seguir o movimento de exportação da província para portos estrangeiros hispano americanos e para outras províncias do Império nos seguintes exercícios: de julho a novembro de 1867-68, 1868-69, 1869-70 e 1870-71.⁴³

Entre os artigos exportados o rol demonstrou: aguardente de cana, algodão em rama, arroz pilado, bestas, betas, isto é, panos listrados, bombas para mate, charutos, chifres, cavalos, carnes, couros, crinas, esteiras, farinhas, feijão, fumo, garras de couro, erva-mate, madeiras, melão, milho, pinhão, polvilho, queijos, telhas e toucinho.

Para o mercado interno, o artigo de maior consumo foi arroz pilado, cujos valores a partir de 1868-69 foram em ordem decrescente, respectivamente: Rs. 9:000\$000, 27:333\$500, 17:407\$000. A erva-mate ocupava o segundo lugar entre os artigos enviados para o interior do Império nos referidos exercícios.

⁴¹ ROCHA, Joaquim Dias da. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. José Feliciano Horta de Araujo, Presidente da Província do Paraná pelo Dr. Joaquim Dias da Rocha, Inspetor da Thesouraria da Província. Curitiba, C. Lopes, 1868. 24 p. p. 18-20.

⁴² IBID.

⁴³ ARAUJO, José Feliciano Horta de. Relatório apresentado à Assembléa Legislativa do Paraná na abertura da 12ª sessão da 3ª legislatura pelo Presidente Bacharel José Feliciano Horta de Araujo no dia 15 de fevereiro de 1868. Curitiba, C. Lopes, 1868. 59 p. p. 49.

Em 1866-67; 1:090\$487; em 1865-66, 4:090\$799; e em 1864-65, 2:614\$415 réis.

Percebeu-se nitidamente uma alta nos valores dos principais artigos exportados para as províncias imperiais no exercício de 1865-66.

A receita total da exportação para portos brasileiros atingiu seu apogeu em 1865-66 e nos exercícios seguintes, isto é, 1866-67 e 1867-68 começou a declinar.

Por outro lado, entre os artigos exportados para portos estrangeiros, observou-se: arroz pilado, aguardente, bombas para mate, farinha de mandioca, feijão, fumo, erva-mate, madeiras e toucinho.⁴⁴

A principal renda das exportações era oriunda das vendas de *ilex paraguariensis* para o Prata.

Nos exercícios de 1867-68 o valor total das vendas paranaenses para o exterior do Império foi cerca de 202:499\$842; apenas as exportações de erva-mate atingiram o valor de 200:875\$508, isto é, 99,16% do valor de todas as exportações da Província do Paraná; no exercício de 1866-67 o montante total das vendas da Província para os mercados platinos foi cerca de 391:038\$542, isto é, atingiu o climax se comparado com os exercícios anteriores e com o posterior; somente as vendas de erva mate atingiram a elavada quantia de 379:247\$985.

No exercício de 1865-66, o valor do comércio internacional da Província do Paraná foi cerca de 295:746\$227, de que 293:622 são atribuídos às vendas de erva-mate.

No exercício anterior, isto é, 1864-65 o valor das exportações atingiu a quantia de 304:309\$519, de que 301:453\$546 tem sua origem nas vendas de erva-mate, nas praças de Buenos Aires e Montevideu.

⁴⁴ IBID, p. 20.

ARTIGOS	UNIDADE	JULHO A NOVENBRO DE 1867-68		1866-67		1865-66		1864-65	
		QUANT.	VALOR	QUANT.	VALOR	QUANT.	VALOR	QUANT.	VALOR
Aguardente de canna	Canadas	2535	704\$222		
Algodão em rama	Arrobas	386 16 1	10:126\$000	609	3:350\$500		
Arroz pilado	Saccos	993	9:506\$000	5190	27:353\$500	2153	17:407\$800
Bestas	1	100\$000	8	700\$000
Detas	Pessas	11	73\$000	315	174\$500	319	224\$400
Bombas para mate	Duzias	2\$000				
Charutos	1000	20\$000				
Chifres	2500	115\$000		
Cavallos	3	250\$000	2	130\$000
Carnes	64	135\$000	44 6 1	112\$230
Couros	30	13\$000	48	28\$300
Crina	Arrobas	13	65\$000	294 11 1.	1:246\$718	225 10 1.	1:126\$562
Esteiras de pery	553	102\$930	740	109\$400
Farinhas	Alqueire	78	112\$320	656 1/2	956\$320	792	1:037\$800
Feijão	"	242	633\$000	42	169\$000
Fumo	Arrobas	126	1:260\$000	225 3 1.	1:735\$730		
Garras de couro	"	578 25 1.	274\$113	402 1/2	241\$500
Herva mate	"	904 28	1:390\$487	2170 1/2	4:090\$799	185 6 1.	2:614\$415
Madeiras	1:855\$512	...	4:455\$182		
Melaço	Canadas.	18	10\$030	15	9\$600
Milho	Alqueire	98	196\$000	62 10 1.	101\$360	203	301\$240
Pinhão	"	2	3\$200		
Polvilho	"	1 1/2	6\$000
Queijos	50	12\$000
Telhas de barro	...	27,000	736\$000	29100	873\$500	86300	1:726\$000	47000	1:050\$000
Toucinho	Arrobas	19	123\$000	48 16 1.	412\$500		
			2:046\$000		24:640\$499		55:796\$104		31:354\$694

EXPORTAÇÕES PARANAENSES PARA PORTOS ESTRANGEIROS

	JULHO A NOVEMBRO DE 1867 - 68		1866-67		1865-66		1864-65	
	VALOR	DIREITOS	VALOR	DIREITOS	VALOR	DIREITOS	VALOR	DIREITOS
ARROZ PILADO	1:116\$000	72\$120	1:170\$100	82\$327
AGUARDENTE DE CANA	50\$000	3\$500
BOMBAS PARA MATE	24\$000	1\$680
FARINHA DE MANDIOCA	43\$200	3\$024	164\$000	11\$480
FEIJÃO	300\$000	21\$000				
FUMO	1:720\$000	120\$400				
HERVA MATE	200:875\$508	14:952\$360	379:247\$085	26:547\$345	293:622\$016	20:555\$047	301:455\$346	21:100\$480
MADREIRAS	1:624\$334	113\$702	7:849\$557	549\$466	2:081\$011	145\$008	1:372\$190	110\$052
TOUCINHO	803\$000	56\$350				
	202:499\$842	15:066\$062	391:038\$342	27:372\$061	295:746\$227	20:702\$339	304:421\$856	24:309\$519

FONTE: ARAUJO, p. 50.

CAPÍTULO 4

4.1. O ciclo de 1872-73 a 1873-76 na economia do mate brasileiro e provincial. A crise de 1877-78 a 1884-85.

A partir de 1872-73, a contínua desvalorização cambial desestimulou as importações por parte dos mercados platinos, fazendo com que nova crise começasse na economia ervateira.⁴⁵ A crise estendeu-se até 1874-75.

A alta do câmbio ocorreu em função de empréstimos contraídos pelo governo imperial em 1871, no montante de £ 5.459.000 libras.

Por outro lado, os mercados platinos, por volta de 1872-73, encontravam-se em crise, graças à redução das importações de artigos argentinos e uruguaioes por parte da França e dos Estados Unidos.

Entre 1874-75, o volume de erva-mate exportada e o valor das exportações sofreram grandes oscilações.⁴⁶

QUADRO Nº 20

Valor médio por tonelada de
erva-mate exportada
(Base: 1906 a 1912 = 100)

Anos	Mil réis por t	Índice	Libras ou re por t	Índice
1874/75	185	38,44	19,9	65,57
1875/76	173	35,98	19,7	62,74
1876/77	166	34,50	17,5	55,75
1877/78	262	54,45	20,9	65,67
1878/79	198	41,18	19,0	60,51
1879/80	179	37,20	18,9	59,64
1880/81	139	29,23	17,5	55,73
1881/82	169	35,12	15,4	49,04
1882/83	166	34,50	11,0	46,80
1883/84	150	32,63	14,5	45,54
1884/85	157	32,63	13,6	43,51
1885/86	150	31,17	11,7	37,26

FONTE: ARANHA, p. 65.

⁴⁵ ARANHA, p. 61.

⁴⁶ IBID., p. 63.

A entrega de erva viciada aos consumidores forçou ainda mais a queda de preços.

A lei da Província do Paraná de vinte de abril de 1876, possibilitou uma melhoria na qualidade do produto entregue aos consumidores.⁴⁷ Este fato, além da queda da taxa cambial, durante o biênio de 1877-78, contribuíram para a alta dos preços da erva-mate exportada.

QUADRO Nº 21

Quantidade total de erva-mate exportada
e valores totais exportados
(Base: 1908 a 1912 = 100)

Anos	Quant. t	Índice	Valôr to- tal, contos réis	Índice	Valôr total 1 000 £ ouro	Índice
1874/75	12 322	20,72	2 280	7,96	245	13,10
1875/76	14 192	23,66	2 459	8,59	279	14,92
1876/77	14 374	24,17	2 383	8,32	251	13,42
1877/78	12 602	21,19	2 304	8,05	338	18,07
1878/79	13 722	23,07	2 176	9,43	260	13,90
1879/80	14 064	23,64	2 522	8,81	224	11,97
1880/81	14 275	24,00	2 702	9,44	249	13,31
1881/82	15 953	26,82	2 098	9,42	246	13,18
1882/83	6 387	10,74	1 088	5,69	93	4,97
1883/84	5 606	9,42	884	5,09	80	4,28
1884/85	4 342	7,30	664	2,39	59	3,15
1885/86	14 688	24,69	2 201	7,69	171	9,14

FONTE: ARANHA, p. 69.

A partir de 1877-78, a oscilação de preços passou a ser comandada por uma lei econômica básica: a lei da oferta e da procura.

Entre 1876-77, houve uma retração da oferta, pois, nas áreas foram abertas à exploração extrativa da erva-mate, apenas em 1879, com o aproveitamento dos ervais na Província de Mato Grosso.

⁴⁷ MARTINS, Romário. Flex-mate, chá sul-americano. Curitiba, Gráfica Paranaense, 1920. 309 p. p. 204.

Tomás Laranjeira angariou recursos suficientes para a exploração dos referidos ervais, contraindo empréstimos com o Banco Rio e Mato Grosso.⁴⁸

A retração da oferta, juntamente com a desvalorização da taxa cambial ocorrida em 1876-77, provocou uma alta de preços.

Com a elevação dos preços, a oferta expandiu-se, provocando nova oscilação dos preços para baixo.

O movimento decrescente dos preços prosseguiu com os efeitos da Grande Depressão europeia sobre a economia ervateira, entre os anos de 1882-84.

Os países latino americanos, devido às dificuldades financeiras que atravessavam, passaram a sentir problemas no que se refere à obtenção de créditos, nos principais bancos europeus.

A própria economia europeia estava em crise pela falta de oportunidade de investimentos lucrativos no exterior.⁴⁹

A grande crise do século XIX foi extremamente severa não só em países europeus, como também nos Estados Unidos. A depressão afetou desta forma, por reflexo, a economia ervateira brasileira, ao provocar a queda nos preços dos produtos primários em geral e ao reduzir a capacidade de importação dos mercados platinos.

Após 1886, com o restabelecimento da capacidade de importação por parte da Argentina e do Uruguai, os preços da erva-mate apresentavam-se em ascensão.

Era o início de um novo ciclo, marcado pela ascensão dos preços reais da tonelada de erva-mate exportada.

⁴⁸ CESAR, Nirceu da Cruz. O mate no Brasil. Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura, 1952. 43 p. p. 16. (Série de Estudos e Documentos, 5).

⁴⁹ DOBB, Maurice. A evolução do capitalismo. 5 ed. Trad. de Afonso Blacheyre. Rio de Janeiro, Zahar, 1973. 485 p. p. 371-381.

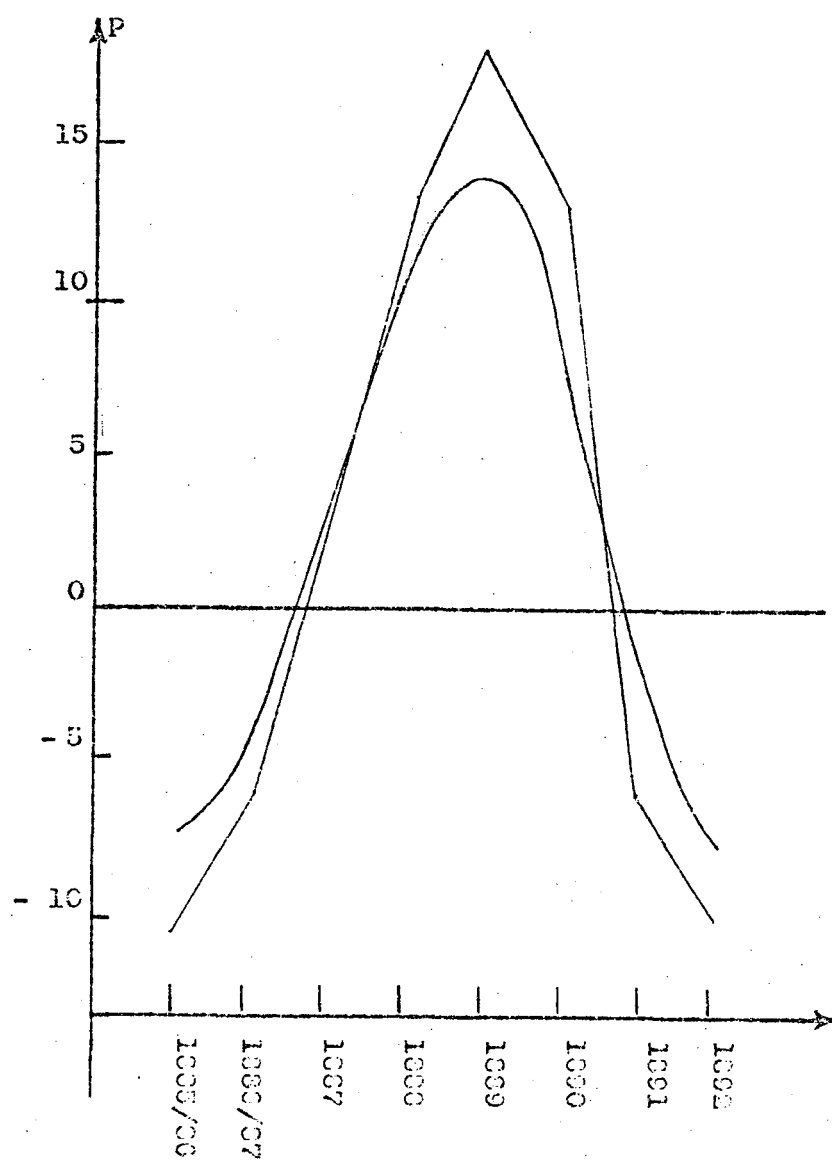
Valor médio da tonelada de
erva-mate exportada
(Base: 1908 a 1912 = 100)

Anos	Mil réis por t	Índice	Libra ouro por t	Índice
1885/86	150	31,17	11,7	37,26
1886/87	162	33,66	12,6	40,13
1887 (*)	164	34,08	13,3	43,73
1888	170	35,33	17,9	57,01
1889	173	35,95	19,1	60,83
1890	175	36,37	16,5	52,55
1891	179	37,20	11,1	35,33
1892	179	37,20	8,9	28,34

(*) 2º semestre.

FONTE: ARANHA, p. 75.

GRÁFICO Nº 3



Este ciclo de prosperidade perdurou até 1892.

Por outro lado, os progressos tecnológicos e o aperfeiçoamento da erva-mate beneficiada destinada à exportação permitiram um incremento do consumo.

QUADRO Nº 23

Quantidade total exportada e
valores totais exportados
(Base: 1908 a 1912 = 100)

Anos	Quant. em t	Índice	Valor total contos réis	Índice	Valor total 1000 £	Índice
1885/86	14 688	24,69	2 201	7,69	171	9,14
1886/87	20 941	35,21	3 400	11,87	264	14,11
1887 (*)	10 472	17,61	1 717	6,00	160	8,55
1888	21 684	36,46	3 686	12,67	388	20,74
1889	23 165	38,94	4 008	14,00	442	23,64
1890	24 186	40,66	4 253	14,73	598	21,28
1891	24 750	41,61	4 430	15,47	274	14,65
1892	25 288	42,51	4 527	15,81	226	12,08

(*) 2º semestre.

FONTE: ARANHA, p. 78.

Porém, a alta de preços provocou uma grande expansão da oferta, causando um desequilíbrio entre a oferta e a demanda.

Outro fator de retração da procura, foi a redução das compras européias de produtos oriundos do Prata em virtude da Depressão. Este fato diminuiu a capacidade de importação dos mercados tradicionais.⁵⁰

⁵⁰ ARANHA, p. 81.

Estimativa da Produção total e
Consumo de Erva-mate

Anos	Produção em t	Consumo interno aparente em t
1885/86	19 388	4 700
1886/87	27 642	6 701
1887 (*)	13 823	3 351
1888	28 623	6 939
1889	30 573	7 413
1890	31 926	7 740
1891	32 670	7 920
1892	33 380	8 092

FONTE: ARANHA, p. 80.

A partir de 1890, inicia-se a vertiginosa queda dos preços da tonelada de erva-mate exportada.

4.2. O ciclo de 1872-73 a 1875-76 na economia do
mate provincial. A crise de 1877-78 a 1884-85.

Em meados da década de 1850, havia apenas três rodovias que comunicavam Curitiba com a marinha: a Graciosa, que na época se achava em construção; o caminho do Itupava e a estrada do Arraial.

Todas elas se achavam imprestáveis para o trânsito regular, segundo Odah Costa.⁵¹

No início dos anos 1860, a estrada da Graciosa era responsável por grande parte do escoamento dos produtos da Província para os portos de embarque.

Após a abertura da Graciosa, novas possibilidades econômicas abrir-se-iam para o primeiro planalto.

Informa o historiador Newton Carneiro que, na segunda metade da década de 1870, graças à construção da Graciosa os engenhos de erva-mate de cidades litorâneas, como Porto de Cima, Antonina e Morretes, passaram a deslocar-se para o planalto curitibano.⁵²

⁵¹ COSTA, Odah Regina Guimarães. A ação empresarial de Ildefonso Pereira Correia, Barão do Cerro Azul, na conjuntura paranaense. Curitiba, Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, 1974. 333 p. p. 34. Tese. Livre Docência. História Contemporânea. Universidade Federal do Paraná.

⁵² CARNEIRO, Newton. p. 25.

As primeiras indústrias de beneficiamento de erva-mate de Curitiba são anteriores à construção da Graciosa, segundo o referido historiador. A mais antiga fábrica de beneficiamento de ilex curitibana datava de 1832 e pertencia a Fidelis da Silva Carrão e ao Tenente José Inácio Loyola. Na mesma década, José Munhoz iniciava as operações do chamado "Engenho da Glória".

Em 1836, esta fábrica era vendida ao Comendador Francisco Pasce Fontana.

Durante as décadas de 1870-80, a indústria de beneficiamento de erva-mate do Paraná sofreu importante aperfeiçoamento técnico, graças ao trabalho do engenheiro mecânico Francisco Camargo Pinto.

Segundo o ilustre biógrafo do engenheiro curitibano, David Carneiro, o primeiro realizara estudos de engenharia naval na Grã-Bretanha.⁵³

Tendo voltado à terra natal, Camargo Pinto introduziu inúmeros inventos tecnologicamente aperfeiçoados na indústria de beneficiamento de ilex, após 1871.

Entre eles cita-se: moedor mecânico, abanador mecânico, separador por ventilação, misturadores mecânicos, torrador mecânico, secador mecânico, elevadores e transportadores helicoidais.⁵⁴

Temístocles Linhares estudou os custos de produção e o fabuloso lucro de um engenho de erva-mate do litoral, por volta da década de 1840. Este documento, referente ao engenho de Dom Manuel Mi^uró, é o único documento conhecido sobre os custos de produção e dividendos de empresas paranaenses de beneficiamento de erva-mate no século XIX.⁵⁵

O primitivo engenho de soque, movido à tração animal, possuía um capital de Rs. 10:000\$000. No ano de 1841, seu proprietário obteve o elevado lucro de Rs. 42:000\$000, o que justifica o fato da maior parte dos empresários paranaenses da época investirem seus capitais no beneficiamento ou simplesmente na exportação de ilex.

⁵³ CARNEIRO, David Antônio da Silva. O mate e a influência decisiva de Camargo Pinto. Journal of Interamerican Studies. 9(4):615-618, Oct. 1967.

⁵⁴ IBID., p. 615.

⁵⁵ LINHARES, Temístocles. p. 119.

Malgrado a evolução tecnológica ocorrida sob os auspícios de Camargo Pinto, prosseguem as falsificações e a falta de capricho no beneficiamento da erva-mate.

Segundo o Presidente Manoel Antônio Guimarães:

"O regulamento de seis de dezembro de 1834, ampliado pelo art. treze da lei número oitenta e sete, de quatorze de abril de 1838, mandado restaurar pela lei de número trezentos e vinte e seis, de doze de abril de 1872, é letra morta e não se acha em execução."⁵⁶

O Cel. Manoel Antonio Guimarães aconselhava as seguintes medidas, como objetivo de reprimir o abuso e as falsificações:

- 19) O exame da erva cancheada nos cargueiros, na ocasião em que esta era exposta à venda;
- 20) O estabelecimento de severas penas para os contraventores, quer sejam eles vendedores ou compradores de ervas de má qualidade.

Apesar da construção da Graciosa, a única rodovia que se encontrava em perfeito estado de viabilidade, o Paraná não possuía um "systema regular e uniforme de viação em 1873."⁵⁷

A grosso modo, o sistema viário paranaense, constava aproximadamente de duas linhas cruzando-se em ângulo reto, uma de norte a sul e outra de leste a oeste, ligando povoações do interior da Província, à capital e a um dos portos do litoral. Portanto, o sistema viário provincial dividia-se em quatro grupos principais:

- 19) Estradas que ligavam o primeiro planalto ao litoral: Graciosa, Itupava e Arraial.
- 20) Do centro para o oeste, ligando a capital a Campo Largo, Palmeira e Guarapuava; de Guarapuava em direção à Província de Mato Grosso.
- 30) Do centro em direção ao norte e ao sul: era a Estrada da Mata e os ramais que ligavam as povoações de: Rio Negro, Lapa, Palmeira, Ponta Grossa, Castro, Jaguaraíva e Itararé.⁵⁸

⁵⁶ GUIMARÃES, Manoel Antonio. Relatório com que o exmo. Presidente de Província Cel. Manoel Antonio Guimaraes abriu a 22 sessão da 109 legislatura da Assembléa Provincial do Paraná no dia 17 de fevereiro de 1873. Curitiba, Viuva Lopes, 1873. 20 p. p. 18.

⁵⁷ RELATÓRIO com que o Sr. Comendador Manoel Antonio Guimarães apresentou ao exmo. sr. Frederico Jose Cardoso de Araujo Abranches por ocasião de passar-lhe a administração da Província do Paraná no dia 15 de junho de 1873. Curitiba, Typ. Viuva Lopes, 1873. 28 p. p. 11.

⁵⁸ IBID., p. 12.

Por outro lado, os gastos de conservação da Graciosa oneravam os cofres provinciais.

Quando ocorriam chuvas torrenciais, o leito da estrada tornava-se intransitável. Era também imperiosa a necessidade de substituir pontes e pontilhões que tombavam com as enchentes e de conservar as calçadas de pedra em perfeitas condições.

O engenheiro Francisco Antonio Monteiro Tourinho estipulava um orçamento para os gastos de manutenção da Graciosa em 1873: aproximadamente 100:000\$000 contos de réis.

As outras estradas do primeiro grupo eram de menor importância econômica do que a Graciosa: a estrada do Itupava ligava Curitiba a Porto de Cima e o caminho do Arraial ligava São José dos Pinhais a Morretes.

Outra estrada de grande significado econômico era a Estrada da Matta que ligava os centros de criação de gado dos Campos Gerais à Feira de Sorocaba.⁵⁹

Outro sério problema para o comércio era a necessidade de melhorar as deficiências dos portos provinciais.

Apesar das referidas deficiências, no que se refere às exportações por intermédio dos portos provinciais, a partir de 1876, há uma recuperação não só das quantidades de erva-mate exportadas, como também no valor das vendas. Esta fase de prosperidade prolongar-se-ia até 1879.

QUADRO Nº 25

Exportações de erva-mate paranaense.

Anos	Total em ton.	Valor em NC\$.
1874	11.700	2.341,20
1875	11.569	2.513,80
1876	12.702	2.550,40
1877	13.208	2.641,30
1878	12.971	2.594,20
1879	14.037	2.817,80
1880	12.699	2.539,30

FORTE: MUNHOZ, Alcides. p. 140.

⁵⁹ IBID., p. 16.

Desde a segunda metade da década de 1870, o governo provincial preocupava-se em divulgar a principal riqueza do Paraná, participando de exposições industriais em mercados estrangeiros.⁶⁰

Segundo o Dr. Lamenha Lins, as embalagens eram de extrema importância para o sucesso comercial do produto. O referido Presidente desaconselhava o envio de erva-mate ao exterior em pesados surroços de couro e sugeria aos industriais o uso de caixas de pinho, forradas com chumbo ou lata.

Econômicamente pobre, o Paraná possuía a erva-mate como única riqueza.

Além das indústrias de beneficiamento de erva-mate, o setor secundário provincial reduzia-se a uma única fábrica de sabão, sediada na cidade de Paranaguá. O comércio por outro lado, era muito modesto.

Era necessário, portanto, procurar a conquista de novos mercados para a erva-mate da Província.

Desta forma, estava isenta de impostos a erva destinada à Europa e aos Estados Unidos.⁶²

⁶⁰ LINS, Adolfo Lamenha. Relatório apresentado à Assembléia Legislativa do Paraná no dia 15 de fevereiro de 1876 pelo Exmo. Dr. Adolfo Lamenha Lins. Curitiba, Typ. Viuva Lopes, 1876. 148 p., p. 112-113.

⁶¹ MENEZES, Rodrigo Otávio de Oliveira. Relatório apresentado à Assembléia Legislativa do Paraná pelo Presidente de Província Dr. Rodrigo Otávio de Oliveira Menezes no dia 9 de abril de 1878. Curitiba, Viuva Lopes, 1878. 8 p., p. 4.

⁶² CARVALHO, Carlos Augusto de. Relatório apresentado à Assembléia Legislativa do Paraná, por ocasião da instalação da 12ª sessão da 15ª legislatura no dia 12 de outubro de 1882 pelo Presidente de Província o exmo. sr. Dr. Carlos Augusto de Carvalho. Curitiba, Perseverança, 1882. 125 p., p. 13.

Entretanto, o Presidente da Província Luiz de Oliveira Bello reconheceu que os impostos excessivos sobre a erva do Atlântico, prejudicavam as vendas da principal riqueza da Província no mercado externo, graças à competição de generos similares vendidos a preços mais baixos.⁶³

Entretanto, as condições da receita provincial não permitiam a redução dos impostos sobre as vendas de erva-mate.

Prosseguiram os esforços do governo provincial em divulgar os principais artigos de exportação paranaenses, participando da Exposição Internacional, Colonial e de Exportação Geral de Amsterdã, em maio de 1883.

Entre as amostras de erva-mate enviadas à exposição citou-se as dos engenhos dos senhores Ildefonso Pereira Correia, Francisco Fasce Fontana e Francisco de Camargo Pinto.⁶⁴

As amostras foram expostas em pequenas latas de seis folhas, incluindo os vários tipos de erva-mate destinados ao consumo interno e à exportação, acompanhadas de um folheto informativo de autoria do Comendador Ildefonso Pereira Correia.

O relatório do Presidente Carlos de Carvalho referiu-se igualmente aos preços correntes dos diversos tipos de erva-mate: a erva-mate nº 2 em folhas inteiras para chá, destinada ao consumo na Corte do Rio de Janeiro custava cerca de cento e trinta a cento e cinquenta réis por quilograma; a erva tipos nºs três e quatro, em pequenos fragmentos de folhas preparadas seguindo o sabor apreciado no Chile, custava respectivamente duzentos e cinquenta e duzentos e setenta réis e duzentos e dez a duzentos e vinte réis; os preços dos tipos cinco e seis, isto é, a erva-mate em pequenos pedaços e em pó, preparadas segundo o sabor adequado aos mercados do Rio da Prata, oscilavam em torno de duzentos e quarenta a duzentos e cinquenta réis e cento e oitenta a duzentos réis, respectivamente.

⁶³ BELLO, Luiz Alves Leite de Oliveira. Relatório apresentado à Assembléia Legislativa do Paraná por ocasião da instalação da 29 sessão da 15ª legislatura no dia 19 de outubro de 1883, pelo Presidente da Província o exmo. sr. Dr. Luiz Alves Leite de Oliveira Bello. Curitiba, Perseverança, 1883. 55 p. p. 26.

⁶⁴ ARAUJO, Antonio Alves de. Relatório com que o exmo. sr. Comendador Antonio Alves de Araujo, 1º Vice-presidente de província do Paraná apresentou ao exmo. sr. Carlos Augusto de Carvalho ao passar-lhe a administração em 26 de maio de 1883. Curitiba, Perseverança, 1884. 145 p. p. 92.

Os custos de exportação, por outro lado, eram os seguintes: sete por cento ad valorem relativos ao direito geral de exportação; direito de exportação provincial quatro por cento; idem municipal, cerca de dez rs. por quinze quilogramas com o acréscimo de cinco por cento relativos a lanchas, silos, carretos, despachante e selos.

As exportações de erva-mate entre 1881 e 1890 foram as seguintes:

QUADRO Nº 26

Exportação de erva-mate paranaense.

Anos	Total em ton.	Valor em NC\$
1881	12.943	2.588,50
1882	15.167	3.200,00
1883	15.301	3.060,10
1884	14.524	2.904,80
1885	13.401	2.692,30
1886	14.524	2.904,90
1887	19.539	3.911,70
1888	18.254	3.650,70
1889	18.329	3.665,90
1890	20.592	4.118,50

FONTE: MUNHOZ, Alcides. p. 140.

Em 1882, a maior parte das vendas de erva-mate eram destinadas aos seguintes mercados:

Argentina	7.136.947 kg
Chile	4.038.147 kg
Uruguai	3.932.155 kg
Rio de Janeiro	120.000 kg

no valor de Rs. 3:200\$000 (M33 3.200,00) ou 2 3.000,00. Através da análise dos volumes exportados verificou-se ser a Argentina o principal mercado de exportação para a erva do Atlântico na época.

O historiador Romário Martins referiu-se às exportações provinciais segundo o destino no período de 1881-1890.

Aceitou-se estes números com reservas, pois Romário não mencionou suas fontes de pesquisa.

Exportação de erva-mate paranaense
segundo os destinos

Anos	Em toneladas % Montevideo		Em toneladas % B. Aires		Em toneladas % Valparaíso		Total
1881	26,0	3.532,2	53,8	7.314,1	15,2	1.936,5	12.942,8
1882	26,1	3.962,1	47	7.137	26,8	4.068,1	15.137,2
1883	25,5	3.966,3	53,8	3.651,9	18,6	2.834,4	15.502,6
1884	22,7	3.308,5	58,1	9.032,4	15	2.183,3	14.524,2
1885	37,6	5.074,2	46,8	6.512	15,4	2.075	13.461,2
1886	22,8	3.304	60,1	8.711	17	2.459,5	14.474,5
1887	25,8	5.051,5	53,2	10.815,5	18,8	3.393,9	19.358,9
1888	24,8	4.552,6	56,7	10.368	18,4	3.355,2	18.253,8
1889	29,3	5.568	57,1	10.466,9	15,6	2.494,2	18.329,1
1890	20,9	4.317,5	56,9	11.729,5	22	4.545,9	20.592,9

FONTE: MARTINS, Romário. p. 250.

Conforme o quadro acima os números referentes ao ano de 1882 não diferem dos dados mencionados no relatório do Presidente de Província Carlos de Carvalho.

Na análise da década de 1881-1890 verificou-se ser a Argentina, sem dúvida, o principal consumidor da erva-mate paranaense.

As exportações paranaenses de erva-mate sentiram o efeito da crise européia de 1882-4, somente a partir de 1884-a 86, quando as exportações destinadas ao Irata e ao Chile demonstraram certa estagnação. Após 1887, os efeitos da crise foram ultrapassados, sendo a partir de então sistemática a alta nos volumes e valores de erva-mate exportada.

Houve também modificações no que se refere às embalagens adotadas, pois a partir de 1850, era comum o uso de barricas feitas com madeira de pinho para o acondicionamento da erva-mate.

Desta forma, a indústria de erva-mate, embora indiretamente, estimulou o aparecimento de outras atividades, como a fabricação de embalagens de madeira, cujo capital, na época, montava a Rs. 300:000\$000.

Essas transformações na forma de acondicionamento do produto, aliada ao empenho dos industriais paranaenses em melhorar o beneficiamento da erva-mate, levaram ao aumento progressivo das importações dos mercados tradicionais.

Adavia, foi a partir da década de 1880, que o Paraná passou a sofrer concorrência dos meios argentinos e uruguaios, localizados em Buenos Aires, nas províncias argentinas de Misiones e Corrientes e em Montevideo, no Uruguai.⁶⁵

O governo argentino, por sua vez adotou uma política protecionista em relação à indústria de beneficiamento de erva-mate argentina, acrescentando cerca de quinze por cento os direitos de importação que recaíam sobre o mate beneficiado brasileiro.

Com o objetivo de proteger a indústria de beneficiamento da erva-mate paranaense a Assembléia Legislativa Provincial decretou a Lei número oitocentos e dez de três de novembro de 1885.⁶⁶

A referida lei número oitocentos e dez criou um imposto de 2\$000 por cada quilograma de erva-mate cancheada, isto é, de matéria prima exportada para o Prata.

A lei número oitocentos e dez, foi infrutífera devido ao fato de permanecer letra morta no que se refere à exportação por via terrestre. A questão de limites entre o Paraná e Santa Catarina, que na época espolgava os ânimos dos homens públicos, impedia o estabelecimento de postos fiscais para a cobrança do imposto sobre a matéria-prima, com exceção nos portos de embarque.

Desta forma, a matéria-prima exportada pelo porto catarinense de São Francisco e pelos portos gaúchos, pela isenção de direitos que gozava, revelou-se poderosa rival da erva-mate cancheada do Paraná.

Afirmou o Presidente Faria Sobrinho:⁶⁷

"A Assembléia Legislativa Provincial cabe procurar os meios de fazer cessar este estado de coisas, que está originando considerável prejuízo à nossa renda e ao nosso comércio."

⁶⁵ LINHARES, Temístocles, p. 207.

⁶⁶ FARIA SOBRINHO, Joaquim d'Almeida. Relatório apresentado à Assembléia Legislativa do Paraná no dia 17 de fevereiro de 1887 pelo Presidente de Província o Exmo. Sr. Dr. Joaquim d'Almeida Faria Sobrinho. Curitiba, Gazeta Paranaense, 1887. 151 p. p. 37.

⁶⁷ IBID.

Prosseguiram os problemas relativos aos meios de transporte, apesar das facilidades que a inauguração da via férrea de Curitiba a Paranaguá criou. Este progresso foi praticamente anulado pelas altas tarifas ferroviárias sobre o transporte do erva-mate.

A referida tarifa excedia em mais de um terço ao frete da carga do mesmo produto, transportado em carroções pela rodovia da Graciosa.

A tarifa para transporte por intermédio da estrada de ferro montava a 27\$000 por cem quilogramas, sendo necessária a redução de 20\$000 para torná-la equivalente ao frete rodoviário.⁶⁸

Segundo o Presidente Faria Sobrinho sessenta por cento da exportação total de erva-mate era transportada por intermédio da ferrovia, enquanto que quarenta por cento pela Graciosa.⁶⁹

Com a finalidade de divulgar a erva-mate em nossos mercados, por outro lado, foi criada a Sociedade Paranaense Propagadora da Erva-Mate, formada por exportadores e industriais paranaenses de erva-mate.

Entre os membros da referida associação citou-se os senhores Ildefonso Pereira Correia, Francisco Pasce Fontana e Antonio Rodrigues da Costa, em Curitiba; em Antonina, o Tenente Coronel João Manoel Ribeiro Vianna e em Paranaguá o Sr. João Guilherme Guimarães.

A sede da referida sociedade era a cidade de Curitiba e por ocasião de sua criação seu capital inicial era cerca de Rs. 3:500\$000, oriundo dos fundos concedidos pela lei provincial número oitocentos e oitenta e oito, de quatorze de março de 1887.⁷⁰

O velho sonho de conquistar os mercados europeu e norte-americano tornou-se a aspiração de dinâmicos capitães-de-indústria paranaenses, como: Ildefonso Pereira Correia, Barão de Serro Azul, Comendador Francisco Pasce Fontana e Alfredo Thomas. Estes homens esforçaram-se por tornar a principal riqueza provincial conhecida nas requintadas capitais européias.

Entretanto, esta fase de prosperidade seria efêmera. A crise que a ela se sucedeu será abordada no próximo capítulo.

⁶⁸ IBID., p. 38.

⁶⁹ IBID., p. 39.

⁷⁰ IBID., p. 40-41.

CAPÍTULO 5

A erva-mate brasileira e o início do período republicano.

A abolição da escravatura, a treze de maio de 1888 e, no ano seguinte, a queda do Império foram antecedentes de várias transformações na vida econômica, política e social do Brasil.

A substituição do braço escravo por trabalhadores livres tornou necessária a expansão do saldo de papel moeda.⁷¹

Desta forma, o Ministro da Fazenda do Governo Provisório, Rui Barbosa, "lançou-se a uma política inflacionista e favorável à criação de empresas."⁷²

Estabeleceu-se um sistema múltiplo de bancos emissores, o que gerou emissões desenfreadas de papel-moeda e de ações e enormes especulações.

O período com as características acima, que ocorreu entre 1890-91, é conhecido como "encilhamento" e seus efeitos perduraram até a gestão do Ministro da Fazenda Campos Sales.

A inflação ocorrida durante o período do encilhamento, provocou nova desvalorização da taxa cambial, esta última benéfica para os exportadores.

Observou-se, porém, profunda queda de preços a partir de 1890, como reflexo da crise européia.

Visando compensar a queda de preços os produtores, os industriais e os exportadores passaram a lançar no mercado maiores quantidades de erva-mate.

⁷¹CARDOSO, Fernando Henrique. Dos governos militares a Prudente-Campos Sales. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de & FAUSTO, Boris, dir. História geral da civilização brasileira; tomo III: O Brasil republicano. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1975. 8 v. em 3 t. t. 3, v. 1, p. 53.

⁷²IBID.

A expansão da oferta sucedeu-se nova oscilação dos preços para baixo, atingindo a depressão seu apogeu em 1892.

As dificuldades para obtenção de financiamentos, após o período do Encilhamento, desestimularam o incremento da produção. A retração da oferta, por sua vez, provocou nova oscilação dos preços para cima.

A Revolução Federalista de 1893 nos estados meridionais, desorganizou a indústria de extração e beneficiamento de erva-mate no Paraná e em Sta. Catarina.⁷³

Houve, portanto, em 1894, retração nas exportações dos estados do Brasil Meridional. Desta forma, tornou-se intensa a exploração dos ervais de Mato Grosso.

QUADRO Nº 23

Estimativa da Produção Total e
Consumo de Erva-Mate

Anos	Produção total t	Consumo in- terno aparen- te em t
1892	33 580	8 092
1893	21 727	5 267
1894	32 101	7 732
1895	30 967	7 507
1896	36 373	8 813
1897	38 652	9 370
1898	39 403	9 553

FONTE: ARANHA, p. 89.

Entretanto, a partir de 1896, houve desenfreada expansão da produção e das exportações.

A melhoria da qualidade do produto exportado, por sua vez, sustentou o incremento da demanda após 1898.

Houve igualmente recuperação nos preços reais da tonelada de erva-mate exportada e o comércio exterior do Brasil Meridional retornou à normalidade.⁷⁴

⁷³ ARANHA, p. 84.

⁷⁴ IBID., p. 95.

QUADRO Nº 29

Valor Médio por Tonelada de
Erva-Mate Exportada
 (Base: 1908 a 1912 = 100)

Anos	Mil réis por t	Índice	Libra ou ro por t	Índice
1898	500	103,91	14,8	47,13
1899	500	103,91	15,4	49,04
1900	510	105,98	19,9	63,37
1901	495	102,87	23,5	74,84
1902	523	103,69	25,9	82,48
1903	376	73,14	18,7	59,55

FONTE: ARANHA, p. 95.

QUADRO Nº 30

Quantidade Total Exportada de Erva-mate
e dos Valores Totais Exportados
 (Base: 1908 a 1912 = 100)

Anos	Quant. em t	Índice	Valor to- tal con- tos réis	Índice	Valor total 1000 £ ouro	Índice
1898	29 852	50,19	14 926	52,12	443	23,03
1899	30 932	52,00	15 466	54,01	475	25,39
1900	55 992	57,13	17 336	59,34	676	33,14
1901	59 887	57,06	19 773	66,03	933	50,04
1902	41 929	70,49	21 550	76,33	1 084	57,95
1903	56 130	60,74	18 393	47,43	577	33,19

FONTE: ARANHA, p. 97.

O financiamento à lavoura concedido pelos bancos comerciais após 1890, a elevação dos preços e a demanda interna estimularam a produção de erva-mate.

"Entretanto, a crise européia de 1900 afetou a economia dos países importadores de erva-mate do Atlântico e ocasionou nova depressão na economia ervateira brasileira."⁷⁵

No Brasil, as medidas de saneamento financeiro tomadas pelo Ministro da Fazenda de Campos Sales, Joaquim Murinho, ocasionaram a crise bancária de 1900.⁷⁶ Dezesete estabelecimentos de crédito faliram, somente na praça do Rio de Janeiro.

A política financeira do governo de Campos Sales, perseguia os objetivos de realizar o saneamento financeiro da República através dos seguintes métodos:

- 1) contrair um empréstimo com a família Rothschild através do London and River Plate Bank. O referido acordo, denominado Funding Loan, concretizou-se em junho de 1898, no valor de 210.000.000 £ esterlinas a ser amortizado no prazo de sessenta e três anos, com juros de cinco por cento ao ano.⁷⁷
- 2) deflação.
- 3) equilíbrio orçamentário.
- 4) restauração do imposto pago em ouro nas alfândegas.⁷⁸

A medida em que Londres emitia títulos da dívida pública do Brasil, chamados "United States of Brazil 5% Funding Bonds", retirava-se dinheiro do meio circulante.

A restrição do crédito e a retirada de dinheiro do meio circulante provocaram, por sua vez, queda nos preços dos produtos agrícolas e industriais em geral.⁷⁹

O câmbio voltou a reagir a partir de 1900, agravando-se a crise na economia ervateira brasileira, pois os exportadores passaram a receber menores valores em libras esterlinas como pagamento dos produtos enviados ao exterior.

⁷⁵ IBID., p. 100.

⁷⁶ LEVY, Maria Barbara. História dos bancos comerciais no Brasil. Rio de Janeiro, IBMEC, 1972. 120 p. p. 54.

⁷⁷ CARONE, Edgard. A República Velha; instituições e classes sociais. 2 ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro. 390 p. p. 113.

⁷⁸ CARDOSO, Fernando Henrique, p. 56.

⁷⁹ CARONE, p. 110.

5.2. O orçamento estatal e a economia ervateira no Paraná Republicano: 1891 a 1900.

Em 1894, o Paraná passou a sofrer os efeitos da guerra civil que assolava o Brasil Meridional.

A invasão das tropas revolucionárias do sul trouxe graves desequilíbrios às finanças estaduais.

Desde 1892, as finanças estaduais mantinham-se estagnadas, não apresentando déficits ou superávits.

Em 1894, o total da receita arrecadada atingiu o montante de Rs. 1.726:461\$069, de que 370:335\$189 correspondiam a impostos sobre a exportação de erva-mate.

As despesas atingiram igualmente a significativa quantia de Rs. 1.726:461\$069.⁸⁰

Em 1899, por iniciativa de empresários ligados à indústria de beneficiamento de erva-mate no Paraná - como o Barão do Serro Azul e David Carneiro - foi criado o primeiro estabelecimento bancário do Paraná.

Durante o exercício seguinte, isto é, em 1895, a arrecadação montou a Rs. 2.099:635\$963, ou seja, superou a receita orçada em Rs. 142:784\$885.

Os tributos sobre exportação de erva-mate contribuíram com o montante de 452:126\$000 para a receita estadual no referido exercício.

Há neste período, por parte do governo estadual, intensa preocupação no sentido de equilibrar as finanças públicas.

Desta forma, preocupou-se o Secretário das Finanças, Luiz Antonio Xavier, em criar um sistema eficaz para a cobrança dos tributos que recaíam sobre as exportações de erva-mate, na época a principal riqueza do Estado, e, em reprimir os contrabandos praticados através de Fóz do Iguaçu e do Município de Rio Negro, para a Argentina e para o estado de Santa Catarina, respectivamente.⁸¹

⁸⁰ XAVIER, Luiz Antonio. Relatório apresentado ao exmo. sr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Governador do Estado do Paraná por Luiz Antonio Xavier, Secretário dos negócios de finanças, comércio e indústrias em 21 de setembro de 1895. Curitiba, Imprensa Paranaense, 1895. 24 p. p. 15.

⁸¹ XAVIER, Luiz Antonio. Relatório apresentado ao Dr. José Pereira dos Santos Andrade, governador do estado do Paraná, por Luiz Antonio Xavier, Secretário d'Estado dos negócios das finanças, comércio e indústrias em 21 de setembro de 1895. Curitiba, Novo Mundo, 1896. 49 p. p. 39.

Durante o exercício de 1896-7, as exportações de erva-mate contribuíram para a receita estadual com cerca de Rs. 397:853\$753 para um total de Rs. 3.357:379\$577.

O dispendio foi cerca de 3.357:379\$577, não ocorrendo portanto déficits ou superavits.⁸²

O exercício de 1896-97 assinalou profundo retraimento do movimento comercial, o que necessariamente, afetou as finanças estaduais.

Com a finalidade de sanear as finanças públicas do Estado do Paraná, as leis estaduais números duzentos e trinta e quatro, de vinte e um de dezembro de 1896, e duzentos e setenta e sete, de primeiro de janeiro de 1897, autorizaram o governo estadual a proceder a arrecadação dos tributos sobre exportação de animais e erva-mate e da taxa de barreiras através do sistema de cobranças intitulado arrematação. No exercício de 1898, as taxas sobre exportação de erva-mate contribuíram com a importância de 455:500\$000 para o orçamento estadual.

Durante o exercício de 1898, a receita arrecadada atingiu a importante quantia de Rs. 4.781:534\$822 para uma despesa de Rs. 4.781:537\$822, havendo portanto o déficit de três mil réis.⁸³

Por outro lado, no que se refere às exportações, estas demonstraram um comportamento estacionário entre 1891-1900, com diminuição dos volumes exportados em 1894 e 1897.

⁸² XAVIER, Luiz Antonio. Relatório apresentado ao Dr. José Pereira dos Santos Andrade, Governador do Estado do Paraná por Luiz Antonio Xavier, Secretario de Estado dos negocios das finanças, commercio e industrias em 21 de setembro de 1897. Curitiba, Ed. do Diario do Paraná, 1897. 18 p. p. 18.

⁸³ XAVIER, Luiz Antonio. Relatório apresentado ao Dr. José Pereira dos Santos Andrade, Governador do estado do Paraná por Luiz Antonio Xavier, Secretario de Estado dos Negocios das finanças, commercio e industrias em 5 de janeiro de 1900. Curitiba, Novo Mundo, 1900. 49 p. Balanço da receita e despesa effectuada no exercício de 1898 e devidamente escripturada de acordo com as leis orçamentárias.

QUADRO Nº 31

Exportações do Estado do Paraná

1891 - 1900

Anos	Volume	Valor NC\$
1891	18.373	3.874,50
1892	19.352	3.870,50
1893	20.768	4.153,00
1894	18.262,5	3.652,50
1895	24.637,4	4.927,50
1896	25.199	5.019,00
1897	18.492	3.698,50
1898	22.921	4.584,20
1899	21.913	4.582,50
1900	24.300	4.980,00

FONTE: MUNHOZ, Alcides, p. 104.

Durante a primeira metade da década de 1890, por outro lado, a Argentina ocupava ainda o primeiro lugar entre os importadores tradicionais.

QUADRO Nº 32

EXPORTAÇÕES PARANAENSES SEGUNDO OS DESTINOS.

Anos	Uruguai (kg)	Argentina (kg)	Chile (kg)
1890	4.517.504	11.729.461	4.543.947
1891	4.718.573	12.833.351	1.120.449
1892	4.836.060	13.833.151	1.053.800
1893	7.164.424	12.313.192	1.990.379
1894	5.532.341	10.901.337	1.328.133

FONTE: XAVIER, Luiz Antonio. Relatório apresentado ao exmo. sr. dr. Francisco Xavier da Silva, Governador do Estado do Paraná por Luiz Antonio Xavier, Secretário dos Negócios das Finanças, comércio e indústrias em 21 de setembro de 1895. Curitiba, Imprensa Paranaense, 1895. 24 p.

Prevalência, entretanto na economia ervateira do Paraná republicano a estagnação, quanto em meados do novo século, Vicente Machado sugeriu medidas intervencionistas e para a época, verdadeiramente revolucionárias.

A lei número oitocentos e dez, de três de novembro de 1885, era a responsável por esta situação, segundo o Dr. Vicente Machado: ao taxar as exportações paranaenses de erva-mate cancheada, estas não teriam mais condições de competir com a matéria-prima exportada de outros estados para o Prata.⁸⁴

Vicente Machado defendeu o estabelecimento da igualdade nas taxas de exportação de matéria-prima (erva-mate cancheada) e de erva-mate beneficiada.

A lei de equiparação foi aprovada a vinte e dois de março de 1902, sob o número quatrocentos e quarenta e nove e criou "o imposto de quatrocentos e cinquenta réis por cada dez quilogramas de erva-mate exportada, beneficiada ou não." Estabeleceu igualmente uma padronização no que se refere ao acondicionamento do produto e procurou resolver o problema causado pelo contrabando através de Foz do Iguaçu, criando a taxa de seiscentos réis por cada dez quilogramas exportados por intermédio da fronteira argentino-brasileira.⁸⁵

Vicente Machado, baseando-se na obra do Consul Geral do Brasil em Buenos Aires, Pedro Sodré, apresenta estatísticas referentes às importações argentinas de erva-mate do Atlântico, antes e após a lei da equiparação.

⁸⁴ LIMA, Vicente Machado da Silva. Mensagem ao Congresso Legislativo do estado do Paraná dirigida pelo Dr. Vicente Machado da Silva Lima, Presidente do Estado ao instalar-se a 28 sessão da 7ª legislatura em 19 de fevereiro de 1905. Curitiba, Livraria Economica, 1905. 64 p. p. 15.

⁸⁵ MARTINS, Romário, p. 287.

Exportações ParanaensesVolume em Kg

Anos	Argentina	Total - incluindo Argentina
1885	6.311.998	13.461.599
1886	8.711.057	14.524.579
1887	10.313.518	19.558.901
1888	10.367.921	18.253.836
1889	10.466.885	18.329.636
1890	11.729.491	20.592.492
1891	12.534.831	18.572.823
1892	13.577.181	19.351.726
1893	12.613.192	20.767.995
1894	10.901.557	18.262.531
1895	14.831.736	24.637.419
1896	13.729.808	25.193.930
1897	13.414.716	16.492.333
1898	14.479.940	22.921.144
1899	14.090.972	21.912.899
1900-01	17.129.276	25.137.346
1901-02	25.722.360	25.722.360
1902-03	28.171.425	28.171.433
1903-04	31.194.350	31.193.029

FONTES: MUNHOZ, Alcides, p. 140.

LIMA, Vicente Machado da Silva. Mensagem ao Congresso Legislativo do estado do Parana dirigida pelo Dr. Vicente Machado da Silva Lima, Presidente do estado ao instalar-se a 24 sessao da 72 legislatura em 19 de fevereiro de 1905. Curitiba, Livraria Economica, 1905. p. 16-17.

Por outro lado, no que se refere à receita estatal, a receita arrecadada, durante o exercício de 1901-1902 atingiu o montante de Rs. 4.752:954\$277; Deste montante, as taxas que incidiram sobre as vendas de erva-mate contribuíram com a quantia de Rs.1.029:301\$049, isto é, cerca de 245:101\$049 acima das previsões. As despesas atingiram a quantia de Rs. 4.752:954\$277, não ocorrendo, portanto, déficits ou superavits.⁸⁶

Durante o exercício seguinte, isto é, 1902-03, a receita arrecadada atingiu a cifra de Rs. 4.518:022\$108. Para esta quantia os tributos sobre exportação de erva-mate contribuíram com a cifra de 1.274:238\$917, isto é, Rs. 424.238\$917 a mais do que a previsão. As despesas atingiram o montante de 4.518:022\$108.

A erva-mate era, sem dúvida, na época, o principal artigo de exportação da província, uma vez que a madeira constituía "uma forma de exploração industrial incerta e pouco lucrativa" e o comércio exterior do café era ainda diminuto.

Porém, o Paraná já possuía na época "um milhão de pés de café em franca produção."⁸⁷

Durante o exercício de 1904-1905, a receita arrecadada atingiu a importante quantia de Rs. 8.586:456\$419. Os impostos arrecadados sobre as vendas de erva-mate atingiram a quantia de 1.202:444\$240, isto é, Rs. 102:444\$240 a mais do que a receita orçada para o referido exercício.⁸⁸ A despesa é igual a receita, não havendo, portanto déficits ou superavits.

Através da análise das estatísticas dos períodos anterior e posterior a 1902, como também dos orçamentos estatais nas referidas fases, concluiu-se que a chamada Lei da Equiparação foi extremamente benéfica.

A dita lei incrementou as exportações paranaenses para os mercados platinos e manteve o equilíbrio da economia estadual e das finanças públicas.

⁸⁶ SILVA, Francisco Xavier da. Mensagem apresentada ao Congresso legislativo do estado na 23 sessão da 50 legislatura no dia 19 do corrente pelo exmo. sr. Dr. Francisco Xavier da Silva. Curitiba, A Republica, 1901. 12 p. p. 8.

⁸⁷ CHICHORRO Jr., Joaquim P. Pinto. Relatório apresentado ao exmo. sr. Dr. Vicente Machado da Silva Lima, Presidente do estado do Paraná pelo secretario dos negocios das finanças, commercio e industrias Joaquim P. Pinto Chichorro Jr. em 31 de dezembro de 1905. Curitiba, Impressora Paranaense, 1906. 48 p. p.

⁸⁸ MADUREIRA, Javert. Relatório apresentado ao exmo. sr. Dr. Vicente Machado da Silva Lima, Presidente do estado do Paraná, pelo secretario de estado dos negocios das finanças, commercio e industrias Dr. Javert Madureira em 1904. Curitiba, Novo Mundo, 1905. 42 p. p. 15-16.

CAPÍTULO 6

6.1. A erva-mate brasileira e os ciclos de 1901-1906, 1906-1912, e 1913-1915

Os efeitos da lei estadual de vinte e dois de março de 1902 - lei de Equiparação - bem como os da lei número quatrocentos e oitenta e um, de oito de abril do referido ano, que permitiu o arrendamento dos ervais existentes nas terras devolutas do estado, foram benéficos para a economia ervateira nacional.

Este período de prosperidade, acompanhado pela alta de preços do artigo exportado perdurou até 1906. É a fase a do ciclo de Juglar. Apenas em 1905, a reorganização do sistema bancário provocou retrações no crédito e, conseqüentemente, queda na produção.

Em 1906, houve um incremento não só na produção, como também no que se refere aos valores exportados.⁸⁹

Devido ao desequilíbrio entre a oferta e a procura, iniciou-se a fase b do ciclo de Juglar.

Por outro lado, a partir de 1906, graças à instalação da Caixa de Conversão e à adoção de uma política econômica expansionista por parte do governo brasileiro - há maior restrição nas compras por parte dos importadores.⁹⁰

A economia exportadora brasileira, por sua vez, foi seriamente abalada pela depressão mundial que se iniciou nos Estados Unidos em 1907-08.

No que se refere à erva-mate, os volumes exportados apresentaram um acréscimo, porém os preços achavam-se em profundo declínio.

⁸⁹ ARANHA, p. 109.

⁹⁰ NEUHAUS, Paulo. História monetária do Brasil; 1900-45. Rio de Janeiro, INECC, 1978. 198 p. p. 51-52.

Em 1910, devido à posse de Francisco Sales, adepto de baixas taxas cambiais, como Ministro da Fazenda, o câmbio baixou de dezoito d. por mil réis para dezesseis e meio d. e, posteriormente, para dezesseis.⁹¹

A baixa taxa cambial favoreceu as compras por parte da demanda de erva-mate e o início de uma nova fase a de Juglar.

Entretanto, a fase de prosperidade foi efêmera, pois a partir de 1910, a Argentina passou a cultivar seus próprios ervais nas regiões de Misiones e Corrientes.

Em apenas uma década, a produção missioneira triplicou: de novecentas e dez toneladas, produzidas em 1910, passou para 2.900, em 1920.⁹² Ainda assim era insuficiente para ameaçar a supremacia da erva-mate do Atlântico no mercado internacional.

Duas leis do governo do estado do Paraná estimulariam a produção e o comércio internacional de erva-mate durante esta fase: as leis números quatrocentos e setenta e nove de quatro de agosto de 1908 e a número 1.550, de trinta de março de 1915.⁹³

A primeira isentou de impostos a erva-mate exportada para novos mercados como América do Norte, Europa e Ásia. A última autorizou o governo do Estado a arrendar os ervais existentes em terras devolutas do estado.

Novo desequilíbrio ocorreu entre a oferta e a procura, graças aos incentivos oferecidos, provocando a queda dos preços.

A indústria brasileira de beneficiamento de erva-mate sofria já na época a concorrência dos engenhos, instalados em áreas urbanas da Argentina.

O governo argentino, por sua vez, procurou favorecer a entrada de matéria-prima para suprir os moinhos de Buenos Aires e prejudicar a entrada de erva-mate beneficiada estrangeira.

⁹¹ IBID., p. 36.

⁹² JOPPÉRT, Armando et alii. Erva-mate na Argentina. Buenos Aires, SEPRO, 1965. 34 p. p. 5. Mimeogr.

⁹³ MARTINS, Romário, p. 287.

QUADRO Nº 34

Valor Médio por Tonelada de
Erva-mate Exportada
 (Base: 1908 a 1912 = 100)

Anos	Mil réis por t	Índice	Libras ou- ro por t	Índice
1903	376	78,14	13,7	39,55
1904	436	90,61	22,0	70,06
1905	456	94,76	30,5	96,50
1906	483	100,37	32,1	102,23
1907	492	102,24	30,9	98,41
1908	477	99,13	29,8	94,90
1909	456	94,76	23,6	91,08
1910	489	101,62	33,0	105,09

FONTE: ARANHA, p. 105.

A erva-mate cancheada passou a pagar apenas um e meio centavos ouro por tonelada importada, ao passo que nas ervas beneficiadas pelo parque moageiro brasileiro pagavam a tarifa de quatro centavos ouro por tonelada.⁹⁴

QUADRO Nº 35

Quantidade total exportada de erva-mate
e dos valores totais exportados
 (Base: 1908 a 1912 = 100)

Anos	Quant. em t	Índice	Valor to- tal con- tos réis	Índice	Valor to- tal l.300 £ ouro	Índice
1903	36 130	60,74	13 335	47,43	677	36,19
1904	44 162	74,25	19 235	67,24	971	51,91
1905	41 120	69,13	13 753	63,44	1 247	63,66
1906	57 796	97,17	27 952	97,54	1 337	69,27
1907	52 053	87,51	23 319	89,46	1 310	66,07
1908	53 315	93,00	26 376	92,12	1 356	68,21
1909	58 018	97,54	26 460	92,40	1 633	68,65
1910	59 360	99,30	29 017	101,35	1 939	104,73

FONTE: ARANHA, p. 108.

⁹⁴ ARANHA, p. 116.

QUADRO Nº 36

Valor Médio por Tonelada de
Erva-mate Exportada
 (Base: 1908 a 1912 = 100)

Anos	Mil réis por t	Índice	Libra ou- ro por t	Índice
1910	489	101,62	33,0	105,09
1911	482	100,17	32,1	102,23
1912	502	104,32	33,5	106,68
1913	540	112,22	36,0	114,63
1914	558	113,96	27,0	85,99
1915	471	97,88	24,4	77,71

FONTE: ARANHA, p. 114.

QUADRO Nº 37

Estimativa da Produção Total
e Consumo de Erva-mate

Anos	Produção. to- tal em t	Consumo in- terno aparen- te em t
1903	47 692	11 532
1904	58 294	14 132
1905	54 278	13 158
1906	76 291	18 495
1907	63 710	16 657
1908	75 010	17 701
1909	76 534	18 516
1910	78 355	18 995

FONTE: ARANHA, p. 109.

Prossegue, entretanto, o incremento dos volumes exportados, em virtude da demanda de matéria-prima.

QUADRO Nº 38

Quantidade Total Exportada de Erva-mate
e Valores Totais Exportados
(Base: 1908 a 1912 = 100)

Anos	Quant. em t	Índice	Valor total em contos réis	Índice	Valor total 1 000 £ ouro	Índice
1910	59 360	99,80	29 017	101,33	1 959	104,75
1911	61 834	103,96	29 785	104,01	1 983	106,01
1912	62 880	105,71	31 539	110,14	2 105	112,42
1913	65 843	110,70	35 576	124,24	2 372	126,80
1914	59 707	100,38	27 361	95,55	1 668	89,17
1915	76 352	128,36	35 968	125,61	1 862	99,54

FONTE: ARANHA, p. 117.

A partir de 1912, ocorre a elevação dos preços em libra ouro da tonelada de erva-mate exportada, pois as exigências da Inspeção de Higiene da Argentina, retraíram a oferta.⁹⁵

Por outro lado, a melhoria da qualidade do produto, levou à expansão da demanda.

A partir de 1912-13, entretanto, os efeitos da crise européia começaram a se fazer sentir no Brasil.

A crise acarretou uma queda dos depósitos bancários e retração de crédito.

O influxo de capital estrangeiro cessou, devido ao início da Primeira Guerra Mundial, em 1914.⁹⁶

O conflito bélico constituiu uma barreira à expansão do comércio exterior brasileiro.

⁹⁵ IBID., p. 116.

⁹⁶ NECHAU, p. 39.

A depressão foi acompanhada pelo tradicional desequilíbrio entre a oferta e a procura: expansão da produção e das exportações e queda de preços.⁹⁷

Entretanto, as importações por parte dos mercados tradicionais seriam favorecidas pela queda da taxa cambial de 14,66 dinheiros para 11,94 em 1916. Registrou-se um incremento da demanda de produtos primários tais como: erva-mate, arroz, carne congelada, milho, feijão, farinha de mandioca, manganês, etc. Nova oscilação dos preços para cima ocorreu em virtude do incremento da procura.

QUADRO Nº 39

Estimativa da Produção Total e
Consumo de Erva-mate.

Anos	Consumo interno aparente em t	Produção em t
1910	18 995	78 355
1911	19 787	81 621
1912	20 122	83 002
1913	21 070	86 913
1914	19 106	78 813
1915	24 446	100 798

FONTE: ARANHA, p. 119.

Valor Médio por Tonelada de
Erva-mate Exportada
 (base: 1908 a 1912 = 100)

Ano	Mil réis por t	Índice	Libra ouro por t	Índice
1915	471	97,88	24,4	77,71
1916	496	103,07	24,6	78,34
1917	519	107,85	27,8	88,53
1918	546	113,47	29,6	94,27
1919	582	120,95	31,4	100,00
1920	558	115,96	26,2	83,44
1921	604	123,52	16,0	50,95
1922	651	135,29	17,1	54,46

FONTE: ARANHA, p. 125.

É a fase de prosperidade do ciclo de Juglar, quando ocorreu a expansão da produção e da oferta.

C.2. A economia ervateira paranaense e os ciclos
de 1901-06, 1906-12 e 1913-15.

Embora a lei de Equiparação houvesse provocado um aumento nas exportações paranaenses, não conseguiu eliminar a concorrência do parque moageiro argentino. Desta forma, os industriais portenhos abasteciam-se de matéria-prima, com estoques procedentes do Paraguai e de outros estados brasileiros.

Travou-se verdadeira luta entre os industriais paranaenses, responsáveis pelo beneficiamento de erva-mate, e os exportadores e produtores de erva-mate cancheada.

Assim, quando o Governo do General Rocca, propôs ao Congresso de Buenos Aires a equiparação do imposto de importação de erva-mate, quer cancheada, quer beneficiada, houve pressão por parte da classe exportadora brasileira nos meios diplomáticos.⁹⁸

Segundo o referido projeto "o quilograma de erva-mate beneficiado que pagava quatro centavos ouro, passaria a pagar três, enquanto que o mesmo volume de erva-mate cancheada que até então pagava um e meio centavo-ouro passaria a pagar três centavos."

No que se refere ao Paraná, venceu o grupo dos exportadores de matéria-prima, pois o governo estadual enviou o Dr. Lameinha Lins para advogar a rejeição do projeto de equiparação em Buenos Aires.

QUADRO Nº 41

Exportação de Erva-mate Paranaense
em Toneladas

Ano	Volume	Valor em RS\$
1904-05	25.963,368	1.202
1905-06	30.598,457	1.417
1906-07	36.362,293	1.680
1907-08	33.020,090	1.529
1908-09	36.841,626	1.647
1909-10	40.679,567	1.830
1910-11	45.227,747	2.035
1911-12	46.065,551	2.072
1912-13	49.533,639	2.229
1913-14	44.758,927	2.014
1914-15	44.470,843	2.001
1915-16	57.097,343	2.519

FONTE: ROCHA, p. 140.

⁹⁸ MACHADO, Vicente. Mensagem ao Congresso legislativo do estado do Paraná dirigida pelo Dr. Vicente Machado, Presidente do estado ao instalar-se a 12 sessão da 83 legislatura em 12 de fevereiro de 1906. s.n.t. 66 p. p. 63-64.

Verificou-se após 1909-10, um aumento não só nos volumes exportados, como também nos valores. A fase a de Juglar perdurou até 1913, quando se fizeram sentir os efeitos da depressão de 1913. A fase b de Juglar, por sua vez, sobreviveu até 1916.

No que se refere as finanças estatais, supridas pela arrecadação de tributos o panorama é o seguinte:

Durante o exercício de 1903-06 a receita arrecadada superou a orçada; a arrecadação foi cerca de 11.686:266\$247, enquanto que a previsão foi em torno de Rs. 6.762:635\$755.

Para esta receita as exportações de erva-mate contribuíram com a quantia de Rs. 1.361:771\$273, isto é, cerca de 31:771\$273 acima da receita orçada.⁹⁹

Durante o exercício seguinte, isto é, 1906-1907, a receita total do exercício elevou-se à cifra de Rs. 11.686:266\$247 - sendo a ordinária de Rs. 7.204:079\$112 e a extraordinária de Rs. 4.482:187\$135. Desta forma a arrecadação ordinária superou a previsão orçamentária com um excesso de Rs. 441:445\$357. Apenas a arrecadação dos impostos sobre exportação de erva-mate superaram a previsão num montante de Rs. 31.771\$273, devido ao incremento da demanda deste artigo no mercado internacional. Houve portanto superavit no orçamento estadual durante o referido exercício, pois as despesas se elevaram à cifra de Rs. 10.980:128\$475.¹⁰⁰

Outro fato ocorrido no dito exercício de grande importância para a vida econômica e financeira do Estado, foi a fundação do Banco Comercial do Paraná, em maio de 1906.

O referido banco era formado por capitais mistos, isto é, tinha como principais acionistas o governo do estado do Paraná e empresários e capitalistas paranaenses.¹⁰¹

Era este um dos primeiros estabelecimentos de crédito destinado a financiar a produção no Paraná.

⁹⁹ CHICHORRO Jr., Joaquim P. Pinto. Relatório apresentado ao exmo. sr. Dr. Vicente Machado da Silva Lima, presidente do estado do Paraná, pelo Secretário dos negócios das Finanças, comércio e indústrias Joaquim P. Pinto Chichorro Jr., em 31 de dezembro de 1906. Curitiba, A Republica, 1907. 35 p. 432 tab. Quadro demonstrativo da exportação de Herva-mate, durante os anos de 1901 a 1906.

¹⁰⁰ LIMA, Vicente Machado da Silva. Mensagem ao congresso legislativo do estado do Paraná dirigida pelo Dr. Vicente Machado da Silva Lima, presidente do estado do Paraná, na 23ª sessão da sua legislatura em 19 de fevereiro de 1907. Curitiba, 1907. 23 p. p. 11-13.

O governo do estado do Paraná, por sua vez, procurou estimular a produção, regulamentando a época da colheita de matéria-prima nos ervaais. A exploração só poderia ser realizada quando a erva-veira houvesse atingido completa maturidade. A extração de erva-mate só seria permitida durante os meses de maio, junho, julho, agosto e setembro e após três anos, do último corte.¹⁰²

Procurou igualmente o executivo estadual divulgar o uso do mate no continente europeu, enviando amostras de erva-mate beneficiadas pela empresa David Carneiro & Cia. ao seu agente de propaganda, o sr. Jayme Ballão.

Essas amostras eram distribuídas gratuitamente ao público em exposições realizadas nas capitais européias.

Segundo o sr. Jayme Ballão, o mate introduzido nos mercados europeus deveria ser aquele preparado em barbaquás e "isento do cheiro e gosto de fumaça." As embalagens também deveriam ser atraentes.¹⁰³

Neste período, o governo do Paraná conscientizou-se igualmente da necessidade de conquistar o mercado interno.

O Rio de Janeiro, por ser importante centro de consumo, foi escolhido como alvo da propaganda de erva-mate. A divulgação do produto seria feita através de uma Casa de Chá, instalada na rua do Cuvidor.¹⁰⁴

A publicidade do referido artigo no norte do Brasil, seria feita através da empresa Tancredo Porto & Cia., de Manaus.

Esta atitude do executivo paranaense revelou-se inovadora, pois até então a preocupação dos empresários e comerciantes, voltou-se exclusivamente para o mercado externo.

Não se possui dados a respeito do orçamento estatal de 1907-1908.

¹⁰² CHICHORRO Jr., Joaquim P. Pinto. Relatório apresentado ao exmo. sr. Cel. Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva, 22 vice-presidente do estado em 31 de dezembro de 1907, pelo secretário de finanças, comércio e indústrias, Joaquim P.P. Chichorro Jr. Curitiba, A Republica, 1908. 30 p. p. 33.

¹⁰³ BALLÃO, Jayme. Propaganda na Europa. In: CHICHORRO Jr., Joaquim P.P. Relatório apresentado ao exmo. sr. Dr. Francisco Xavier em 31 de dezembro de 1908, pelo secretário de finanças, comércio e indústrias, Joaquim P.P. Chichorro Jr. Curitiba, A Republica, 1909. 37 p. p. 41.

¹⁰⁴ CHICHORRO Jr., p. 40.

No que se refere ao exercício posterior, isto é, 1908-09 a arrecadação foi cerca de Rs. 8.926:939\$854, isto é, superou a receita orçada em Rs 490:517\$932.

Para a referida receita, as taxas sobre as exportações de erva-mate contribuíram com Rs. 1.631:000\$000, isto é com Rs. 16:221\$514 acima da previsão.

Como resultado da publicidade realizada nos anos anteriores, foram exportados para a Europa e para o norte do país cerca de 36.760 quilos, livres de tributos.¹⁰⁵ O decreto número quatrocentos e setenta e nove de quatro de agosto de 1908, havia isentado de impostos a erva-mate exportada para os novos mercados.

Infelizmente a publicidade sistemática da erva-mate nos mercados europeus foi abandonada pelo fato de haver caducado o contrato, firmado em 1907, entre o sr. Jayme Balião e o governo do estado do Paraná. Prosseguiu, entretanto, o envio de amostras do artigo para exposições internacionais nas capitais européias.

Outro problema referia-se ao fato de não se cobrar impostos de exportação de erva-mate para o estado de Santa Catarina, através da agência fiscal de Rio Negro.¹⁰⁶

A cobrança do referido imposto era contrária aos interesses do parque industrial de beneficiamento de erva-mate catarinense. Os empresários catarinenses armavam saltadores para atacarem as agências fiscais do Estado do Paraná, sob o pretexto de que se tratava de uma zona litigiosa entre os dois estados.

Desta forma, em setembro de 1909, mercenários a serviço dos industriais de São Bento e Joinville, invadiram a agência fiscal em Rio Negro e obrigaram os guardas do fisco a abandonar seus postos.¹⁰⁷

O executivo paranaense remeteu forças armadas ao local da invasão e solicitou a intervenção do governo da União. O executivo federal enviou igualmente reforços, a fim de impedir um choque bélico.

¹⁰⁵ CHICHORRO JR., Joaquim P. Pinto. Relatório apresentado ao ex-mo. sr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Presidente do estado do Paraná em 31 de dezembro de 1909, pelo secretário de finanças, comércio e indústrias Joaquim P. Chichorro Jr. Curitiba, A Republica, 1910. 62 p. p. 10.

¹⁰⁶ IBID., p. 14.

¹⁰⁷ IBID., p. 15.

Com a aproximação das forças federais, os bandoleiros abandonaram o território paranense e retornaram à Santa Catarina.

A partir desta data, a fronteira de Rio Negro passou a ser protegida pelas forças armadas da União a fim de garantir-se a arrecadação dos tributos sobre a exportação de erva-mate pelo estado do Paraná.

No que se refere ao exercício de 1910-11, a receita arrecadada atingiu a cifra de 5.706:189\$590, isto é, cerca de Rs. 1.484:499\$125 acima da previsão. Apenas a arrecadação sobre as taxas de exportação de erva-mate, contribuiu com o montante de Rs. 2.033:251\$856, isto é, com a quantia de 446:979\$593 acima da receita orçada.¹⁰⁸

O aumento das exportações de erva-mate nesta fase, deveu-se não só à estabilidade dos mercados de consumo e à Lei de Equiparação como também à melhor fiscalização nas agências encarregadas da cobrança de impostos.

Nesta época, já era significativa a exportação de madeiras, que então ocupava o segundo lugar entre as exportações paranaenses, com o valor de Rs. 1.729:813\$286.

Além deste artigo, um produto derivado da indústria extrativa da madeira - a fabricação de fósforos - ocupava o terceiro lugar na pauta de exportações paranaenses.

As exportações de gado suíno diminuíram consideravelmente, enquanto que as vendas de café sofreram um significativo incremento. De 210.000 exportados no exercício de 1908-09, passou para 509.470 quilos, no valor de Rs. 240:285\$000 em 1909-10.

Durante o exercício seguinte, isto é, 1910-11 a arrecadação atingiu a cifra de 7.784:149\$667, isto é, 1.236:074\$782, acima da previsão.¹⁰⁹

¹⁰⁸ CHICHORRO Jr., Joaquim P. Pinto. Relatório apresentado ao exmo. sr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Presidente do estado do Paraná em 31 de dezembro de 1910, pelo secretário de finanças, comércio e indústrias, Joaquim P.P. Chichorro Jr. Curitiba, A República, 1911. 61 p. p. 2.

¹⁰⁹ FRANCO, Arthur Martins. Relatório apresentado ao exmo. Sr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, Presidente do estado do Paraná em 31 de dezembro de 1911 pelo Secretário d'estado dos negócios da fazenda, engenheiro civil Arthur Martins Franco no exercício financeiro de 1911-12. Curitiba, A República, 1912. 46 p. p. 3.

As taxas sobre a comercialização de erva-mate contri-
buíram com o montante de Rs. 2.072:950\$168 isto é, com Rs. . . .
242:377\$770, acima da receita orçada.

Este imposto concorreu com cerca de trinta por cento
para a arrecadação ordinária do estado.¹¹⁰

O aumento da comercialização de matéria-prima - erva-
mate cancheada - facilitado pela criação do ramal sul da ferrovia São
Paulo - Rio Grande e proporcionou por sua vez, enorme impulso à indús-
tria de beneficiamento de erva-mate paranaense.¹¹¹

Houve queda das exportações de matéria-prima para San-
ta Catarina, através de Batêas e Rio Negro. Este fato demonstrou que
grande parte da matéria-prima exportada para Santa Catarina passou a
ser consumida pelo parque moageiro paranaense, com grande proveito
para a principal indústria deste Estado.

QUADRO Nº 42

Arrecadação pela agência fiscal de Batêas.

Ano	Volume em Kg.	Valor Rs.\$
1907-08	-	-
1908-09	-	-
1909-10	1.073.752	50:011\$690
1910-11	941.577	-

Arrecadação pela agência de Rio Negro

1907-08	-	-
1908-09	-	-
1909-10	1.236.953	59:650\$455
1910-11	918.422	-

FONTE: CHICHORRO Jr., p. 17.

¹¹⁰ IBID., p. 7.

¹¹¹ CHICHORRO Jr., Joaquim P. Pinto. Relatório apresentado ao ex-
mo. sr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Presidente do estado
do Paraná em 31 de dezembro de 1909, pelo secretário de Fi-
nanças, comércio e indústrias Joaquim P. Chichorro Jr. Ju-
ritiba, A República, 1910. 32 p. p. 16.

Outras medidas que contribuíram para a prosperidade da indústria de beneficiamento de erva-mate paranaense foi a repressão do contrabando na zona do rio do Peixe.¹¹²

No que se refere a outros artigos de exportação do estado do Paraná, a extração da madeira continuou a desenvolver-se, embora prejudicada pela deficiência de carros adequados na estrada de ferro e pelos altos custos dos meios de transporte. As exportações de madeira atingiram a cifra de 2.532:685\$220 no exercício de 1910-11, contra 1.729:813\$286 no exercício anterior.

A exportação de fósforos também sofreu considerável acréscimo: cerca de 20.367 latas em 1910-11, contra 11.450, no exercício anterior, no valor de 1.210:875\$000 e 489.226\$0000 respectivamente.

O café ocupava na época, o quarto lugar na pauta das exportações paranaenses. As exportações de café durante o referido exercício atingiram a cifra de 306:414\$000 enquanto que o valor do primeiro artigo na pauta das exportações era cerca de Rs. 22.613:875\$500.

Quanto ao volume de café comercializado, o Paraná produziu cerca de 510.690 quilogramas durante o exercício de 1910-11, contra 509.470 no ano anterior.

Os animais suínos - carne e banha de porcos - representaram cerca de 4.923 cabeças no valor oficial de 293:380\$000.¹¹³

Durante o exercício posterior, isto é, 1911-12, a arrecadação atingiu a significativa quantia de Rs. 7.734.149\$837, isto é, cerca de 1.236:074\$752 acima da receita orçada.

As taxas sobre exportação de erva-mate contribuíram com Rs. 2.072:950\$163, isto é 242:577\$770 réis além da previsão.¹¹⁴

As exportações de madeira representaram cerca de 1.100:091\$096 réis, ocupando o terceiro lugar na pauta das exportações paranaenses.

A indústria de fósforos viu-se elevada ao segundo lugar na pauta das exportações com 36.145 latas no valor de 1.489.968\$000.

A exportação de animais suínos e café ocuparam, respectivamente, os quarto e quinto lugar na pauta das exportações, com 7.202 cabeças no valor de 381:509\$000 e 426.750 quilos, no valor de 272:914\$000.¹¹⁵

¹¹² IBID., p. 17.

¹¹³ IBID., p. 19

¹¹⁴ FRANCO, p. 5.

¹¹⁵ IBID., p. 6.

No que se refere ao exercício de 1912-13, a arrecadação atingiu a quantia de Rs. 3.689:833\$003, ultrapassando a previsão no montante de 931:785\$206.¹¹⁶

A partir de 1913 a principal indústria do estado do Paraná passou a sofrer os efeitos da crise mundial de 1913, "que tinha como principal causa a retração do meio circulante."¹¹⁷ No referido exercício de 1912-13, a Argentina continuou absorvendo a maior parte das exportações de erva-mate oriunda do Atlântico.

QUADRO Nº 43

Exportação de erva-mate do Paraná
segundo o destino. (em Kg.)

Ano	Uruguai	Argentina	Chile	Total
1912	12.925.000	31.256.215	775.768	44.936.983
1913	9.417.044	31.091.631	409.557	40.918.232

FONTE: MARTINS, Romário. p. 251.

Além da erva-mate e da madeira, outros artigos conseguiram expressão na conjuntura econômica paranaense em 1913: o café, os cereais, tais como o centeio, o trigo e o arroz e matérias-primas para a indústria têxtil, como o linho e o algodão.¹¹⁸

¹¹⁶FRANCO, Arthur Martins. Relatório apresentado ao exmo. sr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, Presidente do estado do Paraná pelo secretário d'estado dos negócios da fazenda em 31 de dezembro de 1913. Exercício financeiro de 1912-1913. Curitiba, Econômica, 1914. 35 p.

¹¹⁷OLIVEIRA, Ernesto Luiz de. Relatório apresentado ao Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, presidente do estado do Paraná pelo Dr. Ernesto Luiz de Oliveira, Secretário de estado dos negócios da agricultura, comércio e indústria do Paraná. Curitiba, s.ed., 1913. 46 p. p. 15-20.

¹¹⁸ALBUQUERQUE, Carlos Cavalcanti de. Mensagem enviada ao Congresso legislativo do estado pelo Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, Presidente do estado do Paraná ao instalar-se a 2ª sessão da 11ª legislatura em 19 de fevereiro de 1913. Curitiba, Diário Oficial, 1913. 30 p. p. 25.

Durante o exercício de 1913-14, a receita arrecadada atingiu o montante de 9.391:237\$350, ou seja, 475:207\$057 além das expectativas. Para esta receita, os tributos sobre a comercialização da erva-mate contribuíram com 2.014:251\$365, isto é, 508:752\$425 réis abaixo da previsão.¹¹⁹

Este fato advém da queda dos volumes e valores de erva-mate exportados, graças à recessão de 1913.

Malgrado a depressão, a erva-mate continuou a ocupar o primeiro lugar na pauta das exportações do estado do Paraná, com 44.758.923 quilogramas no valor de Rs. 22.579:462\$500.

O segundo lugar ainda era ocupado pelas exportações de madeira, cujo valor oficial no referido exercício foi cerca de Rs. 1.949:619\$937.

A fabricação de fósforos cedeu lugar para a exportação de cabos de vassoura, no valor de Rs. 54.248\$000.

Em 1914, novas dificuldades são impostas ao comércio internacional devido à eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Em virtude da Depressão de 1913 e do conflito bélico, agravou-se o declínio das exportações de produtos primários, tais como o café, a borracha e a erva-mate.¹²⁰

A praça de Curitiba atravessava um período de desânimo e quase completa paralização dos negócios devido à redução do meio circulante.

¹¹⁹ FRANCO, Arthur Martins. Relatório apresentado ao exmo. sr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque presidente do estado do Paraná, pelo secretario d'estado dos negocios da fazenda, engenheiro civil Arthur Martins Franco em 31 de dezembro de 1914, exercício financeiro de 1913-14. Curitiba, Paranaense, 1915. 103 p.

¹²⁰ ALBUQUERQUE, Carlos Cavalcanti de. Mensagem dirigida ao Congresso legislativo do Paraná pelo exmo. sr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, presidente do estado ao instalar-se a sessão extraordinária da 122 legislatura em 5 de junho de 1914. Curitiba, Penitenciária, 1914. 9 p. p. 4.

Ressaltou o Presidente da Associação Comercial o industrial José Ribeiro de Macedo,¹²¹ a necessidade da criação de um estabelecimento de crédito destinado a amparar o comércio e a indústria durante a recessão.

O referido estabelecimento bancário deveria operar com duas carteiras: a comercial, referente aos negócios ordinários e outra destinada ao crédito agrícola, móvel e pignoratício.

A tentativa de fundação de um novo estabelecimento de crédito por parte do executivo paranaense fracassou, devido ao advento da guerra de 1914-18.¹²²

A indústria da madeira atravessou igualmente considerável crise "chegando a ter quase repentinamente fechados os seus habituais mercados de consumo."¹²³

Durante o exercício de 1915-16, o orçamento do estado era cerca de 6.814:721\$405 para a receita ordinária. O estado arrecadou durante este exercício cerca de 1.037:045\$485 a mais do que a previsão, o que indicava uma recuperação da crise econômica de 1913.

Os tributos que recaíram sobre a exportação da erva-mate contribuíram com a cifra de 2.632:263\$460, ou seja 616:011\$595, a mais do que a receita orçada.

Ocorreu igualmente um incremento das exportações em geral.

¹²¹ MACEDO, José Ribeiro de. Offício dirigido ao exmo. sr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, M.D. Presidente do estado do Paraná, pelo Sr. José Ribeiro de Macedo, Presidente da Associação Comercial a 7 de maio de 1914. In: ALBUQUERQUE, Carlos Cavalcanti de. Mensagem dirigida ao Congresso legislativo ao instalar-se a sessão extraordinária da 12. legislatura em 5 de junho de 1914. Curitiba, Penitenciária, 1914. 9 p. p. 7.

¹²² ALBUQUERQUE, Carlos Cavalcanti de. Mensagem dirigida ao Congresso legislativo do estado do Paraná pelo exmo. sr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque presidente do estado ao instalar-se a 22 sessão da 12a legislatura em 12 de fevereiro de 1915. Curitiba, A Republica, 1915. 47 p. p. 56.

¹²³ IBID., p. 59.

As exportações de erva-mate atingiram cerca de kg. 57:097.575, no valor de Rs. 28.548:687\$500.¹²⁴

As vendas da madeira para fora do estado também apresentaram um acréscimo com relação aos exercícios anteriores atingindo o valor de Rs. 6.854:500\$100. São os primeiros sintomas de recuperação da depressão de 1913. Iniciava-se nova fase a do ciclo de Junglar, para a qual contribuiu também o melhoramento realizado anteriormente nos portos de Antonina e Paranaguá.

¹²⁴ ROCHA, Caetano Munhoz da. Relatório apresentado ao sr. Affonso Alves de Camargo, Presidente do estado, pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Secretario d'estado dos negocios da fazenda agricultura e obras publicas, em 31 de dezembro de 1916, e exercicio de 1915-16. Curitiba, Typ. d'A Republica, 1917. 179 p. Quadro da exportação geral do estado.

CAPÍTULO 7

7.1. A economia ervateira do Brasil durante a década de 1916 - 1926.

A economia ervateira do Atlântico atravessava uma fase de prosperidade quando o governo argentino, atendendo às solicitações de órgãos diplomáticos brasileiros, resolveu estabelecer tarifas diferenciais para a matéria-prima e para a erva-mate beneficiada.¹²⁵

Para a cancheada, a taxa de importação era um e setenta pesos ouro por cem quilogramas e para a erva-mate industrializada cerca de quatro e vinte e quatro pesos ouro. Estas medidas tinham um caráter nitidamente protecionista e visavam favorecer a indústria argentina de beneficiamento de erva-mate.

A lei do governo do Estado do Paraná nº 1705, de vinte e oito de março de 1917, estabelecia a tarifa de quarenta e cinco réis por cada quilo de erva-mate beneficiada exportado e oitenta réis para cada quilograma de matéria-prima saído do país.¹²⁶

Estas tarifas foram adotadas igualmente pelo Estado de Santa Catarina.

Esta medida, aliada à alta da taxa cambial no ano de 1917, provocou uma retração das importações por parte dos mercados de consumo e queda de preços.

A partir de 1919, delineava-se nova crise na economia ervateira, graças à escassez de divisas por parte dos mercados tradicionais.

¹²⁵ ARANHA, p. 127.

¹²⁶ MARTINS, Romário, p. 290.

A crise afetou igualmente outros produtos primários como o café, o açúcar, o fumo e a borracha.

A depressão européia de 1920, agravaria ainda mais a paralização do comércio exterior de erva-mate e produtos primários em geral.

Com o objetivo de fomentar as vendas da principal riqueza do estado, através da melhoria da qualidade do produto, o govêrno estadual do Paraná decretou leis neste sentido.

Entre elas a lei nº 1966, de vinte e seis de março de 1920, que visava proibir o corte de congonha e ervas nocivas e a lei 2023, de doze de março de 1921, que tornou obrigatória a análise química da erva-mate destinada à exportação. Mais tarde, a lei 2046, de vinte e seis de março de 1921, ao reduzir as tarifas sobre a exportação de erva-mate permitiu a expansão da procura e a alta de preços.¹²⁷

O incremento da demanda, fora favorecido também pela introdução do produto nos Estados Unidos e pela sua superior qualidade.

QUADRO Nº 4.4

Quantidade Total de Erva-Mate Exportada

e Valores Totais Exportados

(Base: 1908 a 1912 = 100)

Anos	Quant. em t	Índice	Valor to- tal con- tos réis	Índice	Valor to- tal 1000 £ ouro	Índice
1915	76 352	128,56	55 963	128,61	1 832	99,54
1916	76 776	129,03	33 076	132,97	1 835	100,77
1917	65 431	110,00	55 971	113,63	1 818	97,19
1918	72 781	122,33	39 750	133,31	2 151	114,59
1919	90 200	151,64	52 512	133,38	2 829	151,25
1920	90 686	152,46	50 559	176,56	2 376	127,02
1921	71 899	120,83	43 436	151,03	1 153	61,64
1922	82 356	138,44	53 579	187,13	1 409	75,32

FONTE: ARANHA, p. 126.

¹²⁷ IBID., p. 135.

QUADRO Nº 45

Estimativa da Produção Total
e Consumo de Erva-mate.

Anos	Produção em t	Consumo interno aparente em t
1915	100 978	24 446
1916	101 344	24 568
1917	86 369	20 938
1918	96 071	23 290
1919	119 064	28 364
1920	119 706	29 020
1921	94 907	23 008
1922	108 698	26 351

FONTE: ARANHA, p. 129.

Iniciava-se, a partir de 1921 nova fase a de Juglar que se estendeu até 1926.

QUADRO Nº 46

Valor Médio por Tonelada
de Erva-Mate Exportada
(Base: 1908 a 1912 = 100)

Anos	Mil réis por t	Índice	Libra ouro por t	Índice
1922	651	155,29	17,1	54,46
1923	629	150,71	18,1	41,72
1924	1 117	252,13	26,1	79,94
1925	1 547	321,49	33,0	105,09
1926	1 283	250,23	35,9	114,33

FONTE: ARANHA, p. 136.

Através do quadro número quarenta e seis, observou-se a constante elevação dos valores médios da tonelada de erva-mate exportada, salvo no ano de 1923.

Durante o referido período a Lei nº 2.219, de nove de abril de 1923, ao elevar as tarifas de exportação, desestimulou a demanda.

Em 1924, a eclosão de uma rebelião tenentista em São Paulo, impediu a exportação da erva procedente de Mato Grosso. A retração da oferta, por outro lado, provocou a elevação dos preços do produto.

Também a redução dos impostos de exportação, graças à lei nº 2.340 de três de maio de 1925, provocou uma expansão da procura.

O consumo interno, também sofreu considerável incremento, salvo no ano de 1923, devido à ocorrência de conflitos políticos entre o Partido Republicano e a Aliança Libertadora no Rio Grande do Sul.¹²⁸

O conflito armado entre a oposição e o representante eleito do governo, Borges de Medeiros, reduziu o consumo de erva-mate pelos gaúchos.¹²⁹

Durante mais de um século - de 1820 a 1926 - a livre iniciativa permitiu a supremacia da lei da oferta e da procura.

As crises de super produção sucederam períodos de prosperidade: eram os ciclos clássicos de Juglar, ocorrendo com intervalos de um sescênio a um decênio.¹³⁰

Observou-se que, em plena era industrial, as crises atingem, a grosso modo, a economia mundial.

As depressões ocorridas nas nações industrializadas coincidem com a queda das exportações de matérias-primas e produtos primários nos países do Terceiro Mundo. Desta forma, as depressões da economia erva-teira no Brasil foram em parte, resultados de crises econômicas mundiais que atingiram os mercados de consumo.

¹²⁸ CARONE, Edgard. Revoluções do Brasil contemporâneo; 1922-1938. São Paulo, Ed. São Paulo, 1965. 175 p. p. 47.

¹²⁹ ARANHA, p. 141.

¹³⁰ GERARD, Claud & LESOURD, Jean Alain. História econômica; séculos XIX e XX. Trad. de Angelina Vasques Martins. Lisboa, Liv. Clássica, s.c. 583 p. p. 181-186.

Houve igualmente solidariedade entre os fenômenos sociais, políticos e econômicos. Muitas vezes, os fenômenos políticos e sociais interferiram na conjuntura econômica, gerando depressões ou períodos de bem-estar.

QUADRO Nº 47

Estimativa da Produção Total
e Consumo de Erva-mate

Anos	Consumo interno aparente em t	Produção em t
1922	26 351	108 698
1923	28 047	115 695
1924	25 200	103 950
1925	27 732	114 517
1926	29 650	122 307

FONTE: ARANHA, p. 141.

QUADRO Nº 48

Quantidade Total de Erva-mate Exportada
e dos Valores Totais Exportados
(Base: 1903 a 1912 = 100)

Anos	Quant. em t	Índice	Valor total contos réis	Índice	Valor total 1000 £ ouro	Índice
1922	82 346	138,44	53 379	137,10	1 400	75,32
1923	87 648	147,35	55 118	192,48	1 146	61,26
1924	78 648	132,39	87 952	307,14	1 975	103,38
1925	86 755	145,85	107 518	375,47	2 834	155,11
1926	92 657	153,77	114 220	393,87	3 323	177,64

FONTE: ARANHA, p. 126.

7.2. A conjuntura econômica do Estado do Paraná
durante uma década:
1916 - 1926.

Malgrado a fase de prosperidade que a economia erva-teira atravessava após 1915, a indústria paranaense de beneficiamento de erva-mate encontrava séria dificuldade no que se refere à venda de seus produtos para a Argentina e para o Uruguai.¹³¹

A origem do problema se achava na concorrência dos molinos argentinos e uruguaios, amparados pelos poderes públicos de seus respectivos países.

Os governos argentino e uruguaio procuraram criar obstáculos à entrada de erva-mate beneficiada do Atlântico e facilitar o ingresso de matéria-prima.

A erva-mate beneficiada no Brasil dificilmente poderia concorrer com a erva produzida nos molinos, graças à diferença de preços.

Esta diferença foi motivada pela enorme desigualdade nos impostos de importação para as ervas cancheada e beneficiada, ou seja, "dois e meio centavos por quilograma ou R\$ cento e vinte e cinco réis, por arroba."¹³²

¹³¹ ALBUQUERQUE, Carlos Cavalcanti de. Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo do estado pelo Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, presidente do estado do Paraná, ao instalar-se a 1ª sessão da 13ª legislatura em 19 de fevereiro de 1916. Curitiba, Typ. do Diário Oficial, 1916. 59 p. p. 31.

¹³² IBID., p. 52.

Após ter utilizado os canais diplomáticos para sustar a medida tão prejudicial à indústria de beneficiamento de erva-mate no Paraná, o executivo paranaense fez cumprir a Lei nº 1573, de vinte e dois de maio de 1916, em virtude da qual o governo estava autorizado a convencionar com o estado vizinho a criação do imposto ouro para as exportações de erva cancheada.¹³⁴

Durante o exercício de 1916-17, foram exportados 44.202.499 quilogramas de erva-mate, de que 25.955.901 kg. de ilex beneficiado e 18.248.598 quilos de matéria-prima.¹³⁵ As crescentes exportações de erva cancheada conduziriam, sem dúvidas, à desnacionalização do parque industrial de beneficiamento de erva-mate.

A Argentina continuava sendo na época o principal mercado de consumo, sobretudo para a erva-mate cancheada.

Em 1916-17, o Paraná exportou erva para os seguintes destinos:

QUADRO Nº 49

EXPORTAÇÕES PARANAENSES SEGUNDO OS DESTINOS.

Destinos	Volume em kg.
Argentina	28.980.796
Uruguai	9.411.153
Chile	1.079.007
Europa	34.200
Estados Unidos	7.659
Norte do Brasil	451.597
Sul do Brasil	4.218.482

FONTE: CAMARGO, p. 117.

¹³⁴ ROCHA, Caetano Munhoz da. Relatório apresentado ao Dr. Affonso Alves de Camargo, presidente do estado pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Secretario d'estado dos negocios da fazenda, agricultura e obras publicas, em 31 de Setembro de 1918; exercício de 1917-18. Curitiba, Typ. d'A Republica, 1918. 250 p. em 2v. p. 117.

¹³⁵ CAMARGO, Affonso Alves de. Mensagem dirigida ao Congresso legislativo do estado do Paraná pelo Dr. Affonso Alves de Camargo, presidente do estado do Paraná ao instalar-se a 13ª legislatura em 19 de fevereiro de 1917. Curitiba, A Republica, 1917. 26 p. p. 6.

A erva-mate sobrevivia ainda como o principal artigo de exportação do estado do Paraná.

O valor oficial das exportações paranaenses durante o referido exercício atingiu a elevada cifra de Rs. 31.220:794\$847, de que 18.451:520\$900 advém das vendas de erva-mate. Em segundo lugar, achava-se o comércio de madeiras com 4.455:880\$807; em terceiro lugar o café com 2.442:180\$700 e finalmente as exportações de fósforos e gado ocupando respectivamente os quarto e quinto lugares.

No que se refere ao setor secundário achavam-se em pleno desenvolvimento, além da fabricação de fósforos, as indústrias de tecidos de algodão, fundições, cerveja, carnes salgadas, palhões e água mineral. Iniciou-se a fabricação de pianos, com a firma Essensfelder e de vidros cuja produção apresentara notável incremento.¹³⁵

Por outro lado, a receita arrecadada pelo estado do Paraná, durante o exercício de 1916-17, elevou-se a 6.912:070\$209, "montando em 7.386:450\$794 a receita orçada, verificou-se uma diferença de 474.580:585 réis para menos na arrecadação efetuada."

Para esta cifra, as exportações de erva-mate contribuíram com cerca de 2.573.638\$992, sendo 1.112:536\$863 relativos à exportação de beneficiada e 1.461:102\$129 relativos as taxas sobre as saídas de cancheada.¹³⁶

No exercício anterior, isto é, de 1915-16, as vendas de erva-mate atingiram a cifra de 2.652.263\$460 réis, havendo uma diferença para menos de 58:624\$468. A diferença de arrecadação advém da paralização das exportações, nos primeiros meses do exercício de 1916-17, graças à deficiência do transporte marítimo.¹³⁷

¹³⁵ ALBUQUERQUE, p. 54.

¹³⁶ ROCHA, Caetano Munhoz da. Relatório apresentado ao exmo. sr. Dr: Affonso Alves de Camargo, presidente do estado pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, secretario d'estado dos negócios da fazenda, agricultura e obras publicas, em 31 de dezembro de 1917.
Em 2v. 594 p. p. 13.

¹³⁷ IBID., p. 4.

Prosseguia, entretanto, o comércio clandestino de erva-mate para o estado de Santa Catarina, através de União da Vitória e Rio Negro. Desta forma, com o objetivo de coibir o contrabando nos rios Iguaçu e Negro, a Secretaria da Fazenda criou postos fiscais subordinados às coletorias de São Mateus, Barra Feia, União da Vitória e Rio Negro. Os vapores do Lloyd Paranaense igualmente sofriam a inspeção por parte dos guardas do fisco.¹³⁸

Também nos primeiros meses do exercício seguinte, ou seja 1917-18, declinou a arrecadação do estado, bem como as exportações dos principais produtos do Paraná.

Esta oscilação para menos foi atribuída às condições inadequadas dos meios de transporte.

A navegação marítima era feita pelo Lloyd Brasileiro e pela Cia. Costeira, que semanalmente enviavam dois navios aos portos do sul, com escala em Antonina e Paranaguá,¹³⁹ e duas vezes por mês, em Guaratuba.

A navegação fluvial era pouco explorada e era realizada no rio Paraná [desde Porto Mendes até Posadas, na Argentina], pelos vapores das seguintes firmas estrangeiras: Casa Mola, Domingos Barthe, Nuñez & Gibaja e pela firma de beneficiamento de mate argentino-brasileira Lorangeira Mendes & Comp. Cada um destes vapores realizava três viagens mensais.

Os serviços dos vapores destas firmas era tão deficiente que chegou a causar óbices consideráveis para a exportação de madeira e erva-mate.¹⁴⁰

O rio Iguaçu era navegável desde Porto Amazonas até Porto Almeida; o rio Negro, da cidade de Rio Negro até a sua foz; o rio Canoíñas, desde o salto até a sua foz; o rio Pitinga, até Mineiros, e o rio Timbó, até Absalão.

A navegação dos referidos rios era feita pela S.A. Lloyd Paranaense, cujo proprietário, o sr. Nicolau Mader, utilizava dez vapores, doze lanchas para reboque e uma lancha a gasolina.¹⁴¹

¹³⁸ IBID., p. 118.

¹³⁹ IBID., p. 138.

¹⁴⁰ CAMARGO, Affonso Alves de. Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo do estado pelo Dr. Affonso Alves de Camargo, Presidente do estado do Paraná, ao instalar-se a 24 sessão da 143 legislatura em 19 de fevereiro de 1919. Curitiba, A Republica, 1919. 40 p. p. 34.

¹⁴¹ CAMARGO, Affonso Alves de. Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo do estado do Paraná ao instalar-se a 19 sessão da 143 legislatura em 19 de fevereiro de 1918. Curitiba, A Republica, 1918. 36 p. p. 30.

O sistema portuário também apresentava deficiências. A barra de Paranaguá, por exemplo, não proporcionava acesso aos vapores de maior calado.

No que se refere às vias férreas, além da São Paulo - Rio Grande, o Paraná era servido pela Estrada de Ferro do Paraná e pela Estrada de Ferro Norte-Paraná.

A segunda ligava Curitiba aos portos de Antonina e Paranaguá e as cidades de Morretes e Ponta Grossa; Serrinha a Rio Negro e Restinga Seca a Porto Amazonas.

A última ligava a capital a Rio Branco e ao norte do estado.

A São Paulo - Rio Grande, por sua vez, ligava Itararé a União da Vitória; Variante Serrinha a Porto Amazonas e Jaguaraíva à Ourinhos.

No que se refere à ferrovia Norte Paraná, inaugurou-se, em junho de 1918, "um ramal férreo ligando a navegação do Alto ao Baixo Paraná, construído pela firma Laranjeira, Mendes & Comp. com a finalidade de transportar a erva-mate em trânsito do estado de Mato Grosso para a República Argentina."¹⁴²

Embora a rede ferroviária apresentasse inúmeras deficiências, o Paraná possuía a maior rede rodoviária do Brasil.

O executivo estadual sustentava um serviço permanente de conservação nas seguintes rodovias: Graciosa, Curitiba ao Portão, Curitiba a Ponta Grossa, Barreirinha a Tamandaré, Serro Azul, São José dos Pinhais, Arcia Branca, Agudos, Iapa, Colombo, Bacaiúva, Campina Grande, Deodoro, Tijucas, Castelhanos, ramal de Morretes, Colônia Pereira, Guarapuava, União da Vitória a Clevelândia, Palmeira a São João do Triunfo, Castro a Tibagi, Tomazina a São José da Boa Vista, Barbosas e Santo Antonio da Platina a Porto União, ou seja, cerca de 1.454 kms.

Além das mencionadas rodovias, foram concluídas as estradas de Rio Negro a Augusta Vitória, Linha Moema no Vale do Itajaí e Linha Iracema a Invernada das Pombas, em solo catarinense, de Paranaguá a Alexandra; cerca de 2.180 metros da estrada de Rio Branco a Assungui, cerca de dez kms. entre Roxo Roiz e Marumbi; de Mato de Dentro a Agudos, de Jacarésinho a Porto União; de São João do Triunfo a Quebra Queixo e de União da Vitória a Palmas, ligando esta última cidade à estrada geral.

¹⁴² IBID., p. 27.

¹⁴³ IBID., p. 28.

Novas estradas encontravam-se em construção tais como: estrada de Reserva a Tibagi, de Palmas a Mangueirinha, de Colônia Pereira a Guaratuba e de Marechal Mallet a Foz do Iguaçu.

Apesar do sistema de transporte deficitário, durante o exercício de 1917-19, o valor oficial das exportações paranaenses atingiu a cifra de 34.556:254\$944 réis, de que a erva-mate contribuiu com 18.585:189\$000.

No que se refere aos outros produtos exportados, a madeira ocupava o segundo lugar com 3.662.943 peças no valor de 5.512:747\$344 réis e a cafeicultura o terceiro lugar com 4.073.400 quilos no valor de 2.851:380\$000. Os quarto e quinto lugares foram ocupados respectivamente pela fabricação de fósforos, cujas exportações atingiram o valor de 1.785:320\$000 e banha, no valor de 1.015:813\$000.¹⁴⁴

¹⁴⁴ ROCHA, Caetano Munhoz da. Relatório apresentado ao exmo. sr. Dr. Affonso Alves de Camargo, presidente do estado pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Secretario d'estado dos negocios da fazenda, agricultura e obras publicas, em 31 de dezembro de 1918. Curitiba, A Republica, 1918. 238 p. p. 123.

EXPORTAÇÕES PARANAENSES DE ERVA MATE NO EXERCÍCIO DE 1916-17 - em Kg.

Argentina		Uruguai		Chile	E.U.A.	EUROPA	Sul do Brasil		RIO	Norte do Brasil
Benef.	Canch.	Benef.	Canch.	Benef.	Benef.	Benef.	Benef.	Canch.	Benef.	Benef.
14.761.551	14.223.446	8.767.155	674.003	1.079.007	7.659	34.200	872.532	3.543.130	330.007	51.590

EXPORTAÇÕES PARANAENSES DE ERVA MATE NO EXERCÍCIO DE 1917-18 - em Kg.

16.850.653	9.598.665	8.347.852	379.067	1.116.598	8.780	24.004	939.074	4.626.307	301.135	26.415
------------	-----------	-----------	---------	-----------	-------	--------	---------	-----------	---------	--------

FONTE: ROCHA, Caetano Munhoz da. Relatório apresentado ao exmo. sr. Dr. Affonso Alves de Camargo, presidente do estado pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, secretário d'estado dos negocios da fazenda, agricultura e obras publicas, em 31 de dezembro de 1917. Curitiba, 1918. 394 p. p. 121.

ROCHA, Caetano Munhoz da. Relatório apresentado ao exmo. sr. Dr. Affonso Alves de Camargo, presidente do estado pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, secretário d'estado dos negocios da fazenda, agricultura e obras publicas, em 31 de dezembro de 1916. Curitiba, Typ. A Republica, 1918. 258 p. p. 125.

Apesar das inúmeras dificuldades no que se refere aos meios de transporte, o valor das exportações durante o exercício de 1917-18 superou o valor do exercício anterior.

Comparando-se, por sua vez, as exportações de erva-mate ocorridas durante o exercício de 1916-17, com aquelas do exercício seguinte observou-se uma redução das exportações de matéria-prima para o Rio da Prata, graças às leis nºs 1575, de vinte e dois de maio de 1916 e 1705, de vinte e oito de março de 1917, que estabeleceram diferenças nas taxas de exportação sobre as ervas cancheada e beneficiada. [Quadro nº 50]

No que se refere ao mercado interno, pelo contrário, verificou-se um acréscimo das vendas de matéria-prima para o Brasil Meridional.

Esta ocorrência pode ser explicada pela existência de um comércio clandestino nas fronteiras do Paraná com o estado vizinho. [Quadro nº 50]

Durante o exercício seguinte, isto é, 1918-19, o valor dos produtos exportados atingiu a significativa quantia de 41.465:443\$744 réis, "sendo 20.872:261\$350 proveniente da erva-mate, 10.049:864\$345 relativos à madeira e 10.543:317\$960 referente a outros artigos."¹⁴⁵

Prosseguiram por outro lado, as inadequadas condições do sistema ferroviário do estado. Inaugurou-se um novo trecho do Ramal do Paranapanema entre Wenceslau Braz e Colônia Mineira. O mencionado ramal fazia parte da E.F. São Paulo - Rio Grande.

O sistema rodoviário porém viu-se acrescido com o término da construção das seguintes estradas: de Palmas a Mangueirinha, de Palmito a Tibagi, estabelecendo comunicação entre esta última e Ponta Grossa; de Rio Branco a Colombo, a Linha Alfredo Pinto, na Colônia Affonso Penna e a do Lageado, próximo ao Rio Negro.¹⁴⁶

Muitas outras rodovias se encontravam em construção.

A de maior importância econômica era aquela que ligaria o mar ao rio Paraná, com cerca de 332 kms., comunicando o Brasil com a Argentina e o Paraguai.

A navegação marítima e fluvial continuava a sofrer os problemas já mencionados.

¹⁴⁵ CAMARGO, Affonso Alves de. Mensagem dirigida ao congresso legislativo do estado pelo Dr. Affonso Alves de Camargo, Presidente do estado do Paraná, ao instalar-se a 1ª sessão da 15ª legislatura em 12 de fevereiro de 1920. Curitiba, Typ. d'A Republica, 1920. 68 p. p. 50-51.

¹⁴⁶ IBID., p. 55-56.

Visando reduzir a crise no transporte de madeira e erva-mate, o governo estadual contratou com o Sr. Wenceslau Glaser os serviços de melhoramento da navegação do rio Ivahy, sendo o pagamento efetuado em terras devolutas, de acôrdo com a lei nº 1702, de vinte e nove de março de 1917.¹⁴⁷

No que se refere ao exercício de 1919-20, a exportação atingiu o montante de 63.835:088\$100, de que 40.876:000\$200, advém do comércio de erva-mate.¹⁴⁸

Desta última cifra, 25.009:777\$600 eram relativos às vendas de erva-mate beneficiada e 15.186:222\$000 às vendas de cancheada.

Os demais artigos contribuíram com as seguintes cifras: madeira, com 11.991:500\$000; gado, com 5.450:400\$000, café com 609:887\$900.

Deve-se observar que as exportações de erva-mate duplicaram, se comparadas com as vendas do exercício anterior. As exportações de madeira, por outro lado, sofreram igualmente um acentuado aumento, durante os exercícios de 1918-1919 e 1919-20 passando de 5.512:747\$344 réis para 11.991:500\$000.

Este considerável incremento do comércio de erva-mate ocorreu graças às medidas que visavam o aprimoramento da qualidade da matéria-prima e do produto industrializado.

Entre estas medidas a mais eficaz foi, sem dúvidas, o decreto nº 1201, de dezessete de novembro de 1920, que regulamentou a época do corte da erva-mate entre maio e outubro de cada ano. Aos infratores seria aplicada uma multa que oscilava em torno de um a vinte contos de réis, além da apreensão do mate extraído.¹⁴⁹

Tornou-se igualmente obrigatória a análise da erva na Faculdade de Medicina e na Escola Agrônômica, pela lei nº 1936, de vinte e seis de março de 1920.

No que se refere à indústria extrativa da madeira, a lei nº 1906 de cinco de abril de 1920, regulamentou o período do corte e estabeleceu o replantio obrigatório.

¹⁴⁷ IBID., p. 63-64.

¹⁴⁸ ROCHA, Caetano Munhoz da. Mensagem dirigida ao Congresso legislativo pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, presidente do estado ao instalar-se a 28 sessão da 153 legislatura. Curitiba, s. ed., 1921. 103 p. p. 45.

¹⁴⁹ IBID., p. 45.

Durante o exercício de 1920-21, a exportação geral do estado atingiu a cifra de 66.709:998\$800 réis, de que 41.020:384\$800 advém do comércio de *ilex paraguariensis*. Os valores das vendas de beneficiada e matéria-prima atingiram respectivamente 23.730:548\$000 e 15.290:036\$800 réis.¹⁵⁰

Outros artigos que ocuparam os primeiros lugares na relação das exportações paranaenses foram a madeira, cujas vendas atingiram a cifra de 12.352:515\$700; a criação de gado com 3.653:600\$000 e o café com 3.462:627\$000.

Observou-se considerável aumento do valor do comércio de café, durante o exercício de 1920-21, pois no exercício anterior fortes geadas, ocorridas no inverno de 1918, prejudicaram a cafeicultura de Jacarézinho e Ribeirão Claro.¹⁵¹

¹⁵⁰ ROCHA, Caetano Munhoz da. Mensagem dirigida ao Congresso legislativo pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, presidente do estado, ao instalar-se a 14 sessão da 16ª legislatura. Curitiba, s. ed., 1922. 103 p. p. 42.

¹⁵¹ IBID., p. 43.

Exportação de Erva-mate Paranaense
(1916-17 a 1925-26)
em toneladas

Anos	Volume	Valor em NC\$
1916-17	44.202	18.452
1917-18	42.189	18.585
1918-19	39.536	20.872
1919-20	42.957	40.876
1920-21	44.845	41.021
1921-22	46.781	44.580
1922-23	51.140	56.185
1923-24	59.502	67.090
1924-25	54.500	60.247
1925-26	50.500	70.442

FONTE: MUNHOZ, Alcides.,

FONTE: MUNHOZ, Alcides, p. 140.

MUNHOZ, Alcides. Anuário estatístico do relatório da Secretaria Geral do estado do Parana apresentado a S.E. sr. Dr. Caetano Munhoz da Rocha, presidente do estado por Alcides Munhoz, Secretario Geral d'estado referente aos serviços do exercício financeiro de 1923-24. Curitiba, Artes Graficas, 31 dez. 1924. 256 p. Quadro nº 1.

MUNHOZ, Alcides. Anuário estatístico do relatório da Secretaria Geral do estado do Parana, apresentado a S.E. sr. Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Presidente do estado por Alcides Munhoz, secretario Geral d'estado referente aos serviços do exercício financeiro de 1924-25. Curitiba, Artes Graficas, 31 dez. 1925. Quadro nº 1.

ROCHA, Caetano Munhoz da. Mensagem dirigida ao Congresso legislativo do estado ao instalar-se a 22 sessão da 18ª legislatura. Curitiba, s.ed. 19 fev. 1927. 225 p. p. 79.

Durante o exercício de 1921-22, as exportações de erva-mate atingiram a elevada quantia de 44.579.521\$200, de que . . . 33.777:062\$000, relativos à beneficiada e 8.802:459\$200, referentes à cancheada.

As exportações de madeira declinaram para 9.356:030\$000 e o valor do comércio cafeeiro decaiu para 2.616:390\$000. A renda oriunda da pecuária sofreu considerável incremento de 3.655:600\$000, durante o exercício de 1920-21, passou para 5.911:000\$000 no exercício posterior.¹⁵²

Durante o exercício de 1922-23, o valor geral da exportação atingiu o montante de Rs. 87:007:434\$000, de que 56:182:664\$100 correspondiam à erva-mate.

As vendas do produto industrializado atingiram a quantia de 40.594:843\$200 e de matéria-prima cerca de 15.587.820\$200. Apresentaram, portanto, as exportações de erva-mate um considerável acréscimo com relação ao exercício anterior.

As exportações de madeira alcançaram o valor de Rs. 11.239:415\$100; a cafeicultura, com 3.822:082\$000 e a pecuária com 7.321:500\$000.

Durante este exercício, foram tomadas medidas enérgicas para melhorar a qualidade da principal riqueza estadual.

Entre estas medidas se achava a lei nº 2015, de vinte e um de março de 1921, que só permitia o corte de erva-mate entre os meses de maio a outubro de cada ano.¹⁵³

No que se refere ao exercício de 1923-24, as exportações paranaenses atingiram o valor de Rs. 106.053:320\$200.

Apenas o valor das exportações de erva-mate atingiu a quantia de 67.990:100\$100; o comércio de madeiras atingiu o valor de 15.040:044\$400 e o de gado cerca de 7.780:300\$000 réis.¹⁵⁴

¹⁵² ROCHA, Caetano Munhoz da. Mensagem dirigida ao Congresso legislativo pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, presidente do estado ao instalar-se a 2ª sessão da 16ª legislatura. Curitiba, s. ed., 1923. 140 p. p. 39.

¹⁵³ ROCHA, Caetano Munhoz da. Mensagem dirigida ao Congresso legislativo pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, presidente do estado ao instalar-se a 16ª sessão da 17ª legislatura. Curitiba, s. ed., 1924. 98 p. p. 34-36.

¹⁵⁴ MUNHOZ, Alcides. Anuario estatístico de relatório da Secretaria Geral do estado do Paraná, apresentado a S. Ex. sr. Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Presidente do estado, por Alcides Munhoz, Secretario Geral d'estado referente aos serviços do exercício financeiro de 1923-24. Curitiba, Artes Graficas, 1924. 236 p. p. 1.

No que se refere à erva-mate, as exportações de beneficiada atingiram o valor de 49.319:446\$400 e as de matéria prima cerca de 18.670:713\$700.

No referido exercício, a receita estadual alcançou o montante de 16.131:101\$036, de que as taxas sobre o comércio de erva-mate contribuíram com a quantia de 3.317:435\$335 réis. O segundo produto de grande importância para a arrecadação do estado foi a madeira com Rs. 1.504:064\$441.¹⁵⁵

Essa constante a elevação de preços da erva-mate: a matéria prima, por exemplo, durante o exercício de 1923-24, atingiu o preço de 1\$100 a 1\$250 por quilo e a beneficiada entre 1\$340 a 1\$550 na praça de Paranaguá.¹⁵⁶

As exportações paranaenses durante o exercício de 1924-25 atingiram o montante de Rs. 117.031:860\$770.

Para esta quantia, o comércio de erva-mate contribuiu com Rs. 72.267:954\$300, de que 60.103:129\$500 relativo ao artigo industrializado e 12.164:824\$800 referente à erva-mate cancheada.

As vendas da madeira atingiram o valor de 20.020:409\$410; as de café 6.912:177\$800 e as de gado, cerca de 3.106:232\$710.¹⁵⁷

Durante o exercício seguinte, isto é, 1925-26, o valor das exportações do estado atingiu a cifra de 147.435:933\$517; de que a erva-mate representou cerca de 70.441:902\$300, sendo 51.022:845\$500 de erva-mate beneficiada e 18.419:056\$800 de cancheada.

¹⁵⁵ MUNHOZ, Alcides. Relatório da Secretaria Geral do estado do Paraná apresentado a S.E. sr. Dr. Caetano Munhoz da Rocha Presidente do estado por Alcides Munhoz, secretario geral do estado referente ao exercício financeiro de 1923-24. Curitiba, Artes Graficas, 1924. 236 p.

¹⁵⁶ ROCHA, Caetano Munhoz da. Mensagem dirigida ao congresso legislativo do estado pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, presidente do estado ao instalar-se a 28 sessão da 172 legislatura. Curitiba, 1925. 117 p. p. 39-40.

¹⁵⁷ ROCHA, Caetano Munhoz da. Mensagem dirigida ao congresso legislativo pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, presidente do estado ao instalar-se a 13 sessão da 131 legislatura. Curitiba, 1926. 209 p. p. 69.

A terceira classificação entre os artigos exportados foi ocupado pela madeira com 18.273:189\$900. O café por sua vez, já ocupava o segundo lugar na pauta das exportações com 28.702:364\$500.¹⁵⁸

No que se refere às finanças estaduais, a receita estatal no mencionado exercício atingiu a cifra de 21.883:612\$424 réis de que a exportação de erva-mate contribuiu com 4.827:476\$954 réis. As exportações de madeira, por sua vez contribuíram com 2.002:040\$941 réis.¹⁵⁹

Através do estudo da conjuntura econômica paranaense durante as primeiras décadas do Século XX, verificou-se que, embora os alicerces da economia paranaense repousassem sobre o comércio de erva-mate, novos produtos eram explorados, tais como a madeira e o café, com grandes perspectivas.

Faltava, porém, aos líderes industrialistas paranaenses, um perfeito conhecimento do mecanismo dos mercados exteriores e um dirigismo estatal eficaz.

A economia ervateira estava condicionada à lei da oferta e da procura e às crises de super-produção típicas do ciclo de Juglar.

¹⁵⁸ ROCHA, Caetano Munhoz da. Mensagem dirigida ao congresso legislativo pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, presidente do estado ao instalar-se a 22 sessão da 130 legislatura. Curitiba, 1927. 255 p. p. 79-80.

¹⁵⁹ MUNHOZ, Alcides. Relatório da Secretaria Geral do estado do Paraná, apresentado a S. Exa. o sr. Caetano Munhoz da Rocha, presidente do estado por Alcides Munhoz, Secretário geral do estado referente aos serviços do exercício financeiro de 1925-26. Curitiba, Liv. Mundial, 1926. 910 p.

PARTE II

O INTERVENCIONISMO DOS GOVERNOS ESTADUAIS

DO PARANÁ E DE SANTA CATARINA NA

ECONOMIA ERVATEIRA.

CAPÍTULO 8

A ação dos Institutos Estaduais de mate e a decadência da economia ervateira brasileira durante os anos 1930 a 1939.

O sentimento nacionalista, presente em quase todas as nações do globo após 1927, favoreceu a intervenção estatal e o protecionismo aduaneiro.¹

No que se refere à economia ervateira, o dirigismo estatal se faz sentir primeiramente, nos governos dos estados produtores a partir de 1926 e, finalmente, a nível da União, a partir de 1938.

O primeiro instituto estadual do mate surgiu em Santa Catarina, em 1927.

Era a primeira associação de produtores e comerciantes de erva-mate com o objetivo de intervenção no mercado, para estabilizar os preços do produto e conseguir melhores condições de exportação.

Os fundos para a criação da mencionada associação foram obtidos através do Decreto nº cinquenta e quatro, de dois de dezembro de 1927, do governo catarinense.

O referido decreto fez recair a tarifa de Rs. cinco réis, sobre cada quilograma de erva-mate exportada.

¹ ARANHA, p. 144.

O Instituto de Mate do Estado do Paraná surgiu por solicitação dos industriais e produtores, em dezesseis de novembro de 1928. A finalidade do referido órgão era múltipla: defesa e publicidade da erva-mate nos mercados interno e externo; celebração de convênios com os demais estados produtores; auxílio ao governo na fiscalização das leis referentes à erva-mate e defesa dos interêsses da indústria de beneficiar ou canhear.²

O capital que sustentava a associação era oriundo da Lei nº 2.559 de dois de abril de 1928, que determinou "o pagamento de uma quota mensal correspondente ao produto da taxa de dez réis pelo número de quilos de erva-mate beneficiada e canheada, exportados pelos portos de Paranaguá e Antonina."³

Mais tarde, foram assinados os decretos número setecentos e sessenta, de dois de abril de 1932 e setecentos e setenta e dois de quatorze de março do mesmo ano, com a finalidade de subsidiar o Instituto Estadual de Mate.⁴

A intervenção do governo estadual fez-se sentir igualmente na defesa da qualidade dos produtos e no sentido da publicidade da erva-mate em países europeus e nos Estados Unidos. Era igualmente objetivo do governo de Affonso Alves de Camargo divulgar a erva-mate no mercado interno, através da isenção dos impostos estaduais de exportação pelo prazo de três anos da erva-mate para chá destinada ao consumo dentro do país.⁵

Após a criação do Instituto estadual de Mate, competia a este órgão a defesa e publicidade do produto no mercado nacional e externo.

Com a finalidade de propaganda o Instituto estabeleceu agências nos grandes centros brasileiros como São Paulo e Rio de Janeiro e também no Ceará.

²CAMARGO, Affonso Alves de. Mensagem apresentada ao Congresso legislativo do estado do Paraná pelo presidente dr. Affonso Alves de Camargo ao instalar-se a 23 sessão da 192 legislatura. Curitiba, 1929. 159 p. p. 46.

³IBID.

⁴ARANHA, p. 147.

⁵CAMARGO, p. 45.

Estabeleceu igualmente o Instituto do Mate os tipos padrões e as embalagens a serem adotadas.

As embalagens utilizadas eram caixas e barricas de madeira, latas e pacotes com os dizeres em língua portuguesa.⁶

Analisar-se-ão os efeitos da atuação do instituto estadual do mate sobre o comércio internacional de erva-mate.

No exercício de 1926-27, as exportações gerais do estado se achavam em ascensão, atingindo o montante de 156.450:717\$050, ou seja, 9.014:783\$533 a mais do que o exercício anterior.

Para esta quantia, as exportações de erva-mate contribuíram com o valor de 98.225:546\$600, ou seja 61.500.000 quilogramas. Este volume representou maiores vendas para os mercados consumidores, se comparando com a tonelagem dos exercícios anteriores, isto é, 1924-25 e 1925-26.

O governo do Paraná, aceitou por outro lado, sugestões do Congresso de Erva-mate e madeiras, realizado em Curitiba, em 1931: estabeleceu preços mínimos para a erva-mate destinada à exportação com destino às repúblicas da Argentina, Uruguai e Chile.⁷

Durante o período em que atuaram os institutos estaduais de erva-mate, a erva-mate brasileira enfrentava uma série de problemas com relação ao mercado argentino.

A concorrência dos moinhos argentinos à indústria de beneficiamento de erva-mate brasileira, porém, favoreceu a importação de matéria-prima por parte do mercado argentino.

Por outro lado, a importação de erva cancheada, por parte dos "molcheros portenõs", conduziria ao choque dos interesses da classe dos industriais de beneficiamento de erva-mate argentinos com aqueles dos produtores das províncias de Misiones e Corrientes.

O cultivo deste produto nos ervaais das referidas províncias progredia rapidamente, sobretudo durante a segunda metade da década de 1920.

⁶ CAMARGO, Affonso Alves de. Mensagem apresentada ao congresso legislativo do estado do Paraná pelo presidente Dr. Affonso Alves de Camargo ao instalar-se a 12 sessão da 203 legislatura. Curitiba, 1930. 111 p. p. 105.

⁷ TOURINHO, Mário. Mensagem dirigida pelo interventor federal do Paraná, Gal. Mario Tourinho, ao Chefe do Governo provisório da Republica Dr. Getulio Vargas. Curitiba, 1931. 78 p. p. 72.

Volume da Produção Argentina e Importação de
Erva-mate Brasil e do Paraguai no mercado Ar-
gentino. 1910 - 1958 - em toneladas.

Ano	Argentina	Brasil	Paraguai
1919	910		
1911	909		
1912	896		
1913	980		
1914	1.174		
1915	2.169		
1916	2.228		
1917	2.487		
1918	2.500		
1919	2.706		
1920	2.900	62.700	5.000
1921	3.100	57.300	4.900
1922	3.700	63.400	5.600
1923	5.600	68.374	5.152
1924	8.500	58.798	6.992
1925	10.000	62.266	10.286
1926	13.000	66.902	8.738
1927	16.200	72.034	8.999
1928	17.800	68.038	7.009
1929	22.000	66.362	8.898
1930	38.500	60.867	6.336
1931	36.300	58.705	6.440
1932	45.000	55.099	5.046
1933	51.027	37.034	2.642
1934	63.874	33.907	1.609
1935	75.362	35.633	3.072
1936	80.451	38.039	3.617
1937	103.330	35.845	4.745
1938	72.201	33.532	4.520

FONTE: JOFFERT, Armando et alii. Erva-mate na Argentina.
 Buenos Aires, SEPRO, 1965. 34 p. p. 5. mimeogr.

Através do quadro acima observou-se que à medida em que a produção nacional argentina aumentava, restringiam-se as importações de erva-mate estrangeira.

Por outro lado, as importações brasileiras achavam-se em posição de liderança no mercado de consumo argentino, se comparadas com as importações de erva-mate procedente do Paraguai.

A produção ervateira argentina segundo Armando Joppert, era altamente subsidiada pelo governo argentino.⁸ Era comum, por exemplo, a concessão de empréstimos destinados aos cuidados da lavoura nas entre safras e adiantamento da venda do produto aos moinhos pelo Mercado Consignatário.

O subsídio estatal é um dos fatores pelo qual os estudiosos da economia ervateira explicam o considerável incremento da produção de Misiones e Corrientes.

Os produtores de Misiones sofriam séria concorrência da erva-mate beneficiada, procedente do Atlântico, importada pela indústria argentina de beneficiamento de erva-mate, para mesclar com a erva nacional.

A invasão do mercado de consumo argentino, por erva-mate de procedência estrangeira, forçou os produtores de Misiones e Corrientes a baixar os preços da matéria prima nacional. Em abril de 1930, os preços do quilograma de erva-mate cancheada oscilavam em torno de vinte e cinco centavos do peso papel argentino, isto é, cerca de oitocentos e vinte e cinco réis, de acordo com o câmbio da época. Com os preços que vigoravam nesta fase, os produtores sofriam uma perda de quatro centavos de peso por quilograma, isto é, cento e trinta e dois réis.

A crise era determinada pelos baixos preços da erva importada do Paraná, "originados do baixo custo de produção e transportes e também pela depreciação da moeda brasileira."⁹

Os exportadores do Atlântico, por sua vez, haviam promovido um "dumping", isto é, forneceram grande quantidade de matéria prima para a praça de Buenos Aires a baixo preço.

Desta forma, a produção argentina de cancheada se encontrava em profunda depressão. Os ervateiros missioneiros solicitaram ao governo argentino "a limitação para a entrada de erva-mate estrangeira, permitindo apenas a importação da quantidade correspondente à diferença que houver entre a produção e o consumo locais, a fixação de preços mínimos para a erva-mate e a limitação dos portos habilitados para a importação do produto."¹⁰

⁸ JOPPERT, Armando et alii. Erva-mate na Argentina. Buenos Aires, SEPRO, 1936. 34 p. p. 2. Mimeogr.

⁹ CAMPANHA contra a Herva-mate. A Notícia, Joinville, 26 abr. 1930. p. 2.

¹⁰ A HERVA-mate em perigo na Argentina. O Dia. Curitiba, 22 ago. 1930. p. 1.

O apelo dos ervateiros argentinos foi atendido pelos poderes públicos que elevaram as tarifas de importação para a erva-mate, de procedência estrangeira.¹¹

Em março de 1931, ocorreu em Curitiba o Congresso do Mate e da madeira. Desta reunião participaram delegados dos diferentes estados produtores.

Durante o Congresso, o Cel Eugênio Lamaison, representante do estado de Santa Catarina apresentou a seguinte tese: representação ao comércio clandestino de erva-mate que se realizava através de Barracão e Dionísio Cerqueira com destino à Argentina, bem como o sacrifício da extração da erva-mate, pois solicitou a proibição da exportação da erva-mate cancheada brasileira para a praça de Buenos Aires.¹²

A tese catarinense aconselhava, sem dúvidas medidas utópicas; caso fossem aceitas, teria sido mais rápida a debacle da economia ervateira brasileira. Eugênio Lamaison representava o ponto de vista dos industriais catarinenses. Uma análise puramente empírica e incapaz de avaliar os perigos que tal medida representava para a sobrevivência da economia ervateira do Brasil.

Já o Sr. Joe Collaço, antigo Secretário do Interior e Justiça de Sta. Catarina, acreditava que o único meio da indústria extrativa concorrer com os ervais missioneiros era o próprio Brasil cultivar o mate, pois "a indústria extrativa cede desde que se faça cultura racional."

Acreditava que o mate teria grandes possibilidades de expansão nos países da África do Norte, "pois o chimarrão é uma bebida de povos primitivos e satisfaz o apetite inato pela cafeína que leva os indígenas africanos a mascararem noz de cola."

O promissor mercado representado pelo norte da África foi conquistado, recentemente pela Argentina, o que demonstra a visão realista das possibilidades de expansão dos mercados ervateiros de alguns empresários brasileiros.

¹¹ EL PODER, Ejecutivo favorece a los productores de yerba a costa del sacrificio de los consumidores. El Mundo, Buenos Aires, 24 ago. 1930. p. 4.

¹² A THESE do governo de Santa Catarina redigida pelo seu delegado plenipotenciário, Coronel Eugênio Lamaison. Gazeta do Povo, Curitiba, 17 mar. 1931. p. 3.

¹³ COLLAÇO, Joe. A propaganda do mate na Europa. O Dia, Curitiba, 25 mar. 1928. p. 1.

Ainda segundo a análise de empresários paranaenses de veriam ser reduzidas as tarifas e fretes ferroviários para a erva bruta destinada aos engenhos de Curitiba.

Também a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande deveria diminuir o frete da erva beneficiada destinada aos portos de Antonina e Paranaguá, pois estes constituíam óbices à competição entre as ervas missioneira e brasileira no mercado argentino, em prejuízo da erva do Atlântico.¹⁴

Aliás, para a indústria brasileira de beneficiamento de erva-mate o mercado argentino estava praticamente perdido, pois "a importação de erva beneficiada do estrangeiro atingiu apenas dez por cento do consumo daquele país."¹⁵

O café, a partir de 1928, ocupava já o primeiro lugar entre as exportações paranaenses, seguindo-se-lhe, em ordem decrescente o mate e a madeira. O *ilex paraguariense* abandonava sua supremacia entre os artigos de exportação do estado.¹⁶

Ildefonso do Cerro Azul, descendente do empresário Ildefonso Pereira Correia, comentou a revogação da lei argentina de 1924, referente ao abatimento de trinta por cento sobre a introdução de mate na república vizinha, a vinte e um de agosto de 1930.

Era clara a sua visão sobre o destino da erva-mate no mercado argentino, uma vez que os "molinetos" importavam a erva do Atlântico apenas para acostumar o paladar dos consumidores ao sabor missioneiro. Acreditava Ildefonso do Cerro Azul que em um futuro bem próximo "teremos a derrota completa da erva-mate brasileira em geral, beneficiada ou cancheada nos mercados argentinos."¹⁷

O Congresso Ervateiro instalado em Curitiba em 1931, durante a segunda quinzena de março, parece não ter trazido soluções práticas à crise que o produto atravessava.

¹⁴ A PROPAGANDA do mate na Europa, falam-nos as firmas B.R. de Azevedo e Nicolau Mader & Cia. O Dia, Curitiba, 21 mar. 1928. p. 1, 8.

¹⁵ O PROBLEMA do mate paranaense e os Srs. Martin & Cia. Ltda. O Dia, Curitiba, 3 jan. 1930. p. 1.

¹⁶ O MATE, a madeira e o café, um problema para o estudo do governo actual. O Dia, Curitiba, 4 mar. 1928. p. 1.

¹⁷ AZUL, Ildefonso do Cerro. A momentosa questão da herva-mate. O Dia, Curitiba, 12 out. 1930. p. 1.

Outros óbices ao comércio exterior de erva-mate seriam impostos em 1931, com o monopólio do mercado cambial por parte do Banco do Brasil.¹⁸

Os outros bancos só poderiam negociar com cambiais se vendessem as respectivas coberturas ao Banco do Brasil.

Esta determinação federal constituiu um obstáculo ao comércio de erva-mate e madeiras porque:

- a) muitos exportadores de erva-mate e madeira não mantinham qualquer relação com o Banco do Brasil;
- b) o Banco do Brasil não concedia a cada cliente um limite de crédito que o habilitasse a negociar.

Esta medida, decretada em benefício das exportações de café, segundo um ofício dirigido pela Associação Comercial do Paraná ao interventor Mário Tourinho, era prejudicial e não deveria ser aplicada aos negócios do mate e da madeira.¹⁹

Esta atitude foi tomada para evitar a queda da taxa de câmbio, diante dos efeitos da Grande Depressão e da baixa da libra esterlina. Houve, em consequência da crise econômica, um profundo reatamento dos mercados consumidores, como reflexo da vida econômica "dos grandes centros" abalados com a Depressão.²⁰

A proibição de importação de trigo argentino, por outro lado, e a substituição deste produto no mercado brasileiro pelo similar norte americano, seria prejudicial à exportação de erva-mate do Atlântico.

Segundo o Presidente da Associação Comercial, o sr. Rivadavia Macedo, diante da proibição de importação de trigo da república vizinha pelo prazo de dezoito meses, "ficaram os industriais paranaenses privados de tentar mediação junto ao governo argentino no sentido de ser permitida a entrada na Argentina de maior percentagem de erva-mate"...²¹

¹⁸ O MONOPÓLIO cambial do Banco do Brasil e a exportação de erva-mate e madeiras. O Dia, Curitiba, 15 out. 1931. p. 1.

¹⁹ IBID.

²⁰ O CÂMBIO, as precauções do governo e as trocas em espécie. O Dia, Curitiba, 14 out. 1931. p. 1.

²¹ MACEDO, Rivadávia. A questão do mate: a proibição da importação de trigo argentino veio agravar a precária situação de nossa ilex. O Dia, Curitiba, 24 set. 1931. p. 1.

A fim de afastar as ameaças existentes sobre o comércio da erva-mate brasileira, o governo da União, enviou a Buenos Aires em missão especial o Sr. Assis Brasil.²²

Entre outras medidas estabelecidas pela delegação argentina por ocasião da Conferência do Mate destacam-se:

- a) a revogação do sistema de limitação em vigor, através do estabelecimento de quotas para os importadores;
- b) aumento das tarifas aduaneiras e aprovação de um decreto contra o "dumping" promovido pelos exportadores brasileiros na praça de Buenos Aires;²³
- c) desestimular o consumo da erva puramente estrangeira através do estabelecimento de uma tarifa sobre este tipo de erva;
- d) e finalmente a manutenção do decreto de onze de agosto de 1931, relativo à análise do mate.²⁴

Era missão do Embaixador Assis Brasil conseguir a revogação de algumas destas medidas prejudiciais à economia ervateira brasileira. Entre elas o decreto de análise química, que "não tolerava mais de três por cento de minerais insolúveis no ácido clorídrico a dez por cento e uma percentagem máxima da cafeína de zero, oito por cento."²⁵

²² NOVAS esperanças surgem com a ida ao Prata do Ministro Assis Brasil. O Dia, Curitiba, 17 jan. 1932. p. 1.

²³ "DUMPING" é o sistema econômico pelo qual os produtos da indústria são mais altos no país produtor que nos mercados de consumo estrangeiros. Os baixos preços das vendas nos mercados externos são compensados pelos lucros obtidos no mercado nacional. Vide GOMES, L. Souza. Dicionário econômico, comercial e financeiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1962. p. 34-35.

²⁴ AS DECLARAÇÕES da delegação argentina no encerramento dos trabalhos da Conferência do Mate. O Dia, Curitiba, 7 fev. 1932. p. 1.

²⁵ PERRACINI, Frederico. Aspectos do problema ervateiro: análises da erva-mate. O Dia, Curitiba, 5 fev. 1932. p. 2, 7.

No que se refere a análise química, o Paraná reivindicava: limite máximo para água, onze por cento; limite máximo para cinza, sete e meio por cento; limite máximo para resíduo mineral insolúvel no ácido clorídrico entre um a um e meio por cento; limite máximo de alcalinidade nas cinzas, cento e dez por cento; limite mínimo de cafeína, zero, oitenta e cinco por cento e limite mínimo de extrato aquoso, trinta w.

Segundo o Prof. Frederico Perracini, ex-diretor da Seção de Análises da Faculdade de Engenharia Química do Paraná, os limites advogados pelos exportadores brasileiros eram perfeitamente toleráveis.

Tais medidas absurdas visavam causar óbices à entrada de erva-mate estrangeira na República Argentina e estavam ligadas à política protecionista que o governo argentino desenvolvia com relação à produção da Província de Misiones.²⁶ Inclusive, durante os três primeiros meses de 1931, houve paralização das importações de erva-mate para este país.²⁷

Em 1933, o próprio mercado interno apresentava sintomas de depressão: o Estado do Rio Grande do Sul criara a taxa de trezentos réis, por quilograma, para a entrada de erva-mate dos estados vizinhos em solo gaúcho.

Esta taxa foi alvo de vigorosos protestos por parte da imprensa do Paraná²⁸ e Santa Catarina²⁹ e era destinada a cobrir as despesas de análise bromatológica por parte do Laboratório de Análises. A taxa bromatológica, criada pelo Sindicato do Mate Riograndense e referendada pelo decreto nº 5.325 do governo gaúcho sofreu críticas por parte da própria imprensa riograndense.³⁰ Os jornalistas gaúchos a consideravam contra producente em um momento em que "lançamos mão de medidas que visam exterminar as barreiras alfandegárias [na Argentina]"

²⁶ A VERGONHOSA negociata da proibição da entrada de erva-mate na Argentina. O Dia, Curitiba, 6 maio 1932. p. 1.

²⁷ TOURINHO, Mário. Mensagem dirigida pelo interventor federal do Paraná Cal. Mário Tourinho ao chefe do governo provisório da República Dr. Getúlio Vargas. Curitiba, 1931. 78 p. p. 71.

²⁸ O CASO do mate. O Dia, Curitiba, 3 jun. 1933. p. 1.

²⁹ O PROBLEMA do mate: como o encara a imprensa de S. Catarina. O Dia, Curitiba, 6 jun. 1933. p. 1.

³⁰ A INIQUIDADE da taxa bromatológica de 300 rs. por quilo de erva-mate exportada, criada pelo Governo Rio Grandense. O Dia, Curitiba, 11 jun. 1933. p. 1.

Os industriais e exportadores de erva-mate paranaenses e catarinenses enviaram ao Rio de Janeiro uma comissão, advogando a suspensão da taxa bromatológica junto ao Dr. Getúlio Vargas. O Chefe do Governo provisório entregou a decisão ao Ministério da Justiça.³¹

A normalidade do mercado interno seria restabelecida com a revogação da taxa bromatológica em 1934.³²

Outro fator prejudicial ao comércio de erva-mate no mercado argentino era o contrabando de erva brasileira, principalmente nas cidades de Cordoba e Rosário, a um preço inferior ao de custo.³³ Este produto ingressava na Argentina clandestinamente por Barracão, na Foz do Iguaçu.³⁴

A partir de 1933, por outro lado, os próprios ervais argentinos acusaram uma super produção, pois modificações foram executadas no decreto de quinze de março de 1926 e no Regulamento da direção de terras, aprovado pelo decreto de dezanove de janeiro de 1927.

Entre as modificações realizadas suspendeu-se o efeito do artigo oitocentos e vinte e quatro do Regulamento da Direção de Terras: desta forma, as colônias que se criavam no território de Misiones deixaram de ter obrigatoriamente um caráter ervateiro.³⁵

Este fato demonstrava já que a região ervateira argentina apresentava sintomas de uma produção excedente. Outro fato que assinalava já os primórdios de uma crise de super produção na região missioneira é o fato do Governo argentino ter proibido novas plantações em solo missioneiro.

³¹ O CLARING é a taxa bromatológica. O Dia, Curitiba, 24 jun. 1933. p. 1.

³² TAXA bromatológica: O Rio Grande espera com ansiedade a revogação do decreto do Sr. Flores da Cunha. O Dia, Curitiba, 24 jan. 1934. p. 1.

³³ CONTRABANDO de mate brasileiro na Argentina. O Dia, Curitiba, 4 fev. 1933. p. 1.

³⁴ AINDA a erva-mate. O Dia, Curitiba, 5 out. 1933. p. 1.

³⁵ NÃO terão mais caracter ervateiro os lotes que de agora em diante se vendam na zona do território de Misiones. O Dia, Curitiba, 21 nov. 1933. p. 1.

Visando entretanto, evitar perdas por parte do ervateiro argentino, o governo daquela nação criou um imposto móvel sobre o consumo nacional de erva-mate "destinado a cobrir os prejuízos dos plantadores de Misiones", sempre que em cada safra houvesse uma diferença para menos entre o custo da produção argentina e o preço de venda no mercado de Buenos Aires.³⁶

Por outro lado, respeitando as leis de reciprocidade no intercâmbio comercial com o Brasil e como resultado das negociações argentino-brasileiras foi extinta "a taxa aduaneira adicional de dez por cento sobre a erva importada", o que momentaneamente, satisfazia os interesses dos exportadores brasileiros.

Muitos empresários paranaenses consideraram este evento capaz de proporcionar um verdadeiro renascimento da indústria ervateira.³⁷

Meses antes, porém, havia sido criada a Junta Reguladora cuja finalidade era adquirir toda a produção nacional a um preço mínimo fixado por este mesmo órgão: "de acordo com as classificações que forem estabelecidas segundo a sua qualidade."³⁸

Através da Junta Reguladora a matéria-prima seria colocada no mercado de consumo, recebendo o produtor "cem por cento do valor de cada entrega de erva, contra a transferência e o recibo da mercadoria".....

Desta forma, sob o rígido controle da Junta Reguladora, que colocava no mercado apenas a quantidade necessária ao consumo foi superada a crise no setor produtivo.

Algumas estatísticas proporcionariam ao leitor uma visão das condições do mercado ervateiro em meados da década de 1930.

³⁶ SOARES, José Carlos Macedo. A indústria do mate vai renascer. O Dia, Curitiba, 15 set. 1934. p. 1, 8.

³⁷ O REFLORESCIMENTO da indústria do mate. O Dia, Curitiba, 16 set. 1934. p. 1.

³⁸ HERVA-mate: projeto de criação de uma Junta Reguladora para resolver o problema hervateiro. O Dia, Curitiba, 3 maio 1934. p. 8.

Exportações Paranaenses de Erva-mate
beneficiada 1931 - 1934. Quantidade
em toneladas. Valor em NC\$.

Ano	Argentina	Uruguai	Chile	Cutros	Total	Valor
1931	9.702	21.041	1.037	1.142	32.922	42.799
1932	4.820	15.999	1.870	708	23.397	23.396
1933	-	-	-	-	-	-
1934	-	-	-	-	22.962	22.962
1935	-	-	-	-	-	-
1936	-	-	-	-	-	-
1937	-	-	-	-	-	-
1938	-	-	-	-	-	-
1939	-	-	-	-	-	-

FONTES: MACEDO, Rivadávia de. Relatório apresentado ao exmo. sr. Manoel Ribas, digníssimo interventor Federal no estado do Paraná pelo Secretário dos negócios da fazenda e obras públicas, Rivadávia de Macedo nos exercícios de 1931, 32 e 1º semestre de 1933. 100 p. p. 93.

MADER, Othon. Relatório apresentado ao exmo. sr. Manoel Ribas pelo Secretário d'estado dos negócios da Fazenda e Obras Públicas Othon Mader no exercício de 1934 a junho de 1935. 796 p. p. 721.

QUADRO Nº 54

Exportações Paranaenses de Erva-mate

Cancheada - em toneladas.

1931 - 1934

Ano	Argentina	Uruguai	Outros	Total	Valôr
1931	17.452	399	5	17.854	18.703
1932	-	-	-	25.962	19.959
1933	-	-	-	-	-
1934	-	-	-	17.205	15.765

FONTES: MACEDO, p. 96.

MADER, p. 721.

QUADRO Nº 55

Exportações Paranaenses de Erva-mate

1931 - 1939 - em toneladas.

Ano	Quantidade	Valor
1931	50.776	61.502
1932	47.559	45.555
1933	37.461	-
1934	40.167	55.727
1935	-	34.851
1936	-	56.901
1937	-	-
1938	-	-
1939	-	-

FONTES: RIBAS, Manoel. Mensagem apresentada pelo exmo. sr. governador Manoel Ribas a Assembleia Legislativa do estado ao instalar-se a 22 sessão ordinária da 12 legislatura da 22 república em 12 de setembro de 1936. Curitiba, Grafica Paranaense, s.d., 177 p. p. 34.

RIBAS, Manoel. Mensagem apresentada pelo exmo. sr. governador Manoel Ribas a Assembleia Legislativa do estado ao instalar-se a 23 sessão ordinária da 12 legislatura em 12 de setembro de 1937. Curitiba, Grafica Paranaense, 95 p. p. 55.

A EXPORTAÇÃO de herva-mate. O Dia, Curitiba, 29 jan. 1955. p. 1.

Conforme o leitor pode observar através dos quadros nºs. cinquenta e três, cinquenta e quatro e cinquenta e cinco, as estatísticas paranaenses durante a década de trinta se acham incompletas. Uma melhor compreensão da situação do mercado ervateiro durante o referido período poderá ser obtida através da análise de séries referentes à economia ervateira nacional.

QUADRO Nº 56

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA

Anos	Exp. total do Brasil	Exp. para a Argentina	%
1927	91.092	68.876	75,6
1928	88.180	63.253	71,7
1929	85.972	62.018	72,1
1930	84.846	58.406	68,7
1931	76.760	53.184	69,1
1932	81.400	52.701	64,7
1933	59.222	33.706	56,9
1934	64.702	33.315	51,4
1935	61.500	31.609	51,3
1936	66.601	35.456	53,2
1937	65.519	29.380	44,8
1938	63.241	24.392	38,5
1939	63.508	29.035	45,7

FONTE: OLIVEIRA, Marisa Correia. Estudo da erva-mate no Paraná: 1939-67. Curitiba, 1974. 133 p. p. 32. Dissertação de Mestrado.

As estatísticas coletadas por Marisa Correia de Oliveira demonstram uma queda acentuada da comercialização da erva-mate nos mercados externos, explicada pelos eventos já referidos. O Paraná, como principal estado produtor de illex, acompanhou as oscilações e a crise da economia ervateira nacional.

A crise comercial, por sua vez, desestimulou a produção que "de 186.130 toneladas em 1930, desceu a 83.875 toneladas no ano de 1934."³⁹

Era clara a visão do destino da economia brasileira de mate, diante do acentuado incremento da produção missioneira.

Afirma o jornalismo que seriam desastrosos os resultados para o Brasil pois:

"Além da perda do nosso melhor mercado - para a Argentina se destinam setenta por cento da nossa exportação de erva-mate - teremos inevitavelmente que sofrer a concorrência platina nos mercados uruguaio e chileno, para onde enviamos, respectivamente vinte e dois por cento e seis . . . quatro por cento da nossa exportação."⁴⁰

A decadência das vendas brasileiras para o mercado argentino, entretanto, eram visíveis a partir de 1934, quando o Uruguai absorveu quarenta e oito, oito por cento do total, a Argentina, trinta e oito por cento e o Chile, doze por cento.⁴¹

No que se refere à receita arrecadada para o orçamento do Estado do Paraná a partir de 1931, o café passou a ocupar o primeiro lugar entre as exportações paranaenses, seguindo-se-lhe a erva-mate e a madeira. Apenas em 1932, a erva-mate manteve a sua hegemonia no que se refere à receita estatal.⁴²

³⁹ A HERVA-MATE e o desenvolvimento de sua indústria na Argentina. O Dia, Curitiba, 6 jul. 1935. p. 1.

⁴⁰ IBID.

⁴¹ A EXPORTAÇÃO de herva-mate. O Dia, Curitiba, 29 jan. 1935. p. 1.

⁴² QUADRO demonstrativo da receita arrecadada durante os exercícios de 1931 a 1935. O Dia, Curitiba, 16 set. 1936. p. 10.

CONTRIBUIÇÃO PARA A RECEITA ESTADUAL DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DE EXPORTAÇÃO
EM R\$ 1931 - 1936.

PRODUTO	1931	1932	1933	1934	1935	1936
Mate beneficiado	2.143:856\$365	1.718:645\$309	1.221:446\$562	1.446:168\$144	1.256:404\$000	1.497:732\$400
Mate Cancheado	2.034:990\$260	2.155:668\$997	1.506:610\$282	1.469:559\$638	1.328:711\$100	1.518:871\$200
Exp. de Café	2.720:144\$399	1.542:822\$366	1.294:045\$054	1.563:546\$470	1.599:440\$800	2.520:911\$200
Ouro sobre café	2.780:296\$262	2.294:518\$998	2.029:961\$260	2.003:384\$000	1.814:397\$500	2.807:299\$000
Madeira	914:615\$064	637:100\$825	968:356\$240	1.075:744\$529	1.526:677\$000	2.100:397\$500
TOTAL	26.619:140\$800	25.739.413\$100	25.140:397\$900	35.413:832\$900	44.965:106\$200	52.596:595\$700

FONTES: QUADRO demonstrativo da receita arrecadada durante o exercício de 1931 a 1936. O Dia, Curitiba, 16 set. 1936. p. 10.

RIBAS, Manoel. Mensagem apresentada pelo exmo. sr. Governador Manoel Ribas à Assembleia legislativa do estado ao instalar-se a 38 sessão ordinária da 18 legislatura, em 19 de set. de 1937. Curitiba, Graf. Paranaense. 93 p.

A crise nos volumes exportados aliou-se vertiginosa queda de preços durante o segundo semestre de 1936: a erva-mate baixou de 7\$500 réis para 3\$500, "acarretando pesados transtornos aos exportadores do produto."⁴³

O industrial Nicolau Mader, capitão-de-indústria da empresa Nicolau Mader & Cia., atribuiu a queda de preços às oscilações nos mercados tradicionais bem como à super-produção nos ervaais do Paraná, Mato Grosso e Santa Catarina.

Diante da ineficiência dos institutos estaduais de erva-mate, em minorar os efeitos da crise, advogavam os industriais e a imprensa do Brasil Meridional a criação de um órgão federal para a regulamentação dos negócios ervateiros.

Empresários catarinenses por exemplo, apontam como antecedente da ineficácia do Instituto de Mate de Sta. Catarina ao evento de ser "uma organização constituída na sua totalidade de exportadores do produto sob os auspícios do governo."⁴⁴

A imprensa paranaense, por sua vez, advogava

"a taxação federal da erva exportada para a conquista de novos mercados, por meio de uma propaganda eficiente e produtiva... cuidando-se simultaneamente de um aperfeiçoamento dos tipos de mercaderia exportáveis, por uma standardização do produto...." ⁴⁵

⁴³ MADER JUNIOR, Nicolau: As grandes vantagens do Conselho Nacional do Mate. O Dia, Curitiba, 14 ago. 1936. p. 1, 5.

⁴⁴ A QUESTÃO do mate em Santa Catarina. O Dia, Curitiba, 2 ago. 1935. p. 5.

⁴⁵ SENDO a questão ervateira um problema nacional ao Governo Federal é que logicamente compete a sua solução. O Dia, Curitiba, 16 mar. 1932. p. 1.

CAPÍTULO 9

A ECONOMIA PARANAENSE NA DÉCADA DE 30 E OS REFLEXOS DAS OSCILAÇÕES DO MERCADO ERVATEI- RO SOBRE A CONJUNTURA ECONÔMICA.

No início da década de 30, a prosperidade econômica do Paraná repousava sobre a cultura de café e sobre as indústrias ex-
trativas da erva-mate e da madeira.

Entre as exportações do estado, os valores oriundos das vendas destes produtos eram ainda de extrema importância.

QUADRO Nº 58

Valor da Exportação Geral do Estado para o País e Exterior.

ANO	ERVA-MATE	MADEIRA	CAFÉ	TOTAL incluindo outros artigos	% de MATE sobre o total
1931	66.977:537\$560	9.091:422\$753	40.313:613\$000	145.823:451\$184	41,8%
1932	48.512:902\$200	7.486.990\$523	54.230:861\$000	128.729:150\$973	37,7%

FONTE: MACEDO, Rivadávia, p. 89.

A erva-mate representava ainda nos anos de 1931 e 1932, quarenta e um, oito por cento e trinta e sete, sete por cento so-
bre o valor total do comércio do estado.

O café cerca de vinte e sete, seis por cento e vinte e seis, seis por cento respectivamente, enquanto que a madeira ocupa-
va o terceiro lugar entre as exportações paranaenses com seis, dois
por cento e no ano seguinte, cinco, oito por cento.

As exportações de produtos primários do estado se achavam em declínio em virtude da crise de 1929, responsável pelo retraimento dos mercados mundiais e, pelas referidas ocorrências nos mercados platinos.

Nas primeiras décadas do século XX, teve incremento a colonização do chamado Norte Velho e a fundação das primeiras cidades: Jacarézinho, Cambará, Bandeirantes e Cornélio Procopio.⁴⁶ A ocupação na área compreendida entre os rios Itararé e Tibagi realizou-se na década de 1920, favorecida pelo prolongamento da ferrovia Sorocabana até Curinhos.

O Norte Velho, entretanto, se achava inteiramente voltado para São Paulo, sendo as exportações do café paranaense realizadas majoritariamente através do Porto de Santos.⁴⁷

No início da década de 1930, os paranaenses reivindicavam a ligação ferroviária entre Jacarézinho e Cambará. A ferrovia mencionada significava a integração do norte à conjuntura econômica paranaense, e, ao Porto de Paranaguá.

Venceu a causa advogada pelos paranaenses, pois em 1936, o interventor Manoel Ribas referia-se à "ligação de Jacarézinho à Curitiba por Joaquim Martinho."⁴⁸

A produção cafeeira desenvolvia-se normalmente e era colocada livremente no mercado consumidor, pois não estava sujeita à quota de sacrifício; isto é, à "entrega compulsória do produto ao Departamento Nacional do Café ao preço de 54000 por saca de sessenta quilos."⁴⁹

A proibição do plantio de cafezais em quase todo o território nacional, imposta pelo Convênio do Café, em trinta e um de dezembro de 1939, não atingiu o Paraná que possuía uma cultura inferior a cinquenta milhões de pés de café. Desta forma, a crise de super-produção da cafeicultura brasileira pouco afetou o norte do Estado.

⁴⁶ BALHANA, Altiva et alii. O Paraná moderno. In: EL-KHATIB, Faissal. História do Paraná. Curitiba, Grafipar, 1969. 3 v. p. 214.

⁴⁷ A LIGAÇÃO ferroviária Jacarézinho Cambará. O Dia, Curitiba, 8 jun. 1932. p. 1.

⁴⁸ RIBAS, Manoel. Mensagem apresentada pelo exmo. sr. Governador Manoel Ribas à Assembleia Legislativa do estado ao instalar-se a 2ª sessão ordinária da 1ª legislatura da 2ª República em 19 de setembro de 1936. Curitiba, Graf. Paranaense, s. d. 117 p. p. 90.

⁴⁹ RIBAS, Manoel. Mensagem apresentada pelo exmo. sr. Governador Manoel Ribas à Assembleia Legislativa do estado ao instalar-se a 3ª sessão da 1ª legislatura em 19 de setembro de 1937. Curitiba, Graf. Paranaense, 1937. 95 p. p. 70.

Em setembro de 1935, por outro lado, o governo do estado recebeu a autorização de realizar um empréstimo interno "em apólices até o limite de 50.000:000\$000, com títulos populares de 50\$000, juros de cinco por cento ao ano, devendo a referida emissão ser resgatada no prazo de quarenta anos." ⁵⁰

Entre as várias finalidades a que se destinara a mencionada emissão, se encontrava a "criação no Banco do Estado do Paraná de uma carteira de crédito agrícola para fornecer recursos aos lavradores a longo prazo" e com baixas taxas de juros. ⁵¹

A carteira de crédito agrícola e ao plano de fomento da agricultura - que visava estimular sobretudo as culturas de café, trigo e algodão e a extração de erva-mate - estava destinada a quantia de 20.000:000\$000.

Os efeitos da crise de 1929 sobre a economia paranaense, perduraram até 1935. Em 1934, observou-se os primeiros sintomas de recuperação econômica com a alta dos valores exportados. Em 1935, o montante total do valor das exportações paranaenses foi cerca de 80.470 contos de réis contra 118.141 contos em 1934 e, 139.557 em 1935. ⁵²

Em 1935, a erva-mate ainda ocupava o primeiro lugar entre os artigos de exportação paranaenses:

erva-mate	34.651 contos de réis
café	20.119 contos de réis
madeira	15.334 contos de réis.

No ano seguinte, observa-se o mesmo fenômeno:

erva-mate	38.980:693\$600
café	32.940:879\$000
madeira	19.403:367\$100

Constatou-se igualmente o início de uma diversificação da agricultura, produzindo o Paraná: milho, batata, trigo, banana, feijão, algodão, criação de gado e cebola.

⁵⁰ A SITUAÇÃO econômico-financeira do Paraná. O Dia, Curitiba, 19 set. 1935. p. 1,7.

⁵¹ IBID.

⁵² RIBAS, Manoel. Mensagem apresentada pelo exmo. sr. Governador Manoel Ribas a Assembleia Legislativa do estado ao instalar-se a 28 sessão ordinária da 18 legislatura da 2ª república em 19 de setembro de 1936. Curitiba, Graf. Paranaense, s. e. 117 p. p. 84.

No que se refere à manufatura produzia o estado: papel, papelão, carne de porco congelada e derivados, artigos de couro, louça de cerâmica e manilhas, velas de estearina, sabão, cal, tijolos, telhas, cerveja, mármore, máquinas industriais etc.⁵³

A era industrial no Paraná principiou tardiamente se a comparada com o surto do parque manufatureiro nacional: apenas durante a década de 1960, o Paraná adquiriu infra-estrutura para o desenvolvimento de seu parque industrial.⁵⁴

O comércio de madeiras oriundas do Brasil, por sua vez, também se achava voltado para o consumo platino, pois "a Argentina e o Uruguai são os mercados que mais importam madeira do Brasil, pinho em seu maior volume, enviando-se para os mercados da Europa outras essências nativas na Amazônia" e nos estados do Sudeste.⁵⁵

Segundo "O Dia", em 1935, o pinho paranaense, graças à elevada demanda nos mercados consumidores atingira elevados preços.

Por exemplo, a onze de junho de 1936, custava oitenta mil réis na praça de São Paulo [por unidade].⁵⁶

O interventor Manoel Ribas refere-se com entusiasmo à expansão do comércio de madeiras, cujo imposto de exportação atingiu no ano de 1935, cerca de 1.526:673\$900, ou seja quarenta e dois por cento acima das taxas arrecadadas no ano anterior.⁵⁷

Neste mesmo ano, o Decreto nº duzentos e dezoito de fevereiro de 1935, limitou o período da safra de crva-mate, que só poderia ser realizada entre a segunda quinzena de junho ao dia quinze de agosto de cada ano.⁵⁸

⁵³ IBID.

⁵⁴ BALHANA, p. 239.

⁵⁵ COMÉRCIO de madeiras. O Dia, Curitiba, 13 jul. 1935. p. 1.

⁵⁶ A SITUAÇÃO madeireira. O Dia, Curitiba, 11 jun. 1936. p. 1.

⁵⁷ RIBAS, Manoel, p. 88.

⁵⁸ A LIMITAÇÃO da safra do mate e suas possíveis e lamentáveis consequências. O Dia, Curitiba, 24 mar. 1937. p. 1.

O convênio ervateiro estabelecido entre os estados do Paraná e Sta. Catarina por sua vez procurou executar a padronização dos tipos de erva destinados à exportação.

Segundo Manoel Ribas, "a erva-mate experimentou sensível melhora nos preços e no movimento de seus negócios desde que foi posto em execução o decreto número duzentos, de dezoito de fevereiro de 1935."⁵⁹

Enfim, a atuação dos governos estaduais não foi capaz de conter a decadência da economia ervateira. A conjuntura econômica do estado, porém, encontrava novos esteios no café, na madeira e na diversificação agrícola que se iniciou nos anos trinta.

⁵⁹ RIBAS, p. 87.

PARTE III

A INTERVENÇÃO DO GOVERNO DA

UNIÃO DA ECONOMIA ERVATEIRA.

O NASCIMENTO DO COOPERATIVISMO NO SETOR
PRODUTIVO E A CRIAÇÃO DO INSTITUTO NA-
CIONAL DO MATE;

Enquanto a produção e o comércio ervateiro se achavam desanimados graças à concorrência do similar argentino, às crises de super-produção e à contração da demanda, surgiam as primeiras idéias relativas à união dos produtores em cooperativas e à racionalização do setor produtivo.

As instituições de crédito, por outro lado, não se achavam aparelhadas para financiar a lavoura: a concessão de empréstimos em geral era feita mediante juros excessivos e sob condições restritas de tempo e de espaço.¹

Renato Costa procura demonstrar, através de um artigo no jornal "O Dia", a ineficiência do crédito agrícola "caso o produtor persista no atual isolamento em que vive, sem nenhuma organização que o congregue na entidade econômica, correspondente, que é a cooperativa."²

As facilidades quanto à concessão de crédito à lavoura melhoraram muito com a criação de carteiras de crédito agrícola pelo Banco do Brasil.³

¹COSTA, Renato. O crédito agrícola e a organização econômica dos produtores. O Dia, Curitiba, 18 fev. 1938. p. 3.

²IBID.

³O MATE e o pretense financiamento à sua produção. O Dia, Curitiba, 8 mar. 1938. p. 1.

A assistência da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil era prestada para:

- a) aquisição de adubos, sementes, gado destinado à criação etc.
- b) aquisição de matérias-primas, custeio de entre-safras e máquinas agrícolas;
- c) aperfeiçoamento de implementos manufatureiros.

Esta assistência seria prestada às indústrias de capital nacional, à agricultura, à pecuária e "a extração, colheita ou preparo de produtos espontâneos da flora nacional."⁴

As operações seriam realizadas por meio de contratos e mediante garantias especiais: penhor rural, mercantil, fiança idônea ou hipoteca.

Os empréstimos concedidos à agricultura, por outro lado, "não deveriam ultrapassar o equivalente a um terço do valor em que for estimada a safra imediatamente seguinte à realização da operação"...⁵

Os prazos concedidos para os empréstimos oscilavam entre um a cinco anos, não podendo os juros de financiamento à lavoura e a pecuária exceder oito por cento ao ano, desde que observadas as condições previstas no art. trinta e dois da lei número quatrocentos e noventa e dois de trinta de agosto de 1937.

Como pode se observar o texto acima, apresenta nitidamente o caráter de propaganda cooperativista. A segunda metade da década de 1930 tem como característica o nascimento do cooperativismo.

O cooperativismo começou a progredir para defender os preços da erva-mate cancheada contra o monopólio do Sindicato da Indústria do Mate. Atuando o sindicato dos industriais como um monop-sônio⁵ forçava a baixa dos preços da matéria prima.

Ao agir como monopólio, o referido sindicato elevava os preços de venda do produto beneficiado destinado ao mercado de consumo, auferindo com isto grandes lucros.⁶

⁴ REGULAMENTADAS as operações da carteira de crédito agrícola e industrial do Banco do Brasil. O Dia, Curitiba, 20 jan. 1928. p. 1.

⁵ MONOPSÔNIO é o monopólio de compra de determinada mercadoria.

⁶ ARANHA, p. 182.

O governo da União procurou; por sua vez, incrementar o surto cooperativista iniciado pela Diretoria de Organização e Defesa da Produção.

As cooperativas congregavam proprietários ou arrendatários de ervais com a finalidade de "libertar os produtores do comércio intermediário e especulativo nos mercados interno e externo."⁷

Em 1936, sob os auspícios do governo da União surgiu a Confederação Nacional do Mate, com o objetivo de defesa dos preços da matéria-prima.⁸

Os ervateiros, segundo Bacilla, conseguiram a alta de preços do produto de C\$ 2.500 para quatro cruzeiros, pois os industriais só poderiam obter a matéria prima através da Confederação Nacional de Produtores.

O sindicato das Indústrias do Mate passou a exercer pressão junto ao Serviço de Economia Rural, visando a extinção da Confederação Nacional de Produtores.

Este Sindicato, dominado por grandes grupos econômicos,⁸ como Leão Jr., a Fontana e Mate Laranjeira, atuava em defesa dos interesses da indústria de beneficiamento de erva-mate.

Obteve o Sindicato em 1946, o semi-desaparecimento do surto cooperativista durante alguns anos, após intensa propaganda contrária à União dos produtores em cooperativas nos meios de comunicação. Por exemplo, procuravam os industriais apresentar a Confederação como "uma entidade perniciosa à economia ervateira" a fim de desacreditá-la diante da opinião pública.⁹

Os membros da Confederação foram acusados pelos industriais de "lobos travestidos de ovelhas" e ¹⁰ o órgão como "um monstro merecedor da indiferença e frieza"....

⁷ REGISTRO nº 91. Cooperativas, 1952. Curitiba, Arquivo da Junta Comercial do Paraná, 1952. n.p.

⁸ GRUPO econômico, segundo Maurício Vinhas de Queiróz é: "todo conjunto relativamente poderoso de empresas, interligadas pelo capital e/ou pelo poder de decisão de dirigentes comuns, sempre que os vínculos existentes entre as mesmas forem mais fortes do que aqueles por ventura mantidos com outros grupos ou empresas isoladas." Vide: QUEIRÓZ, Maurício Vinhas. Os grupos econômicos no Brasil. Revista do Instituto de Ciências da UB, 1(2): 157, jul./dez. 1962.

⁹ OS INIMIGOS do nosso mate. O Dia, Curitiba, 26 maio 1936. p. 1.

¹⁰ O QUE se espera dos ervateiros. O Dia, Curitiba, 21 jul. 1936. p. 1.

O dirigismo estatal, característica da era de Vargas, instalou-se também na economia ervateira através da criação do Instituto Nacional do Mate pelo Decreto-lei número trezentos e setenta e cinco de treze de abril de 1938.¹¹

Eram finalidades do Instituto Nacional do Mate:
"Coordenar e superintender os trabalhos relativos à
defesa da produção, comércio e propaganda."

Entre os membros da primeira diretoria empossada da autarquia figuravam nomes de industriais e exportadores tais como: José Wolf, Ivo Leão e Arnaldo Douat, Manoel Francisco Correia e Ascânio Miró; Candido Mader, Romeu Machado, Vitorino Correia Leite e Guilherme Guimarães.¹²

A autarquia procurou conciliar os interesses divergentes dos industriais e dos exportadores criando o Centro dos Exportadores Brasileiros de Erva-mate Ltda. Este órgão congregava comerciantes, industriais e produtores do Paraná e de Santa Catarina, embora fosse dominado pelos grandes grupos econômicos da erva-mate.¹³

Ao centro cabia a distribuição do mate produzido através do sistema de quotas.¹⁴

O Centro dos Exportadores Brasileiros de erva-mate atuava como um verdadeiro monopsonio, estabelecendo os preços mínimos para os diversos tipos de erva-mate e ao mesmo tempo como um monopólio pois era o único distribuidor.

Mais tarde, modificações foram introduzidas na estrutura da autarquia sendo extinto o Centro dos Exportadores Brasileiros de Erva-mate. A fixação de preços para exportação e venda no mercado interno passou para o encargo do Instituto Nacional do Mate.¹⁵

¹¹ WERNECK, Ruy M. da R. Legislação ervateira. Rio de Janeiro, Artes Gráficas, 1962. 322 p. p. 35.

¹² A AÇÃO convergente do Instituto Nacional do Mate. O Dia, Curitiba, 29 nov. 1938. p. 1.

¹³ O INSTITUTO Nacional do Mate e seu poder de coordenação. O Dia, Curitiba, 14 dez. 1938. p. 3.

¹⁴ ARANHA, p. 206.

¹⁵ WERNECK, p. 69.

Verificou-se, por outro lado, que com a extinção da Confederação Nacional de Produtores de Mate, o surto cooperativista declinou, porém não se extinguiu. As cooperativas operavam tanto no setor de comercialização, vendendo o mate produzido por seus associados nos mercados interno e externo, produção, como no setor de beneficiamento do produto.¹⁶

A concorrência das cooperativas ao setor de beneficiamento de erva-mate não era vista com bons olhos pelos industriais, ansiosos em defender a sua renda.

Segundo as declarações de um industrial paranaense¹⁷ deveria existir, tal como na Argentina um órgão central, encarregado de comprar a matéria-prima e garantir o lucro ao produtor.

O cooperativismo, além de não atender de forma racional a produção do mate, procura ingressar no setor de comercialização e beneficiamento do produto sem possuir um espírito verdadeiramente empresarial.

Realmente, entre as vinte e duas cooperativas filia-
das na Federação do Mate do Brasil, em 1959, pelo menos, quinze exploravam os setores de produção, comercialização e beneficiamento de *ilex paraguariensis*.

¹⁶ IBID., p. 136

¹⁷ ENTREVISTA com o sr. José Lacerda, empresário de Moinhos Unidos Brasil-Mate S.A., realizada a 27 de abril de 1976. 14 p. p. 7. datilogr.

COOPERATIVAS	SEDE	Nº DE ASSOCIADOS	RAMO DE ATIVIDADES
Bom Jardim	Bom Jardim	21	produção, industrialização e comercialização
Ipiranga	Ipiranga	52	produção, industrialização e comercialização
Rebouças	Rebouças	102	produção, industrialização e comercialização
Guarauna	Guarauna	51	produção, industrialização e comercialização
Divisa	Divisa	83	produção, industrialização e comercialização
Iraty	Iraty	44	produção, industrialização e comercialização
Campo Largo	Campo Largo	23	produção, industrialização e comercialização
Rio Azul	Rio Azul	60	produção, industrialização e comercialização
Natal	Natal	22	produção, industrialização e comercialização
Palmeira	Palmeira	39	produção, industrialização e comercialização
Teixeira Soares	Teixeira Soares	27	produção, industrialização e comercialização
São Mateus	São Mateus	63	produção, industrialização e comercialização
Lapa	Lapa	49	produção, industrialização e comercialização
S. Miguel da Roscira	S. Miguel da Roscira	20	produção, industrialização e comercialização
Imbituva	Imbituva	54	produção, industrialização e comercialização
S. João do Triunfo	S. João do Triunfo	30	produção e comercialização
Prudentópolis	Prudentópolis	225	produção e comercialização
Campo Alegre	Campo Alegre	-	-
Rio Preto	Rio Preto	-	-
Mallet	Mallet	-	-
Mafra	Mafra	-	-
Valões	Valões	-	-
Lagos	Lagos	-	-

FONTE: Arquivo da Junta Comercial do Paraná. Cooperativas. 1937 a 1941.

FEDERAÇÃO DAS COOPERATIVAS DE "MATE PARANÁ LTDA."

QUADRO SOCIAL EM CINCO ANOS

COOPERATIVAS	SEDE	1943	1944	1945	1946	1947
Iguaçu	S. Mateus	1117	1275	1303	1370	1370
Florestal	Irati	489	729	814	873	884
Imbituva	Imbituva	577	509	596	640	641
Triunfo	S. J. Triunfo	588	703	700	736	733
Linha Sul	Rebouças	452	580	456	278	500
Ipiranga	Ipiranga	584	412	451	475	473
Prudentópolis	Prudentópolis	214	456	528	528	528
Palmeira	Palmeira	115	118	230	250	263
Concórdia	Mallét	259	284	607	764	830
Legendária	Lapa	853	1127	1155	1259	1352
Vitória	U. Vitória	-	-	-	232	281
Rio Azul	Rio Azul	-	-	-	131	131
Guarapuava	Guarapuava	-	-	-	41	50
Curitiba	Curitiba	780	1213	1700	1791	1914
TOTAL		5596	7406	8502	9403	9766

FONTE: OLIVEIRA, Marisa Correia de. p. 46.

Durante a década de 1940, as cooperativas filiadas à Federação das Cooperativas de Mate, Paraná Ltda. apresentavam um notável aumento no número de associados. Estes fatos demonstram o surto cooperativista no início da década mencionada.

Em 1944, com o término do Centro dos Exportadores Brasileiros de erva-mate, quotas de exportação foram atribuídas às federações de cooperativas de mate do Paraná e Santa Catarina, fundadas em 1939.

As cooperativas, com um capital muito inferior ao do parque industrial sofriam "inúmeras dificuldades de ordem comercial e financeira, donde a precária assistência e amparo dos produtores."¹⁸

Desde 1939, as cooperativas passaram a instalar no Paraná entrepostos que receberiam o mate do produtor conforme as quotas de colheita, visando o desaparecimento dos intermediários regionais.

Em 1940 e 41, a erva-mate atravessava grave crise de super-produção, provocada pela retração do mercado argentino.

A safra missioneira já em 1938, "era estimada em cento e vinte milhões de quilos, em face de um consumo estacionário de cem milhões de quilos."

O governo argentino reduziu a safra no referido ano cerca de quarenta por cento, isto é, a colheita real foi cerca de setenta e dois milhões de quilos. Já havia super-produção no próprio mercado argentino.¹⁹

As importações da cancheada brasileira foram mantidas exclusivamente em função da mesclagem com a erva nacional e em função das exportações do trigo argentino destinado ao Brasil.

A importação do Brasil e, em pequena escala do Paraguai, que os "molineros" argentinos insistiam em manter foi considerada "desnecessária e inútil" pelos ervateiros de Misiones, obrigados a limitar suas colheitas.²⁰

¹⁸ CONGRESSO cooperativo dos ervateiros do Brasil, Curitiba, 1945. Anais. s. n. t. 116 p. p. 9.

¹⁹ COMO interpretar a redução da safra ervateira argentina. O Dia, Curitiba, 14 jun. 1938. p. 1.

²⁰ PRODUÇÃO limitada: reduzida na República Argentina a plantação de ervais. O Dia, Curitiba, 5 maio. 1938. p. 1.

Em 1937, a Argentina importara 35.842.610 quilos de erva-mate cancheada oriunda do Brasil sem necessidade²¹ e no ano seguinte 35.532.001 quilogramas.

Em 1940, o Brasil concluiu com a Argentina, um tratado de comércio e navegação pelo qual o trigo argentino seria prioritariamente consumido no Brasil. A Argentina por sua vez, isentou a erva-mate brasileira da taxa alfandegária de dez por cento "ad valorem."²²

O referido tratado, teve como efeito adiar um pouco a crise ervateira no Brasil. Seus resultados foram, efêmeros, pois atravessando a própria erva argentina crises de super-produção, era inútil a importação de erva estrangeira.

A existência de uma oferta controlada pelos órgãos governamentais impediu, porém, bruscas oscilações de preços. Em abril de 1940, os preços do quilograma de mate argentino oscilavam em torno de dois, trinta pesos e dois, setenta e cinco pesos.²³

Declinaram, entretanto, a partir de 1938, as exportações brasileiras de erva-mate com destino à Argentina. A retração do mercado consumidor culminou com a crise de 1943, devido as altos preços estabelecidos pelo Instituto Nacional do Mate.²⁴

Desde sua fundação, o Instituto Nacional do Mate procurou controlar a produção extrativa ou industrial, estabelecendo quotas de colheita para os estados produtores.²⁵ A divisão em quotas da produção destinada à exportação e ao próprio mercado interno era o fator de equilíbrio entre a oferta e o consumo e possibilitou a adoção de preços mínimos que asseguraram a renda do produtor.²⁶

²¹ HERVA-MATE exportada durante o ano de 1937. O Dia, Curitiba, 15 fev. 1938. p. 11.

²² TRATADO comercial argentino-brasileiro. O Dia, Curitiba, 27 jan. 1940. p. 1.

²³ NOVOS rumos para o mate. O Dia, Curitiba, 4 abr. 1940. p. 1.

²⁴ ARANHA, p. 222.

²⁵ OLIVEIRA, Carlos Gomes de. Economia do Mate. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Mate, 1943. 151 p. p. 31.

²⁶ COSTA, Arthur P. A fixação de quotas como fator de equilíbrio. Boletim do Instituto Nacional do Mate, Rio de Janeiro, 1 (1): 22, jul. 1940.

Estimulou, por outro lado, a autarquia o movimento cooperativista.

Desta forma, em fins de 1942, foi criada a Comissão de Organização Cooperativa dos Produtores de Mate, (C.O.C.P.M.), de âmbito nacional e com capital proveniente da contribuição dos exportadores de mate no valor de um cruzeiro por cada quinze quilogramas de mate produzidos no país. A finalidade deste organismo era a formação e coordenação de cooperativas de produtores de mate.

Em, 1945, ocorreu em Curitiba o primeiro Congresso de Cooperativas dos Produtores de Mate, de que participaram onze cooperativas paranaenses e quatro do antigo território de Ponta Porã, atualmente parte de Mato Grosso.

O Congresso, que contou com a participação de 3000 ervateiros, reivindicava:

- a) aproveitamento dos resíduos naturais, como paus e pós;
- b) melhoria dos preços do produto;
- c) safras de mate em épocas apropriadas;
- d) caixa de crédito cooperativo, visando a construção de barbaquás coletivos e armazéns reguladores.

Entre as funções das cooperativas ervateiras achava-se o financiamento de entre safras para seus associados além de cancelar o mate recebido dos produtores e entregar a produção a C.O.C.P.M.

A partir desta data, a C.O.C.P.M. passou a controlar os estoques de matéria-prima, sendo vedado aos industriais e exportadores a aquisição do mate por intermédio de outras fontes, enquanto este órgão não declarasse extintas as suas reservas.²⁷

Mais tarde, o Decreto Lei número 9361 de quinze de junho de 1946, extinguiu a Comissão de Organização cooperativa de produtores de mate, passando as atribuições deste órgão para o Instituto Nacional do Mate.²⁸

²⁷ WERNECK, Ruy, p. 91.

²⁸ IBID., p. 135.

As cooperativas de produtores de erva-mate e suas respectivas federações passaram a ser orientadas pela autarquia.

Em 1937, o órgão do I.N.M. responsável pela coordenação do movimento cooperativista recebeu o nome da Comissão de Planejamento cooperativo do mate.²⁹

A comissão competia autorizar as federações a realizar com o Banco do Brasil ou outro estabelecimento oficial as operações de crédito.

Em fins de 1943, a economia ervateira já apresentava os primeiros sintomas de recuperação da crise de super-produção que atravessava, conforme comprovam os seguintes quadros.

QUADRO Nº 6D

Produção total, Valor Unitário e
Consumo Interno Aparente
(Base 1953 = 100)

Anos	Quantidade		Valor unitário em cruzeiros	Índice	Consumo interno aparente em t
	Produção em t	Índice			
1936	89 277	157,62	537,00	18,64	22 676
1937	95 969	169,43	468,00	16,24	30 450
1938	94 216	166,34	432,00	14,99	30 975
1939	93 382	164,87	495,00	17,18	33 225
1940	83 815	147,98	512,00	12,77	33 295
1941	84 474	149,14	587,00	20,57	34 712
1942	80 954	142,92	473,00	16,59	25 678
1943	72 351	127,74	647,00	22,46	24 212

FONTE: ARANHA, p. 216.

²⁹ IBID., p. 158-159.

Valor Médio Anual Deflacionado, Quantidade
Total Exportada e Valores totais Exportados.

(Base 1953 = 100)

Anos	Valor médio deflacioná- do	Índice	Quantida- de em t	Índice	Valor total deflacioná- do Cr\$ 1000	Índice
1936	7 058,00	171,35	66 601	191,21	468 721	270,26
1937	6 641,10	133,37	65 319	188,11	435 349	251,02
1938	8 157,30	163,82	63 241	181,57	513 882	297,45
1939	8 931,40	179,37	60 157	172,71	537 282	309,79
1940	10 161,50	204,07	50 520	145,04	513 346	295,99
1941	8 352,40	167,74	49 762	142,87	415 624	239,65
1942	6 131,70	125,14	55 276	138,70	538 929	195,42
1943	6 238,40	125,29	48 139	138,21	500 314	175,16

FONTE: ARANHIA, p. 215

Esta fase perdurou até 1945, quando ocorreu nova de-
 pressão cujos efeitos prolongar-se-iam até 1954.

FEDERAÇÃO DO MATO DO BRASIL
CAPITAL DAS COOPERATIVAS EM 1939

COOPERATIVAS	CAPITAL em N\$
Bom Jardim	9
Ipiranga	11
Rebouças	68
Guarauna	14
Divisa	26
Iraty	11
Campo Largo	2
Rio Azul	6
Natal	9
Palmeira	5
Teixeira Soares	3
São Mateus	20
Lapa	12
São Miguel da Roseira	15
Imbituva	9
São João do Triunfo	101
Prudentópolis	-
Campo Alegre	-
Rio Preto	-
Mallet	-
Maíra	-
Valões	-
Lagos	-

FCNTE: Arquivo da Junta Comercial do Paraná. Cooperativas.
1937 a 1941.

CAPÍTULO 11

A grande crise da erva-mate nos anos 1946-54. Os produtos substitutos da erva-mate.

Após 1946, a erva-mate brasileira enfrentou profunda depressão não só no que se refere aos volumes exportadores, como também no valor das exportações.

QUADRO N° 64

Valor Médio Anual Deflacionado, Quantidade Total Exportada e Valores Totais Exportados (Base 1953 = 100)

Anos	Valor médio deflacionado	Índice	Quantidade em t	Índice	Valor total deflacionado em \$ 1.000	Índice
1943	6 258,31	125,29	48 159	138,21	300 314	175,16
1944	7 067,31	141,93	48 691	139,79	344 115	198,41
1945	8 145,31	163,58	49 329	145,06	405 864	234,02
1946	7 247,08	145,54	49 224	141,32	358 057	206,46
1947	6 121,37	122,95	55 434	159,15	359 361	195,67
1948	6 223,30	124,99	46 775	134,29	291 117	167,66
1949	6 258,89	126,20	47 569	136,00	297 663	171,66
1950	4 012,09	60,58	45 774	131,42	185 646	105,89
1951	3 593,27	72,16	50 054	145,71	179 855	103,76
1952	3 999,96	80,55	44 566	127,95	178 260	102,78
1953	4 979,50	100,00	54 851	100,00	175 455	100,00
1954	4 675,40	93,86	49 851	145,12	252 977	154,55

FONTE: ARANHA, p. 235.

Entre os antecedentes da mencionada crise, a política econômica executada pelo Instituto Nacional do Mate, a ocorrência da Segunda Grande Guerra e a super produção de *ilex paraguariensis* na Argentina e no Brasil.

O I.N.M., autarquia cuja função era regulamentar a produção, a indústria e o comércio, estabeleceu quotas de exportação para cada empresa industrial ou exportadora.

Entretanto, no setor produtivo houve uma grande parcela de produção excedente e nova oscilação dos preços para baixo.³⁰

QUADRO Nº 65

Volume da produção de erva-mate no Brasil
segundo os estados produtores

Ano	Total	Paraná	S.Catarina	R.G.S.	M.Grosso
1945	72 941	52 487	17 370	-	-
1946	67 300	51 300	20 000	16 000	-
1947	72 541	53 650	-	-	-
1948	65 772	9 097	3 554	-	-
1949	73 473	18 100	7 500	-	-
1950	60 321	19 510	12 077	16 745	11 989
1951	64 796	21 625	12 081	19 759	11 331
1952	132 228	18 346	11 594	22 268	80 080
1953	56 641	13 182	8 550	22 784	7 145
1954	66 382	23 450	10 900	25 040	7 012

FONTE: Relatórios dos Presidentes do I.N.M. à Junta Deliberativa 1945-48 e CODEPAR. Economia do mate.. Curitiba, 1965. p. 5/12. l v.

³⁰ ARANHA, p. 245.

Com o objetivo de diminuir a oscilação de preços, o I.N.M. reduziu as quotas de exportação destinadas às cooperativas, em 1946.

Prosseguiu, entretanto, o comércio clandestino de erva-mate, através das fronteiras gaúchas.

O contrabando seria o responsável por outra oscilação de preços para baixo, a partir de 1950.

O plano de racionalização da produção, adotado pelo I.N.M. após 1946, não vingou, graças ao comércio clandestino.

As quotas de colheita eram estabelecidas pelo I.N.M. "em função da área ocupada pelas ervaíras, correlacionando com a média de produção anterior."³¹

As safras foram, portanto, reduzidas a um terço de sua disponibilidade real, de acordo com a chamada "quota preta", então em vigor. Por exemplo, a estimativa da capacidade de produção do Paraná, em 1946, era 301.927.500 quilogramas enquanto que a produção autorizada era de apenas 63.797.200 quilogramas.

A instabilidade dos mercados tradicionais, por sua vez, desestimularia os ervaíreiros que, passariam a produzir cada vez menos, gerando um problema oposto: o de escassez de matéria-prima em 1950 e 1951.³²

A Resolução número duzentos e quarenta e nove, sobre a padronização dos engenhos de mate, por outro lado, trouxe aperfeiçoamentos técnicos, que contribuíram para uma maior uniformidade dos tipos de beneficiada e conseqüentemente uma melhoria na qualidade do produto exportado.³³

Em verdade, as cooperativas não estavam tecnicamente aptas para beneficiar o produto, porém, sua participação no setor de beneficiamento era mínima, pois sua quota de beneficiada era apenas seis por cento sobre um total de vinte e seis por cento das exportações gerais do Brasil de erva-mate.³⁴

³¹ PONCE FILHO, Generoso. Relatório apresentado à Junta Deliberativa pelo presidente Dr. Generoso Ponce Filho em março de 1946. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Mate, 1946. 57 p. p. 33. Mimeogr.

³² PONCE FILHO, Generoso. Relatório apresentado à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate pelo presidente Dr. Generoso Ponce Filho em março de 1947. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Mate, 1947. 70 p. p. 14-15. Mimeogr.

³³ IBID., p. 28.

³⁴ PONCE FILHO, Generoso. Relatório apresentado à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate pelo presidente Dr. Generoso Ponce Filho em outubro de 1947. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Mate, 1947. 127 p. p. 16-17. Mimeogr.

No que se refere aos mercados tradicionais, a Argentina, na época, possuía uma safra superior à produção brasileira: cerca de cento e vinte e cinco milhões de quilos, enquanto que a produção brasileira oscilava em torno de sessenta e seis milhões. O consumo argentino de erva-mate naquele momento, era aproximadamente cento e trinta milhões de quilos.³⁵

Neste país, a produção ervateira era regulamentada e assistida pela Dirección de Yerba mate e pelo Mercado Consignatário. Estes órgãos, além de garantirem ao produtor preços mínimos, permitiam um financiamento de oitenta por cento da colheita por intermédio do Banco de la Nación a juros insignificantes.

O intercâmbio comercial com o Chile, por sua vez, era na época insatisfatório, não ultrapassando 6000 toneladas, enquanto que as exportações brasileiras para a Argentina foram suspensas durante alguns meses, graças aos já mencionados antecedentes.

Nesta fase, ainda a erva brasileira era mais barata do que a erva missioneira: ao câmbio de quatro cruzeiros e trinta e sete centavos por peso, a erva do Atlântico custava cerca de C\$ 25,50 na praça de Buenos Aires, enquanto que a erva missioneira seis, sessenta pesos por cada dez quilogramas ou o montante de C\$ 28,84.³⁶

O Paraná ocupava ainda o primeiro lugar entre os exportadores brasileiros. Por exemplo: em 1948, a exportação brasileira de erva-mate atingiu o volume de 55.434 toneladas no valor de C\$ 6.238,80; para este montante o Paraná contribuiu com 32.917.600 quilogramas.

Em 1948, o mercado de consumo argentino expandiu-se para cento e trinta e cinco milhões de quilogramas. Os estoques em poder do mercado consignatário atingiram neste ano, apenas sessenta e sete milhões de quilos, quantidade insuficiente para abastecer a indústria argentina de beneficiamento de erva-mate. Abriam-se portanto, perspectivas de exportação da erva-mate procedente do Atlântico, durante o referido período.

³⁵ IBID., p. 18.

³⁶ PONCE FILHO, Generoso. Relatório apresentado à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate pelo presidente Dr. Generoso Ponce Filho, em março de 1949. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Mate, 1949. 143 p. p. 54-55. Mimeogr.

As oscilações no mercado argentino, porém, foram extremamente prejudiciais ao setor produtivo, sobretudo para o Estado de Mato Grosso, cujo mercado externo era unicamente porteno.³⁷ O tipo de erva produzida por Mato Grosso - de sabor amargo e forte - era um sabor adaptado unicamente ao mercado argentino.

No mercado interno, a erva de Mato Grosso "não possuía condições competitivas com a chamada erva-mate do Atlântico, produzida pelos estados do sul, em função da distância de localização dos centros produtores"...³⁸

Generoso Ponce Filho, "advogava a expansão do consumo interno, entre as populações urbana e rural,"³⁹ para compensar as oscilações da demanda nos mercados externos.

Em 1949, por exemplo, houve profunda retração do mercado argentino, em virtude da falta de divisas.

Na época, a balança comercial era favorável ao Brasil, em virtude da diminuição ocorrida nas exportações de trigo argentino.⁴⁰

A redução das importações de trigo argentino ocorreram graças à diversificação agrícola que se processava no Paraná, desde o final da década de 1930. A partir de 1937, o governo do Estado do Paraná procurou estimular a triticultura. O quadro número sessenta e cinco demonstra o volume atingido pela cultura de trigo no Paraná, nos anos de 1938 e 1939. Além do trigo, apresentaram grande volume as safras de algodão, café, milho e centeio.⁴¹

³⁷ ENTREVISTA com o sr. José Lacerda, empresário da Moínhos Unidos Brasil-Mate S/A., realizada a 27 de abril de 1976. 14 p. p. 2. Datilogr.

³⁸ ENTREVISTA com o Dr. Harry Wekerlin, ex-presidente do Instituto Nacional do Mate, realizada a 19 de janeiro de 1977. 8 p. p. 2. Datilogr.

³⁹ PONCE FILHO, Generoso. Relatório apresentado à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em outubro de 1949. 180 p. p. 15.

⁴⁰ IBID., p. 23.

⁴¹ RIBAS, Manoel. Relatório apresentado a S.Excia. o sr. Dr. Getúlio Vargas, m.d. Presidente da República, pelo Sr. Manoel Ribas, interventor federal no Estado do Paraná, exercício de 1932 - 1939. Curitiba, 1940. 62 p. p. 28.

QUALIDADE	UNIDADE	QUANTIDADE	
		1938	1939
Arroz	Sacos	218.990	334.481
Algodão	Quilos	6.780.344	6.706.798
Abacaxi	Frutos	416.128	418.540
Batatas	Toneladas	56.616	139.110
Bananas	Cachos	1.544.774	2.951.070
Cana de Açúcar	Toneladas	21.135	19.185
Café	Sacos	546.053	795.906
Fumo	Quilos	46.500	52.689
Feijão	Sacos	499.529	338.414
Laranjas	Caixas	307.305	336.514
Mandioca	Toneladas	69.831	60.352
Milho	Sacos	2.956.376	3.160.352
Trigo	Quilos	5.173.303	8.027.378
Centeio	Quilos	6.207.000	8.558.160

OBSERVAÇÃO: Não foram recebidos os dados dos Municípios de Carlópolis, Cêro Azul, Curitiba, Fóz do Iguaçu, Guarapuava, Palmas, Pirai, Ponta Grossa, Prudentópolis, Reserva, São João do Triunfo, São Mateus Sertanópolis e Tencoslan Braz.

FONTE: RIBAS, Manoel. Relatório apresentado a S.E. o sr. Dr. Getúlio Vargas, presidente da República pelo Sr. Manoel Ribas interventor federal no estado do Paraná, exercício de 1932-39. Curitiba, 1940. 62 p. p. 28.

O governo paranaense incentivou igualmente o incremento dos meios de transporte rodoviários e ferroviários.

Segundo Manoel Ribas: "a capital do estado e os portos do mar ainda não estavam ligados aos principais centros produtores por estradas de rodagem."⁴²

Sem dúvida, uma das principais realizações do governo de Manoel Ribas foi a ligação de Curitiba ao norte do estado, com uma extensão de setecentos e cinquenta e quatro quilômetros.

No que se refere aos meios de transporte ferroviários, a Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande "não foi construída para atender aos interesses do Paraná, tendo apanhado o seu território pela região econômica de menor importância."⁴³

A Estrada de Ferro do Paraná, por sua vez, cobriu um território de dimensões insignificantes.

Desta última, apenas alguns ramais atendiam os interesses econômicos do estado, como o Ramal do Paranapanema, construído pelo Governo Federal e a linha Curitiba - Guaíra - Rolândia.

Foram os progressos e a melhoria dos meios de transporte durante os anos trinta, a infra-estrutura para a diversificação agrícola que acabou por transformar o Paraná em um celeiro do Brasil, tal como a França era considerada o empório agrícola da Europa Ocidental.

Entretanto, malgrado o desenvolvimento da triticultura brasileiro, governo da união foi obrigado a fazer concessões para assegurar as vendas de erva-mate à Argentina.⁴⁴

Assim pelo Convênio Comercial complementar, assinado em dezesseis de maio de 1939, entre o Brasil e a República Argentina, o primeiro comprometeu-se a importar do Prata seiscentas mil toneladas de trigo ao preço de m\$ n trinta e seis por quintal FOB.⁴⁵

⁴² IBID., p. 10.

⁴³ IBID., p. 12.

⁴⁴ PONCE FILHO, Generoso. Relatório apresentado à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate pelo presidente Dr. Generoso Ponce Filho em outubro de 1947, p. 25.

⁴⁵ UM quintal é igual a 58,752 quilogramas.
LIZANTI, Luiz. Negócios Coloniais. São Paulo, Visão, 1973. v. 1, p. 87.

Em troca, o governo argentino "facilitaria a importação dos produtos que tradicionalmente tem adquirido no Brasil, procurando que seus valores sejam equivalentes à média das suas compras no triênio 1946-1948..."⁴⁶

Era prioritariamente beneficiado pelo Convênio comercial argentino-brasileiro, o intercâmbio dos seguintes produtos brasileiros: madeiras, fios e tecidos de algodão, frutas, erva-mate, cacau, tabaco, café, ferro, aço, metais não ferrosos, chá, ceras, além de manufaturas medicinais e metalúrgicas.

Além do trigo, o governo brasileiro passou a importar os seguintes artigos de procedência platina: frutas próprias de clima temperado, alhos, láctíneos, aves congeladas, couros, lãs, sementes, alpiste e medicamentos.

Observa-se, portanto, que no final da década de 1940, o mercado argentino apresentava sintomas de estagnação, "sem possibilidades maiores do que o limite marcado pela média das importações realizadas no último biênio."

Além da erva procedente do Atlântico, o mercado argentino consumia habitualmente, durante o final do decênio de 1940, cerca de quatro a cinco milhões de quilos de erva paraguaia.

Para o mercado uruguaio, o mais importante consumidor da erva-mate brasileira desde o final da década de 1930, as quotas de importação eram determinadas pelo Contralor de Exportaciones e Importaciones.

O referido órgão distribuía as licenças de importação.

Desejavam igualmente, as autoridades uruguaias ampliar a quota de erva cancheada procedente do Brasil, recebendo setenta e cinco por cento do produto elaborado e vinte e cinco por cento de matéria-prima.⁴⁷

O Chile também adotou em 1949, um sistema de controle de importações, denominado "presupuesto de divisas." Este sistema prejudicou as exportações de erva-mate para este país, durante o referido período. No Chile, a erva-mate era consumida principalmente sob a forma de chimarrão, nas províncias do sul.

⁴⁶ IBID., p. 28.

⁴⁷ IBID., p. 39.

Outro sério problema que a economia ervateira enfrentava na época, era a falta de financiamento ao setor produtivo.⁴⁸

Permanecia o produtor isolado sem ajuda para algum, caso não se filiasse a uma cooperativa.

A situação financeira dos grandes e médios produtores que desenvolviam outras atividades aliadas à extração de erva-mate, não era má. Esta categoria de produtores possuía condições econômicas para estocar a matéria-prima, a fim de vendê-las aos engenhos a preços mais elevados.⁴⁹

Já a situação dos pequenos produtores era miserável. O Dr. José Arruda Albuquerque testemunhou a respeito do seu padrão de vida na região de São Mateus:⁵⁰

"Homens cheios de carvão, magros, esqueléticos, mal alimentados, trazendo estampada no rosto a imagem do próprio sofrimento, da própria dor.

Mulheres disformes, verdadeiras massas sem contornos, carregando nas costas autênticos andrajos, trapos que se tornavam mais pesados ao peso dos remendos.

Crianças barrigudinhas e sujas, verminadas e doentes."

As condições dos empregados de ervais era a de párias dentro da legislação trabalhista, sem nenhuma proteção ou garantia legal.

Desta forma, a má situação dos pequenos produtores e trabalhadores dos ervais levaria, em um futuro próximo, à falta de mão de obra para a indústria extrativa da erva-mate.

"Os produtores procuraram, então, transformar a produção, a extração de erva-mate, em atividade suplementar e se dedicaram a outras atividades principalmente mais rentáveis, ou seja, agricultura, pecuária, enfim, atividades agrícolas em geral."⁵¹

Outro fator de desestímulo à produção de matéria-prima é a oscilação das importações por parte dos mercados tradicionais e a perda do consumo argentino.

⁴⁸ IBID., p. 96.

⁴⁹ COMPANHIA de Desenvolvimento Econômico do Paraná. Escritório Técnico de Planejamento. Economia do mate. Curitiba, 1965. 94 p. p. 2-18.

⁵⁰ CONGRESSO cooperativo dos ervateiros do Brasil. Curitiba, 1945. Anais. s.n.t. p. 10.

⁵¹ ENTREVISTA com o Dr. Harry Wekerlin, ex-presidente do I.N.M. a 19 de janeiro de 1977. p. 1, 7-8.

Após 1948, a Argentina consumia unicamente erva cancheada.

Em 1966, "a Argentina proibiu a importação de erva-mate brasileira, "consumando-se assim o ciclo iniciado em 1910, de reduções consecutivas e progressivas de importação de erva-mate brasileira."

Desta forma, a perda do consumo argentino atingiu principalmente os produtores e exportadores de erva cancheada.

MERCADO ARGENTINO
IMPORTAÇÃO DE ERVA-MATE BRASILEIRA SEGUNDO OS TIPOS;

Ano	Canchada (kg)	Beneficiada (Kg)	Total (Kg)
1923	45.402.411	22.971.930	58.374.391
1924	36.471.012	22.327.420	58.798.432
1925	38.228.125	24.038.208	62.266.333
1926	43.697.633	23.004.222	66.901.855
1927	49.794.126	22.059.931	72.034.107
1928	51.331.225	16.656.730	68.037.955
1929	55.176.105	13.185.802	68.361.907
1930	55.659.624	11.207.722	66.867.346
1931	50.018.805	8.746.270	58.765.075
1932	50.551.409	5.567.838	56.099.244
1933	35.634.598	1.370.011	37.054.409
1934	33.697.835	208.954	33.906.769
1935	35.528.922	154.260	35.683.182
1936	34.809.565	229.322	35.038.887
1937	35.400.937	331.645	35.842.610
1938	33.430.456	101.565	33.532.001
1939	30.667.085	71.531	30.738.666
1940	26.372.479	39.483	26.411.942
1941	22.520.649	53.419	22.573.468
1942	27.545.023	47.738	27.592.761
1943	19.571.778	52.408	19.624.186
1944	19.531.960	19.467	19.551.427
1945	22.500.796	67.159	22.567.955
1946	19.610.316	10.369	19.621.385
1947	25.597.400	12.000	25.609.400
1948	23.223.400	15.400	23.238.800
1949	12.460.638	-	12.460.638
1950	11.953.638	-	11.953.638
1951	12.348.822	-	12.348.822
1952	11.838.000	-	11.838.000
1953	10.035.000	-	10.035.000
1954	13.304.000	-	13.304.000
1955	20.653.000	-	20.653.000
1956	20.157.946	-	20.157.946
1957	26.754.000	-	26.754.000
1958	35.900.000	-	35.900.000
1959	16.233.000	-	16.233.000
1960	27.525.000	-	27.525.000
1961	33.112.320	-	33.112.320
1962	16.829.000	-	16.829.000
1963	18.095.000	-	18.095.000
1964	15.724.002	-	15.724.002

FONTE: COMPANHIA de Desenvolvimento Econômico do Paraná. Escritório Técnico de Planejamento. Economia do Mate. Curitiba, 1965. 279 p. em 2v. p. 7-71.

O final da década de 1940, foi realmente promissor para o consumo de erva-mate: a alta dos preços do café, em 1949, devido à escassez do produto "abriu ótimas perspectivas para o mate nos mercados interno e externo."⁵²

Nos dois primeiros anos da década de 1950, entretanto a produção de matéria-prima apresentou um sensível declínio, sobretudo nos estados do Paraná e Santa Catarina. Entre os antecedentes desta subprodução, a rudimentar técnica de poda utilizada, o que prejudicava organicamente as árvores.

"A colheita manual, feita de acordo com técnicas rotineiras é uma verdadeira poda que, muitas vezes, deixa a árvore completamente desprovida de folhas."⁵³

Segundo o agrônomo João Cândido Ferreira Filho, a erva "assim mutilada precisa três a quatro anos para se restaurar ou melhor, para formar outros ramos, que se cobrem novamente de folhas durante longo período..."⁵⁴

⁵²PONCE FILHO, Generoso. Relatório apresentado à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate, em março de 1950. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Mate, 1950. 130 p. p. 25.

⁵³PARANÁ. Secretaria da Agricultura, Departamento de Economia Rural. Cultura do mate. Curitiba, 1973. lv. não paginado.

⁵⁴FERREIRA FILHO, João Cândido. Cultura e preparo da erva-mate. Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura, 1957. 64 p. p. 38.

PREÇOS DO CAFÉ TORRADO E MOÍDO - A VAREJOCURITIBA - ESTADO DO PARANÁ

1940 - 1970

ANOS	EM CRUZEIROS POR Kg. Médias móveis.
1940	-
1941	-
1942	0,004
1943	0,005
1944	0,006
1945	0,008
1946	0,009
1947	0,010
1948	0,014
1949	0,017
1950	0,019
1951	0,024
1952	0,029
1953	0,034
1954	0,039
1955	0,044
1956	0,046
1957	0,047
1958	0,048
1959	0,049
1960	0,050
1961	0,061
1962	0,069
1963	0,127
1964	0,196
1965	0,265
1966	0,436
1967	0,662
1968	1,004
1969	-
1970	-

FONTE: CARDOSO, Alcina. Indústria de torrefação e moagem de café e consumo interno; 1940 - 1970. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1976. Dissertação de mestrado. 185 p. p. 132.

SALÁRIO MÍNIMO EM CURITIBA - ESTADO DO PARANÁ

1940 - 1970

ANOS	EM CRUZEIROS Médias móveis.
1940	2
1941	-
1942	0,21
1943	0,23
1944	0,25
1945	0,27
1946	0,29
1947	0,29
1948	0,29
1949	0,29
1950	0,36
1951	0,43
1952	0,50
1953	0,74
1954	0,99
1955	1,40
1956	1,81
1957	2,58
1958	3,72
1959	5,43
1960	6,91
1961	9,83
1962	16,05
1963	26,61
1964	39,89
1965	57,08
1966	77,03
1967	98,23
1968	120,34
1969	-
1970	-

FONTE: CARDOSO, Alcina Maria, p. 133.

Além deste fator, a exploração de madeiras conduziu à eliminação de muitas erveiras, graças à derrubada das matas e do próprio envelhecimento dos ervais nativos.

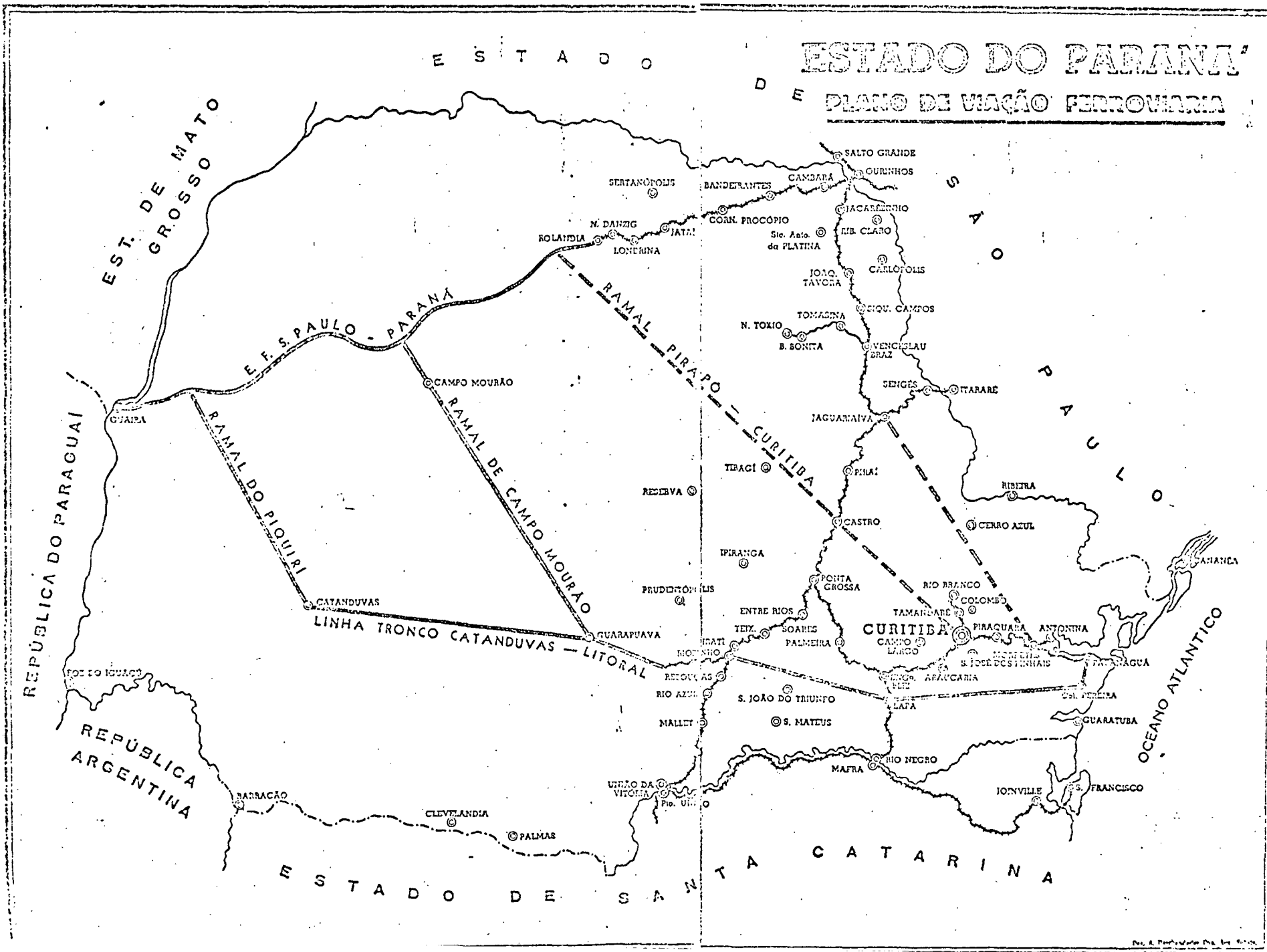
Além disso, em 1950, a lagarta *coruquerê* danificou grandes extensões de ervais nos municípios de São Mateus, Rebouças, Rio Azul, Mallet e Teixeira Soares.⁵⁵

O combate à sub-produção poderia ser realizado através das seguintes medidas: alta de preços, antecipação do prazo destinado à colheita e pelo financiamento da entre-safra, durante o período da mesma.

Os preços de erva beneficiada para o mercado uruguaio por exemplo, mantiveram-se estagnados nos três anos anteriores a 1953. Quase todas as firmas exportadoras de erva-mate paranaenses "fecharam balanço com prejuízo em 1952 e várias delas decidiram fechar suas portas."⁵⁶ Entre as firmas que encerraram suas atividades entre 1952-53, estão as tradicionais empresas Ascânio Miró & Cia. Ltda. e Guimarães & Cia. S.A.

⁵⁵ TABORDA JR., Pretextato. Relatório apresentado à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em março de 1951. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Mate, 1951. 82 p. p. 20.

⁵⁶ TABORDA JR., Pretextato. Relatório apresentado à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em março de 1953. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Mate, 1953. 68 p. p. 44. Mimeogr.



EXPORTAÇÕES ARGENTINAS DE ERVA-MATE - em quilogramas. (1946 - 1953).

DESTINO	1946	1947	1948	1949	1950	1951	1952	1953
Alemanha	-	-	-	-	-	-	-	-
Arábia Saudita	-	-	-	-	-	-	-	-
Bolívia	88.385	55.980	32.032	35.844	84.002	68.730	150	-
Canadá	-	-	-	-	-	-	-	-
Chile	512.714	232.270	198.060	196.255	45.100	2.076.238	2.126.417	564.706
Costa Rica	-	-	-	-	-	-	-	-
Dinamarca	-	-	-	-	-	-	2.545	-
Ecuador	88.385	1.800	-	-	-	5.000	3.143	3.143
Espanha	-	-	-	-	11.000	-	-	10
EUA	5.000	-	-	-	7.536	6.617	6.973	4.550
França	-	-	-	-	1.200	590	2.300	30
INGLATERRA	-	-	36.000	4.027	-	311	151	151
Israel	-	-	-	-	-	-	-	-
ITÁLIA	-	1.120	1.763	-	1.000	5.021	9.004	9.004
Irã	-	-	-	-	-	-	-	-
Jamaica	-	-	-	-	-	-	-	-
Jordânia	-	-	-	-	-	-	-	-
KUWAIT	-	-	-	-	-	-	-	-
Líbano	-	-	-	-	-	111.170	50.170	64.016
Libéria	-	-	-	-	-	-	-	-
México	1.230	1.140	2.350	-	-	200	1.866	1.866
Mongólia	-	-	-	-	-	-	-	-
Nigéria	-	+	-	-	-	-	-	-
Perú	2.480	-	-	4.136	-	150	1.200	-
Panamá	-	-	-	-	-	-	-	-
SÍRIA	-	-	-	-	21.360	157.120	69.488	62.086
Suécia	2.980	3.000	2.100	-	-	2.011	2.005	738
SUIÇA	-	-	5.446	-	-	5.300	-	4.485
União Sul Afric.	-	-	-	-	-	300	300	-
Uruguai	-	2.000	-	-	2.000	20.000	50.000	-
Venezuela	-	-	-	-	-	238	56	-
Brasil	-	-	-	-	-	-	-	10

QUADRO Nº 71

EXPORTAÇÃO DE ERVA MATE ARGENTINA (de 1954 a 1963)

Em quilos

PAÍSES	1954	1955	1956	1957	1958	1959	1960	1961	1962	1963	TOTAL
Alemanha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12.520	12.520
Arábia Saudita	-	-	-	-	-	-	-	-	2.000	4.000	6.000
Bolívia	11.521	18.685	45.268	9.298	-	-	8.000	49.152	21.730	80.737	244.241
Canadá	-	-	-	-	-	-	520	490	-	1.000	2.010
Chile	2.659.000	60.050	48.407	39.000	-	67.000	150.500	38.936	190.905	119.442	3.395.268
Costa Rica	-	-	-	200	-	-	-	-	-	-	200
Dinamarca	-	-	-	1.000	-	-	-	-	720	2.755	4.475
Equador	3.500	-	800	3.520	1.800	2.800	3.600	1.600	1.600	800	20.020
Espanha	-	-	-	-	-	-	-	-	7.200	5.000	12.200
Estados Unidos	7.000	4.000	9.552	6.120	8.800	9.700	9.539	10.920	20.990	24.100	110.771
França	2.520	-	2.400	-	-	1.000	2.000	720	660	1.520	10.820
Inglaterra	2.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2.000
Israel	-	-	-	-	-	-	-	500	-	-	500
Itália	2.000	2.000	4.000	2.000	2.000	11.000	5.000	9.000	9.500	11.160	57.660
Irã	-	-	8.000	-	-	-	-	-	-	-	2.000
Jamaica	-	-	-	-	-	-	-	120	-	-	120
Jordania	-	-	-	-	-	-	200	-	-	15.000	15.200
Kuwait	-	-	-	-	-	-	2.000	4.000	14.000	5.000	25.000
Líbano	50.500	39.920	58.100	63.000	250.000	116.100	83.850	181.000	212.040	146.600	1.180.510
Libéria	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2.000	2.000
México	-	564	264	1.584	500	1.000	4.000	1.500	-	1.730	11.142
Mongólia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	200	200
Nigéria	-	-	-	-	-	-	-	-	875	-	875
Perú	-	-	3.000	3.000	2.520	3.000	3.040	3.000	3.030	6.700	27.340
Panamá	-	-	-	-	-	-	-	-	520	-	520
Síria	-	165.955	215.000	304.096	247.200	384.250	438.157	52.720	455.328	539.000	2.577.506
Suécia	1.500	2.000	4.000	2.000	-	2.000	2.000	2.000	2.000	4.000	21.500
Suíça	1.040	-	-	1.200	-	-209	1.200	-800	-	- 800	3.249
União Sul Africana	-	300	500	-	375	-	-	-	-	-	1.475
Uruguai	-	-	2.000	-	-	-	-	-	-	-	2.000
Venezuela	32	32	-	-	440	-	1.368	1.500	3620	730	7.552
T O T A L	2.720.113	292.606	399.291	436.018	513.955	598.059	715.024	577.786	925.316	782.224	7.752.474

FONTE: JOFFERT, p. 18.

DESTINOS	1964		1965		1966		1967	
	Volume	Valor	Volume	Valor	Volume	Valor	Volume	Valor
Arábia Saudita	2.000	819	4.000	1.605	-	-	149.011	793
Bolivia	169.454	5.997.972	177.207	48.856	10.036.500	48.699	227.394	48.699
Canadá	520	28.815	240	96	115.698	588	1.380	588
Chile	258.274	7.812.637	246.385	56.894	9.941.762	47.915	188.847	47.915
Ecuador	8.800	449.148	1.200	43.524	-	-	-	-
Espanha	6.164	340.249	12.360	801.300	11.366	1.053.789	11.366	5.127
Estados Unidos	44.479	3.020.624	40.905	3.246.999	52.299	4.878.145	52.299	24.611
França	320	17.824	1.220	78.588	1.280	112.438	1.280	511
Israel	2.500	107.040	1.000	88.374	5.000	540.388	5.000	2.745
Itália	14.000	795.024	15.240	986.386	9.200	762.438	9.200	3.815
Jamaica	-	-	-	-	-	-	-	-
Kuwait	10.000	559.441	20.962	1.406.254	21.660	1.692.987	21.680	8.187
Líbano	265.306	15.101.800	394.666	26.285.637	488.008	199.200	41.619.536	199.300
México	1.000	71.655	1.040	129.579	-	-	4.803	2.309
Síria	589.814	14.183.522	680	39.052	4.803	2.309	585.214	129.191
Suécia	2.009	116.360	-	-	385.214	26.062.602	4.000	1.335
Suíça	240	12.934	67	6.001	4.000	264.520	26.178	138
União Sul Africana	250	10.453	119.995	4.957.521	-	-	-	-
Uruguai	3.049	107.348	3.200	224.256	635.890	20.955.163	635.890	108.589
Jordania	500	27.789	-	-	-	-	-	-
Perú	3.340	157.620	3.320	195.553	-	-	-	-
Dinamarca	-	-	-	-	-	-	-	-
Libéria	-	-	6.000	464.220	-	-	-	-
Países Baixos	-	-	1.520	106.806	-	-	-	-
Paraguai	-	-	4.736	205.000	-	-	-	-
Reino Unido	-	-	10.557	1.183.694	-	-	-	-
Alemanha	=	=	-	-	1.000	370	-	-
Austrália	-	-	-	-	2.090	74	-	-
Venezuela	-	-	-	-	160.668	770	2.025	770
T O T A L	1.101.993	48.919.055	1.065.150	40.550.755	21.892.439	56.624.229	43.343.123	584.621

QUADRO Nº 72

EXPORTAÇÕES ARGENTINAS DE DEVI-ENTRADA DE FICHA (1968 - 1972) volumes: Kg - valores US\$

1968

1969

1970

1971

1972

DESTINOS	Volume	Valor	Volume	Valor	Volume	Valor	Volume	Valor	Volume	Valor
Árabia Saudita	4.000	1.440	15.016	4.579	3.000	990	-	-	6.000	2.528
Bolívia	210.470	42.488	274.147	76.230	270.155	79.021	117.289	30.225	50.700	12.332
Canadá	142	490	1.920	676	2.650	1.140	1.300	754	1.594	350
Chile	2.600	451.918	859.611	17.850	1.094.819	382.196	2.525.827	564.026	2.341.705	579.181
Equador	9.760	1.051	1.830	785	-	-	-	-	-	-
Espanha	55.156	3.939	6.876	3.136	15.228	6.109	11.200	4.540	-	-
E.U.A.	480	176	93.327	40.230	151.460	57.356	46.212	18.931	160.900	67.235
Frância	12.500	5.800	1.452	546	1.520	550	1.000	440	1.400	654
Israel	8	6.687	14.325	6.950	15.500	7.625	14.000	5.376	22.609	7.657
Itália	13.760	5.659	19.050	8.515	10.396	5.504	15.900	7.497	16.700	7.612
Jamaica	419.686	159.868	-	-	-	-	-	-	100	50
Japão	3.160	1.454	460.296	199.605	3.000	1.147	1.000	590	5.000	2.051
Líbano	1.292.121	428.877	22.036	8.957	404.680	163.330	1.061.616	419.427	440.800	186.195
México	2.000	843	5.400	2.109	3.447	1.808	7.416	3.571	7.392	3.072
Níria	870	348	128.439	45.635	190.000	47.345	833.911	205.848	734.831	285.492
Níccia	1.250	459	2.000	843	2.000	843	2.000	836	2.000	951
Níça	206.000	51.130	2.000	716	567	203	-	-	-	-
Sul Afric.	3.200	1.756	8.479	3.004	2.270	968	500	196	4.000	1.455
Uruguai	-	-	30.000	4.702	-	-	-	-	-	-
Vinamarca	-	-	-	-	1.000	351	-	-	-	-
Y. Espanhola	-	-	-	-	43	278	-	-	-	-
Perú	-	-	-	-	500	175	-	-	-	-
Venezuela	-	-	-	-	1.240	446	5.920	2.745	2.600	1.379
Austrália	-	-	-	-	1.000	529	3.112	863	9.364	2.450
Ibéria	-	-	-	-	-	-	30.032	11.275	100.000	41.874
Porto Rico	-	-	-	-	-	-	600	270	-	-
apão	-	-	-	-	-	-	300	144	-	-
Rep. Fed. Alemã	-	-	-	-	-	-	833.931	205.848	-	-
Néccia	-	-	-	-	-	-	10.000	3.936	-	-
Países Baixos	-	-	-	-	-	-	2.825	1.511	-	-
Brasil	-	-	-	-	-	-	-	-	20.000	4.200
T O T A I S	2.237.183	1.144.363	1.944.224	425.024	2.774.715	7.577.114	5.524.621	1.508.067	5.917.955	1.205.248

FONTE: Camara de Comercio Argentino-Brasileira.

CONSUMO INTERNO ARGENTINO DE ERVA-MATE
(1947 - 1963)

Años	<u>Consumo total</u>		<u>Consumo per cápita</u>	
	Ton (1) 1947 = 100		kg.	1947=100
1947	124.173	100,0	7,793	100,0
1948	135.060	108,7	8,300	106,5
1949	113.810	91,6	6,821	87,5
1950	124.212	100,0	7,253	93,0
1951	134.154	108,0	7,644	98,0
1952	140.221	122,9	7,817	100,3
1953	120.827	97,3	6,609	84,5
1954	135.830	109,5	7,293	93,6
1955	127.933	103,0	6,744	86,5
1956	139.467	112,2	7,218	92,5
1957	137.950	111,0	7,003	89,8
1958	142.303	114,6	7,095	91,0
1959	136.572	109,0	6,696	85,9
1960	130.851	105,3	6,313	81,0
1961	131.085	105,5	6,221	79,3
1962	140.661	113,2	6,568	84,2
1963	121.481	97,8	5,383	71,6

FONTE: GALHARRETBORDE, Juan Omar. Analises de la demanda y oferta de yerba-mate. Posadas, Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria y Estacion Experimental Agropecuaria de Misiones, 1965. 64 p. p. 16.

PREÇOS MINORISTAS DE ERVA-MATE NO MERCADO
ARGENTINO.

(1947 - 1963)

Años	Precio p/kg. (en pesos co- rrientes) (1)	Precio p/kg. (en pesos de 1960)	1947=100
1947	1,12	24,24	100,0
1948	1,24	23,75	97,9
1949	1,70	24,81	102,5
1950	2,10	24,81	100,7
1951	2,82	24,00	99,0
1952	4,20	25,78	106,3
1953	5,27	31,10	128,5
1954	5,56	31,60	130,3
1955	6,23	31,54	130,1
1956	7,00	31,25	128,9
1957	8,27	29,49	121,6
1958	9,75	26,59	109,6
1959	19,51	24,83	102,4
1960	26,59	26,59	109,6
1961	26,84	25,60	97,3
1962	29,81	20,45	84,3
1963	40,64	22,49	92,7

FONTE: IBID., p. 18.

Outras firmas, como a David Carneiro & Cia. S/A, B.R. de Azevedo & Cia. Ltda., Jordão Maeder, Fábricas Pontana S/A e José Lacerda & Cia. Ltda., cogitavam uma fusão "a fim de baratear o custeio de industrialização, fechando para isto vários engenhos e trabalhando com apenas dois deles."⁵⁷

O resultado da referida fusão foi o nascimento do grupo econômico Moinhos Unidos Brasil Mate S.A., a doze de maio de 1953.

A classe dos industriais de beneficiamento de erva-mate apelava para o I.N.M. a fim de obter para a *ilex paraguariensis* uma cota de câmbio livre para sua exportação, de acordo com a Instrução nº quarenta e oito, da Superintendência da Moeda e do crédito do Banco do Brasil S.A.⁵⁸

No mercado chileno, por sua vez, a erva-mate oriunda do Atlântico sofria a competição da erva missioneira. Em 1951, por exemplo, a Argentina exportou 2.076 toneladas de erva-mate para este mercado.

Por outro lado, a crise de mão de obra no setor produtivo foi mais profunda em Mato Grosso, onde a oscilação do mercado argentino, aliada a compra de terras por cafeicultores paulistas provocou a falta de braços. Os ervateiros encontraram melhores condições de salário e de trabalho nas fazendas de café do que nos ervais.⁵⁹

Embora a erva cancheada missioneira custasse ao importador um preço mais elevado do que a erva do Atlântico, [cerca de vinte e cinco, oito por cento] e o consumo argentino anual de erva-mate apresentasse o aumento de 15.003 toneladas em 1954, com relação ao ano anterior, diminuíram as exportações brasileiras para este mercado, devido à concorrência da produção nacional.

⁵⁷ ESCRITURA pública de constituição da Sociedade Anônima Moinhos Unidos Brasil-Mate S.A. S.A. Atas e Diários Oficiais. Curitiba, 1953. 2v. Reg. nº 15.109.

⁵⁸ TABORDA, Pretextato, p. 46.

⁵⁹ IBID., p. 57.

Entretanto segundo Galharretbord, não há nenhuma relação entre a diminuição dos preços da erva missioneira e o consumo, pois se o consumo per capita da erva era decrescente os preços também o eram.⁶⁰

Havia, um elemento que se achava fundamentalmente relacionado com as oscilações dos preços minoristas de erva-mate: o custo de comercialização, o que explica a maior parte das referidas variações de preços.

Há também correlação entre os variáveis produto nacional bruto per capita e consumo de erva-mate per capita.⁶¹

De acordo com o período estudado, as relações entre o P.N.B. e o consumo per capita de erva-mate na Argentina são diversas. Para os anos que se encontram entre 1947-51, há uma relação positiva, isto é, o acréscimo ou a diminuição do valor do P.N.B. era acompanhada por uma redução do ou incremento do consumo de erva, considerada na Argentina um produto de primeira necessidade.

Entre 1952-62, a relação se inverte "ya que ante un incremento do P.N.B. se produce una disminución en el consumo de yerba-con una elasticidade negativa de 0,6."⁶²

⁶⁰ GALHARRETBORD, Juan Omar. Análises de la demanda y oferta de yerba-mate. Posadas, Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria y Estación Experimental Agropecuaria de Misiones, 1965. 64 p. p. 20.

⁶¹ PRODUTO nacional bruto é o valor de todos os bens e serviços produzidos por uma comunidade econômica no espaço de um ano e calculados aos preços correntes do mercado. (GOMES, Luiz Souza). p. 185.

⁶² IBID., p. 24.

QUADRO Nº 75

PRODUTO BRUTO NACIONAL E CONSUMO DE
ERVA-MATE PER CAPITA NA ARGENTINA.
(1947 - 1963)

Años	P.N.B.p/cápita (1)		Consumo de yerba p/cápita	
	(en pesos de 1947=100 1960)		kg.	1947 = 100
1947	43.116	100,0	7.795	100,0
1948	44.463	103,1	8,500	106,5
1949	42.755	99,1	6,821	87,5
1950	41.116	95,3	7,255	93,0
1951	41.592	96,4	7,645	98,0
1952	58.121	88,4	7,817	100,3
1953	39.984	92,7	6,609	84,5
1954	40.729	94,4	7,295	93,6
1955	42.646	98,9	6,744	86,5
1956	42.472	98,5	7,213	92,5
1957	44.037	102,2	7,005	89,8
1958	46.401	107,0	7,095	91,0
1959	42.936	99,6	6,696	85,9
1960	45.537	105,6	6,515	81,0
1961	47.929	111,1	6,221	79,8
1962	46.021	106,7	6,556	84,2
1963	43.767	101,5	5,383	71,5

FONTE: IBID., p. 24.

Entre os antecedentes desta última relação [entre as variáveis P.N.B. e consumo per capita de erva-mate] o autor mencionou:

- o fato dos consumidores considerarem a erva missioneira inferior à importada;
- ao aumento da população urbana com relação à população rural, considerando-se que são os camponeses os maiores consumidores de *illex paraguariensis*;
- troca de hábitos e preferências, graças à publicidade e ao aparecimento de novos produtos.

Entre os produtos substitutos do mate apareceram o chá da Índia, devido ao grande rendimento, que possui uma só infusão, o café, além dos refrigerantes, sucos e outras bebidas sem álcool.

CONSUMO DE ERVA-MATE, CAFÉ E CHÁ NA
ARGENTINA POR CAPITA.
 (1947 - 1963)

Años	Yerba-mate	Café	Té
	kg.		
1947	7,793		0,133
1948	8,300	2,788	0,133
1949	8,821	1,359	0,038
1950	7,233	1,633	0,124
1951	7,643	1,626	0,137
1952	7,817	1,388	0,031
1953	6,609	1,620	0,023
1954	7,293	1,622	0,064
1955	6,744	1,464	0,095
1956	7,216	1,429	0,154
1957	7,003	1,780	0,153
1958	7,093	1,979	0,112
1959	6,696	0,930	0,142
1960	6,313	1,300	0,168
1961	6,221	1,639	0,149
1962	6,368	1,361	0,166
1963	5,383	1,338	0,206

FONTE: GALHARRETBORDE, p. 26.

A análise da relação entre o consumo de erva-mate na Argentina e o consumo de produtos substitutos, indica que há variações no consumo de erva-mate, quando oscilam os preços do produto substituto.

Na Argentina, no período mencionado, as variações são muito leves, com exceção dos anos 1947 a 1949.

A queda dos preços do chá, devido ao incremento da produção argentina, motivaram igualmente redução no consumo de erva-mate.

Preços do café na Argentina

Años	Prezio p/Kg. (en pesos de 1960) A	Indice P.B.N. per cápita (1947= 100) B	$\frac{A \times 100}{B}$ C
1947	55,10	100,0	55,10
48	57,66	103,1	55,92
49	64,67	99,1	65,25
50	118,83	95,5	124,69
51	157,87	96,4	143,01
52	114,24	88,4	129,23
53	121,78	92,7	131,57
54	134,11	94,4	142,06
55	122,85	98,9	124,19
56	142,18	98,5	144,34
57	126,27	102,2	123,55
58	106,08	107,6	98,58
59	131,83	99,6	132,55
60	110,10	105,6	104,26
61	100,70	111,1	90,63
62	101,66	106,7	95,27
63	104,69	101,5	103,14

FONTE: GALHARRETBORDE, p. 28.

Preços do Chá na Argentina

Años	Precio p/Kg. (En pesos de 1960) A.	Índice P.B.N. per cápita (1947 = 100) B.	$\frac{A \times 100}{B}$ C.	Producción nacional Ton. D.
1947	247,83	100,0	247,83	
48	266,66	103,1	258,64	
49	227,73	99,1	229,79	
50	239,53	95,5	251,34	
51	477,61	96,4	495,44	
52	515,93	88,4	583,51	
53	472,19	92,7	509,37	
54	541,10	94,4	573,19	1.200
55	748,15	98,9	756,47	1.800
56	479,59	98,5	486,89	2.500
57	344,48	102,2	337,06	3.200
58	284,96	107,6	256,95	3.000
59	141,24	99,6	141,80	4.500
60	128,12	105,6	121,32	6.500
61	124,77	111,1	112,30	8.500
62	112,00	106,7	104,96	10.000
63	111,63	101,5	109,98	12.500

FONTE: GALHARRETBORDE, p. 30.

A diminuição dos preços das bebidas não alcoólicas ocasionava igualmente uma redução na demanda de *ilex paraguariensis*.

Preços de bebidas sem álcool na Argentina.(1956 - 1963) Envases de 185 c.c.

Años	Precio p/bot. (en pesos de 1960) A.	Índice P.B.N. per cápita (1947 = 100) B.	$\frac{A \times 100}{B}$ C.
1956	3,83	98,5	3,88
57	3,14	102,2	3,07
58	3,02	107,6	2,80
59	2,46	99,6	2,46
60	2,77	105,6	2,62
61	2,77	111,1	2,49
62	2,93	106,7	2,74
63	3,34	101,5	3,29

FONTE: IBID., p. 31.

A tese de Galharretbord é igualmente válida com relação ao consumo de erva-mate no mercado interno brasileiro.

Entre os produtos substitutos da erva-mate no Brasil, sem dúvida maior importância era atribuída ao café.

Os baixos preços atribuídos ao café, segundo Alcina Maria Cardoso⁶³ eram sustentados pela política governamental de subsídio ao café, que perdurou entre 1959 e 1971. O controle governamental da economia cafeeira era realizado pelo I.B.C. Este controle tinha como objetivo "a formação de estoques e o fornecimento de matéria prima [Café em grão] a baixo preço para as indústrias nacionais de torrefação."⁶⁴

A intervenção do IBC, gerou um grande incremento do consumo de café que evoluiu de três para oito milhões de sacas em 1970.

⁶³ CARDOSO, Alcina Maria de Lara. Indústria de torrefação e moagem de café e consumo interno; 1940-1970. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1976. Dissertação de Mestrado. 185 p. p. 2.

⁶⁴ IBID., p. 72.

Com a extinção da política de subsídio, as empresas que se dedicavam ao setor de torrefação de café enfrentaram profunda crise, graças a alta dos preços da matéria prima. A venda do produto manufaturado não gerava lucros, pois deveriam ser mantidos os preços tabelados pela SUNAB.

No Paraná, o consumo de café restringia-se principalmente às populações urbanas pois até a década de 1930, aerva-mate era prioritariamente consumida entre as populações rurais. Na época a maior parte da população do estado habitava no campo.

QUADRO nº 80.

POPULAÇÃO DO PARANÁ.

1940 - 1970.

ANOS	URBANA	RURAL	TOTAL
1940	147.150	1.062.126	1.236.276
1941	191.209	1.074.423	1.265.633
1942	212.347	1.095.657	1.308.005
1943	237.564	1.125.829	1.363.393
1944	266.860	1.164.937	1.431.797
1945	300.234	1.212.981	1.513.216
1946	337.687	1.269.963	1.607.651
1947	379.219	1.335.862	1.715.102
1948	424.830	1.410.737	1.835.568
1949	474.519	1.494.529	1.969.049
1950	528.287	1.587.253	2.115.546
1951	586.134	1.688.924	2.275.059
1952	648.060	1.799.527	2.447.587
1953	714.064	1.919.066	2.633.131
1954	784.147	2.047.543	2.831.690
1955	858.309	2.184.956	3.043.265
1956	936.550	2.331.306	3.267.856
1957	1.018.869	2.486.593	3.505.462
1958	1.105.267	2.650.816	3.756.083
1959	1.195.744	2.823.977	4.019.721
1960	1.290.299	3.006.074	4.296.374
1961	1.395.400	3.050.400	4.445.800
1962	1.503.500	3.181.900	4.685.400
1963	1.614.800	3.317.200	4.932.000
1964	1.729.300	3.456.400	5.175.700
1965	1.847.000	3.599.600	5.446.600
1966	1.968.200	3.746.900	5.715.100
1967	2.092.800	3.798.500	5.890.300
1968	2.221.100	4.054.500	6.275.600
1969	2.353.000	4.215.000	6.568.000
1970	2.546.899	4.450.783	6.997.682

FONTE: CARDOSO, Alcina Maria, p. 110.

O crescimento do consumo de café torrado e móido ocorreu sobretudo na década de 1960, "responsável por noventa e dois e meio por cento de todo o consumo dos trinta anos." [de 1940 a 1970] ⁶⁵

QUADRO Nº 81

Preços do café torrado e móido em Curitiba
em proporção ao seu valor em 1940

Anos	Preço (C\$ / Kg)	Proporção de aumento 1940 = 100
1940	0,002	100
1945	0,008	400
1950	0,026	130
1955	0,050	250
1960	0,056	280
1965	0,400	200
1970	1,800	900

FONTE: CARDOSO, Alcina Maria, p. 95.

Este incremento foi devido à baixa de preços ocorrida sob os auspícios do subsídio estatal. Em 1970, a alta ocorreu graças à extinção gradativa do referido subsídio.

A alta de preços mencionada geraria, sem dúvidas, queda do nível de consumo de café e sua substituição por produtos mais baratos, como a erva-mate.

⁶⁵ IBID., p. 92.

Consumo real de erva-mate comparado com o
consumo de café no mercado interno.

(1942 - 1976)

Anos	Erva-Mate (em ton.)	Café (em ton.)
1942	17.201	31.354
1943	18.514	40.927
1944	16.235	34.511
1945	17.030	31.578
1946	15.233	27.800
1947	16.764	24.154
1948	15.381	21.821
1949	15.365	21.791
1950	15.420	24.638
1951	18.420	31.221
1952	16.978	41.880
1953	21.819	56.937
1954	20.612	76.538
1955	22.581	100.067
1956	29.842	129.165
1957	30.576	161.698
1958	27.644	197.783
1959	31.290	236.781
1960	38.578	277.892
1961	39.366	320.162
1962	40.035	362.478
1963	52.636	405.570
1964	41.334	442.009
1965	-	476.214
1966	-	504.441
1967	-	524.791
1968	4.104	535.207
1969	5.670	553.477
1970	7.356	517.229
1971	6.784	-
1972	8.232	-
1973	9.821	-
1974	7.564	-
1975	10.048	-
1976	14.112	-

FONTES: BOLETINS estatísticos do I.N.M. - 1942 a 1966, quadros estatísticos do Departamento de Erva-mate do I.B.D.F. - 1968 a 1976 e CARDOSO, Alcina Maria. p. 123.

Atualmente, o mate é consumido em larga escala apenas no sul e no sudeste do Brasil. Até 1964, o maior consumidor do mercado interno era o Estado do Rio Grande do Sul, porém entre 1968 a 1976, os paranaenses passaram a utilizar muito mais a cuia e a bombilha do que os gaúchos, conforme evidencia o quadro nº 82.

Além desses, eram considerados consumidores razoáveis Santa Catarina, Mato Grosso, São Paulo e Rio de Janeiro.

Entretanto o consumo paulista de erva-mate, nos últimos anos, superou o consumo rio-grandense. Na atualidade, o Estado de São Paulo é o segundo grande consumidor de mate no Brasil, pois o seu consumo só foi ultrapassado pelo paranaense.

QUADRO Nº 85 CONSUMO DE ERVA-MATE NO MERCADO INTERIO POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO. (1942 - 1976). Em toneladas

ANO	PARANÁ	S. CATAR.	R.G.S.	M. GROSSO	S. PAULO	R. DE JAM.*	OUTROS	TOTAL
1942	310	595	14.212	297	938	685	166	17.201
1943	289	472	15.508	463	790	676	316	18.514
1944	805	172	15.430	296	694	691	167	16.255
1945	659	89	14.861	289	579	484	109	17.050
1946	533	199	12.591	363	729	617	201	15.233
1947	352	177	14.873	319	487	417	134	16.764
1948	397	251	13.786	351	575	391	130	15.881
1949	353	213	12.920	262	862	563	182	15.365
1950	1.487	316	11.403	292	1.159	549	209	15.420
1951	3.496	342	12.573	638	615	504	232	18.420
1952	763	446	13.391	853	783	377	160	16.978
1953	4.913	796	13.647	610	1.096	585	172	21.819
1954	3.953	764	12.383	777	1.509	701	225	20.612
1955	2.776	819	16.617	637	866	539	307	22.581
1956	8.082	1.116	18.346	494	846	534	174	29.842
1957	4.842	1.129	22.469	778	826	364	170	30.573
1958	2.803	1.072	20.417	1.371	1.037	691	253	27.644
1959	4.773	1.472	21.946	1.229	1.045	-	825	31.290
1960	4.423	1.583	29.296	1.227	1.141	630	273	38.578
1961	7.873	1.671	26.041	1.157	1.420	740	459	39.366
1962	7.368	1.643	27.063	1.248	1.391	465	357	40.035
1963	6.131	1.278	21.841	1.165	1.296	528	347	32.636
1964	8.956	1.334	26.712	1.589	1.732	544	467	41.334
1965	-	-	-	-	-	-	-	-
1966	-	-	-	-	-	-	-	-
1967	-	-	-	-	-	-	-	-
1968	2.148	13	638	216	704	139	226	4.104
1969	2.601	65	615	289	1.282	426	392	5.670
1970	3.716	43	810	319	-	-	2.468	7.356
1971	3.027	46	494	277	1.987	419	334	6.784
1972	3.627	60	472	430	2.491	429	723	8.232
1973	4.022	90	991	403	3.059	639	617	9.821
1974	2.960	48	1.026	298	2.641	-	391	7.564
1975	4.398	165	402	325	3.095	87	1.576	10.048
1976	6.701	110	849	393	4.203	969	887	14.112

FONTES: Boletins estatísticos do I.N.E. - 1942 a 1964
e quadros estatísticos do Departamento de erva
mate do I.B.D.F. - 1963 a 1976.

*OBSERVAÇÃO: Rio de Janeiro, durante as décadas de 1940 e
1950, foi computado como Distrito Federal e nos
anos 60, até a extinção no Estado da Guanabara,
como Guanabara. Os dados referem-se, portanto, a

A alta dos preços do café para o mercado interno muito influenciou no aumento do consumo da erva-mate na atualidade. O valor da tonelada de mate no comércio internacional, em fevereiro de 1976, era cerca de seiscentos dólares, enquanto que o valor da tonelada de café era aproximadamente 1800 dólares [cerca de R\$ 8.100,00 aproximadamente].⁶⁶

Segundo o industrial Ildefonso Fontana, diretor presidente da empresa Moinhos Unidos Brasil Mate S.A.: "Se houvesse impulso através dos governos estadual e federal, o consumo de mate, internamente, firmar-se-ia em índices muito distantes dos atuais".⁶⁷

Outro óbice, à divulgação do mate, no mercado interno, é a falta de hábito ao consumo do mate, sobretudo nos estados do Nordeste e do Norte do Brasil.

Os mercados tradicionais, como o Uruguai já possuem uma indústria de beneficiamento de erva-mate capaz de competir com a brasileira, desde o início da década de 1960.

Com a finalidade de disciplinar o mercado uruguaio, o Dr. José Lacerda Jr., Presidente do Sindicato da Indústria do Mate no estado do Paraná, apresentou à Junta Deliberativa do Instituto Nacional do Mate um ante-projeto visando a criação da Comissão Coordenadora de Exportação de erva-mate.⁶⁸

A CCEM era composta por representantes indicados pela Cacex e pelo I.B.D.P. e por todos os exportadores, desde que detentores de contingentes exportáveis destinados ao Chile e ao Uruguai.

Segundo o referido ante projeto, competia a este órgão a distribuição de cotas aos exportadores, mediante rateio, de acordo com a capacidade produtiva de cada empresa.

A sede da CCEM seria em Curitiba e o capital para seu funcionamento era financiado pelos próprios exportadores.

⁶⁶ CORTES, Divonsir Borba. Ressurge a erva-mate. Gazeta do Povo, Curitiba, 5 fev. 1976. p. 3.

⁶⁷ A SUBSTITUIÇÃO do café pelo mate. Gazeta do Povo, Curitiba, 4 jul. 1976. p. 15.

⁶⁸ LACERDA JR., José. Ante-projeto apresentado pelo Sr. José Lacerda Jr., representante e presidente do Sindicato da Indústria do mate no Paraná, que constitui a Comissão Coordenadora da exportação de erva-mate. Curitiba, 1961. 4 p. Datilogr.

A referida comissão, -cuja sigla era, na realidade CER-MATE - foi criada a primeiro de julho de 1971, pela Resolução nº sessenta e nove, do Conselho Nacional de Comércio Exterior.⁶⁹

Em meados de 1977, o mercado uruguaio procurou reduzir as exportações de erva beneficiada, o que revela o desenvolvimento do parque moageiro daquele país. As autoridades uruguaias solicitaram o envio de cinquenta por cento de matéria-prima e cinquenta por cento de produto manufaturado.⁷⁰

Os exportadores paranaenses não concordaram com esta reivindicação. Em represália, o governo uruguaio cancelou todas as importações de erva-mate brasileira.⁷¹

Diante desta atitude do governo uruguaio, os exportadores encerraram suas compras de matéria-prima, desestimulando também o setor produtivo.

Desta forma, concluiu-se que qualquer oscilação nos mercados tradicionais, afeta toda a economia ervateira, isto é os setores de produção, beneficiamento e exportação do produto.

É necessário, portanto, uma publicidade eficaz para tornar a erva-mate um artigo popular no mercado de consumo interno e nos promissores mercados da África do Norte e do Oriente Médio.

A situação do mercado uruguaio, entretanto, modificou-se com a liberação do licenciamento para importação, pelo governo daquele país, de três mil e oitocentas toneladas de erva-mate, em novembro de 1977.⁷²

⁶⁹ O GOVÊRNO ampara a produção ervateira. Brasil Florestal, Brasília, 2 (8): 38-40, out./dez. 1971.

⁷⁰ JUNG, Carlos. As preocupações dos ervateiros. O Estado do Paraná, Curitiba, 10 set. 1977. p. 13.

⁷¹ JUNG, Carlos. A crítica situação dos ervateiros do Paraná. O Estado do Paraná, Curitiba, 20 set. 1977. p. 13.

⁷² MATE em melhores dias. O Estado do Paraná, Curitiba, 17 nov. 1977. p. 12.

CAPÍTULO 12

A economia ervateira e o Plano Salte.

A grande depressão de 1959-61.

Em 1950, a política de expansão econômica governamental se exprimiu através do chamado Plano Salte.

O referido plano deveria colocar a disposição do I.N.M. a verba de 25.000.000,00 de cruzeiros antigos e propiciou apoio financeiro ao setor produtivo, através do movimento cooperativista.⁷³

Os empréstimos concedidos às federações cooperativistas do mate, segundo o projeto nº 1.266-E, pela Caixa do Crédito Cooperativo, Banco do Brasil e outros estabelecimentos bancários, deveriam atingir o montante de 25.000.000,00 de cruzeiros antigos.

Além do apoio ao cooperativismo, o plano Salte deveria conceder outros empréstimos com o objetivo de:

- a) racionalizar e aperfeiçoar o aparelhamento industrial das cooperativas de erva-mate;
- b) construção de cinquenta armazéns reguladores, com a capacidade de trezentas toneladas cada um;
- c) criação e aparelhamento de uma estação experimental.

Estes empréstimos atingiram a cifra de 85.000.000,00 de cruzeiros antigos.

Entre o moderno aparelhamento utilizado no setor produtivo, o plano governamental daria prioridade à aquisição de barbaquás mecânicos coletivos nos principais centros produtores do Paraná e Santa Catarina.

⁷³ ATAYDE, Aramis. O Paraná e a economia ervateira no Plano Salte. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1950. 14 p. p. 9.

Por outro lado, culturas de erva-mate seriam feitas de forma racional na Estação Experimental do Mate, subsidiada pelo Plano Salte em São Mateus do Sul, no Estado do Paraná.

A Comissão de Finanças, entretanto, concedeu ao I.N.M. apenas a verba de 32.500.000,00 cruzeiros antigos "para financiamento e amparo à produção ervateira."

O maior estado produtor - o Paraná-seria atendido com a modesta cifra de C\$ 10.000.000,00 cruzeiros antigos.⁷⁴

Quanto ao setor de comercialização, verificou-se já a concorrência da erva-mate missioneira no mercado chileno. A colheita argentina de 1932, atingiu cento e trinta milhões de quilogramas, enquanto que a brasileira 132.288.000 de quilos.

A modificação cambial, introduzida no país pela política financeira do Ministro Oswaldo Aranha, favoreceu a exportação em geral.

O aumento do valor do dólar aliado à abolição das letras do Tesouro favoreceu a expansão das exportações de erva-mate e permitiu ao exportador suportar os aumentos do custo de fabricação do produto.⁷⁵

O regime das letras do Tesouro era prejudicial às exportações de erva-mate porque implicava na imobilização de grande parcela do capital durante três meses.

Sobretudo as exportações catarinenses foram favorecidas, pois neste estado a procura da erva-mate foi maior do que a oferta.

Os industriais catarinenses deixaram inclusive de atender o consumo interno, para enviar erva-mate aos lucrativos mercados externos.

A produção no ano de 1933, não se expandira de acordo com a procura, o que explica a redução nas quantidades exportadas pelos estados produtores.

A erva-mate brasileira, ainda era mais barata do que a própria erva missioneira no mercado argentino.

⁷⁴ IBID., p. 12.

⁷⁵ TABORDA JR., Pretextato. Relatório apresentado à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate pelo Dr. Pretextato Taborda Jr. em março de 1954. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Mate, 1954. 64 p. p. 31.

Enquanto que a erva procedente do Atlântico, ao cambio de 18,50 cruzeiros antigos, por dólar, custava US\$ 23,96 a erva missioneira tipo corrente com quinze por cento de paus, custava 35,20 dólares por cada cem quilogramas.

Quanto a propaganda desenvolvida pelo I.N.M. em novos mercados - na Alemanha, por exemplo - esta mostrou-se incapaz de concorrer com a publicidade desenvolvida em torno do similar argentino.

Enquanto que o I.N.M. utilizava como veículo de publicidade folhetos, amostras grátis, balões, displays em vitrines e palestras em estações de rádio, a exibição de um filme científico argentino sobre a illex paraguariensis, em milhares de cinemas da Alemanha Ocidental, motivou o consumidor germânico a comprar o produto argentino.⁷⁶

As safras argentinas em 1954, porém, acusaram um decréscimo de vinte e quatro milhões de quilos em relação à colheita de 1952 e quatorze milhões a menos do que a de 1953.

O motivo da progressiva redução da extração missioneira advém do envelhecimento dos ervais.

Desta forma, sendo a produção argentina insuficiente para abastecer a demanda naquele ano, eram animadoras as perspectivas de importação de erva-mate cancheada brasileira.

A erva-mate brasileira ainda tinha condições de competir com o similar missioneiro no referido mercado devido ao seu baixo preço: cerca de duzentos e trinta e seis pesos, por cada cem quilos, enquanto que o mesmo volume de erva missioneira custava duzentos e oitenta e oito pesos.

No mercado uruguaio a erva beneficiada brasileira era vendida a preços inferiores daqueles estabelecidos para o consumo interno. Em 1955, a erva solta custava oitenta a noventa cents o quilograma, no mercado uruguaio e a erva em pacotes cerca de um dólar. No Brasil, os preços oscilavam em torno de um dólar a erva solta e um dólar e vinte cents a erva embalada.⁷⁷

⁷⁶ TABORDA JR., Pretextato. Relatório apresentado à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate pelo Presidente Pretextato Taborda Jr. em março de 1955. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Mate, 1955. 62 p. p. 16. Mimeogr.

⁷⁷ IBID., p. 60.

Os preços da erva-mate cancheada nacional achavam-se igualmente em contínua ascensão: de R\$ 50,00 a arroba passou para 65,00 no que se refere à erva do Atlântico, isto é, a erva do Brasil Meridional.⁷⁸

O consumo interno, na época, cresceu com o aumento do consumo gaúcho.

Inclusive, o parque industrial moageiro gaúcho, composto por pequenas e médias indústrias, destinava-se à fabricação de chi marrão para abastecer o consumo rio-grandense.

Em meados da década de 1950, problemas surgiriam, porém, para a indústria brasileira de beneficiamento de erva-mate nos mercados exteriores. Em 1956, o Uruguai liberou as quotas de exportação de erva-mate cancheada. A livre venda de matéria-prima em um grande mercado como o Uruguai representava o aniquilamento do parque industrial brasileiro de beneficiamento de erva-mate.

Neste ano, por outro lado, a nova taxa cambial adotada pelo governo argentino desestimulou as importações de erva-mate, graças à falta de divisas. O dólar, para a conversão de divisas nas transações com o exterior, foi fixado em dezoito pesos, elevando-se assim em cento e quarenta por cento a cotação até então vigente.⁷⁹

O início do ano de 1957 trouxe graves preocupações aos empresários ligados ao setor de beneficiamento de erva-mate no Brasil, graças à escassez de matéria-prima.

Chuvas copiosas e a ameaça do corruquerê influíram no setor produtivo, reduzindo a safra e elevando os preços da matéria-prima: a arroba de erva-mate custava cerca de R\$ 140,00 no interior do Paraná e de Santa Catarina.

Nesta época já se verificava o problema de sub-produção de matéria-prima.

A escassez de matéria-prima pode ser explicada pela atração que o norte do Paraná exercia sobre o sertanejo paranaense.

Geógrafos e historiadores economistas estudaram o movimento populacional do Paraná e as condições das regiões de produção de erva-mate.

⁷⁸ MADER, Cândido. Relatório apresentado à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate pelo presidente Cândido Mader. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Mate, 1955. 46 p. p. 3. Mimeogr.

⁷⁹ IBID., p. 52.

Entre os antigos municípios produtores do Paraná destacam-se: Iratí, Imbituva, Prudentópolis, Rebouças, Rio Azul, Teixeira Soares, São João do Triunfo, São Mateus do Sul, Mallet, União da Vitória, Ipiranga e outros.⁸⁰

A geógrafa Lysia Maria Bernardes acusava já em 1951, uma diminuição do crescimento demográfico da região do Alto Iguaçu, isto é, na região ocupada pelos municípios de São João do Triunfo, São Mateus e Mallet.

Este decréscimo podia ser explicado pela decadência da indústria extrativa da erva-mate na região.

Já os municípios que desenvolveram novas atividades como Iratí, Teixeira Soares, Rebouças e Rio Azul, apresentaram um crescimento demográfico. Na época a indústria madeireira constituía o principal fator de atração.⁸¹

Por outro lado, a geógrafa Lourdes Manhães de Mattos Strauch atribui à falta de mercados de consumo interno e externo o antecedente principal da decadência das regiões ervateiras.⁸²

A historiadora Marisa Correia de Oliveira estudou as características da antiga região ervateira denominada Zona do Iratí. Esta zona compreende os seguintes municípios: Iratí, Imbituva, Prudentópolis, Rebouças, Rio Azul e Teixeira Soares.

A referida autora constatou que a indústria madeireira era a atividade dominante no município de Iratí. No município de Imbituva predominava a indústria extrativa da erva-mate, além da criação de gado, enquanto que em Prudentópolis predominava, além da agricultura e da pecuária, a exploração florestal.⁸³

⁸⁰ BRASIL, Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Serviço de Inspeção e Fomento Agrícolas. A exploração do mate. Rio de Janeiro, 1929. 116 p. p. 26.

⁸¹ BERNARDES, Lysia Maria Cavalcante. Crescimento da população do Estado do Paraná. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, 13 (2): 97-271, abr./jun. 1951.

⁸² STRAUCH, Lourdes Manhães de Mattos. Contribuição do estudo geográfico da erva-mate. Revista Brasileira de Geografia, 17 (1):94, jan./mar. 1955.

⁸³ OLIVEIRA, Marisa Correia de. Estudo da erva-mate no Paraná: 1939-1967. Curitiba, 1974. 133 p. p. 79.

Em Teixeira Soares, as atividades econômicas básicas eram a agricultura e a pecuária. Neste município a extração de erva-mate também se encontrava decadente.

Já a vida econômica dos municípios de Rebouças e Rio Azul, repousava sobre a cultura de cereais como a batata, o feijão, o milho, a mandioca e o centeio.

O declínio das exportações de erva-mate gerou portanto a estagnação das zonas produtoras, reduzidas ao estágio de agricultura de subsistência.

Os efeitos de uma economia decadente motivaram uma migração para as regiões cafeeiras, que desde a década de 1930, constituíam o polo dinâmico do desenvolvimento econômico do estado.⁸⁴

As cooperativas agrícolas, por sua vez, não possuindo fundos ou financiamento, não foram capazes de melhorar a situação do pequeno produtor.

O movimento cooperativista não se achava aparelhado "para movimentar o crédito exigido pelo produtor e portanto, para centralizar, valorizar e beneficiar as safras de seus associados."⁸⁵

Entretanto, as normas em vigor na época para a concessão de crédito ao produtor eram inacessíveis ao pequeno proprietário, pois visavam exclusivamente o interesse dos bancos comerciais.

Desta forma, com o objetivo de expandir as atividades agro-pecuárias e a indústria extrativa no Paraná, compostas em sua maior parte por pequenos proprietários, foi criada a Carteira de Crédito Agrícola, no Banco do Estado do Paraná, em 1948.

Todavia, a decadência da economia extrativa da erva-mate não afetou a renda do estado, pois nesta mesma época as exportações de café achavam-se em ascensão.

Se em 1951, os impostos sobre exportação de erva-mate ocupavam um lugar modesto na receita estadual, o café preenchia o primeiro lugar entre as exportações paranaenses com 85.871.475,90 cruzeiros antigos. Já a receita sobre as exportações de erva-mate montava a 2.151.309 cruzeiros antigos.

⁸⁴ IBID., p. 124.

⁸⁵ LUPION, Moysés. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1948 pelo Sr. Moysés Lupion, governador do Paraná. Curitiba, 1948. 145 p. p. 59.

No ano seguinte, a receita arrecadada com as exportações de café montava a 96.657.988,10 cruzeiros velhos, enquanto que a erva-mate contribuiu com a cifra de 1.798.580,50. A renda tributária do estado, portanto, em vez de diminuir, expandiu-se graças ao café: de 980.897.724,10 cruzeiros antigos em 1951, passou para 1.150.237.381,20.⁸⁶

As exportações de madeira na época, também se achavam em decadência, devido a dificuldades de ordem cambial que desestimularam a demanda estrangeira desde 1948.

A receita arrecadada, oriunda das exportações de madeira, reduzia-se progressivamente:

Anos	Cruzeiros antigos
1949	790.398,40
1950	222.562,60
1951	555.722,50

FONTE: ROCHA NETO, Bento Munhoz da. Mensagem apresentada a Assembléia Legislativa do estado por ocasião da abertura da 18 sessão ordinária da 28 legislatura pelo sr. Bento Munhoz da Rocha Neto, governador do Paraná. Curitiba, 1951. 3a ed. 164 p. p. 19.

O desenvolvimento agrícola e industrial do estado, entretanto, não poderia concretizar-se sem o necessário abastecimento de energia elétrica e meios de transporte satisfatórios.

A política econômica do governo estadual orientar-se-ia, a partir desta data, para o desenvolvimento de um parque industrial paranaense. O governo pretendia favorecer prioritariamente o estabelecimento de indústrias de beneficiamento de produtos agro-pecuários.

⁸⁶ SARMENTO, Sesostris Miranda de Moraes. Relatório apresentado ao exmo. sr. secretário de estado dos negócios da fazenda pelo diretor do departamento de arrecadação Sesostris Miranda de Moraes Sarmiento; Exercício de 1952. Curitiba, 1953. 225 p. p. 3.

CAPÍTULO 13

A atuação do Instituto Nacional do Mate e a decaência da economia ervateira brasileira.

13.1. A crise da indústria brasileira de beneficiamento de erva mate entre 1959-61.

Se o Instituto Nacional do Mate surgiu em uma fase em que a economia ervateira se achava estagnada, foi durante a atuação desta autarquia que esta chegou a agonizar.

Já em 1957, e não sem razão, a Federação das cooperativas de erva-mate do Paraná sugeriu a redução de suas despesas com pessoal,⁸⁷ pois a autarquia consumia com estas trinta e três por cento de sua receita.

O sindicato da Indústria do Mate no Estado do Paraná acusou o I.N.M. de causar óbices a penetração da erva-mate parancense, quer cancheada quer beneficiada, no mercado gaúcho e de não tomar quaisquer providências no sentido de conter a expansão da indústria moageira de erva-mate no Uruguai.

Ao invés da conquista de novos mercados, a indústria brasileira de beneficiamento de erva-mate estava perdendo os mercados tradicionais. Por exemplo, no Rio de Janeiro, local onde o I.N.M. concentrou a maior parte de suas verbas de propaganda, o consumo diminuiu. Em 1943, este era de seiscentas e setenta e cinco toneladas, decrescendo, em 1955, para quinhentas e cinquenta e oito toneladas.⁸⁸

⁸⁷ PARANÁ. Comissão de Coordenação do Plano de Desenvolvimento Econômico do Estado. Sub-Comissão Agro-Pecuária. Subsídios à reestruturação do Instituto Nacional do Mate; Estudo 10. Curitiba, 1957. Anexo 5. p. 7. Mimeogr.

⁸⁸ COSTA, Samuel Guimarães. Histórico do cooperativismo ervateiro. In: PARANÁ. Comissão de Coordenação do Plano de Desenvolvimento Econômico do Estado. Sub-Comissão de Agro-Pecuária, p. 16.

No que se refere ao aperfeiçoamento tecnológico dos setores produtor e industrial "nada foi feito para racionalizar a produção e o cultivo de mate, no sentido de facilitar a colheita e o transporte ou melhorar o seu beneficiamento."⁸⁹

Os industriais paranaenses combatiam por sua vez o regime de quotas destinadas ao mercado de consumo interno.

A distribuição das quotas aos industriais e aos comerciantes era feita com o desdobramento da quota de exportação, tomando-se por base a média das exportações individuais. As quotas de exportação eram anuais e deveriam ser revisadas trimestralmente para cada empresa e para cada mercado.

O Instituto Nacional do Mate passou a funcionar igualmente como órgão intermediário entre a produção e as indústrias.

Dispunha o I.N.M., em 1940, de verbas oriundas de um convênio com a carteira agrícola do Banco do Brasil.

O produtor, ao entregar sua safra ao I.N.M., receberia cinquenta por cento do valor da referida produção.

O industrial, compraria a matéria-prima diretamente do I.N.M., enviando ao Banco do Brasil, setenta por cento do valor correspondente ao volume que necessitava.⁹⁰

Nesta ocasião, foi fixada para o ervateiro a quota de colheita. Para o estabelecimento da referida quota eram considerados os seguintes fatores: qualidade da matéria-prima, custo de vida, para a manutenção do produtor e de sua família, além da situação dos ervais em face das redes fluviais e rodo-ferroviárias.⁹¹

A produção decresceu em 1957, devido à devastação causada nos ervais pela lagarta coruquerê e pelas geadas.

⁸⁹ BELLEGARD, Hasdrubal. A economia do mate. In: PARANÁ. Comissão de Coordenação do Plano de Desenvolvimento Econômico do Estado. Sub-Comissão Agro-Pecuária, p. 3.

⁹⁰ FINANCIAMENTO aos produtores. Boletim do Instituto Nacional do Mate, Rio de Janeiro, 1 (1):33-35, jul. 1940.

⁹¹ PRODUÇÃO e consumo; estudos básicos para a determinação da quota de colheita. In: INSTITUTO NACIONAL DO MATE. Divisão de Defesa da Produção e Controle de Mercado. Relatório nº 3 apresentado à Diretoria do I.N.M. em março de 1940 pela Divisão de Defesa da Produção e Controle de Mercado. Rio de Janeiro, 1940. 97 p. p. 22-23.

Através do programa "Vida ervateira", transmitido por dez emissoras de rádio da zona produtora, o I.N.M. procurou divulgar os métodos de combate à coruquerê.⁹²

No que se refere aos mercados externos, por outro lado, o Uruguai passou a reduzir cada vez mais suas exportações de beneficiada. Em 1957, por exemplo importava sessenta e seis por cento de erva beneficiada e trinta e quatro por cento de cancheada, o que significava o desenvolvimento do parque moageiro da erva-mate naquele país. Em 1958, a percentagem de exportação de beneficiada foi cinquenta e oito por cento e de erva cancheada quarenta e dois por cento.⁹³

Em 1959, houve violenta oscilação nos preços da matéria-prima que decaiu de C\$ 175,00 para C\$ 125,00 a arroba. Esta queda de preços advém basicamente do desequilíbrio entre a oferta e a procura, graças a oscilações nos mercados tradicionais.⁹⁴

O I.N.M. procurou combater a crise no mercado uruguaio disciplinando por sistema de rateios individuais, baseados nas exportações do triênio de 1958 a 1960, as vendas com destino ao Uruguai.

Ainda segundo a Resolução número seiscentos e setenta e três do Instituto Nacional do Mate, deveriam ser exportadas as seguintes percentagens: sessenta por cento de mate beneficiado e quarenta por cento para o mate cancheado, respectivamente.

Não haveria, entretanto,

"limitação à capacidade de compra do mercado importador e na hipótese de este comportar maiores quantidades que as liberadas, será feita nova distribuição suplementar com a abertura de novos créditos obedecendo sempre as percentagens de beneficiada e cancheada fixadas pela resolução número seiscentos e sessenta e três." ⁹⁵

A finalidade destas medidas era evitar a completa transferência do parque moageiro brasileiro para o Uruguai.

⁹² ARTIGAS, Antonio Souza. Relatório apresentado pelo Presidente Engenheiro Antonio Souza Artigas à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em março de 1958. Rio de Janeiro, 1958. 22 p. p. 15. Mimeogr.

⁹³ FIRMAN NETO, Pedro. Relatório apresentado pelo presidente Dr. Pedro Firman Neto à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em março de 1959. Rio de Janeiro, 1959. 25 p. p. 6. Mimeogr.

⁹⁴ FIRMAN NETO, Pedro. Relatório apresentado pelo Presidente Dr. Pedro Firman Neto à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em outubro de 1959. Rio de Janeiro, 1959. 84 p. p. 16.

⁹⁵ WERNECK, Ruy. p. 282.

SISTEMA DE COTAS INDIVIDUAIS ESTABELECIDASPELO I.N.M. EM 1950

EMPRESAS	BENEFICIADA	CANCHEADA
1- Ind. Adalberto Araujo S.A.	4,24%	-
2- Emilio Von Linsingen & Cia.	-	1,20%
3- Fed. Coop. Prod. de Mate Paraná	1,73%	4,49%
4- Fed. Coop. Prod. de Mate S. Catarina	0,12%	26,71%
5- G. Molli Ind. Com. S.A.	3,36%	0,05%
6- Guimarães & Cia.	-	4,45%
7- Ind. Bras. de Mate Ltda.	0,05%	0,95%
8- Jordão Mader & Cia.	2,55%	0,75%
9- J. Procopiak & Irmão	0,31%	6,39%
10- Leão Jr. & Cia. S.A.	53,09%	-
11- Moinhos Unidos Brasil Mate S/A	31,70	-
12- H. Lepper & Cia. S.A.	-	0,53%
13- Meirelles, Souza & Cia.	-	1,13%
14- Com. e Ind. H. Jordan S.A.	-	5,24%
15- Empresa Geral de Mate S.A.	-	10,41%
16- Raul de Almeida	-	0,36%
17- Vva. Oribe Marques Ltda.	-	31,31%

FONTE: WERNECK, Ruy, p. 283.

O regime de rateios individuais foi estabelecido igualmente para os tradicionais mercados, da Argentina e do Chile.

A crise no comércio exterior de erva-mate em 1959, estimulou, entretanto o consumo interno.⁹⁶

Prosseguem entretanto, as exportações de cancheada para o Uruguai, que em 1959 importou 12.113 toneladas de matéria-prima [41,85% do total das exportações] e 10.833 toneladas de beneficiada [58,15% do total].

⁹⁶ FIRMAN NETO, Pedro. Relatório apresentado pelo Presidente Dr. Pedro Firman Neto à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em março de 1960. Rio de Janeiro, 1960. 51 p. p. 11. Mimeogr.

Estas exportações de matéria-prima aliadas à expansão do parque moageiro uruguaio, provocaram grave depressão na indústria brasileira de beneficiamento de erva-mate. Como a maior parte do parque industrial brasileiro de erva-mate concentrava-se no Paraná, foi o empresário paranaense quem arcou com o onus da crise de 1959.

Por outro lado, "o mercado uruguaio enfrentou em 1959 sérias dificuldades financeiras oriundas da completa reforma que efetuou em seu sistema cambial."⁹⁷

A reforma cambial, empreendida pelo governo uruguaio em 1959, "ocasionou um acréscimo de oitenta por cento no custo dos produtos importados e colocou a erva-mate em níveis financeiros praticamente proibitivos para o consumo interno."

Desta forma, a SUNOC, pela Resolução número cento e noventa e dois reduziu os preços dos artigos de exportação, com a finalidade de manter os níveis de consumo nos mercados externos.

O governo uruguaio, todavia, procurou favorecer a importação de matéria-prima, diminuindo totalmente os tributos que incidiam sobre as importações de erva-mate cancheada.⁹⁸

A partir de 1961, começou a decrescer o volume de matéria-prima importado pelo Uruguai e o retorno à normalidade no que se refere às importações do produto manufaturado: 66,20% para a beneficiada e 33,80% do total das importações para a cancheada.⁹⁹

Por outro lado, a instituição de quotas de exportação e a fixação de preços mínimos, possibilitaram a extinção do sistema de bonificações, uma maior disciplina e moralização dos mercados ervateiros.

O mercado uruguaio, entretanto, graças ao seu lento crescimento demográfico, não teria grandes possibilidades de expansão.

⁹⁷ IBID., p. 3.

⁹⁸ FIRMAN NETO, Pedro. Relatório apresentado pelo Presidente Dr. Pedro Firman Neto à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em outubro de 1960. Rio de Janeiro, 1960. 40 p. p. 12.

⁹⁹ MADER, Cândido. Relatório apresentado à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate pelo presidente Cândido Mader em outubro de 1961. Rio de Janeiro, 1961. p. 13. Mimeogr.

O Dr. Harry Wekerlin, ex-presidente do Instituto Nacional do Mate acredita que o mercado uruguaio apresenta a instabilidade como característica básica.¹⁰⁰

Por outro lado, "o Chile seria um excelente mercado para os industriais brasileiros, caso a economia chilena não atravessasse crises econômicas cíclicas."

A economia chilena depende praticamente de dois minérios de grande procura no mercado mundial: o cobre e o salitre. O cobre chileno sofre a concorrência de produtos similares no mercado mundial, procedentes de países africanos ligados ao Mercado Comum Europeu.

O salitre, por sua vez, tem como principais competidores no mercado internacional a uréia e outros derivados do petróleo.

Além do problema gerado pela falta de divisas, outro fator de desequilíbrio do mercado chileno são as crises políticas.

O governo de Salvador Allende, por exemplo, adotou uma política econômica centralizada no monopólio das importações. Com o controle das importações chilenas por parte de organismos oficiais, os tradicionais importadores chilenos retiraram-se do mercado. Este fato provocou violenta retração da demanda no mercado chileno durante o regime de Allende.¹⁰¹

Diante da instabilidade dos principais mercados tradicionais - o Uruguai e o Chile - os industriais procuraram incentivar a demanda no mercado interno.

Entretanto para a conquista deste mercado seria preciso uma publicidade mais agressiva.

A atuação do I.N.M. no que se refere à propaganda deixou muito a desejar.

O Dr. Harry Wekerlin procurou justificar o fracasso da atuação do I.N.M. quanto à conquista de novos mercados interno e externo, graças à falta de recursos.

¹⁰⁰ ENTREVISTA com o Dr. Harry Wekerlin, ex-presidente do I.N.M. a 19 de janeiro de 1977. 8 p. p. 5. Datilogr.

¹⁰¹ ENTREVISTA com o Dr. José Lacerda Jr. realizada a 27 de abril de 1976. 14 p. p. 11. Datilogr.

A autarquia era sustentada pela própria economia erva-teira, através da arrecadação de taxas sobre a exportação e vendas no mercado interno.

Era dispendioso para uma atividade econômica decadente sustentar um organismo inoperante, incapaz de conquistar novos mercados, fomentar e racionalizar a produção e promover aperfeiçoamentos tecnológicos no preparo da matéria-prima.

13.2. A perda do mercado argentino e a crise de erva-mate cancheada.

Por outro lado, em 1963, a produção missioneira "havia atingido um virtual estado de super produção."¹⁰²

O consumo interno argentino em 1963, era cerca de 140.000 toneladas, enquanto que a produção argentina oscilava em torno de 120.000 toneladas. O produto brasileiro, em solo argentino, sofria igualmente, embora em pequena escala, a concorrência do similar paraguai.

Desta forma, em fins de 1962, a Argentina, possuía um estoque de 122.000 toneladas de erva-mate e a safra no referido período foi cerca de 130.221.700 quilos.

Nesta época, já havia em imposto móvel interno destinado a nivelar o preço da erva missioneira com o custo do produto importado.

Prevalecia mais uma vez no mercado argentino, a lei da oferta e da procura, ocorrendo profunda desvalorização dos preços da matéria prima exportada para a Argentina.

Por exemplo, o preço de cem quilogramas de erva-mate cancheada, em 1967, era cerca de US\$ 23,65 e, em 1963 US\$ 14,85 no mercado argentino.¹⁰³

¹⁰² LIMA, Jorge de. Relatório apresentado pelo Presidente Jorge de Lima à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em outubro de 1963. Rio de Janeiro, 1963. 43 p. p. 11.

¹⁰³ FRANCO SOBRINHO, Manoel de Oliveira. Relatório apresentado à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em 10 de outubro de 1964. Rio de Janeiro, 1964. 36 p. p. 2. Mimeogr.

A safra missioneira de 1964-65 gerou vultuosos excedentes no mercado argentino.

Com o objetivo de evitar uma crise de super-produção e a inevitável desvalorização dos preços da matéria-prima, o governo argentino limitou a extração até 200.000 toneladas de erva cancheada.

Além deste fato, o comércio clandestino, através do Paraguai, de erva-mate procedente de Mato Grosso, prejudicava as exportações brasileiras para este mercado.

Os preços do contrabando eram inclusive inferiores àqueles fixados pelo I.N.M.¹⁰⁴

Em 1965, por exemplo, as divisas geradas pela exportação de erva-mate para a Argentina eram insignificantes, se comparadas com aquelas geradas por outros produtos de exportação brasileira.

QUADRO Nº 85

Exportações brasileiras para a Argentina. (FOB)

PRODUCTOS	1962 US\$ 1000	%	1963 US\$ 1000	%	1964 US\$ 1000	%
Pino	16.250	33,5	16.894	36,6	22.802	25,1
Café	13.425	27,7	14.887	32,2	21.530	23,7
Cacao	2.959	6,1	2.881	6,2	4.444	4,9
Banana	2.052	4,2	1.935	4,2	4.173	4,6
Minerales de . . hierro y man . . ganesco	2.144	4,4	3.051	6,6	5.996	6,6
Yerba Mate . . .	2.453	5,1	2.375	5,1	2.231	2,5
Pimenta	1.120	2,3	719	1,6	1.231	1,4
Outros	<u>8.052</u>	16,7	<u>3.482</u>	7,5	<u>20.362</u>	31,2
T O T A L	48.461		46.204		90.819	

FONTE: EL MERCÚRIO, Buenos Aires, 21/set./1965. p. 3.

¹⁰⁴FRANCO SOBRINHO, Manoel de Oliveira. Relatório apresentado à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em 16 de março de 1965. Rio de Janeiro, 1965. 54 p. p. 32. Mimeogr.

Com a finalidade de evitar que as exportações brasileiras sofressem decréscimo aquém dos índices determinados pela retração do mercado argentino, o I.N.M. estabeleceu a Resolução número oitocentos e quatorze, de trinta de agosto de 1965.

Esta possibilitava a suplementação de vinte e cinco por cento aos exportadores que possuíam suas quotas esgotadas, todavia recebendo ainda solicitações de venda.¹⁰⁵

Este fato revela a ineficácia do sistema de quotas estabelecido pelo I.N.M., pois estas não satisfaziam as necessidades da demanda.

Era inevitável, porém, a perda do mercado argentino que atravessando crises de super-produção, suspendeu as importações de erva-mate brasileira e estabeleceu, através do governo, um regime de limitação de colheitas. No ano de 1966, quando foram suspensas as importações do Brasil, houve proibição total de se efetuar a colheita da produção missioneira, o que implicava na existência de grandes estoques excedentes.

O regime de limitação sobreviveu até 1973.

QUADRO Nº 86

PRODUÇÃO ARGENTINA DE ERVA-MATE. (1967-70)

ANOS	QUILOGRAMAS	LIMITAÇÕES
1967	143.523.000	50% da superfície das plantações.
1968	151.458.333	80% da colheita de 1967
1969	74.823.843	50% da colheita de 1967
1970	75.000.000	50% da colheita de 1967

FONTE: COMMISSION reguladora de la producción de comercio de yerba-mate. Breve Resenã histórica. Buenos Aires, 1973. 40 p. p. 37.

¹⁰⁵FRANCO SOBRINHO, Manoel de Oliveira. Relatório apresentado à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em 18 de outubro de 1965. Rio de Janeiro, 1965. 49 p. p. 13. Mimeogr.

A colheita autorizada para o triênio de 1971 a 1973 era a seguinte:

QUADRO Nº 87 PRODUÇÃO ARGENTINA. (1971 - 1975).

ANOS	VOLUME (ton.)	Consumo Interno	Estoque ton.	Exportação
1971	96.000	126.561	72	
1972	126.000	127.635	21.277	
1973	150.000	-	82.855	
1974	134.315	138.675		7.680
1975	138.226	138.576		2.170

FONTE: GAGLIARDI, Luiz Antonio Jardim. Carta dirigida ao Sr. Felinto Jordan, Presidente da Comissão Coordenadora das exportações de erva-mate a 25 de abril de 1975. Buenos Aires, 25 abr. 1975. 3 p. p. 2. Datilogr.

YERBA mate como el tango. Buenos Aires, Indexa, 13 set. 1977. p. 42-43.

Em maio de 1973, por outro lado, foi criada a Comissão Reguladora de Producción y Comercio de Yerba-mate, órgão de caráter autárquico, presidida pelo Ministério de Agricultura & Ganaderia e integrada por representantes das províncias produtoras [Misiones e Corrientes], do Ministério de Comércio, do Ministério de Indústria & Minería, do Banco de la Nación Argentina, do Banco de la Provincia de Misiones, dos ervateiros, industriais e das cooperativas de consumo.¹⁰⁶

Entre as finalidades da referida autarquia:

- aplicar e fazer cumprir as leis e decretos regulamentares, relacionados com a lei nº 20.371;
- fixar as condições de elaboração, sanidade e higiene do produto entregue ao consumo;
- regulamentação da época em que deve se iniciar e terminar a safra;
- realizar e compilar estatísticas sobre a produção, beneficiamento e consumo;
- controle do Mercado Consignatário de erva-mate cancheada, com sede na cidade de Posadas, na Província de Misiones;
- promover o desenvolvimento econômico da região ervateira, concedendo estímulo às cooperativas agrícolas e aos moinhos;
- sancionar multas aos infratores da lei nº 20.371 até dois milhões de pesos, etc.

¹⁰⁶ YERBA-MATE: Crea-se la Comisión Reguladora de la producción y comercio de yerba-mate. Boletín Oficial, Buenos Aires, 18 de mayo de 1973.

Enfim, as finalidades da referida autarquia eram mais amplas do que aquelas que competiam ao Instituto Nacional do Mate.

A produção argentina é destinada principalmente ao mercado interno, sendo insignificantes suas exportações; a Síria e o Líbano são, porém, legítimas conquistas da erva-mate missioneira.

A partir de 1975, o mercado argentino começou a sentir falta de matéria prima graças a três fatores:

- a) o consumo interno elevou-se em 1975, devido a alta dos preços de café, motivada pela perda das colheitas nos principais países produtores;
- b) ao gradativo abandono dos ervais pelos trabalhadores paraguaios que encontraram melhores perspectivas salariais em seu país de origem, graças sobretudo à construção da obra hidrelétrica de Itaipú;
- c) à falta de recursos dos ervateiros de Misiones e Corrientes em expandir suas plantações.¹⁰⁷

Desta forma, concluiu-se que a crise de matéria-prima é um fenômeno mundial que atingiu não só o Brasil como todas as áreas produtoras.

13.3. A escassez de matéria-prima, um novo aspecto da decadência da economia do mate no Brasil.

Segundo Harry Carlos Wekerlin, o último dos presidentes do Instituto Nacional do Mate, a insuficiência da produção, na segunda metade da década de 1960, "deriva do fato da indústria extrativa da erva-mate ter se tornado uma atividade secundária para os produtores."¹⁰⁸

¹⁰⁷ YERBA-MATE: como en el tango. Indexa, Buenos Aires, 13 set. 1977. p. 42-43.

¹⁰⁸ WEKERLIN, Harry Carlos. Relatório à junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em outubro de 1966. Rio de Janeiro, 1966. 33 p. p. 1. Mimeogr.

O consumo industrial também diminuiu. A razão deste decréscimo é o fato da inflação ter reduzido o capital de giro das indústrias de beneficiamento de erva-mate, obrigando os empresários a comprar apenas a matéria-prima necessária para a movimentação de sua firma.

Outro problema da indústria de beneficiamento de erva-mate era a evasão de rendas em virtude da clandestinidade em que se achavam numerosos moínhos.¹⁰⁹

Os engenhos clandestinos, que proliferavam sobretudo no Estado do Rio Grande do Sul, eram dotados de tecnologia rudimentar, sendo, em geral, simples soques.

Estes engenhos, sujeitos apenas à tributação municipal e isentos de taxas de exportação e consumo interno pagas ao I.N.M., tinham condições de vender seu produto mais barato no mercado de consumo, promovendo uma desigual concorrência às empresas devidamente cadastradas.

Os únicos organismos que contavam com um abastecimento regular de matéria-prima eram as cooperativas ervaiteiras.

O Instituto Nacional do Mate, em seu derradeiro ano de existência, investiu R\$ 5.270.000 antigos na construção de um campo de mudas de ervaiteiras no município de Canoas, em Santa Catarina.

Atualmente, o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal tem procurado desenvolver um programa de racionalização da produção de erva-mate.

O problema da falta de matéria-prima é tão sério que as empresas paranaenses de beneficiamento de erva-mate passaram a se abastecer de matéria-prima em Chapecó, no oeste catarinense, distante de Curitiba cerca de quinhentos quilômetros.¹¹⁰

Apesar da grande distancia que a separa dos centros produtores de matéria-prima, Curitiba possui ainda o maior parque de beneficiamento de erva-mate.

¹⁰⁹ FRANCO SOBRINHO, Manoel de Oliveira. Relatório apresentado à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em 16 de março de 1965. Rio de Janeiro, 1965. 54 p. p. 13.

¹¹⁰ VIEIRA, Flávio Calazans. O Zonamento econômico da erva-mate. Brasil Florestal, Brasília, 4 (13): 35-36, jan./mar. 1973.

INDUSTRIAS DE BENEFICIAMENTO DE ERVA-MATE.Produção em Kg.

LOCAL	1969	1970	1971
Curitiba	20.324.261	20.689.789	21.774.771
Canoinhas	24.750	170.150	94.200
Mafra	7.194.600	4.472.219	9.036.933
Campo Alegre	3.001.800	2.718.000	1.642.390
TOTAIS	30.545.411	28.050.158	32.548.294

FONTE: VIEIRA, F.C. O zoneamento econômico da erva-mate.
Brasil Florestal, Brasília, 4 (13): 36, jan./mar.
 1973.

O programa de racionalização do I.R.D.P. denominava-se "Zoneamento Econômico da erva-mate" e foi aprovado em vinte e dois de janeiro de 1973.

Segundo este projeto, as plantações mínimas seriam de cinquenta hectares, com instalações de secagem, viveiros próprios para a obtenção de mudas e reposição florestal obrigatória do material lenhoso destinado à secagem.¹¹¹

Entre os municípios que serão beneficiados pelo referido projeto estão as tradicionais áreas produtoras paranaenses como: Agudos do Sul, Almirante Tamandaré, Antonio Olinto, Araucária, Balsa Nova, Bocaiuva do Sul, Campina Grande do Sul, Campo do Tenente, Campo Largo, Cândido de Abreu, Castro, Cerro Azul, Colombo, Contenda, Cruz Machado, Curitiba, Imbituva, Inácio Martins, Ipiranga, Iratí, Ivai, Lapa, Mallet, Mandirituba, Palmeira, Paula Freitas, Paulo Frontin, Pien, Pinhão, Piraquara, Pitanga, Ponta Grossa, Porto Amazonas, Prudentópolis, Quitandinha, Rebouças, Rio Azul, Rio Branco do Sul, Rio Negro, S. João do Triunfo, S. José dos Pinhais, São Mateus do Sul, Teixeira Soares, Tibagi, Tijucas do Sul e União da Vitória.

Em S. Catarina, o projeto seria aplicado nos municípios de Campo Alegre, Canoinhas, Trincópolis, Itaiópolis, Mafra, Major Vieira, Matos Costa, Monte Castelo, Papanduva, Porto União, Rio Henri-
 nho, S. Bento do Sul e Três Barras.

¹¹¹ IBID., p. 36.

Um dos grandes problemas do produtor ervateiro-a falta de financiamento para a limpeza dos ervais e extração de *ilex paraguayensis*- não foi abordado pelo projeto do I.B.D.F.¹¹²

Segundo o empresário Agostinho Leão, a queda vertiginosa da produção de erva-mate ocorreu graças à despreocupação das indústrias em manter seus próprios ervais, pelo baixo custo da produção e sua abundância no estado [em décadas anteriores].¹¹³

O desmatamento, em função do cultivo da soja, causou um verdadeiro colapso na produção de erva-mate após 1970.

Os preços da matéria-prima elevaram-se de quarenta centavos por quilograma para dois cruzeiros e vinte centavos e atualmente para três cruzeiros, enquanto que o produto beneficiado - chimarrão - é vendido por cinco cruzeiros ou seis cruzeiros para o consumidor.

O empresário, quer o industrial quer o produtor, sempre se defrontou com o problema da falta de capitais para financiar a produção de erva-mate.¹¹⁴

Segundo o sr. Costa Lima, presidente da Cermate:

"A produção do mate no Paraná apresenta um quadro pessimista nos últimos anos, a ponto de comprometer seriamente o fornecimento de matéria-prima ao parque industrial ervateiro, levando à recessão este setor, outrora produtivo e efervescente."¹¹⁵

Outro fator que tem causado o desaparecimento dos ervais nativos do norte de Santa Catarina e sudoeste paranaense é a construção de aproximadamente oito milhões de pés de erva-mate pelas companhias de reflorestamento do pinho.¹¹⁶

Há portanto necessidade de uma política atuante no sentido de preservar as reservas existentes.

¹¹² VIEIRA, Flávio Calazans. Racionalização da produção do mate. Brasil Florestal, Brasília, 1 (4): 41-45, out./dez. 1970.

¹¹³ A HORA e a vez do mate. Folha de Londrina, Londrina, 22 de maio 1976. p. 10.

¹¹⁴ ENTREVISTA com o Sr. José Lacerda realizada a 27 de abril de 1976. 14 p. p. 6. Datilogr.

¹¹⁵ A HORA e a vez do mate. Folha de Londrina, Londrina, 22 de maio 1976. p. 10.

¹¹⁶ FIM da erva-mate com a devastação. O Estado do Paraná, Curitiba, 15 nov. 1977. p. 3.

CAPÍTULO 14

A economia paranaense após a decadência da economia ervateira : uma nova conjuntura econômica.

A partir de 1930, o pólo dinâmico do desenvolvimento econômico paranaense era a cafeicultura.

Com a penetração do café no norte do estado, a população paranaense cresceu de 1.236.000 habitantes em 1940, para 2.129.000 em 1950 e, para 4.200.000 em 1960.¹¹⁷

A monocultura do café, embora tenha sido responsável pelo crescimento da renda regional, trouxe ao Paraná uma situação de instabilidade, pois as oscilações do café no mercado internacional e fenômenos climáticos que atingiam a produção, provocavam fortes depressões na conjuntura econômica paranaense.

¹¹⁷ BRAGA, Ney Aminthas de Barros. Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do estado por ocasião da abertura da 55ª sessão ordinária da 43ª legislatura pelo sr. Ney Aminthas de Barros Braga, Governador do estado. Curitiba, 1961. 47 p. p. 4.

EXPORTAÇÃO DO CAFÉ - PARANÁ

ANOS	QUANTIDADE	VALOR
1939	30.943	59.672,00
1940
1941	53.713	140.759,99
1942
1943
1944
1945	4.043	21.562,00
1946
1947	117.413	-
1948	69.845	603.253,00
1949	116.143	4.149.099,30
1950	113.233	2.161.971,00
1951	...	22.497.180,80
1952	188.875	3.829.456,00
1953	509.481	67.337,00
1954	1.823.682	4.194.516,00
1955	1.817.987	3.995.718,00
1956	3.838.751	5.388.569,00
1957	2.114.797	4.375.348,00

FONTE: OLIVEIRA, Marisa Correia de, p. 117.

A renda gerada pelo café, oriunda em sua maior parte de outras regiões do país, era aplicada na expansão da cultura do café ou em outros estados do Brasil. Através das exportações de café, o Paraná fornecia divisas para o parque industrial brasileiro, localizado em sua maior parte nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte e importava manufaturas destes locais.¹¹⁸

¹¹⁸ IBID., p. 6.

ANO	ÁREA CULTIVADA (ha)			PRODUÇÃO			VALOR (C\$ 1.000)		
	PARANÁ	BRASIL	%	PARANÁ	BRASIL	%	PARANÁ	BRASIL	%
1939	166200	-	-	66479	-	5.7	86423	-	-
1940	152719	2519111	5.3	57069	1002062	6.4	58211	1377833	4.2
1941	100303	-	-	50151	-	5.2	72218	-	-
1942	73275	-	-	32974	-	5.9	62980	-	-
1943	58565	-	-	12350	-	1.5	36056	-	-
1944	82650	-	-	41322	-	6.5	144627	-	-
1945	115277	2381561	4.8	53075	834916	6.3	501743	3717175	8.1
1946	129867	-	-	74419	-	8.1	474010	-	-
1947	142121	-	-	76527	-	8.4	497432	-	11.7
1948	198139	2463996	8.0	115481	1037465	11.1	755556	6450919	11.7
1949	241838	2437851	9.5	150255	1068283	14.1	1236958	8485763	14.6
1950	267259	2663117	10.0	202452	1071437	18.9	3042890	15884691	19.2
1951	292371	2738180	10.7	173542	1030189	16.1	2695627	16578164	16.2
1952	332138	2823003	11.8	263307	1125406	23.4	4828878	19021223	23.8
1953	372233	2918919	12.8	201643	1110606	18.2	4565594	21450670	21.3
1954	389793	30040565	13.0	117563	1036987	11.3	5902677	29793864	13.1
1955	567472	3265341	17.4	342303	1369759	23.0	11156831	41557570	37.2
1956	635427	3411651	18.6	1115026	979278	11.7	5639030	30528310	11.9
1957	807555	-	-	277780	-	27.2	9974017	-	-

FONTE: OLIVEIRA, Marisa Correia de, p. 118

A necessidade de modificar a conjuntura econômica paranaense era um dos pontos básicos da política do governo de Ney Braga, através do incremento do processo de industrialização.

O processo de industrialização, no Paraná, era considerado a forma mais eficaz de captar os capitais excedentes gerados pelo café.

"Até a década de sessenta, a economia paranaense esteve basicamente fundamentada na monocultura do café."¹¹⁹

Nas décadas anteriores, - as de 1940 e 1950 - as atividades fabris paranaenses limitavam-se ao beneficiamento de produtos primários ou extrativos, como beneficiamento de erva-mate, beneficiamento de cereais, fabricação de massas alimentícias, além de madeira e mobiliário e frigoríficos.¹²⁰

QUADRO Nº 91

SETOR SECUNDÁRIO PARANAENSE EM 1959

ESPECIFICAÇÃO	Madeira e Mobiliário	Produtos Alimentares	TOTAL
Estabelecimentos	588	575	1.832
Operários	7.717	8.584	16.737
Salários pagos	15,0	4,1	31,3
Valor da produção	100,0	142,2	347,3
Valor da transformação	57,3	35,7	133,8

FONTE: DERGINT, Ario Taborda. Setor Secundário paranaense. Curitiba, Codesul, 1969. p. 61.

Estas empresas eram em geral pequenas indústrias, pois eram poucas as sociedades, predominando as firmas individuais.¹²¹

Já o censo de 1950, acusou a existência de 4.053 estabelecimentos industriais, sendo 1354 sociedades e 2698 firmas individuais.

¹¹⁹ BALHANA et alii, p. 239.

¹²⁰ MAGALHÃES FILHO, Francisco. Evolução histórica da economia paranaense. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, (28): 49, jan./fev. 1972.

¹²¹ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censenseamento geral de 1940. Rio de Janeiro, 1941. p. 327.

COMPARAÇÃO DE CENSO INDUSTRIAL DO PARANÁ.

ANOS	ESTABELECIMENTOS	PRODUTOS ALIMENTARES	MARFIM E MOBILIÁRIO	PAPEL E PAPELÃO	OUTROS RAMOS	CAPITAL
1940	1824	481	466	4	873	150.485
1950	4058	1404	734	18	1882	1.968.557
1960	6417	2083	1937	21	2376	12.043.330
1970	4538	998	1702	75	1763	-

FONTE: I.B.G.E. Censos industriais de 1940, 1950, 1960 e 1970.

Pelos censos de 1960 e 1970, verificou-se grande expansão do parque manufatureiro paranaense, aliada à diversificação do referido setor industrial.

Começaram a se expandir as indústrias dinâmicas, como as indústrias mecânicas, metalúrgicas e de material de transportes.

Por outro lado, alguns setores tradicionais que apresentaram índices de decréscimo foram: vestuário, calçados e artefatos de tecidos, bebidas, madeira e mobiliário, além de produtos alimentícios.

No Paraná, são dominantes em todos os setores da indústria de transformação, as pequenas e médias indústrias.

Segundo Frederico José Barros "não há conceito universalmente aceito de pequena e média indústria".

Em geral, na classificação da magnitude das empresas são consideradas variáveis tais como: número de empregados e investimento.¹²²

¹²² BARROS, Frederico José & MORENESI, Rui Lyrio. Pequenas e médias indústrias; análise dos problemas, incentivos e sua contribuição ao desenvolvimento. Rio de Janeiro, IFEA | INFES, 1973. 192 p. p. 25.

SECTOR SECUNDÁRIO POR RAMOS SEGUNDO OS
CENSOS DE 1960 e 1970

RAMO DE INDÚSTRIA	Nº DE ESTABELECIMENTOS	
	1960	1970
Ind. extrativa	91	61
Min. não metálicos	973	527
Metalúrgica	167	187
Mecânica	44	125
Mat. elétrico e comun	26	30
Mat. de transporte	123	122
Madeira	1459	1413
Mobiliário	478	289
Papel e papelão	21	75
Borracha	2	46
Couros, peles e similares	114	51
Química	82	76
Prod. farmacêuticos	6	5
Perfunaria, sabões e velas	26	21
Prod. de matéria plástica	3	27
Textil	43	120
Bebidas	234	74
Fumo	-	2
Editorial e gráfica	140	173
Diversas	64	56

Outra característica, que distingue a pequena e a média empresa da grande é o grau de especialização na direção da empresa. Da geral, a direção da empresa por uma só pessoa ou família constitui característica de muitas pequenas e médias indústrias.

O Banco Nacional de Desenvolvimento econômico considera como pequenas empresas aquelas cujo capital se encontra na faixa de trinta milhões de cruzeiros de ativo imobilizado. Acima desta cifra todas as empresas são consideradas grandes.

No Paraná, as médias indústrias tendem a concentrar-se em setores dinâmicos, tais como material elétrico e material de transporte, enquanto que as pequenas em setores tradicionais, tais como vestuário, calçados e artefatos de tecidos, bebidas, editorial e gráfica e produtos alimentares.

Esta tendência é similar ao comportamento das indústrias brasileiras em geral.¹²³

Em 1949, a produção do parque industrial curitibano atingia um terço da produção global do estado. Os demais centros industriais eram: Ponta Grossa, Londrina, Monte Alegre, Maringá, Guarapuava, Tibagi, Arapongas, Rio Branco, União da Vitória e Paranavaí.¹²⁴

A produção industrial paranaense é destinada aos grandes centros de consumo como São Paulo, Rio de Janeiro e, em menor escala, para os estados do norte.

A corrente de comércio de menor significação é aquela que se processa com os países do Prata, através sobretudo do porto de Foz do Iguaçu, via fluvial. Consiste fundamentalmente em madeiras e erva-mate.¹²⁵

O desenvolvimento industrial paranaense posterior a década de 1950-59, ocorreu graças à ação do governo estadual no que se refere "à criação de infra-estrutura indispensável e o fomento direto aos empreendimentos industriais"...¹²⁶

Além da necessidade de rodovias e usinas hidrelétricas, o principal óbice do desenvolvimento econômico do Paraná "era a fixação das poupanças geradas pela sua economia, assim como a atração de poupanças externas"...¹²⁷

¹²³ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo industrial do Paraná de 1970. Rio de Janeiro, 1971. p. 136-137.

¹²⁴ BALHANA, Altiva et alii, p. 242.

¹²⁵ BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Estudos de desenvolvimento regional do Paraná. Rio de Janeiro, 1959. 120 p. p. 104-105. (Serie Levantamentos e Análises, n. 13).

¹²⁶ BRAGA, Ney Amintas de Barros. Mensagem apresentada à Assembleia legislativa do estado por ocasião da abertura da 26ª sessão da 5ª legislatura pelo sr. Ney Amintas de Barros Braga, Governador do estado. Curitiba, s. ed., 1965. 92 p. p. 36.

¹²⁷ IBID.

Com a finalidade de captar capitais para o desenvolvimento econômico paranaense foi criada a Companhia de Desenvolvimento Econômico do Paraná - CODEPAR-, pela lei 4.529, de doze de janeiro de 1962, aplicando o Fundo de Desenvolvimento Econômico, empréstimo compulsório restituível, correspondente a um por cento do valor das vendas, consignações e transações realizadas no estado...¹²⁸

O Fundo de Desenvolvimento Econômico era destinado ao financiamento dos seguintes setores:

- produção e distribuição de energia elétrica;
- investimentos públicos do estado do Paraná;
- investimento industrial e agrícola.¹²⁹

Em 1966, em virtude da lei estadual nº 5.223, que extinguiu os empréstimos compulsórios, o Fundo de Desenvolvimento Econômico passou a ser suprido com até trinta por cento da arrecadação do imposto de vendas e consignações e pela totalidade do fundo de participação dos estados, criado pela Lei Federal nº 5.172.

A partir de 1967, foi também extinto o Imposto de Vendas e Consignações pela Lei estadual nº 5.463, de trinta e um de dezembro de 1966. O Fundo de Desenvolvimento Econômico "passou a ser suprido com recursos orçamentários, através de dotações específicas."¹³⁰

Modificações relevantes ocorreram na estrutura da CODEPAR após 1968, para adaptar-se às diretrizes da Resolução nº noventa e três do Banco Central, que criou o sistema Nacional de Bancos de Desenvolvimento. A CODEPAR modificou seus estatutos e sua razão social, transformando-se no Banco de Desenvolvimento do Paraná S.A. Nesta época, o capital da empresa foi elevado de trinta e um milhões para seiscentos e cinquenta e quatro milhões. A função principal do BADEP passou a ser o fomento à industrialização. Além de recursos próprios, o BADEP passou a receber fundos de outras fontes tais como: FINEP, FUNDEC, I.B.C. G.ACA, GUGRI, I.A.A., capitais estrangeiros, Banco Central, D.N.D.E., Caixa Econômica Federal, etc.

¹²⁸ IBID.

¹²⁹ COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO PARANÁ. Relatório 1962. s.n.t. 103 p. p. 5.

¹³⁰ BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO PARANÁ. BADEP: 15 anos. Curitiba, 1977. 34 p. p. 14.

Desde a sua criação o BADEP tem atendido os diversos setores da indústria de transformação localizados nas diversas regiões de planejamento do Paraná.

As regiões de planejamento, estabelecidas pela Secretaria de Planejamento do Estado do Paraná, são as seguintes:

Região um; compreendendo os municípios de Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Morretes, Paranaguá, Adrianópolis, Agudos do Sul, Almirante Tamandaré, Antonio Olinto, Araucária, Balsa Nova, Bocaiuva do Sul, Campina Grande, Campo Largo, Campo do Tenente, Cerro Azul, Colombo, Contenda, Curitiba, Lapa, Mandirituba, Palmeira, Pien, Piraquara, Porto Amazonas, Quatro Barras, Rio Branco do Sul, S. Mateus do Sul, S. José dos Pinhais, S. João do Triunfo e Tijucas do Sul;

Região dois, representando os municípios de: Arapoti, Cândido de Abreu Castro, Ipiranga, Ivaí, Jaguaraíva, Ortigueira, Pirai do Sul, Ponta Grossa, Reserva, Sengés, Telemaco Borba, Tibagi, Imbituva, Irati, Iruidentópolis, Rebouças, Rio Azul e Teixeira Soares;

Região três, com os municípios de Bituruna, Cruz Machado, General Carneiro, Mallet, Palmas, Paula Freitas, Paulo Frontin, União da Vitória, Porto Vitória, Ampere, Barracão, Capanema, Chopinzinho, Clevelândia, Coronel Vivida, Dois Vizinhos, Eneas Marques, Francisco Beltrão, Itapejara d'Oeste, Mangueirinha, Mariópolis, Marmeleiro, Pato Branco, Pérola d'Oeste, Planalto, Realeza, Renascença, Salgado Filho, Salto do Lontra, Sta. Isabel d'Oeste, Santo Antonio do Sudoeste, São João, São Jorge d'Oeste, Verê e Vitorino;

Região quatro, com os municípios de Guarapuava, Inácio Martins, Iraporã, Igaropora do Sul, Palmital, Pinhão, Pitanga, Assis Chateaubriand, Leonidas Marques, Cascavél, Catanduvas, Céu Azul, Corbélia, Formosa d'Oeste, Foz do Iguaçu, Guaíra, Guaraniaçu, Mal. Cândido Rondon, Matelândia, Medianeira, Palotina, Santa Helena, São Miguel do Iguaçu, Terra Roxa d'Oeste, Toledo e Nova Aurora;

a Região cinco, com os municípios de Andaraí, Barracão Jacaré, Camboré, Carlópolis, Conselheiro Mairinck, Curitiba, Guapirama, Ibatí, Jaboti, Jacarézinho, Jabira, Joaquim Távora, Jundiá do Sul, Pinhalão, Quatiguá, Ribeirão Claro, Ribeirão do Pinhal, Salto do Itararé, Sant'Ana do Itararé, Santo Antonio da Platina, São José da Boa Vista, Sapopema, Siqueira Campos, Tomazina, Wenceslau Braz, Ibatia, Bandeirantes, Congoninhas, Cornélio Procopio, Itambaracá, Leopoldina, Nova Fátima, Santa Amélia, Santa Mariana, Santo Antonio do Paraíso, Bertanega, Uraí, Nova América da Colina;

a Região seis compreendendo os municípios de: Alvorada do Sul, Arapongas, Assaí, Astorga, Bela Vista do Paraíso, Cafeara, Cambé, Centenário do Sul, Colorado, Florestópolis, Flórida, Guaraci, Ibiporã, Iguaçu, Itaguage, Jaguapitã, Jataizinho, Lobato, Londrina, Lupionópolis, Miraselva, Munhoz de Mello, N. Sra. das Graças, Porecatú, Primeiro de Maio, Rancho Alegre, Rolândia, Sabáudia, Santa Cecília do Pavão, Santa Fé, Santa Inez, Santo Inácio, São Jerônimo da Serra, São Sebastião da Amoreira, Sertãoópolis, Apucarana, Araruva, Bom Sucesso, Borrazópolis, Califórnia, Cambira, Faxinal, Ivaiporã, Jandaia do Sul, Jardim Alegre, Kalore, Manoel Ribas, Marumbi, Rio Bom, São João do Ivaí e São Pedro do Ivaí;

a Região sete, com Atalaia, Castelo Branco, Cruzzeiro do Sul, DR. Cargango, Florai, Floresta, Imajai, Itambé, Ivatuba, Jardim Clinda, Mandaguaçu, Marialva, Maringá, Ourizona, Nova Esperança, Paissandú, Paranacity, Paranapoema, S. Jorge, Uniflôr, Alto Paraná, Amaporã, Diamante do Norte, Guairacá, Itauna do Sul, Loanda, Mirador, Nova Aliança do Ivaí, Nova Londrina, Paraizo do Norte, Paranaíba, Planaltina, Porto Rico, Querência do Norte, Sto. Cruz do Monte Castelo, Santa Izaabel do Ivaí, Sto. Antonio do Caiuá, São Pedro do Paraná, Tamboara e Terra Rica;

finalmente a Região oito, com Araruna, Barbosa Ferraz, Boa Esperança, Campina da Lagoa, Campo Mourão, Eng. Beltrão, Feniz, Goioerê, Iretama, Janiópolis, Manhorê, Mariluz, Moreira Sales, Nova Cantú, Peabirú, Quinta do Sol, Roncador, Ubiratã, Altonia, Cianorte, Cidade Gaúcha, Cruzeiro d'Oeste, Guaporema, Icaraíma, Indianópolis, Iporã, Japurá, Jussara, Maria Helena, Pérola, Rondon, S. Tomé, Tapijara, Tapira, Terra Boa, Tunciras d'Oeste, Umuarama e Umuere.¹³¹

Os financiamentos concedidos pelo DADP às várias regiões estaduais de planejamento atingiram as seguintes cifras:

¹³¹ PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. Coplan. Regionalização do Paraná; área e população: 1967. s.n.t. 55 p.

QUADRO Nº 94.

BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO PARANÁ S.A.

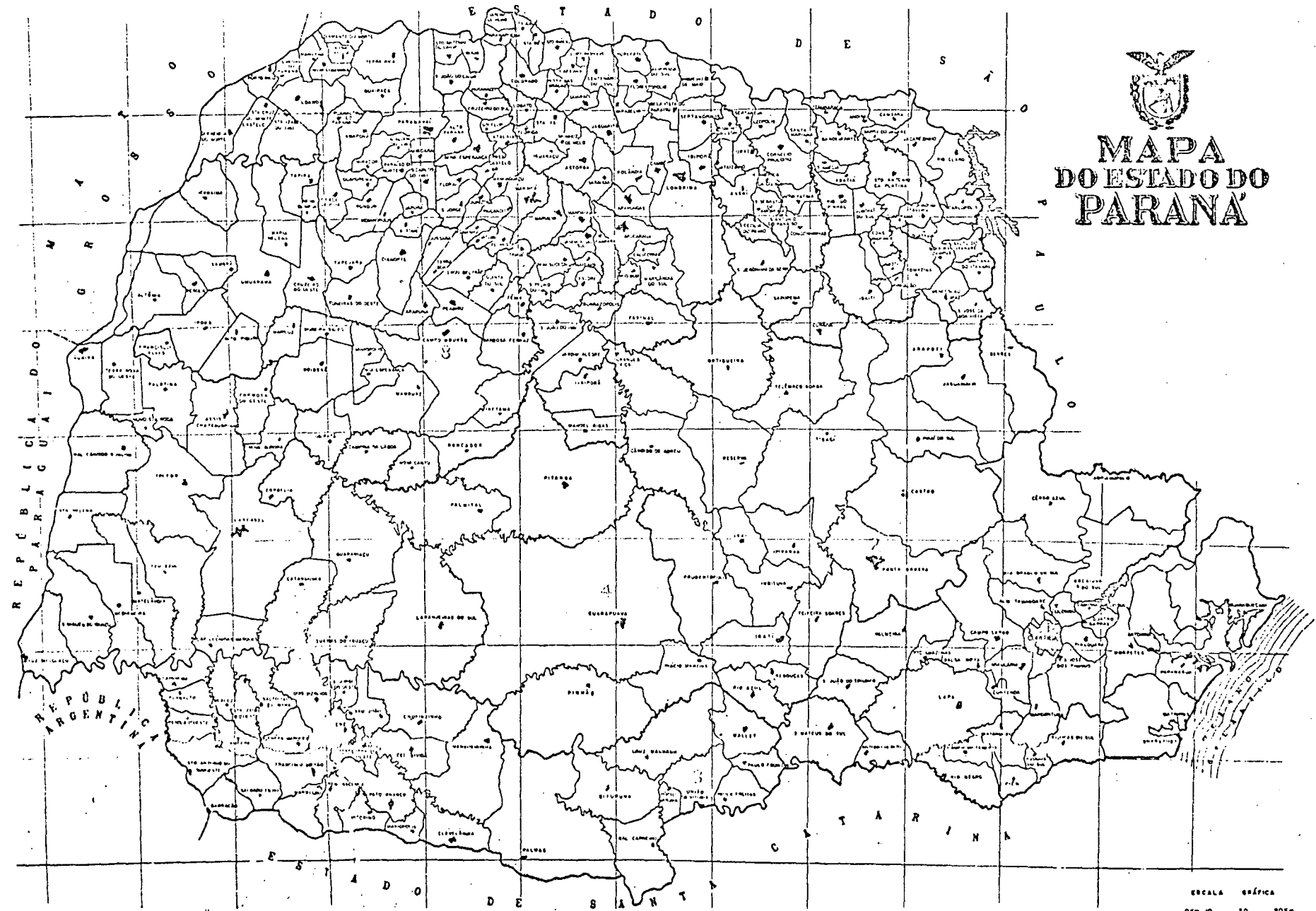
EMPÉSTIMOS CONCEDIDOS AO SETOR PRIVADO POR REGIÃO. VALORES DEFALACIONADOS: A PREÇOS: . . .

1971-72.

C\$ 1.000

ANOS REGIÕES	1	2	3	4	5	6	7	8	TOTAL
1962	4.179	=	995	159	2.109	=	-	-	7.442
1963	7.074	768	1.582	3.525	226	2.452	429	-	16.056
1964	9.900	2.479	-	477	2.146	7.480	513	-	22.995
1965	11.016	4.792	669	1.661	821	9.416	4.921	969	34.265
1966	17.471	2.592	431	553	1.797	11.103	2.589	2.859	39.375
1967	12.339	3.046	918	2.791	2.051	4.433	3.298	449	29.330
1968	30.830	3.806	2.086	2.253	2.483	11.421	4.851	552	58.287
1969	24.627	240	39	1.234	761	24.564	6.622	8.037	66.224
1970	62.270	2.551	729	9.189	8.943	24.915	1.783	1.955	112.305
1971	39.356	16.190	-	11.565	3.841	8.056	3.348	2.104	84.460
1972	116.409	34.913	1.460	10.668	1.648	9.326	3.954	1.095	179.678
1972	170.380	49.994	460	34.920	2.240	22.700	17.260	2.472	300.426

FONTE: REVISTA PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO, Curitiba, Badep, n. 28,
jan./fev. 1972. 74 p. p. 63. BANCO DE DESENVOLVIMENTO
DO PARANÁ . Relatórios: 1972 e 1973.



**MAPA
DO ESTADO DO
PARANÁ**

ESTADO SISTEMA

REGIÕES DE PLANEJAMENTO

CONVENÇÕES

Limites interestaduais.

Sem dúvida as regiões responsáveis pela maior parte dos investimentos do Badep foram a Região um [Curitiba] e a Região seis [Londrina], que constituem os polos dinâmicos da economia paranaense.

Quanto aos setores responsáveis por elevados índices de capitalização, a maior parte dos empréstimos foi concedida às indústrias de produtos alimentares [laticínios], têxtil, química, papel e papelão, minerais não metálicos e produtos de matéria plástica.

14.2. O Mercado de Capitais nacional

Por outro lado, até duas décadas atrás, o Paraná e o Brasil sentiam a ausência de um mercado de capitais com desenvolvimento satisfatório.

Antes do desenvolvimento do mercado de capitais, as principais fontes de financiamento das empresas eram o crédito governamental e as letras de câmbio.¹³²

Na atualidade, uma das principais medidas do governo, no sentido de desenvolver o mercado de capitais, foi a criação das sociedades anônimas de capital aberto. Desde que uma empresa alcançasse o nível de quinze por cento de ações abertas ao público, sendo estas últimas altamente negociáveis, ela poderia gozar de benefícios fiscais, sem ter necessidade de aumentar o número de acionistas do público.

¹³² TRUBEK, David et alii. O mercado de capitais e os incentivos fiscais. Rio de Janeiro, APEC, 1970. 265 p. p. 100.

ESPECIFICAÇÃO	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971
10. Minerais Não Metálicos	916	1.107	542	612	469	1.111	3.944	448	40.209	15.888
11. Metalurgia	-	701	1.997	2.828	2.641	1.638	1.431	1.072	630	1.200
12. Mecânica	1.094	1.695	2.432	1.034	1.488	254	374	698	3.144	1.322
13. Nat. Elétrico/Comunicação	-	576	244	110	707	361	12	86	211	-
14. Material de Transporte	139	-	-	524	483	316	22	-	55	180
15. Madeira	657	1.233	60	4.031	1.772	1.114	128	7.706	1.633	3.633
16. Mobiliário	389	170	2.008	494	1.143	372	346	2.158	2.431	700
17. Papel e Papelão	358	4.260	2.301	1.683	3.276	4.150	2.380	490	5.017	6.986
18. Borracha	-	-	274	38	166	634	439	163	-	-
19. Couros, Peles e Prod. Simil.	606	169	230	148	168	58	228	82	-	-
20. Química	1.194	2.882	4.971	5.772	7.532	6.480	12.300	17.130	1.917	23.106
21. Prod. Farm. e Medicinais	-	-	-	1.007	704	533	1.060	643	291	-
22. Prod. Perf., Sabões e Velas	-	-	-	-	190	-	7	-	-	-
23. Prod. Matéria Plástica	-	-	-	-	182	211	3.131	-	2.714	2.042
24. Têxtil	-	237	107	5.225	3.936	1.645	15.113	12.490	9.688	4.620
25. Vestuário, Calç. e Art. Tec.	-	-	-	173	348	339	237	317	18	31
26. Prod. Alimentares	1.990	2.994	7.808	10.021	9.293	8.015	8.282	20.742	31.683	10.498
27. Bebidas	-	-	-	38	110	21	202	-	-	-
30. Diversos	-	-	-	80	428	206	263	-	992	1.339
31. Turismo	-	-	-	-	-	-	-	-	1.309	-
SUBTOTAL	7.442	16.079	22.994	33.930	35.066	27.530	49.999	64.225	102.022	71.607
Serviços	-	-	-	-	3.386	415	3.048	1.390	7.417	11.430
Agropecuária	-	-	-	-	-	-	97	109	2.668	1.422
Avicultura	-	-	-	338	911	1.357	239	-	-	-
TOTAL	7.442	16.079	22.994	34.268	39.363	29.300	58.283	66.224	112.307	84.459

(*) INDICE GERAL DE PREÇOS - Coluna 2 - FGV.

FONTE: REVISTA PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO. Curitiba, Badep, n. 28,
jan./fev. 1972. 74 p. p. 63.

QUADRO Nº 96

BANCO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO PARANÁ S/A
EMPRÉSTIMOS CONCEDIDOS AO SETOR PRIVADO POR RAMO
DE ATIVIDADES, EM 1972, 1973 e 1974.

A preços de 1972, 1973 e 1974.

C\$ 1.000

ESPECIFICAÇÃO	1972	1973	1974
Minerais não metálicos	21.213	16.979	103.864
Metalurgia	422	6.850	35.791
Mecânica	9.958	3.700	30.429
Mat. el. e com.	3.130	750	-
Mat. de transporte	240	551	919
Madeira	13.130	29.046	87.766
Mobiliário	2.200	94.691	16.306
Papel e papelão	15.474	17.403	42.837
Couro e peles	-	5.570	2.500
Prod. farmacêuticos	89	75	400
Perf. sabão e velas	300	1.000	3.500
Prod. de matéria plástica	12.320	33.798	45.261
Vestuário, calçados	300	10.687	250
Produtos alimentares	37.038	23.745	38.145
Bebidas	204	100	-
Diversos	309	23.745	5.890
Turismo	949	3.021	125.168
Serviços	36.563	75.767	11.399
Infra-estrutura	4.519	134.731	44.293
Agropecuária	2.453	-	169.587
Química	41.492	53.770	36.363
TOTAIS	204.197	433.137	1.556.997

FONTE: BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO PARANÁ. Relatórios: 1972 e 1973.

PARANÁ. Secretaria de Planejamento. Departamento Estadual de Estatística. Indicadores setoriais, 1973.
s.n.f. 466 p. p. 220.

Mais tarde, a Resolução número cento e seis, exigiu que as sociedades de capital aberto tivessem vinte por cento de suas ações distribuídas ao público e fossem registradas em uma bolsa de valores.

Outra inovação, criada pela Resolução número dezoito, foi a autorização concedida aos bancos de investimento para realizarem operações diretas de financiamento, tais como empréstimos, aceite de letras, compra de ações e avais.

Embora tenha sido criado uma forma de incentivo às pequenas e médias empresas com o Fundo Cento e Cincoenta e Sete, na realidade, as firmas menores ou mais necessitadas eram postas à margem do sistema.¹³³

O Fundo cento e cinquenta e sete é um sistema híbrido: embora utilize a tributação que recai sobre os contribuintes do imposto de renda para aquisição de certificados de compra de ações, também faz uso das próprias forças do mercado de capitais para alocação de recursos.

Também o Badep procura financiar somente as empresas que apresentam altas taxas de rentabilidade ou que se enquadrem nos setores considerados prioritários pelo governo. Os juros que incidem sobre os empréstimos concedidos pelo Badep são de vinte e dois por cento ao ano para as empresas de pequeno porte.¹³⁴

Por outro lado, as empresas estrangeiras, de acordo com a Lei nº 4.728, de quatorze de julho de 1965, não teriam acesso a financiamentos por parte do sistema financeiro nacional. Como exceções, a lei considerou as filiais de empresas estrangeiras, empresas com sede no Brasil, cujo capital pertença a residentes no exterior e sociedades com sede no país cuja direção seja executada por empresários domiciliados no exterior.

¹³³ IBID., p. 221.

¹³⁴ ENTREVISTA com os senhores Lineu Araujo e Paulo Lacerda, funcionários do BADEP, realizada a 21 de junho de 1977. 9 p. Datilogr.

As sociedades financeiras, segundo a referida lei, poderiam igualmente emitir debêntures¹³⁵ com cláusulas de correção monetária, desde que o prazo do empréstimo seja igual ou superior a um ano e a correção efetuada em períodos não inferiores a três meses. emissão de debêntures terá por limite máximo o montante do patrimônio líquido da empresa.

A Resolução número trezentos e noventa e quatro do Banco Central, que a partir de março de 1973, regulamenta o funcionamento dos Bancos de Desenvolvimento, só permite a concessão de empréstimos à empresas dos setores secundário ou terciário que satisfaçam aos seguintes itens:

- a) existência de um mercado para os bens e serviços a serem produzidos;
- b) exequibilidade técnica do processo de produção;
- c) rentabilidade operacional do empreendimento;
- d) segurança da disponibilidade dos demais recursos;
- e) capacidade de pagamento do beneficiário;
- f) garantias suficientes;
- g) capacidade empresarial do grupo empreendedor;
- h) e ficha cadastral satisfatória.¹³⁶

A Resolução número noventa e três, considera os bancos de desenvolvimento como "instituições financeiras de âmbito regional, especializadas em operações a médio e a longo prazo, para suprimento de capital fixo ou de movimento, mediante a aplicação de recursos próprios ou de terceiros, com vistas ao desenvolvimento econômico social das respectivas áreas de atuação."¹³⁷

¹³⁵ DEBENTURE ou obrigação ao portador é um título representativo de uma das partes iguais em que foi dividida a soma total de um empréstimo levantado por uma sociedade anônima ou por uma sociedade comandita por ações. O número de títulos em circulação representa o montante total da dívida a cargo da sociedade. As obrigações terão por fiança todo o ativo e bens da empresa.

¹³⁶ BANCO CENTRAL DO BRASIL. Regulamento anexo à Resolução nº 394 de 03.11.76 que define a competência e disciplina a constituição e funcionamento dos Bancos de desenvolvimento. s.n.t. 18 p. p. 7. Datilogr.

¹³⁷ BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO PARANÁ. Resolução nº 93. s.n.t. 86 p. p. 1. Datilogr.

Os bancos estaduais ou interestaduais de desenvolvimento se acham sob o controle dos governos estaduais. Além do suprimento de recursos financeiros, são atividades dos bancos de desenvolvimento, a garantia de operações de crédito e a prestação de assistência técnica direta para a formação e aperfeiçoamento de pessoal especializado.

Outra novidade foi a substituição da Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC) pelo Conselho Monetário Nacional.

Em 1968, o governo federal estabeleceu um Plano Trienal de política econômica.

No que se refere ao financiamento concedido às empresas, recursos para financiamento de capital de giro foram dirigidos para os setores considerados prioritários, tais como siderurgia e ramos específicos da química pesada.¹³⁸

O sistema financeiro do Brasil compõe-se atualmente do Banco Central, dos Bancos Comerciais, das sociedades de crédito e financiamento, dos Bancos de fomento, dos bancos privados de investimentos, das Caixas Econômicas, do Banco Nacional de Habitação, Sociedades Imobiliárias, cooperativas de crédito, além de instituições de intermediação no mercado de capitais, como bolsas de valores, sociedades de investimento e companhias distribuidoras de títulos.¹³⁹

O Banco Central é o órgão que regulamenta a atividade bancária em geral e desempenha as funções de banco emissor.

Os bancos comerciais operam na área de empréstimos a curto prazo, sobretudo sob a forma de descontos de duplicatas, raramente indo além de cento e vinte dias.

As sociedades de crédito e financiamento concedem empréstimos a prazos de variam de seis meses a dois anos, com base no aceite de letras de câmbio.

Os bancos de investimento, de existência recente, têm como objetivo básico a concessão de financiamentos industriais a longo prazo.

¹³⁸ RAMOS, Ítalo. Plano trienal e a indústria. Indústria e Produtividade, Rio de Janeiro, 1 (3):70-71, ago. 1968.

¹³⁹ SIMONSEN, Mário Henrique. Inflação é mercado de capitais. Indústria e Produtividade, Rio de Janeiro, 1 (3):4, ago. 1968.

Porém, a principal fonte de empréstimos a longo prazo no país, é o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, o principal banco de desenvolvimento do país.

Por outro lado, as diversas entidades que compõem o sistema financeiro nacional tem recorrido a uma série de artifícios para contornar a lei da usura, promulgada em 1938 e, que proibia a cobrança de juros superiores a doze por cento ao ano.

Entre estes artifícios, necessários uma vez que a taxa de inflação sempre foi superior a doze por cento ao ano desde 1950, os mais utilizados são: a sobrecarga de comissões bancárias, cobradas por serviços tais como abertura de crédito, cobrança etc.

Desde, 1964, o governo procurou inserir cláusulas de correção monetária nos empréstimos a longo prazo.

A correção monetária foi estabelecida através:

- a) das Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional - O.R.T.N., criadas pela Lei 4.337 de julho de 1964, títulos da dívida pública com cláusula de correção monetária.
- b) através da criação do B.N.H. [Banco Nacional de Habitação] e de letras imobiliárias e pela permissão de correção monetária nos empréstimos destinados à aquisição de moradia própria, pela lei 4.580 de agosto de 1964.
- c) em 1965, a lei 4.728 criou vários tipos de títulos com correção monetária: debêntures, letras de câmbio, depósitos a prazo e certificados de depósito a longo prazo.

O mercado de letras imobiliárias foi enriquecido, a partir de 1967, com o Fundo de Garantia por tempo de serviço, destinado à financiar indenizações, casa própria e inversões especiais para trabalhadores, tendo seu saldo rotativo administrado pelo B.N.H.

Já em sociedades de crédito, financiamento e investimento, apareceram em 1946. Todavia, apenas em 1968, o total de acções cambiais negociado por elas, atingiu alguma significância, ultrapassando cinco por cento os empréstimos dos Bancos Comerciais ao sector privado.¹⁴⁰

De início, os empréstimos das financeiras orientavam-se no sentido de financiar a formação de capital de giro das empresas, pois o antecedente básico da criação das financeiras foi a incapacidade do sistema bancário privado em satisfazer a demanda de crédito a médio prazo.

¹⁴⁰ SOCIEDADES FINANCEIRAS: mudança qualitativa de crédito. Conjuntura Econômica, Rio de Janeiro, 23 (10):119-124. out. 1969.

Atualmente, compete às financeiras a concessão de crédito direto ao consumidor até vinte e quatro meses, enquanto que os bancos de investimento operam com financiamento de bens de capital, underwriting e outras específicas do mercado de ações.¹⁴¹

Entretanto, ainda hoje o principal fator responsável pela emissão de capitais por parte de empresas brasileiras é a incorporação de reservas, pois somente trinta por cento dos dividendos são distribuídos aos acionistas.¹⁴²

Os bancos comerciais tendem igualmente a atuar na concessão de crédito direto ao consumidor através das financeiras associadas.¹⁴³

14.3. O financiamento à produção no Brasil e no Paraná e histórico do sistema bancário comercial.

A história bancária do Brasil data de 1808, quando foi fundado o primeiro estabelecimento bancário sob os auspícios da monarquia portuguesa: o Banco do Brasil.

Entretanto, o desenvolvimento do sistema bancário nacional ocorreu apenas posteriormente a 1880, com os empreendimentos de Mauá e com a instalação de filiais de bancos estrangeiros.

O fator de atração do capital estrangeiro foram as medidas saneadoras impostas pelo governo na década de 1880.¹⁴⁴

¹⁴¹ UNDERWRITING é um método de lançamento de ações usado nos Estados Unidos e Inglaterra, pelo qual uma pessoa física ou jurídica assume responsabilidade sobre determinada emissão, concordando em comprar em data fixa e por um preço pré-estabelecido os títulos ou ações não tomados pelo público.

¹⁴² LEVY, Maria Bárbara. História dos bancos comerciais do Brasil. Rio de Janeiro, IBMEC, 1972. 120 p. p. 115.

¹⁴³ EMISSÕES de capital: Recordes das incorporações de reservas. Conjuntura econômica, Rio de Janeiro, 25 (2): 33-40, ago. 1969.

¹⁴⁴ IBID., p. 26.

A partir da crise bancária de 1900, a rede bancária começou a penetrar no interior, com a criação do Banco de Crédito Agrícola, destinado ao financiamento da lavoura.¹⁴⁵

Anteriormente a 1945, as funções de Banco Central eram exercidas pelo Banco do Brasil e, após esta data, pela Superintendência da Moeda e do Crédito. Esta instituição foi substituída em 1964, pelo Conselho Monetário Nacional.

O período de real expansão da rede bancária nacional ocorreu entre 1946 - 1963.¹⁴⁶

Já o desenvolvimento do sistema bancário do Paraná é muito mais recente do que o desenvolvimento da rede bancária brasileira.

A primeira tentativa de criação de um estabelecimento de crédito no Paraná foi feita pelo Barão do Setto Azul e por David Carneiro: foi o Banco Mercantil e Industrial do Paraná, com a finalidade de conceder crédito à indústria de beneficiamento de erva-mate e para a indústria extrativa da madeira.¹⁴⁷

Entretanto, dependendo das oscilações dos mercados platinos, os industriais de beneficiamento de erva-mate e os madeireiros não foram capazes de criar um sólido estabelecimento bancário. O Banco Mercantil fracassou.

O primeiro estabelecimento bancário a operar com sucesso no Paraná, foi uma filial do Banco da União, tradicional banco paulista ligado à cafeicultura. Em 1892, foi criado o primeiro estabelecimento de crédito genuinamente paranaense: O Banco do Paraná S. A., com a finalidade de desenvolver o crédito individual e coletivo do Estado, cuja sede localizava-se em Curitiba e cujo capital era cerca de R\$. 500:000\$000.

No início do século, o Banco Pelotense estabeleceu uma filial em Curitiba, com um capital de R\$ 15.000:000\$000.

¹⁴⁵ IBID., p. 71.

¹⁴⁶ IBID., p. 109.

¹⁴⁷ CARNEIRO, Newton. Um precursor da justiça social, David Carneiro e a economia paranaense. Curitiba, s. ed., 1965. 220 p. p. 98.

Em 1911, apareceu o primeiro banco destinado à concessão de empréstimos a pessoas físicas mediante penhor imobiliário: era o Banco de Curitiba S.A., com um capital inicial de R\$500:000\$000.¹⁴⁸

Já em 1914, o industrial e exportador de erva-mate, Comendador José Ribeiro de Macedo, reivindicava ao Presidente de Província, Carlos Cavalcanti de Albuquerque:

"a fundação de um estabelecimento de crédito que com as precisas garantias, venha auxiliar este comércio libertando-o dos embaraços do momento..."

Não sendo possível no momento actual, obter os capitais precisos para a fundação imediata de um estabelecimento de grande monta, parece à Associação (Comercial) que a fundação de uma caixa auxiliar do seu comércio, viria pela sua natureza solucionar a crise que atualmente nos assoberba..."

Como modelo, o Presidente da Associação comercial, adotou o Banco do Brasil, cuja "ação tem sido verdadeiramente reparadora para o comércio na emergência actual."¹⁴⁹

Competentemente autorizado a fundar um estabelecimento de crédito devido à lei nº 1460, de quinze de junho de 1914, o projeto concretizou-se apenas em outubro de 1928, quando foi criado o Banco do Estado do Paraná S.A., com um capital de R\$ 10.000:000\$000.

Entre 1911 e 1916, foram fundadas as primeiras filiais de bancos estrangeiros no Paraná. O Banco Francês e Italiano para a América do Sul estabeleceu filiais em Paranaguá, Curitiba e Ponta Grossa [1911] e, em 1916, foi estabelecida a primeira agência do Bank of London & South América Ltd. com capital de R\$ 5.000.000,00.

¹⁴⁸ FICHAS de Bancos das Sociedades Anônimas. Arquivo da Junta Comercial do Paraná.

¹⁴⁹ MACEDO, José Ribeiro de. Ofício dirigido ao governo do Estado pelo Presidente da Associação Comercial do Paraná em 7 de maio de 1914. In: ALBUQUERQUE, Carlos Cavalcanti de. Mensagem dirigida ao Congresso legislativo do estado pelo exmo. sr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, Presidente do Estado, ao instalar-se a sessão extraordinária da 12ª legislatura em 5 de junho de 1914. Curitiba, Typ. Penitenciária do Estado, 1914. 9 p.

Com o objetivo de concessão de crédito para a lavoura, indústria e comércio foi criado, já em 1917, uma filial do Banco Nacional do Comércio S.A., com sede em Porto Alegre e, em 1919, uma filial do Banco de São Paulo S.A., com um capital inicial de R\$. 50.000:000,00.

Durante as décadas de 1920 e 1930, praticamente não houve expansão da rede bancária paranaense.

Apenas foram fundados os seguintes estabelecimentos: o Banco de Crédito Agrícola e Hipotecário do Estado do Paraná, em 1926, com sede em Curitiba e capital inicial de R\$ 250:000\$000 e o Banco Popular e Agrícola do Norte do Paraná, ligado ao início do desenvolvimento da cafeicultura.

O desenvolvimento da rede de estabelecimentos de crédito durante os anos de 1940 e 1950, fez-se principalmente através dos bancos paulistas e mineiros, tradicionalmente ligados à cafeicultura e, em função da monocultura cafeeira no norte do estado e da diversificação agrícola.¹⁵⁰

Durante a década de quarenta, foram criados quatorze novos estabelecimentos bancários com cento e seis novas agências e nos anos cinquenta, vinte e cinco novas instituições de crédito. Em 1960, quarenta novas instituições e entre 1970-77, cerca de trinta e cinco instituições de crédito foram fundadas.¹⁵¹

A recente expansão dos estabelecimentos de crédito acha-se ligada ao crescimento do parque industrial paranaense.

Com a industrialização surgiu a motivação necessária para a aplicação de capitais no próprio estado do Paraná.

Diversificou-se o sistema financeiro paranaense compreendendo além de agências do Banco do Brasil, Banco Central do Brasil, Caixa Econômica Federal e outros organismos ligados aos governos estadual ou federal, bancos comerciais, bancos de crédito agrícola, bancos de desenvolvimento, bancos de investimento, financeiras etc.

¹⁵⁰ BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, p. 74.

¹⁵¹ FICHAS de Bancos das S.A., Bancos de cooperativas e Bancos extintos do Arquivo da Junta Comercial do Paraná.

PARTE IV

INDÚSTRIA DE BENEFICIAMENTO DE ERVA-MATE

NO PARANÁ.

(1890 - 1977)

CAPÍTULO 15

O PARQUE INDUSTRIAL DE BENEFICIAMENTO

DE ERVA-MATE NO PARANÁ

(1890 - 1977).

Através da análise serial da evolução histórica do parque industrial de beneficiamento de erva-mate no Paraná, pretende-se verificar em que medida as oscilações da economia ervateira afetaram a rentabilidade das empresas que operavam no setor.

Formulou-se as seguintes hipóteses que serão abordadas através da história serial das empresas que operavam no setor de beneficiamento de erva-mate no Paraná.

- a) Qual o tipo de empresa padrão no setor de beneficiamento de erva-mate? [individuais, sociedades anônimas, sociedades limitadas, cooperativas etc.]
- b) A origem dos capitais seria majoritariamente nacional?
- c) A maior concentração do parque industrial ervateiro, entre 1890 e 1977, seria em Curitiba?
- d) Qual a importância das indústrias ervateiras do interior na formação do parque industrial ervateiro paranaense?
- e) Qual o montante de capital investido anualmente no setor de beneficiamento de erva-mate paranaense? Era significativo o montante de capitais investidos no setor?
- f) Qual é a forma mais comum de administração de empresas?

- g) Teriam as modificações na conjuntura sócio-político-econômica paranaense conduzido à transformações relevantes, na mentalidade dos empresários ou na forma de gestão e organização das empresas que operavam no referido setor?
- h) Qual a probabilidade de sobrevivência das firmas individuais diante do aparecimento dos grupos econômicos no setor e das crises que afetam um produto primário destinado à exportação?
- i) Teriam as sucessivas crises na economia ervateira, graças às oscilações nos mercados tradicionais, levado à diversificação de atividades por parte dos empresários, como forma de adaptação às novas conjunturas econômicas?
- j) Em que medida as oscilações do volume e preço de matéria-prima têm afetado as empresas de beneficiamento de erva-mate?

Verificou-se através da formação de séries, que a maior parte do parque industrial de beneficiamento de erva-mate no Paraná era formado por sociedades limitadas. Entre os tipos mais comuns de sociedades observou-se: sociedades mercantis, sociedades em comandita e sociedades em nome coletivo.

As sociedades mercantis são aquelas cuja finalidade é a prática de atos do comércio.

Já nas sociedades em comandita apenas o capital do sócio comanditário pode ser dividido em ações.

As sociedades em nome coletivo, por sua vez, ocorrem quando duas ou mais pessoas se unem para comerciar em comum, debaixo de uma firma social.¹

Já as individuais apareceram no referido setor apenas entre 1890 e 1925 e, eram pouco numerosas.

As sociedades cooperativas começaram a surgir após 1937, porém apresentavam um grau de capitalização muito inferior ao das indústrias tradicionais.

¹ GOMES, Luis Souza. Dicionário econômico e financeiro. 7 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1926. 264 p. p. 214-215.

Após 1942, foram criadas as primeiras sociedades anônimas no setor de beneficiamento de erva-mate. Embora em pequeno número, as sociedades anônimas representavam os grupos econômicos e as firmas com maior grau de capitalização.

As individuais reapareceram nas décadas de 1940 a 1970. Sua maior expansão em número de empresas ocorreu durante os anos 1960 a 1967.

Nos últimos anos, a participação das cooperativas no setor de beneficiamento de erva-mate tornou-se insignificante.

Quanto ao ramo de operações, observou-se o seguinte: entre 1890 a 1900 um número significativo de empresas que operava unicamente no setor de beneficiamento de erva-mate. Entre 1900-1920, as empresas que operavam no referido setor associado a outros ramos superaram o número de empresas que operavam unicamente no setor de beneficiamento de erva-mate.

Após 1930 e até 1939, as empresas que operavam exclusivamente no setor de beneficiamento de erva-mate superaram as demais em número.

Entre 1950-53, as empresas que operavam com beneficiamento associado a outros ramos ultrapassaram as que operavam exclusivamente no referido setor e após esta data a supremacia numérica cabe exclusivamente as empresas que operavam com beneficiamento de erva-mate.

Observou-se, por outro lado, que as grandes empresas e grupos econômicos, tais como a Leão Jr. & Cia. S.A., Grande & Cia. e Moinhos Unidos Brasil-Mate S.A., procuravam ao lado das médias empresas que operavam no setor, diversificar suas atividades, enquanto que as pequenas empresas, não possuíam capital suficiente para empreender novos investimentos ou inovações adequados à conjuntura econômica do momento histórico que atravessavam.

A evolução numérica do parque industrial de beneficiamento de erva-mate, por outro lado, atingiu uma fase de grande expansão entre 1940 e 1945, graças ao surto do cooperativismo.

Quanto à nacionalidade dos empresários, a maior parte era brasileira, sendo insignificante, durante o período estudado, a participação de firmas de capital estrangeiro.

No que se refere ao grau de capitalização do parque industrial de beneficiamento de erva-mate as empresas que operavam com beneficiamento de erva-mate associado a outros ramos sempre apresentaram um montante de capital superior às que operavam exclusivamente no dito setor, com raras exceções.²

Por outro lado, o grau de capitalização do setor de beneficiamento de erva-mate elevou-se geometricamente após 1963. Este acréscimo pode ser explicado pela aspiral inflacionária que assolou o país após 1963 e cujos efeitos prolongar-se-iam até a atualidade.

Quanto à concentração do parque industrial ervateiro verificou-se que Curitiba durante o período estudado sempre foi o maior parque industrial de beneficiamento de erva-mate paranaense, pois as grandes empresas exportadoras, tais como a Leão Jr. S.A., localizam-se na capital do estado.

Quanto à forma de gestão das empresas predominaram, salvo raras exceções, as empresas clônicas ou familiares. Este tipo de empresa está relacionado aos estágios primários da industrialização, quando a conjuntura econômica achava-se voltada para a agricultura.³

Muitas vezes, as empresas clônicas atuavam como fontes de capital ao formar "Holdings" comerciais e rurais e ao controlar o sistema bancário.

Entretanto, com o desenvolvimento do processo de industrialização e, com o aparecimento dos grupos de investimento, formados por organizações industriais, comerciais e financeiras, acentua-se a demanda de capitais, perdendo as empresas clônicas grande parte de seu poder como executivas e agentes mobilizadoras de capital.⁴

² COMO exceções, observou-se que nos anos de 1921, 1922, 1925, 1926, 1927, 1928, 1929, 1930, 1931 e 1932 o montante de capital representado pelas indústrias de beneficiamento de erva-mate superou o grau de capitalização das empresas que operavam com outros ramos.

³ AUBEY, R. T. Private sector capital mobilization and industrialization in Latin America. Journal of Inter-American Studies and World Affairs, 12 (4): 584, oct. 1970.

⁴ IBID., p. 589.

As empresas familiares relativamente poderosas ainda controlam a propriedade privada, porém os capitais são obtidos através de instituições financeiras ou bancárias.

Apenas empresas poderosas, embora controladas por famílias, conseguiram obter financiamentos por intermédio de bancos de desenvolvimento e dispor do capital necessário para empreender inovações [diversificação de atividades] adequadas à novas conjunturas econômicas.

Entre 1965 e 1975, por exemplo, apenas grandes empresas de beneficiamento de erva-mate conseguiram obter financiamentos através da Codepar e do Badesp.

Deve-se considerar igualmente entre os antecedentes da contração do crédito ao referido setor, o fato deste não se enquadrar entre os setores considerados prioritários pelo governo, ser um setor em decadência econômica e formado por médias e pequenas empresas.

QUADRO Nº 97

FINANCIAMENTOS CONCEDIDOS PELA CODEPAR E PELO
BADESP ÀS INDÚSTRIAS PARANAENSES DE BENEFICIA-
MENTO DE ERVA-MATE. (1965-1975)

ANOS	FIRMLIS	MONTANTE EM NC\$	
1965	Leão Jr. S.A.	NC\$	21.855,17
1966	Leão Jr. S.A.	NC\$	60.000,00
1967	Leão Jr. S.A.	NC\$	21.855,17
1968	-	-	-
1969	-	-	-
1970	-	-	-
1971	-	-	-
1972	-	-	-
1973	-	-	-
1974	-	-	-
1975	Moinhos Un. Brasil Mate S.A.	NC\$	1.500.000,00

FONTE: RELATÓRIOS da Codepar e do Badesp. 1965 a 1975.

Segundo empresários paranaenses ligados ao setor de beneficiamento de erva-mate "sempre houve falta de capitais por parte da indústria brasileira de beneficiamento de erva-mate, principalmente para financiar o setor produtivo, que atualmente se acha em extinção."⁵

Desta forma, os empresários não dispunham do capital necessário para realizar novas combinações ou empregar os meios de produção de forma diferente.

Para Schuypeter a função dos mercados de capitais é "negociar com o crédito para financiar o desenvolvimento."⁶

Já a crise de matéria-prima foi responsável pelo encarecimento do custo de produção das indústrias brasileiras de beneficiamento de erva-mate. Além do aumento do preço da matéria-prima, os empresários foram obrigados a adquirir a erva-mate cancheada no oeste catarinense. O fato das empresas curitubanas adquirirem matéria-prima em um local distante significou um encarecimento no preço do transporte e do custo de produção das firmas.

Desta forma, são vários os fatores que fazem das indústrias de beneficiamento de erva-mate um setor em decadência.

As principais variáveis são: dependência das oscilações dos mercados tradicionais e consumo interno reduzido; poucas possibilidades quanto à expansão do mercado externo, através da conquista de novos mercados; concorrência de produtos similares nos mercados interno e externo, tais como o café, o chá da Índia e bebidas sem álcool; ausência de capitais para empreender inovações, falta de modernização quanto a forma de organização das empresas e ausência de plantações racionais de matéria-prima e dificuldades quanto ao abastecimento de erva-mate cancheada.

Concluiu-se portanto que as oscilações da economia erva-teira sempre afetaram o parque de beneficiamento ligado ao setor erva-teiro.

⁵ ENTREVISTA com o sr. Dr. José Lacerda, empresário de Moinhos Unidos Brasil-Mate S.A., realizada em 27 de abril de 1973. 14 p. p. 6.

⁶ SCHUMPETER, Joseph A. Teoria do desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961. 329 p. p. 170.

A falta de financiamentos acessíveis, por parte dos bancos comerciais e oficiais, faz com que os empresários recorram à reinversão de lucros não distribuídos como o mecanismo básico para a formação de capitais fixos e ao desconto de duplicatas através dos bancos oficiais para a formação de capital de giro.

Estas formas não diferem daquelas utilizadas pela maior parte do empresariado brasileiro.⁷

Para uma melhor compreensão do papel das empresas ligadas ao setor de beneficiamento de erva-mate no desenvolvimento econômico paranaense, far-se-á uma análise dos principais grupos econômicos que compõe seu parque industrial.

⁷CARDOSO, Fernando Henrique. Empresário industrial e desenvolvimento econômico do Brasil. 2 ed. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1972. 204 p. p. 121.

CAPÍTULO 16

O GRUPO ECONÔMICO INDÚSTRIAS ADALBERTO ARAUJO S.A. (1929 - 1972).

Através de estudos de caso de uma amostra estatística compreendendo os principais grupos econômicos que operavam no setor de beneficiamento de erva-mate pretende-se abordar a seguinte problemática:

- Qual a forma mais frequente de administração utilizada pelos grupos econômicos que operavam no setor de beneficiamento e exportação de erva-mate?
- Quais as origens dos capitais das sociedades anônimas ligadas ao setor?
- Qual a forma usada pelas sociedades anônimas que operavam no referido ramo para mobilização de capitais?
- Desempenhavam os bancos o papel de financiador intermediário, no que se refere às sociedades anônimas?
- Teriam as transformações da conjuntura econômica conduzido à modificações relevantes quanto à forma de gestão das empresas?
- Até que ponto os empreendedores estavam interessados em inovar, em empreender novas combinações?
- Quais os modos de concentração das empresas pertinentes a um grupo econômico?
- Qual a ligação dos grupos e empresas que operam ou operavam no setor de beneficiamento de erva-mate com a agricultura?

O primeiro grupo incluído no rol dos estudos de caso é Indústrias Adalberto Araujo S.A., grupo econômico que operou em Ponta Grossa, entre 1929 e 1972.

O fundador do referido grupo econômico, o coronel da Guarda Nacional Adalberto Carvalho de Araujo, descendente de uma próspera família da burguesia rural, nasceu em Ibituva no Paraná, em 1896.

Iniciou sua aprendizagem comercial como gerente da filial da Casa Tobias de Macedo em Ponta Grossa, no ramo do comércio exportador.⁸

No início da década de 1920, montou sua própria casa de comércio e passou a se dedicar à exportação de erva-mate cancheada e à comercialização do pinho no mercado interno.

O beneficiamento de erva-mate iniciou-se graças à crise geral dos produtos primários em 1929, e à queda vertiginosa dos preços da erva-mate cancheada.

O capital da empresa -cerca de trezentos contos de réis- era inteiramente nacional e oriundo do comércio exportador.

A firma organizou-se como sociedade limitada e possuía como sócios: Adalberto C. de Araujo, Elyseu de Campos Mello, Rodolfo Osternack e Alfredo Guimarães Villela.⁹

Elyseu de Campos Mello e Alfredo Guimarães Villela retiraram-se da sociedade em 1937, permanecendo os sócios Adalberto Araujo e Rodolfo Osternack.

Desde sua fundação a empresa foi, quanto ao tipo de administração uma firma clânica [pluri, bi e posteriormente unifamiliar].

O controle pessoal e paternalista era exercido por Adalberto Carvalho de Araujo até a data de sua morte, em dezembro de 1964.

⁸ ENTREVISTA com o industrial Adalberto Carvalho de Araujo Jr. realizada a 16 de setembro de 1974. 2 p. Datilogr.

⁹ CONTRATO social nº 6.278 de 12 de julho de 1929. Arquivo da Junta Comercial do Paraná.

Em fevereiro de 1944, as Indústrias Adalberto Araujo assumiram características de um verdadeiro grupo econômico sendo consideradas as empresas-membro sociedades anônimas.¹⁰

A maioria das ações, entretanto, eram controladas por um grupo familiar, a família Araujo.

Desta forma, o principal agente de decisões de uma sociedade anônima - a Assembléia Geral de Acionistas - era controlada pelos filhos de Adalberto de Araujo e a administração unipessoal exercida pelo próprio patriarca sobre todos os ramos de atividade da empresa.

O capital inicial das Indústrias Adalberto Araujo S.A. era cerca de R\$ 1.000.000,00 [um milhão de cruzeiros antigos].

Operando desde 1929, com beneficiamento de erva-mate e exportando beneficiada de alta qualidade para as praças do Chile e Uruguai, a empresa ingressou no ramo de olaria e produção de materiais para construção em 1944, organizando a Cerâmica Aymoré S.A.

O ramo de olarias tem uma origem remota no parque industrial pontagrossense. A primeira olaria foi criada em 1855, por Vituriano Tavares, porém as indústrias que se dedicavam a este ramo começaram a se expandir nas primeiras décadas do século XX.¹¹

Os investimentos na cerâmica Aymoré S.A. demonstram já a necessidade de diversificação de atividades, uma vez que o setor de beneficiamento e exportação de erva-mate dependia exclusivamente das oscilações dos mercados platino e chileno.

Além disto, o ramo de material de construções era promissor. Ponta Grossa exercia a importante função de entroncamento rodoviário principal do Brasil Meridional e entreposto comercial do Paraná, "pois sua influência atingia o norte do Estado."¹²

¹⁰ ATA de fundação das Indústrias Adalberto Araujo S.A. a 3 de fevereiro de 1944. Arquivo da Junta Comercial do Paraná.

¹¹ HOLZMANN, Guisela Frey. Primeiras indústrias. In: REQUIÃO, Renato. História de Ponta Grossa. Curitiba, Ed. Requião, 1975. 159 p. p. 50.

¹² LCPBER, Szyja Ber. Parque Industrial. In: REQUIÃO, Renato. História de Ponta Grossa. Curitiba, Ed. Requião, 1975. 159 p. p. 125.

Os ramos industriais que exerceram influência decisiva na economia pontagrossense foram: beneficiamento e exportação de erva-mate e o comércio de industrialização da madeira.

Por ocasião da fundação da Cerâmica Aymoré, o comércio de Ponta Grossa ainda possuía seu antigo vigor, que perderia anos mais tarde, com a crise de seus principais artigos de exportação: a madeira e a erva-mate.

A partir de 1944, Adalberto Araujo investiu no setor editorial. Fundou a Impressora do Paraná órgão responsável pela divulgação do Jornal do Paraná, um dos maiores periódicos do interior do Estado.

A fundação do Jornal do Paraná realizou-se por motivos políticos. Adalberto C. de Araujo era membro do grupo político liderado pelo sr. Albary Guimarães. Este grupo participou ativamente da revolução de 1930 e da queda da oligarquia de Caetano Munhoz da Rocha e Afonso Alves de Camargo. Com a primeira queda do Presidente Getúlio Vargas, o grupo Albary Guimarães passou a sofrer ataques por parte do P.T.B. e da U.D.N.

O jornal foi fundado para combater os ataques dos referidos partidos políticos e era sustentado pela Impressora do Paraná.

Em 1949, teve início a participação do grupo econômico Adalberto Araujo na agricultura. O grupo construiu em terras devolutas, requeridas ao estado, no município de Iretama, no Norte Novo, a Fazenda Santo Antonio, com 2.000 alqueires de terra destinados ao plantio do café.

Em 1953, grandes cifras foram investidas pelas Indústrias Adalberto Araujo S.A. na formação de cafezais em Iretama.

Nesta fase, a Fazenda Santo Antonio possuía seiscentos mil cafeeiros, com uma produção de 16.000 sacas de sessenta quilogramas.

A empresa-membro do grupo econômico Cerâmica Aymoré S.A. investiu igualmente nesta fase, em reforestamento, possuindo noventa alqueires de plantação de eucaliptos fora do perímetro urbano de Ponta Grossa.

A partir de 1950, a economia pontagrossense permaneceu estagnada "pela perda de sua hegemonia como principal entreposto comercial do Paraná."¹³

¹³ IBID., p. 127.

Nesta fase de declínio da economia da Princesa dos Campos, os empresários do grupo econômico Adalberto Araujo paralizaram seus investimentos.

Entretanto, após 1964, Ponta Grossa volta a exercer seu antigo papel de entroncamento rodó-ferroviário do Estado com a conclusão das seguintes estradas de rodagem: Rodovia Ponta Grossa - Foz do Iguaçu, Estrada Ponta Grossa a Itararé, ligando o município a São Paulo e a Rodovia do Café, por onde ainda hoje escoam a produção oriunda do norte do Estado e destinada ao Porto de Paranaguá.

Obras de infra-estrutura foram implantadas, com a construção de usinas hidrelétricas na região de Curitiba e, com a interligação de Ponta Grossa à usina de Raventos e ao sistema paulista de energia.¹⁴

A agricultura dos Campos Gerais diversificou-se com o plantio de arroz, trigo e soja.

Foram concedidos estímulos fiscais à implantação de um moderno parque industrial, tais como isenção de impostos municipais, pelo prazo de 10 anos.

Era época propícia para a realização de novos investimentos. O grupo Adalberto Araujo, transformou, em 1968, a antiga barrica, destinada a fabricar embalagens para acondicionamento de erva-mate, em uma fábrica de móveis rústicos e artefatos de madeira.

A fábrica de móveis foi um empreendimento de sucesso e seus produtos gozavam de grande prestígio nas praças do Rio de Janeiro e São Paulo.

Desta forma, observou-se que o modo de concentração das atividades do grupo é desconectada. Os investimentos realizados concentravam-se nos principais setores da economia paranaense de outrora: erva-mate, madeira e café ou em setores tradicionais como a indústria editorial e gráfica, além de mobiliário.

A forma de gestão, exercida pelo proprietário e seus familiares, impediu o recrutamento de verdadeiros "managers" e a formação de um grupo administrativo formado por técnicos.

¹⁴ IBID.

Outro defeito da forma de gestão clânica foi a parali-
zação da expansão das emprêsas - membro do grupo "por que o proprietá-
rio e seus familiares não conseguiriam gerenciar pessoalmente novas
emprêsas."¹⁵

Para a expansão das atividades da emprêsa foram utili-
zados o crédito bancário, através do Banco Comercial do Paraná, de
que a emprêsa era acionista, além de dividendos e lucros das pro-
prias emprêsas.

No que se refere a fábrica de beneficiamento de erva-
mate, a análise dos balanços anuais da emprêsa, permitiu a verifica-
ção da situação financeira da mesma, através do estudo dos índices de
solvência.

A situação financeira da referida empresa esteve mui-
to favorável entre 1944 a 1945, 1952 a 1954 e 1956 a 1958; 63, 67, 68,
69, 70, 71 e 72.

Tendo se dedicado ao beneficiamento e à exportação de
erva-mate a emprêsa sofreu oscilações ligadas às crises da economia
ervateira, tais como os efeitos das oscilações dos mercados externos
e a falta de matéria-prima.

Outros fatores que afetaram a rentabilidade da emprê-
sa após 1944, foi um incêndio que destruiu o estoque de mercadorias,
máquinas e invólucros.

O déficit motivado pelo incêndio foi cerca de C\$...
209.198,20, sendo que a indenização para pela companhia de seguros
foi apenas C\$ 95.559,70.

Outros prejuízos foram causados pela estiagem e a con-
sequente escassez de energia elétrica.¹⁶

A falta de matéria-prima foi o fator que mais influ-
enciou a situação financeira das emprêsas.

Em 1951, ano extremamente favorável à exportação de
erva-mate, ocorreu uma paralização das atividades industriais devido
à falta de matéria-prima.

¹⁵ ENTREVISTA com o industrial Adalto G. de Araujo, realizada a
20 de setembro de 1975. 9 p. Datilogr.

¹⁶ RELATÓRIO do diretor geral das Indústrias Adalberto Araujo S.
A. a ser apresentado na Assembléia Ordinária em 28 de abril
de 1945. In: LIVRO de Atas das Indústrias Adalberto Araujo
S.A. p. 20. Manusc.

A firma havia efetuado um acordo com a Federação das Cooperativas dos Produtores de mate Paraná Ltda no que se refere à entrega de no mínimo 1.500 toneladas de erva-mate cancheada.

Entretanto, "a Federação não entregou a quantidade mencionada no contrato, tendo a sociedade anônima recebido apenas a insignificante quantia de 162.329 quilogramas."¹⁷

Após 1964, ocorreram diversas paralizações das atividades da firma, graças à ausência de matéria-prima.¹⁸

Desta forma, o grupo econômico deixou de operar no ramo após 1974, quando a Fábrica Júpiter foi vendida.

A indústria de erva-mate era uma pequena empresa com sessenta empregados e com uma capacidade produtiva de 4.000 toneladas anuais. Em geral operava com capacidade ociosa, pois sua produção média oscilava em torno de 2.000 toneladas em 1959.¹⁹ Este volume decresceu para quinhentas toneladas anuais na década de 1960 e o número de empregados para traze.²⁰

A grosso modo, as Indústrias Adalberto Araujo S.A. sempre colocavam no mercado produtos de alto nível de qualidade.

Para os mercados internacionais possuía renomadas marcas tais como Diana, Amorosa, Goya e Aquada, que correspondiam as seguintes tipos de erva: PU1- para o Uruguai e PU2- para o Chile.

A tecnologia para beneficiamento empregada pelas Indústrias Adalberto Araujo S.A. era das mais modernas compreendendo a passagem da erva-mate cancheada por uma moenda de recepção, elevadores, peneira seletiva, transportador mecânico, moino maldador e forno de retificação de unidade. A seguir a matéria-prima era transportada por intermédio de uma esteira mecânica e de um elevador de caçambas ao silo de cancheada, em cuja parte inferior foi colocado um aparelho de medição para alimentar uniformemente o beneficiamento.

¹⁷ ATA de Assembléia Geral Ordinária das Indústrias Adalberto Araujo S.A. em março de 1952. 3 p. Datilogr.

¹⁸ ATA de Assembléia Geral Ordinária das Indústrias Adalberto Araujo S.A. em 28 de abril de 1966. 3 p.

¹⁹ INSTITUTO NACIONAL DO MATE. Controle de Mercado. Racionalização da indústria do mate; Informações referentes às indústrias Adalberto Araujo. Ponta Grossa, 8 de dezembro de 1959. 1 p.

²⁰ INSTITUTO BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO FLORESTAL. Cadastro Sócio-econômico da Indústria. s.n.t. Mimeogr.

Após a medição a cancheada era levada por outro elevador de caçambas à plansichter.

Na peneiração executada na plansichter a erva de granulação superior à Tela oito, era separada nas telas dez, doze e quatorze, destinadas ao preparo da granulação para chá e a seguir conduzidas ao separador a aspiração, para separar o talinho das folhas sendo aqueles ensacados e estas levadas pelo elevador de caçambas aos silos de beneficiada.²¹

A erva de granulação superior à Tela oito era levada por gravidade ao separador à aspiração para separar os talinhos das folhas, servindo estes de combustível para a tostação.

A erva selecionada é então levada pelo elevador de caçambas ao moinho de cilindros para ser reduzido a uma granulação menor do que a tela oito.

Após a passagem pelo moinho de cilindros a erva era conduzida pelo elevador de caçambas a plansichter, através da qual é passada nas telas dez, doze e quatorze e depois levada por gravidade ao separador a aspiração, que seleciona as folhas dos talinhos.

Toda esta instalação - plansichter, moinho de cilindros, separador à aspiração e elevadores de caçambas estão ligados ao filtro e coletor de pó que trabalhando em conexão com um exaustor elimina o pó produzido nas diversas fases do beneficiamento.

A seguinte fase é a tostação: por intermédio de uma esteira de transporte mecânica a erva moída é transportada ao forno de tostação.

No interior do forno de tostação, a erva passa através de um cilindro, o qual é aquecido, externamente, por uma fôrnalha. O cilindro de tostação recebe internamente ar aquecido através de um exaustor que capta ar quente e úmido da esteira de transporte e o conduz ao cilindro de tostação por intermédio de tubos passados através da fôrnalha.

Funcionando em conexão com o exaustor, há um ciclone que serve para coletar o pó produzido na operação tostação.

²¹ MEMORIAL descritivo das instalações do engenho das Indústrias Adalberto Araujo S.A. dirigido ao Instituto Nacional do Mate. s.n.t. 10 p. Datilogr.

A seguir a erva é conduzida por intermédio de esteiras mecânicas ao setor de acondicionamento, onde é passado em uma peneira plana oscilante.

Esta peneira tem por função limpar o mate do pó produzido pela tostação. Após a limpeza o mate era levado aos empacotadores automáticos para embalagem e conduzido por uma esteira de transporte mecânica aos depósitos.

Devido à falta de matéria-prima e à retração dos mercados tradicionais as Indústrias Adalberto Araujo deixaram de operar no setor de beneficiamento de erva-mate.

As Indústrias Adalberto Araujo sempre foram empresas clônicas com excesso de controle pessoal por parte dos proprietários e a atribuição de postos - chave a elementos de confiança. Já a nova mentalidade empresarial substituiu a confiança no funcionário por equipes de executivos com formação especializada: os economistas e administradores de empresa.

Seriam necessárias, portanto, transformações quanto à forma de gestão das empresas e se possível, uma associação com grupos capitalistas, além de uma visão dos novos objetivos econômicos na aquisição de lucros.

A ação dos empresários tradicionais era baseada na experiência e em processos rotineiros.

A perseverança, a poupança e o trabalho eram considerados meios para obtenção de riqueza e valores cultuados pelos capitães-de-indústria.²²

Esta valorização da poupança, implicou igualmente em baixos salários para os administradores, fator negativo para a expansão da empresa.

Já a nova mentalidade empresarial preocupou-se com a metodização do trabalho, especialização tecnológica de produção, além da expectativa de lucro a médio e a longo prazo e espírito de concorrência.

²²CARDOSO, p. 140.

Preocupa-se também em se adaptar à sociedade de consumo, recorrendo aos meios de comunicação em massa para divulgar seus produtos.

Desta forma, ocorreu uma reavaliação do comportamento industrial que diferencia os capitães de indústria tradicionais dos homens-de-empresa.

CAPÍTULO 17

A LEÃO JR. & CIA S.A.: UMA EMPRESA PIONEIRA NA ECONOMIA PARANAENSE. (1901 - 1977)

A firma Leão Jr. & Cia. S.A. possui suas raízes no engenho Santo Agostinho, fundado em 1901, na cidade de Ponta Grossa, com um capital inicial de Rs. 4500000.000,00 [quatrocentos e cinquenta contos de réis].²³

O empreendimento revelou êxito desde o início de suas operações, pois no ano posterior à sua fundação revelou um lucro de Rs. 18.755\$92. Nesta fase, a Leão Jr. operava apenas com beneficiamento e exportação de erva-mate, bem como comissões e consignações.

Após 1912, a empresa, graças ao incêndio ocorrido no engenho Santo Agostinho, transferiu-se para Curitiba.

Suas instalações primitivas na Capital do estado eram no antigo engenho do Batel, que pertenceu ao Barão do Serro Azul e, após 1923, no Portão.²⁴

Após 1912, a firma iniciou suas atividades no que se refere à exploração madeireira e em 1928, formou-se a S.A. Agropecuária Leão Jr., com o começo da participação da empresa no que se refere à cafeicultura.

²³ CARON, Lucrécia de Araujo. A Leão Jr. & Cia. S.A.: pioneirismo da economia ervateira paranaense. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, Curitiba, (26): 205, 1976.

²⁴ MEMÓRIA Cinquentenário de fundação Leão Jr. & Cia. S.A. 1901-19 de maio - 1951. Curitiba, Papellaria Requião, 1951. 49 p. p. 3.

Para o transporte de matéria prima, procedente da região ervateira de São Mateus para Curitiba, a empresa possuía um serviço particular de navegação a vapor: a Empresa de Navegação fluvial Leão Jr. Ltda., extinta por ocasião da abertura da rodovia de São Mateus.

Após 1933, a empresa iniciou, sem grande êxito financeiro, a exploração de quartzo aurífero em Campo Largo.

Nos primeiros anos da década de 1930, era considerável o parque industrial da empresa compreendendo: Fábrica Matte Leão, Fábrica de Caixetas Leão Jr., aduelas e barricas, em Curitiba, Fazenda Leonópolis, Serraria e Laminadora Leonópolis, em Guarapuava; ervais em São Mateus do Sul, além da Serraria Maria Clara e Armazéns e Depósitos Leão Jr.; Fazenda Curitiba, de café e pecuária em Jacarézinho e Armazém Leão Jr. em Paranaguá.²⁵

Em 1934, iniciaram-se as operações da Fábrica de Pasta mecânica, celulose e papel em Leonópolis, no município de Inácio Martins.

Diante do recente problema de escassez de matéria prima, a empresa formou sua própria companhia de reflorestamento, a "Matte Leão Reflorestamento Ltda", responsável pelo plantio de 35.000.000 m².

Iniciada como uma pequena empresa, com apenas 30 empregados, a Leão Jr. expandiu-se de tal forma que em 1960, possuía trezentos proletários.

A Leão Jr. foi responsável por importantes inovações tecnológicas no setor de beneficiamento de erva-mate tais como: o lançamento do chá de mate queimado, "tea-baga" e chá com diferentes aromas de frutas.

A Leão Jr. participou também da luta pela conquista de novos mercados e pela manutenção dos mercados tradicionais estabelecendo um moinho em Buenos Aires e participando de feiras industriais na Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra, Portugal, Suécia, Austrália e Líbano.

²⁵ KRETZEN, J. As grandes potências econômicas do Paraná. 2 ed. Curitiba, Sul-Brasil Econômico, 1951-2, 496 p. p. 26-36, 107-457.

Os gráficos relativos a crescimento de capital e quocientes de liquidez imediata revelam a sólida situação financeira da empresa entre 1944 e 1970.

Os gráficos revelam elevados lucros e alguns prejuízos. Os prejuízos coincidem aproximadamente com as crises e oscilações nos mercados tradicionais: 1945, graças à retração do mercado de consumo devido aos altos preços estabelecidos pelo Instituto Nacional do Mate, 1948, que coincide com a depressão ocorrida entre os anos 1946 e 1954, graças à super-produção de matéria-prima na Argentina e no Brasil e 1956, quando o Uruguai liberou as quotas de exportação de erva-mate cancheada, em detrimento da beneficiada.

Esta última foi a mais grave crise atravessada pela Leão Jr. S.A.

Grande parte do êxito financeiro da Leão Jr. S.A. ocorreu em virtude da dinâmica administração de seus capitães de indústria, tais como Altevir Abreu e Ivo Abreu de Leão, bem como à integração vertical de atividades e à revolucionária máquina de propaganda à serviço da empresa.

Empresa tipicamente clânica, a Leão Jr. era administrada por quatro diretores: um diretor-presidente, um diretor-superintendente, um diretor-gerente e um diretor-secretário, eleitos em Assembléias Gerais e reeleitos após gestão de seis anos.²⁶ Os diretores que preenchiam funções vitais na administração da empresa eram membros da família proprietária.

No que se refere à publicidade, a Leão Jr. foi pioneira no que se refere ao emprego de "wall doors", cartazes, fixos em bondes, casas de chá, prêmios e utilização dos meios de comunicação [jornais, rádio e televisão] como veículo de promoção.

A forma mais comum utilizada pela empresa para a expansão do capital de giro era o desconto de duplicatas, além de penhor mercantil e industrial.

²⁶ S/A. ATAS e Diários Oficiais 1942. 12 v. 12 trimestre. Registro nº 10.849. Arquivo da Junta Comercial do Paraná.

A contratação de empréstimos cujo montante ultrapassasse trezentos salários mínimos regionais só poderia ser feita com a aprovação da Assembléia Geral de Acionistas.²⁷

Ainda na atualidade, a Leão Jr. é a maior empresa brasileira exportadora de mate, porém suas maiores exportações ocorreram entre 1930 e 1952, quando exportava cerca de 12.000 toneladas anuais para o Uruguai e mil toneladas para o Chile.²⁸

Diante do pioneirismo e dinamismo da empresa, indagar-se-á se a atuação da Leão Jr. contribuiu para a elevação do nível de vida do industriário paranaense.

Além da firma David Carneiro & Cia., a Leão Jr. também foi pioneira no que se refere à humanização da vida do operariado.

Na fábrica do Portão a Leão Jr. mantinha um refeitório, onde os proletários pagavam uma parcela mínima por repasto, e assistência médica e hospitalar gratuita.

A Leão Jr. possuía igualmente a Vila Leão, conjunto de residências confortáveis que eram transferidas ao operário e pagas mediante gratificações que a empresa concedia à mão-de-obra fabril.

Anteriormente à legislação trabalhista, a Leão Jr. concedia férias e gratificações de Natal, equivalentes ao décimo terceiro salário.

Os antigos operários recebem participação dos lucros excedentes e os mais novos o P.I.S.

Por outro lado, a vida de uma grande empresa de beneficiamento de erva-mate ilustra a compreensão das dificuldades que repercutiram na economia ervateira durante o século XX e fornece subsídios para o estudo da mentalidade empresarial paranaense.

A figura do empresário de beneficiamento de erva-mate ao enfrentar os riscos de uma estrutura capitalista incipiente, reflete o dinamismo de um Agostinho Amelino de Leão, de um Ildefonso Corrêa, de um Adalberto Carvalho de Araujo e outros capitães de indústria da época.

ATA da Assembléia Geral Ordinária de 31 de março de 1967. Arquivo da Junta Comercial do Paraná.

ENTREVISTA com o sr. Arthur de Oliveira, funcionário da Leão Jr., realizada em 19 de setembro de 1974. 4.p. Manuscrito.

CAPÍTULO 18

UM GRUPO ECONÔMICO: A MOINHOS UNIDOS DO BRASIL MATE S.A. (1953-1977).

O enfraquecimento de tradicionais empresas clânicas que operavam no setor de beneficiamento de erva-mate, graças às oscilações dos mercados tradicionais e à concessão indiscriminada de bonificações aos importadores, conduziu à formação de um poderoso grupo econômico.²⁹

A Moínhos Unidos é resultado da fusão de diversas empresas clânicas e individuais tais como: Fábricas Fontana S.A., David Carneiro & Cia. S.A., B.R. de Azevedo & Cia Ltda., Vitorino Correia Leite, Jordão Macder Neto, Caetano Munhoz da Rocha Neto, Alfredo Ribeiro e José Lacerda & Cia.Ltda., ocorrida a dose de maio de 1953.³⁰

A origem do capital era nacional, sendo os empresários descendentes da burguesia urbana exportadora.³¹

O capital inicial da empresa era de R\$ 8.250.000 [oitto milhões duzentos e trinta mil cruzeiros antigos], de que as maiores acionistas são as Fábricas Fontana S.A., com um capital de quatro milhões de cruzeiros antigos, por ocasião da formação do referido grupo econômico.

²⁹ ENTREVISTA com o sr. José Lacerda, realizada a 27 de abril de 1976. 14 p. p. 12. Datilogr.

³⁰ ESCRITURA pública de Constituição da sociedade anônima Moínhos Unidos Brasil Mate S.A. S/A Atas e Diários Oficiais, (2) 29 trimestre de 1953. Reg. nº 15.109. Arquivo da Junta Comercial do Paraná.

³¹ ENTREVISTA com o sr. Glauco de Barros Furtado, diretor da Empresa Moínhos Unidos Brasil Mate S.A. a 22 de junho de 1976. 3 p. p. 1. Datilogr.

Constituído o grupo econômico sob a forma de sociedade anônima, este passou a ser administrado, por uma diretoria composta por acionistas e funcionários.

A natureza das funções exercidas pelos diretores funcionários eram vitais para a empresa.

Há por parte dos empresários preocupação com a recepção de informações de ordem econômica, financeira, política etc. bem como a posse de qualidades tais como liderança e coordenação administrativa.

Modernos homens de empresa, os diretores da Moínhos Unidos condenam a preocupação em obter lucro imediato, típica da mentalidade dos capitães de indústria tradicionais.

O planejamento de metas a serem atingidas pela empresa, previsões quanto às condições de mercado, esmero na fabricação de seus produtos, preocupação com o aperfeiçoamento técnico do processo de fabricação e com a conquista de novos mercados são fatores que influíram no êxito financeiro do grupo econômico.

Malgrado o seu êxito, a empresa tem enfrentado dificuldades para se expandir no que se refere a capitais e recursos humanos.

O mecanismo básico para acúmulo de capital fixo, são os recursos gerados pela própria empresa, tais como os fundos de reserva destinados para aumento de capital e fundos de reserva especiais.

Por outro lado a espiral inflacionária que, desde 1957, tem sido a característica marcante da economia brasileira, tem motivado sucessivos acréscimos de capital devido à lei nº 4.557, de 1964, "que determina o aumento do capital social de acordo com a reavaliação do ativo".⁵²

Os coeficientes empregados para a reavaliação do ativo são aqueles fixados pelo Conselho Nacional de Economia, pela Resolução nº quatrocentos e sessenta e quatro, de treze de agosto de 1964.

⁵²S/A. ATAS e Diários Oficiais, (5) 1965. Reg. nº 36.651. Arquivo da Junta Comercial do Paraná.

Já o recurso empregado para a formação de capital de giro é o crédito bancário e contas-cauções.³³

A luta de que participou a empresa com o objetivo de angariar novos mercados de consumo resultou na aquisição de clientela entre os sírios e os libaneses e vendas anuais no mercado externo em torno de 3.571.219 quilogramas, em 1976.

A alta dos preços do café em 1976, expandiu igualmente o mercado nacional, que consumiu cerca de 1.456.295 quilogramas, oriundos dos engenhos da Moínhos Unidos.

A situação financeira do grupo econômico sempre se manteve estável, segundo a análise de balanços, feita com a utilização de técnicas contabilísticas, tais como a apuração dos quocientes de liquidez geral.

A Moínhos Unidos não limitou suas atividades ao setor de beneficiamento e exportação de erva-mate. Opera igualmente com moagem, torrefação e comércio de café. Não há portanto, preocupação em produzir um só artigo.

Os engenhos do grupo econômico destinados ao beneficiamento de erva-mate são modernos e possuem tecnologia de vanguarda.

Após o incêndio que destruiu parcialmente as instalações de um dos engenhos do grupo econômico, as Companhias de seguro pagaram os déficits referentes a prédios, materiais e máquinas.

Os empresários conseguiram, através do BADE e do B.N.D.E., um empréstimo no valor aproximado de R\$ 1.500.000,00 [um milhão e quinhentos mil cruzeiros], "para pagamento em oito anos de prazo e com correção monetária limitada a vinte por cento ao ano".

O referido empréstimo está sendo empregado na reconstrução dos edifícios atingidos pelo fogo e na aquisição de modernos equipamentos para o setor de fabricação.³⁴

³³ As contas-cauções podem ser representadas por depósitos em valores, títulos da dívida pública, papéis de crédito ou hipoteca de imóveis, penhor comercial, letras de câmbio, etc. (GOMES, Luiz Souza. Dicionário Econômico... p. 40.)

³⁴ ATA da 24ª Assembléia Geral Ordinária da Moínhos Unidos Brasil Mate S.A.. Gazeta do Povo, Curitiba, 5 jul. 1977. p. 29.

Esta forma de controle administrativo-racional e burocrática é típica dos grupos econômicos, isto é, nas empresas controladas por alianças entre grupos capitalistas.³⁵

Entretanto, mesmo nos grupos econômicos, o divórcio entre controle e propriedade não é tão generalizado e a propriedade não se dispersou em muitas mãos, concentrando-se grande parte das ações nas mãos da diretoria.

A inovação depende agora não apenas do talento do empresário, como da capacidade de persuasão e pressão política dos grupos econômicos.

A organização de empresas modernas depende do poder e ao mesmo tempo constitui uma das bases sobre as quais repousa o estado.

³⁵ CARDOSO, Fernando Henrique, p. 135.

CONCLUSÃO

Econômicamente pobre, o Paraná de meados do século XIX e início do século XX, possuía como base de sua economia as indústrias extrativas da madeira e da erva-mate.

Como os principais mercados importadores localizavam-se nos países platinos, a economia paranaense manteve-se voltada para o Prata.

A total dependência da estabilidade dos mercados tradicionais - o Prata e o Chile - sempre foi a característica marcante da indústria extrativa vegetal no Paraná.

Qualquer oscilação nos mercados tradicionais, atingia e atinge os setores de produção, beneficiamento e exportação ligados à indústria extrativa vegetal. Esta afirmação é válida tanto para a madeira como para a erva-mate.

O parque industrial de erva-mate paranaense, em sua maior parte formado por médias e pequenas empresas, desempenhou função vital, constituindo em meados do século XIX, o eixo da economia paranaense.

A economia ervateira incentivou o desenvolvimento econômico do estado, através da construção de meios de comunicação - por exemplo, a Graciosa, - incrementou o crescimento demográfico do interior e proporcionou condições econômicas para o desabrochar da vida intelectual e artística.

A proliferação de indústrias de beneficiamento de erva-mate em solo argentino, após 1880, aliada às grandes quantidades de matéria-prima exportadas para o Prata, conduziriam gradativamente à decadência do parque industrial brasileiro de beneficiamento de erva-mate.

A crise da erva-mate beneficiada foram adicionadas as oscilações da demanda e dos preços da erva-mate cancheada nos mercados tradicionais.

A estagnação da economia ervateira, por sua vez, destimulou os produtores e gerou sub-produção de matéria-prima.

Desta forma, as perspectivas para o setor de beneficiamento de erva-mate são limitadas, uma vez que, a ausência de matéria-prima coloca em dúvida sua própria sobrevivência em um futuro próximo.

Aos industriais ligados ao setor de beneficiamento de erva-mate, no passado, faltaram apoio e incentivo dos governos estadual e federal, capitais, além de uma mentalidade empresarial aberta à inovações.

Não houve agressividade e combatividade na luta pela conquista de novos mercados ou uma verdadeira aliança dos empresários ligados ao setor exportador em defesa de sua renda.

Pelo contrário, a classe dos exportadores de erva-mate cancheada e os empresários ligados ao setor de beneficiamento sempre identificaram seus interesses como opostos e sempre promoveram uma "guerra particular".

Esta atitude levou ao enfraquecimento da economia ervateira paranaense diante da concorrência de outros centros produtores brasileiros ou estrangeiros, como o Foz de Iguaçu e sobretudo as províncias argentinas de Misiones e Corrientes.

Atualmente, o parque industrial de erva-mate paranaense desempenha papel insignificante na economia do estado.

Sobreviveram apenas as firmas clônicas poderosas ou aquelas que representavam a fusão de várias empresas ou produtores, constituindo verdadeiros grupos econômicos racionalmente administrados.

De qualquer forma, as empresas ligadas ao setor de beneficiamento de erva-mate representaram, em solo paranaense, os primeiros ensaios de desenvolvimento capitalista, e, as primeiras tentativas de industrialização, em uma sociedade cujo eixo era a indústria extrativa vegetal, a pecuária e a agricultura de subsistência.

A mentalidade empresarial, em meados do século XIX, adaptou-se à estrutura econômica, política e social dos primeiros tempos do capitalismo, possuindo como características básicas o paternalismo e o controle unipessoal do capital e da propriedade nas mãos dos chefes de clãs poderosos.

As modificações da estrutura econômica, política e social no Brasil e no Paraná após 1930, conduziram à transformações na mentalidade empresarial paranaense.

Embora a propriedade ainda se encontre nas mãos de poucos, a gestão das empresas passou a ser feita por técnicos e surge o sistema de instituições financeiras, que compõe o mercado de capitais, como agente mobilizador de fundos para investimentos.

A transformação da forma de gestão e suprimento de capitais surgiu naturalmente, afetando primeiro algumas empresas.

Outras, que jamais serão afetadas pelo processo de modernização, tendem a desaparecer por falta de inovações e aptidão para competir no mercado de consumo.

A inovação e a adaptação às novas conjunturas econômicas que se formaram através do tempo são características básicas da nova mentalidade empresarial.

Estas características incluem igualmente análise das condições de mercado, expectativa de lucros a longo prazo, capacidade competitiva e interação da empresa com as instituições financeiras, governamentais e veículos de informação.

Embora o setor de beneficiamento de erva-mate desempenhe, na atualidade, um papel diminuto na economia do estado e do país, foi o de seus quadros empresariais que se originou o desenvolvimento industrial paranaense e o início da gestação de uma mentalidade empreendedora.

As empresas clônicas, capazes de sofrer uma re-estruturação adequada à nova estrutura econômica, política e social, sobreviveram e expandiram-se, malgrado a decadência que a economia ervateira tem atravessado nos últimos quarenta anos.

APÊNDICE ESTATÍSTICO.

CONSUMO POR CAPITA APARENTE DE ERVA-MATE
E CAFÉ NO BRASIL.

1940 - 1970 (em toneladas)

ANO	ERVA-MATE (TEÓRICO)	CAFÉ (TEÓRICO)
1940	-	
1941	-	
1942	0,40	0,72
1943	0,42	0,92
1944	0,36	0,76
1945	0,38	0,69
1946	0,32	0,59
1947	0,35	0,50
1948	0,32	0,45
1949	0,30	0,43
1950	0,29	0,47
1951	0,35	0,59
1952	0,31	0,77
1953	0,39	1,02
1954	0,36	1,54
1955	0,39	1,71
1956	0,50	2,16
1957	0,50	2,64
1958	0,44	3,15
1959	0,49	3,69
1960	0,54	3,93
1961	0,55	4,45
1962	0,54	4,89
1963	0,43	5,28
1964	0,52	5,61
1965	-	5,87
1966	-	6,01
1967	-	6,06
1968	0,05	5,99
1969	0,06	5,75
1970	0,08	7,70

FONTE: CARDOSO, Alcina Maria de Lara. Indústria de torrefação e moagem de café e consumo interno; 1940-1970. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1976. 183 p. Dissertação de Mestrado e Boletins estatísticos do I.N.M.

QUADRO Nº 99

CONSUMO APARENTE POR CÉLULA DO TERMO-MATE
E CAFÉ NO PARANÁ. EM KG. 1940 - 1970.

BASE: em toneladas

ANOS	TERMO-MATE (TEÓRICO)	CAFÉ (TEÓRICO)
1940	0,23	7,00
1941	1,81	6,08
1942	0,24	5,24
1943	0,21	4,50
1944	0,56	3,88
1945	0,43	3,57
1946	0,33	2,67
1947	0,20	2,67
1948	0,22	2,45
1949	0,18	2,31
1950	0,70	2,24
1951	1,53	2,21
1952	0,31	2,33
1953	1,87	2,29
1954	1,40	2,37
1955	0,91	2,48
1956	2,47	2,60
1957	1,38	2,73
1958	0,73	2,86
1959	1,19	3,00
1960	1,03	3,13
1961	1,77	3,40
1962	1,68	3,73
1963	1,25	3,78
1964	1,73	3,98
1965	-	4,17
1966	-	4,36
1967	-	4,77
1968	0,34	4,74
1969	0,40	4,92
1970	0,53	5,01

FONTE: BOLETINS Do I.N.M. e I.B.D.F.

CARDOSO, Alcina. Indústrias de torrefação e moagem de café e consumo interno. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1976. p. 124. Dissertação de Mestrado.

QUADRO Nº 100

VALOR DAS EXPORTAÇÕES DE ERVA-MATE PARA O EXTERIOR NO PARANÁ, EM NGS.
(1940 - 1965)

ANO	ARGENTINA	URUGUAI	CHILE	OUTROS	TOTAL
1940	4.496	-	-	-	-
1941	4.496	24.191	8.295	217	37.199
1942	-	-	-	-	-
1943	5.350	24.895	10.128	113	40.486
1944	6.131	35.068	6.960	22	48.181
1945	12.011	50.057	10.158	41	72.267
1946	9.632	51.576	19.301	157	80.666
1947	19.038	61.591	3.945	-	84.574
1948	18.648	62.629	9.393	-	90.670
1949	8.352	69.480	18.146	-	95.958
1950	7.196	71.468	24.774	-	103.438
1951	4.218	88.197	17.224	-	109.639
1952	9.694	80.281	24.483	291	114.769
1953	7.052	93.337	23.362	-	123.751
1954	22.980	123.552	16.156	1.250	164.038
1955	33.890	108.987	19.505	-	162.382
1956	26.253	117.286	47.504	649	191.692
1957	25.192	91.737	31.478	850	149.257
1958	56.425	93.183	47.262	787	197.657
1959	39.075	232.515	84.542	4.532	360.664

QUADRO Nº 100 Cont.

VALOR DAS EXPORTAÇÕES DE ERVA-MATE PARA O EXTERIOR NO PARANÁ, EM NC\$
(1940 - 1965)

ANO	ARGENTINA	URUGUAI	CHILE	CUTROS	TOTAL
1960	236.449	482.233	277.691	4.707	1.001.080
1961	564.630	793.206	301.561	7.515	1.666.912
1962	352.245	1.179.024	600.478	11.363	2.143.110
1963	719.128	2.131.319	912.541	22.834	3.785.822
1964	1.563.837	4.948.826	2.072.886	60.377	8.645.926
1965	2.080.502	4.435.957	3.567.236	61.558	10.145.253
1966	-	-	-	-	-
1967	-	-	-	-	-

FONTE: BOLETINS Estatísticos do I.N.M. e

OLIVEIRA, Marisa Correia. Estudo da erva-mate no Paraná.
1939-1967. Curitiba, 1974. 133 p. p. 63. Disserta-
ção de Mestrado.

QUANTIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE ERVA-MATE BENEFICIADA
COMPARADAS COM AS EXPORTAÇÕES TOTAIS DE
ERVA-MATE. (1940 - 1965)

ANO	BENEFICIADA	CANCHEADA	TOTAL
1940	21.756.402	28.826.766	50.583.168
1941	26.419.382	25.580.049	51.999.431
1942	28.461.520	30.005.023	58.466.543
1943	24.917.493	32.047.778	56.765.271
1944	24.606.813	23.026.900	47.633.713
1945	26.806.096	25.293.516	52.099.612
1946	28.348.132	21.756.717	50.104.849
1947	24.774.000	29.532.000	54.306.000
1948	24.801.400	25.894.000	50.695.400
1949	28.711.000	17.145.000	45.856.000
1950	30.969.000	17.231.000	48.200.000
1951	29.790.000	16.828.000	46.618.000
1952	30.093.736	15.965.000	46.058.736
1953	24.969.000	14.748.000	39.717.000
1954	27.658.120	21.317.000	48.975.120
1955	24.103.000	27.571.000	51.674.000
1956	34.439.481	28.092.000	62.531.481
1957	21.470.930	33.905.000	55.375.930
1958	23.156.741	45.211.000	68.367.741
1959	26.558.614	28.354.000	54.912.614
1960	22.697.563	36.051.000	58.748.563
1961	23.489.293	41.587.000	65.076.295
1962	24.348.176	24.611.000	48.959.176
1963	24.645.000	26.652.000	51.297.000
1964	22.977.368	26.828.000	49.805.368
1965	19.120.054	21.750.000	40.870.054

FONTE: BOLETINS ESTATÍSTICOS do I.N.M.

QUANTIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE ERVA-MATE PARA O EXTERIOR SOMANDO
AS CLASSES BENEFICIADA E CANCHEADA. Quant. - Quilo Líquido.

ANO	ARGENTINA		URUGUAI		CHILE		OUTROS DESTINOS	
	BENEFICIADA	CANCHEADA	BENEFICIADA	CANCHEADA	BENEFICIADA	CANCHEADA	BENEFICIADA	CANCHEADA
1940	39.463	26.372.479	15.675.816	2.446.766	5.703.957	-	337.166	7.521
1941	53.419	22.520.049	17.648.510	3.060.000	8.625.181	-	92.272	-
1942	47.738	27.545.023	17.952.982	2.460.000	9.784.378	-	676.422	-
1943	52.408	19.571.778	15.902.684	12.476.000	8.710.519	-	51.882	-
1944	19.467	19.531.960	18.564.957	3.494.940	6.019.730	-	2.859	-
1945	67.159	22.300.796	20.673.287	2.992.720	6.056.124	-	9.526	-
1946	10.869	19.610.816	18.807.514	2.145.900	9.497.776	1	31.973	-
1947	12.000	25.597.000	18.453.000	3.935.000	6.300.000	-	228.000	-
1948	15.400	23.223.000	18.618.000	2.671.000	6.121.000	-	47.000	-
1949	-	12.461.000	20.234.000	4.684.000	8.255.000	-	222.000	-
1950	-	11.953.000	19.645.000	5.278.000	11.079.000	-	245.000	-
1951	-	12.349.000	21.914.000	4.479.000	7.789.000	-	87.000	-
1952	-	11.952.000	18.761.000	4.013.000	11.157.000	-	175.736	-
1953	-	10.035.000	17.561.000	4.713.000	7.188.000	-	220.000	-
1954	-	13.803.000	21.966.000	7.514.000	5.261.000	-	431.120	-
1955	-	20.553.000	18.061.000	7.018.000	5.565.000	-	477.000	-
1956	-	20.100.000	19.509.000	7.992.000	14.592.000	-	338.481	-
1957	-	26.664.000	14.330.000	7.241.000	6.717.000	-	423.930	-
1958	-	35.964.000	13.269.000	9.247.000	9.528.000	-	359.741	-

QUADRO Nº 102. cont.

QUANTIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE ERVA-MATE PARA O EXTERIOR SOMANDO
AS CLASSES BENEFICIADA E CANCHEADA. Quant. - Quilo Líquido.

ANO	ARGENTINA		URUCUAI		CHILE		OUTROS DESTINOS	
	BENEFICIADA	CANCHEADA	BENEFICIADA	CANCHEADA	BENEFICIADA	CANCHEADA	BENEFICIADA	CANCHEADA
1959	-	16.239.000	16.829.000	12.115.000	9.388.000	-	341.614	-
1960	-	27.525.000	11.333.000	8.526.000	11.032.000	-	332.563	-
1961	-	33.112.000	14.318.000	8.475.000	8.917.000	-	254.295	-
1962	-	16.829.000	13.321.000	7.782.000	10.696.000	-	331.176	-
1963	-	18.095.000	14.604.000	8.557.000	9.653.000	-	388.000	-
1964	-	17.770.000	13.288.000	9.058.000	9.689.000	-	368	-
1965	-	16.745.000	7.726.000	5.005.000	11.196.000	-	198.054	-

FONTE: BOLETINS Estatísticos do Instituto Nacional do Mate.
 COMPANHIA de Desenvolvimento Econômico do Paraná.

VALOR DAS EXPORTAÇÕES DE MADEIRA-MATÉ DO PARANÁ EM CRUZEIROS - (1967 - 1977).

ANO	CONTRA DOLAR	CHILE EM CRUZEIROS	URUGUAI	OUTROS	TOTAL
1967	2,45				
1968	3,611	4.653.986,32	10.685.146,59	89.647,55	15.428.780,36
1969	4,110				
1970	4,644				
1971	5,276	10.526.887,40	5.934.803,94	202.010,76	16.663.699,13
1972	5,97	3.111.695,10	7.945.004,77	248.317,66	11.308.317,53
1973	6,089	1.785.811,27	11.502.186,05	333.093,59	13.621.090,69
1974	6,853	5.200.957,84	38.859.539,47	307.093,49	44.048.583,78
1975	8,205	5.840.125,05	44.059.310,89	1.992.116,29	51.891.552,19
1976	10,701	22.028.646,28	5.888.840,45	327.587,01	31.199.073,74
1977	13,629				

* Obs: Para o cálculo em cruzeiros das exportações foi usado o valor dado pela sua variação média ao ano.

FONTE: INSTITUTO BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO FLORESTAL. Delegacia Estadual do Paraná. Relatórios; 1968, 1970, 1972, 1973, 1974 e 1975. Mimeogr.

QUANTIDADE DAS EXPORTAÇÕES PARANAENSES
DE ERVA-MATE PARA O EXTERIOR.
(1940 - 1976)

Unid. quilo líquido

ANO	ARGENTINA	URUGUAI	CHILE	OUTROS	TOTAL
	Can. + Ben.	Can. + Ben.	Can. + Ben.	Can. + Ben.	Can.+ Ben.
1940	26.411.942	18.122.582	5.703.937	344.687	50.583.168
1941	22.573.468	20.708.510	8.625.181	92.272	51.999.431
1942	27.592.761	20.412.982	9.784.378	676.422	58.466.543
1943	19.624.186	28.378.684	8.710.519	51.882	56.765.271
1944	19.551.427	22.059.697	6.019.730	2.859	47.633.713
1945	22.367.955	23.666.007	6.056.124	9.526	52.099.612
1946	19.621.685	20.953.414	9.497.777	31.943	50.104.849
1947	25.609.000	22.388.000	6.309.000	228.000	54.306.000
1948	23.238.400	21.290.000	4.121.000	47.000	50.695.400
1949	12.461.000	24.918.000	8.255.000	222.000	45.856.000
1950	11.953.000	24.923.000	11.079.000	245.000	48.200.000
1951	12.349.000	26.393.000	7.789.000	87.000	46.618.000
1952	11.952.000	22.974.000	11.157.000	175.736	46.058.936
1953	10.035.000	22.274.000	7.188.000	220.000	39.717.000
1954	13.803.000	29.510.000	5.261.000	431.120	48.975.120
1955	20.553.000	25.079.000	5.565.000	477.000	51.674.000
1956	20.100.000	27.501.000	14.592.000	338.481	62.531.481
1957	26.664.000	21.571.000	6.717.000	423.930	55.375.930
1958	35.964.000	22.516.000	9.528.000	359.741	68.367.741
1959	16.239.000	28.944.000	9.338.000	341.614	54.912.641
1960	27.525.000	19.859.000	11.032.000	332.563	58.748.563
1961	33.112.000	22.793.000	8.917.000	254.295	65.076.295
1962	16.829.000	21.103.000	10.696.000	331.176	48.959.176
1963	13.095.000	23.161.000	9.655.000	338.000	51.297.000
1964	17.770.000	22.346.000	2.689.000	35.368	49.805.368
1965	16.745.000	12.731.000	11.196.000	198.054	40.870.054
1966	-	-	-	-	-
1967	-	-	-	-	-
1968	-	14.962	6.457	115	21.534
1969	-	13.809	5.780	84	19.673
1970	-	12.991	5.485	113	18.580
1971	-	11.930	5.989	170	18.089
1972	-	6.859	3.225	163	10.247
1973	-	8.594	1.662	256	10.512
1974	-	12.514	1.658	217	14.389
1975	-	11.545	1.426	437	13.408
1976	-	12.138	3.734	479	16.351

FONTE: BOLETINS Estatísticos do Instituto Nacional do Mate
e do I.B.D.F.

OBSERVAÇÃO: A unidade para os dados posteriores a 1966 foram expressos em toneladas.

QUADRO Nº 105.

VALOR DAS EXPORTAÇÕES DE ERVA-MATE PARA O
EXTERIOR NO PARANÁ. (1943 - 1966) G\$ 1.000
MÉDIAS MÓVEIS - 5 anos.

ANO	ARGENTINA	URUGUAI	OUTROS	TOTAL
1943	-	-	-	-
1944	-	-	-	-
1945	-	-	-	-
1946	10.432	44.637	10.165	65.234
1947	13.092	52.184	9.995	75.271
1948	13.336	59.067	12.228	84.831
1949	12.573	63.349	15.143	91.065
1950	11.490	58.002	14.696	84.188
1951	9.622	61.740	18.863	90.225
1952	7.302	67.881	21.657	96.840
1953	10.228	78.716	21.509	110.453
1954	15.567	86.220	20.445	122.242
1955	19.974	104.709	26.641	151.324
1956	23.073	101.000	28.151	130.224
1957	32.948	106.969	33.088	173.005
1958	36.167	128.742	47.421	212.330
1959	76.679	203.391	10.000	290.070
1960	184.354	338.575	152.184	675.113
1961	249.765	556.032	268.087	1.073.884
1962	382.305	963.659	445.551	1.791.515
1963	687.258	1.906.922	854.391	3.448.571
1964	1.056.068	2.697.666	1.523.670	5.277.404
1965	-	-	-	-
1966	-	-	-	-

OBS: Os valores das exportações observados em "outros" são devidos na maioria as exportações para o Chile.

FONTE: BOLETINS Estatísticos do Instituto Nacional do Mate.

QUADRO Nº 106.

VALOR DAS IMPORTAÇÕES DE TRATAMANTE DO
PARANÁ. EM CRÉDITOS - (1971 - 1976).

Médias móveis - 3 anos.

ANO	CHILE	URUGUAI	OUTROS	TOTAL
1971	-	-	-	-
1972	5.141.464,59	6.460.665,58	261.307,27	11.863.405,70
1973	3.398.821,40	19.423.910,00	462.993,17	23.285.724,57
1974	4.308.298,05	31.467.012,15	1.044.093,71	36.819.403,91
1975	11.055.909,72	29.593.896,92	1.042.263,25	41.692.069,89
1976	-	-	-	-

FONTE: I.B.D.F.

1940 - 1963 - EM TONELADAS.

ANO	TOTAL	PARANÁ	EST. SUPERINT.	N. S. M. S.	N. S. M. S.
1945	72.941	52.487	17.670	-	-
1946	67.300	31.300	20.000	16.000	-
1947	72.541	56.630	-	-	-
1948	65.772	9.097	3.554	-	-
1949	73.475	19.100	7.300	-	-
1950	60.321	19.510	12.077	16.745	11.989
1951	64.796	21.625	12.081	19.759	11.331
1952	60.283	18.546	11.594	22.268	8.030
1953	56.641	18.182	8.530	22.784	7.145
1954	66.382	23.430	10.900	25.040	7.012
1955	67.139	23.038	14.860	21.495	7.716
1956	71.193	24.760	14.953	22.895	8.585
1957	81.121	24.356	21.401	26.430	8.954
1958	93.482	31.157	24.066	28.927	11.332
1959	105.179	34.074	30.447	27.103	11.550
1960	110.676	33.068	34.501	29.599	13.903
1961	171.533	37.192	34.886	40.332	19.121
1962	135.936	43.245	40.211	38.507	13.993
1963	125.011	39.551	36.663	40.370	8.447

VOLUME DA PRODUÇÃO DE BVA-MATE NO BRASIL, ARRANJO DE ESTADO PARANAENSE.

1940 - 1963 - EM TOMELADAS.

ANO	TOTAL	PARANÁ	STA. CATARINA	R. GR. DO SUL	MATO GROSSO
1964	127.770	40.051	37.321	45.474	6.924
1965	123.325	37.713	28.566	45.227	12.019
1966	122.834	36.137	25.496	49.845	11.306
1967	106.460	35.794	22.285	49.958	425
1968	97.272	28.868	21.711	46.582	511
1969	100.533	30.047	22.008	48.299	181
1970	113.460	31.755	23.182	58.399	124
1971	103.887	30.664	24.430	50.681	112
1972	30.707	30.707	-	-	-
1973	103.187	28.878	24.666	48.423	1.220
1974		30.110	-	-	-
1975		35.000	-	-	-

FONTE: RELATÓRIO de Presidentes do I.N.M. à Junta Deliberativa. 1945 - 49.
 CODEPAR. Economia do mate, Curitiba, 1965. p. 3/12. 1 v. Anuá-
 rios estatísticos do I.E.G.E. - 1964 - 1975 e Relatórios do
 I.B.D.F.

QUADRO Nº 103.

INDÚSTRIAS DE BENEFICIAMENTO DA SERVA-MATE NO ESTADO
DO PARANÁ - REGISTRADAS NA JUNTA COMERCIAL DO PARANÁ.

1890 - 1977.

ANOS	BENEFICIAMENTO DE SERVA-MATE	BENEFICIAMENTO DE SERVA-MATE ADSCOLIDA A QU- TROS RANOS DE INDÚSTRIA.	TOTAL DE FÍRMAS
1890	2	-	2
1891	2	-	2
1892	2	1	3
1893	2	1	3
1894	2	1	3
1895	2	2	4
1896	2	2	4
1897	2	2	4
1898	2	2	4
1899	2	2	4
1900	2	2	4
1901	2	3	5
1902	2	4	6
1903	2	4	6
1904	2	4	6
1905	3	4	7
1906	3	4	7
1907	2	5	7
1908	2	5	7
1909	2	5	7
1910	2	5	7
1911	2	5	7
1912	2	5	7
1913	2	5	7
1914	3	5	8
1915	3	6	9
1916	3	5	8
1917	3	5	8

QUADRO Nº 108. - cont.

ANO	DESEMPENHO DE SUA-ENTE	B.IMP. SUA-ENTE E OUTRAS INDÚS- TRIAS.	TOTAL DE FUNDOS
1918	3	5	8
1919	3	6	9
1920	4	5	9
1921	6	5	9
1922	7	4	11
1923	7	4	11
1924	7	5	12
1925	6	5	11
1926	9	4	15
1927	10	4	14
1928	11	4	15
1929	12	4	16
1930	12	5	17
1931	11	5	16
1932	11	5	16
1933	9	5	14
1934	9	5	14
1935	9	4	13
1936	9	4	13
1937	11	4	15
1938	11	4	15
1939	25	5	30
1940	25	5	30
1941	28	5	33
1942	32	7	39
1943	37	7	44
1944	37	8	45
1945	13	7	20
1946	13	9	22
1947	14	9	23
1948	14	9	23
1949	14	9	23
1950	9	11	20

QUADRO Nº 108 - cont.

ANO	BENEFICIAMENTO DE URVA-MATE	BENEF. URVA-MATE E CUPRAS INDUS- TRIAS	TOTAL DE VENDAS
1951	10	11	21
1952	10	11	21
1953	11	11	22
1954	9	9	18
1955	10	8	18
1956	11	9	20
1957	11	9	20
1958	11	10	21
1959	11	9	20
1960	13	4	17
1961	13	4	17
1962	14	5	19
1963	13	5	18
1964	12	5	17
1965	12	5	17
1966	12	5	17
1967	12	7	19
1968	16	9	25
1969	15	9	24
1970	9	8	17
1971	8	9	17
1972	8	7	15
1973	9	5	14
1974	8	5	13
1975	6	6	12
1976	7	5	12
1977	7	5	12

FONTE: ARQUIVO da Junta Comercial do Paraná.

INDÚSTRIAS DE DESEMPENHO DE ENVA-MATE DO
ESTADO DO PARANÁ - POR DÉCADA.

1890 - 1977.

ANOS	DESEMP. MATE	DESEMP. MATE E OUTROS	TOTAL
1890 - 1899	28	5	33
1900 - 1909	32	40	62
1910 - 1919	26	50	76
1920 - 1929	79	45	124
1930 - 1939	117	46	163
1940 - 1949	227	75	302
1950 - 1959	103	97	200
1960 - 1969	131	58	189
1970 - 1977	56	50	106

FONTE: ARQUIVO da Junta Comercial do Paraná.

NACIONALIDAD DE LOS INTERESTADOS EN EL IMPORTE
ESTADO DE PARANÁ. 1890 - 1977

ANOS	FINES DE CAPITAL NACIONAL	FINES DE CAPITAL ESTRANGERO	MISCO	TOTAL
1890	2	-	-	2
1891	2	-	-	2
1892	3	-	-	3
1893	3	-	-	3
1894	3	-	-	3
1895	3	-	1	4
1896	4	-	-	4
1897	4	-	-	4
1898	4	-	-	4
1899	4	-	-	4
1900	4	-	-	4
1901	5	-	-	5
1902	6	-	-	6
1903	6	-	-	6
1904	6	-	-	6
1905	7	-	-	7
1906	7	-	-	7
1907	7	-	-	7
1908	7	-	-	7
1909	7	-	-	7
1910	7	-	-	7
1911	7	-	-	7
1912	7	-	-	7
1913	7	-	-	7
1914	8	-	-	8
1915	8	-	-	8
1916	8	-	-	8
1917	8	-	-	8

ANOS	FIRMAS DE CAPITAL NACIONAL	FIRMAS DE CAPITAL ESTRANGEIRO	NETO	TOTAL
1918	8	-	-	8
1919	9	-	-	9
1920	9	-	-	9
1921	9	-	-	9
1922	9	-	2	11
1923	9	-	2	11
1924	10	-	2	12
1925	10	-	1	11
1926	10	1	2	13
1927	12	1	1	14
1928	12	2	1	15
1929	15	-	1	16
1930	16	1	-	17
1931	15	1	-	16
1932	15	1	-	16
1933	14	-	-	14
1934	14	-	-	14
1935	13	-	-	13
1936	13	-	-	13
1937	15	-	-	15
1938	15	-	-	15
1939	30	-	-	30
1940	30	-	-	30
1941	33	-	-	33
1942	39	-	-	39
1943	44	-	-	44
1944	45	-	-	45
1945	20	-	-	20
1946	22	-	-	22
1947	23	-	-	23
1948	23	-	-	23
1949	23	-	-	23
1950	20	-	-	20

CUADRO Nº 110 - cont.

ANOS	FONTE DE CAPITAL NACIONAL	FONTE DE CAPITAL EXTRANJEIRO	MIXTO	TOTAL
1951	21	-	-	21
1952	21	-	-	21
1953	22	-	-	22
1954	18	-	-	18
1955	17	-	1	18
1956	19	-	1	20
1957	19	-	1	20
1958	20	-	1	21
1959	19	-	1	20
1960	16	-	1	17
1961	16	-	1	17
1962	18	-	1	19
1963	17	-	1	18
1964	16	-	-	16
1965	17	-	-	17
1966	17	-	-	17
1967	19	-	-	19
1968	25	-	-	25
1969	24	-	-	24
1970	17	-	-	17
1971	17	-	-	17
1972	15	-	-	15
1973	14	-	-	14
1974	15	-	-	15
1975	12	-	-	12
1976	12	-	-	12
1977	12	-	-	12

FONTE: LIVROS de Firmas, Atas e S.A. Junta Comercial
do Paraná.

QUADRO Nº 111.

INDÚSTRIA DE FERTILIZANTES DA ENFA-DATE NO

ESTADO DO PARANÁ.

CAPITAL INICIAL REGISTRADO POR ANO.

EM CRUZEIROS NOVOS. 1890 - 1977.

ANOS	N.º DE FERTILIZANTE DE FÉCULA	TÍTULO DE FÉCULA ASSOCIADA A OUTROS FÉCULOS	TOTAL
1890	133	-	ignorado
1891	133	-	ignorado
1892	133	-	ignorado
1893	133	-	ignorado
1894	130	-	ignorado
1895	130	350	1.000
1896	130	350	1.000
1897	130	350	1.000
1898	130	350	1.000
1899	130	350	1.000
1900	150	1.950	2.100
1901	450	1.950	2.400
1902	550	1.950	2.500
1903	550	1.950	2.500
1904	550	1.950	2.500
1905	750	1.950	2.700
1906	750	1.950	2.700
1907	727	1.950	2.677
1908	727	1.950	2.677
1909	727	1.950	2.677
1910	727	1.900	2.627
1911	727	1.900	2.627
1912	277	2.350	2.627
1913	277	2.350	2.627
1914	277	2.350	2.627
1915	277	2.500	2.777
1916	277	2.550	2.827
1917	277	2.550	2.827

QUADRO Nº 111. cont.

ANOS	BENEFICIAMENTO DE IMTE	BENEF. DE IMTE ASSOCIADA A OUTROS RANHOS	TOTAL
1918	277	2.550	2.827
1919	407	2.650	3.057
1920	3.037	2.650	5.687
1921	3.037	2.650	5.687
1922	5.137	2.650	5.787
1923	3.137	2.650	5.787
1924	3.860	2.650	6.510
1925	5.060	2.650	7.710
1926	5.240	6.150	11.390
1927	6.490	6.150	12.640
1928	7.460	6.450	13.910
1929	7.760	6.450	14.210
1930	7.360	6.450	13.810
1931	7.360	6.450	13.810
1932	7.330	6.450	13.810
1933	6.030	6.450	12.480
1934	5.830	6.450	12.280
1935	5.830	6.450	12.280
1936	5.530	6.450	11.780
1937	5.333	6.450	11.803
1938	5.333	6.450	11.803
1939	5.304	6.450	12.254
1940	3.094	15.600	18.694
1941	3.545	20.600	24.145
1942	4.134	21.100	25.234
1943	4.152	21.100	25.252
1944	5.255	21.100	26.355
1945	4.670	22.200	26.870
1946	5.184	22.300	27.484
1947	6.484	26.300	32.784
1948	7.654	26.300	33.954
1949	5.494	26.300	31.794
1950	1.831	37.050	38.881

QUADRO Nº 111 - cont.

ANOS	DEMANICIALEMO DE MATR	BENEF. DE MATR ASSOCIADO A OUTROS RUBROS	TOTAL
1951	2.531	39.350	41.881
1952	2.531	41.150	43.681
1953	2.771	43.380	46.151
1954	2.395	52.550	54.945
1955	2.595	51.650	54.245
1956	9.041	125.350	134.391
1957	9.231	125.350	134.581
1958	9.231	140.750	150.031
1959	9.261	149.150	158.431
1960	26.410	230.506	256.916
1961	26.410	232.550	258.960
1962	28.610	331.150	359.760
1963	99.530	547.125	646.655
1964	233.530	968.850	1.202.380
1965	210.120	3.193.565	3.403.685
1966	508.130	4.906.021	5.414.151
1967	510.930	7.469.595	7.980.525
1968	433.830	8.023.853	8.459.683
1969	1.137.830	12.898.021	14.035.851
1970	443.830	8.622.017	9.065.847
1971	357.830	9.259.536	9.617.366
1972	387.830	9.734.657	10.122.487
1973	527.830	15.194.536	15.722.366
1974	467.830	17.044.536	17.512.366
1975	467.000	16.922.536	17.389.536
1976	867.000	24.812.536	25.679.536
1977	1.462.000	41.166.177	42.628.177

FONTE: LIVROS de firmas, contratos, distratos. S/As e
Diários Oficiais. Arquivo da Junta Comercial
do Paraná.

QUADRO Nº 112.

INDÚSTRIAS DE BENEFICIAMENTO DE CAVA-MATE
NO ESTADO DO PARANÁ. TIPO DE FIRMA.

1890 - 1977.

NÚMEROS ABSOLUTOS					
ANOS	INDIVIDUAL	LIMITADAS E SOCIEDADES	S/A.	COOPERATIVAS	TOTAL
1890	2	-	-	-	2
1891	2	-	-	-	2
1892	2	1	-	-	3
1893	2	1	-	-	3
1894	1	2	-	-	3
1895	1	3	-	-	4
1896	1	3	-	-	4
1897	1	3	-	-	4
1898	1	3	-	-	4
1899	1	3	-	-	4
1900	1	3	-	-	4
1901	2	3	-	-	5
1902	2	4	-	-	6
1903	2	4	-	-	6
1904	2	4	-	-	6
1905	2	5	-	-	7
1906	2	5	-	-	7
1907	2	5	-	-	7
1908	2	5	-	-	7
1909	2	5	-	-	7
1910	2	5	-	-	7
1911	2	5	-	-	7
1912	2	5	-	-	7
1913	2	5	-	-	7
1914	2	6	-	-	8
1915	2	7	-	-	9
1916	1	7	-	-	8
1917	1	7	-	-	8

NÚMEROS ABSOLUTOS					
AÑOS	INDIVIDUAL	LIMITADAS Y SOCIEDADES	S/A.	COOPERATIVAS	TOTAL
1918	1	7	-	-	8
1919	1	8	-	-	9
1920	-	9	-	-	9
1921	-	9	-	-	9
1922	1	10	-	-	11
1923	1	10	-	-	11
1924	1	11	-	-	12
1925	-	11	-	-	11
1926	1	12	-	-	13
1927	-	14	-	-	14
1928	1	15	-	-	16
1929	-	16	-	-	16
1930	-	17	-	-	17
1931	-	16	-	-	16
1932	-	16	-	-	16
1933	-	14	-	-	14
1934	-	14	-	-	14
1935	-	13	-	-	13
1936	-	13	-	-	13
1937	-	13	-	2	15
1938	-	13	-	2	15
1939	-	15	-	15	30
1940	1	13	1	15	30
1941	1	15	2	15	33
1942	2	15	3	19	39
1943	2	15	3	24	44
1944	2	17	4	22	45
1945	1	15	4	2	22
1946	1	15	4	4	24
1947	1	12	6	4	23
1948	1	12	6	4	23
1949	1	12	6	4	23
1950	1	15	4	-	20

NÚMEROS ABSOLUTOS					
ANOS	INDIVIDUAL	LIMITADAS E SOCIEDADES	S/A.	COOPERATIVAS	TOTAL
1951	1	16	4	-	21
1952	1	16	4	-	21
1953	1	16	3	-	20
1954	1	13	4	-	18
1955	1	14	3	-	18
1956	1	16	3	-	20
1957	1	16	3	-	20
1958	1	17	3	-	21
1959	1	16	3	-	20
1960	2	11	4	-	17
1961	2	11	4	-	17
1962	3	12	4	-	19
1963	4	10	4	-	18
1964	4	8	4	-	16
1965	4	9	4	-	17
1966	4	9	4	-	17
1967	6	9	4	-	19
1968	5	16	4	-	25
1969	5	15	4	-	24
1970	6	6	4	1	17
1971	6	6	4	1	17
1972	4	6	4	1	15
1973	3	8	2	1	14
1974	2	8	2	1	13
1975	2	7	2	1	12
1976	2	7	2	1	12
1977	2	7	2	1	12

FONTE: ARQUIVO da Junta Comercial do Paraná.

QUADRO Nº 113.

INDUSTRIAS DE BENEFICIAMENTO DE LIMA-MATE
NO PARANÁ. PERÍODO DE 1890 A 1977.

1890 - 1977

ANOS	INDIVIDUAL	CLÂNICA	IGNORADA	GR. ADMINIST	TOTAL
1890	-	2	-	-	2
1891	-	2	-	-	2
1892	-	2	1	-	3
1893	-	2	1	-	3
1894	-	2	1	-	3
1895	-	2	2	-	4
1896	-	2	2	-	4
1897	-	2	2	-	4
1898	-	2	2	-	4
1899	-	2	2	-	4
1900	-	2	2	-	4
1901	-	4	1	-	5
1902	1	4	1	-	6
1903	1	4	1	-	6
1904	1	4	1	-	6
1905	1	4	2	-	7
1906	1	5	1	-	7
1907	1	5	1	-	7
1908	1	5	1	-	7
1909	1	5	1	-	7
1910	1	6	-	-	7
1911	1	6	-	-	7
1912	1	6	-	-	7
1913	1	6	-	-	7
1914	1	6	1	-	8
1915	1	6	2	-	9
1916	1	6	1	-	8
1917	1	6	1	-	8
1918	1	6	1	-	8

QUADRO Nº 113. cont.

ANOS	INDIVIDUAL	CLÍNICA	IGNORADA	GR. ADMINISTR.	TOTAL
1919	1	7	-	-	8
1920	-	9	-	-	9
1921	1	10	-	-	11
1922	1	10	-	-	11
1923	1	10	-	-	11
1924	1	11	-	-	12
1925	1	10	-	-	11
1926	1	12	-	-	13
1927	1	13	-	-	14
1928	1	14	-	-	15
1929	2	14	-	-	16
1930	-	17	-	-	17
1931	-	16	-	-	16
1932	-	16	-	-	16
1933	-	14	-	-	14
1934	-	14	-	-	14
1935	-	13	-	-	13
1936	-	13	-	-	13
1937	-	14	-	1	15
1938	-	14	-	1	15
1939	-	14	2	14	30
1940	-	15	-	15	30
1941	-	17	-	16	33
1942	-	17	3	19	39
1943	-	16	5	23	44
1944	-	17	4	24	45
1945	-	13	-	7	20
1946	-	13	2	7	22
1947	-	14	2	7	23
1948	-	15	2	6	23
1949	-	15	2	6	23
1950	-	17	1	2	20

QUADRO Nº 113. cont.

ANOS	INDIVIDUAL	CLÍNICA	IGNORADA	GR. ADMISSÃO	TOTAL
1951	-	18	1	2	21
1952	-	18	1	2	21
1953	-	18	1	5	22
1954	-	15	-	3	18
1955	-	15	-	3	18
1956	1	15	-	4	20
1957	1	15	-	4	20
1958	2	15	-	4	21
1959	2	14	-	4	20
1960	2	12	-	5	17
1961	-	11	-	6	17
1962	-	14	-	5	19
1963	-	12	-	6	18
1964	-	10	-	6	16
1965	-	12	-	5	17
1966	-	12	-	5	17
1967	1	12	-	6	19
1968	3	12	-	3	23
1969	4	12	-	3	24
1970	3	3	-	3	17
1971	5	9	-	3	17
1972	3	9	-	5	17
1973	3	9	-	2	14
1974	2	9	-	2	13
1975	2	8	-	2	12
1976	2	8	-	2	12
1977	2	8	-	2	12

FONTE: ARQUIVO da Junta Comercial do Paraná.

INDÚSTRIA DE BENEFICIAMENTO DE LAMA-MATENO ESTADO DO PARANÁ. 1890 - 1977.CAPITAL REGISTRADO POR ANO EM CRUZEIROS NOVOS.MÉDIAS MÓVEIS

ANOS	BENEFICIAMENTO LAMA-MATE	BENEF. LAMA-MATE AO SOCIADO OUTROS RAMOS	TOTAL
1890	-	-	-
1891	-	-	-
1892	136	-	-
1893	140	-	-
1894	143	-	-
1895	147	-	-
1896	150	-	-
1897	150	850	1.000
1898	150	1.070	1.220
1899	210	1.290	1.500
1900	290	1.510	1.800
1901	370	1.730	2.100
1902	450	1.950	2.400
1903	570	1.950	2.520
1904	630	1.950	2.580
1905	665	1.950	2.615
1906	701	1.950	2.651
1907	736	1.950	2.686
1908	752	1.940	2.692
1909	737	1.950	2.657
1910	637	2.010	2.647
1911	547	2.090	2.637
1912	457	2.170	2.627
1913	367	2.290	2.657
1914	277	2.420	2.697
1915	277	2.460	2.737
1916	277	2.520	2.797
1917	303	2.580	2.883

QUADRO Nº 114 - cont.

ANOS	BENEFICIAMENTO ERVA-MATE	D.E.P. ERVA-MATE AG SOCIADA OUTROS RAMOS	TOTAL
1918	855	2.610	3.465
1919	1.407	2.630	4.037
1920	1.979	2.650	4.629
1921	2.551	2.650	5.201
1922	3.242	2.650	5.892
1923	3.646	2.650	6.296
1924	4.087	3.350	7.437
1925	4.757	4.050	8.807
1926	5.622	4.810	10.432
1927	6.402	5.570	11.972
1928	6.862	6.330	13.192
1929	7.286	6.390	13.676
1930	7.469	6.450	13.919
1931	7.174	6.450	13.624
1932	6.788	6.450	13.238
1933	6.482	6.450	12.932
1934	6.076	6.450	12.526
1935	5.675	6.450	12.125
1936	5.539	6.450	11.989
1937	5.534	6.450	11.984
1938	4.987	8.280	13.267
1939	4.051	11.110	15.161
1940	4.386	14.040	18.426
1941	4.146	16.970	21.116
1942	4.056	19.900	23.956
1943	4.351	21.220	25.571
1944	4.679	21.560	26.239
1945	5.149	22.600	27.749
1946	5.845	23.610	29.455
1947	5.895	24.680	30.575
1948	5.525	27.050	32.575
1949	4.755	31.100	35.855
1950	3.924	34.070	37.994

QUADRO Nº 114 - cont.

ANOS	BENEFICIAMENTO ENVA-ENVI.	BENEF. ENVA-ENVI AS- SILDA OUTROS RAMOS	TOTAL
1951	2.952	37.486	40.438
1952	2.322	42.736	45.058
1953	2.485	45.656	48.141
1954	3.827	62.316	66.643
1955	5.217	79.656	84.873
1956	6.519	99.130	105.649
1957	7.896	118.450	126.346
1958	12.059	154.221	166.880
1959	16.133	175.661	191.794
1960	20.038	216.821	236.859
1961	38.058	298.096	336.154
1962	82.918	462.036	544.954
1963	119.630	1.064.648	1.174.308
1964	176.004	1.896.742	2.066.746
1965	232.438	3.417.031	3.649.459
1966	299.738	4.912.377	5.212.115
1967	489.588	7.298.211	7.778.799
1968	527.730	8.383.901	8.911.631
1969	533.670	9.230.604	9.784.274
1970	54.904	9.703.617	9.758.521
1971	567.430	11.137.753	11.705.183
1972	433.430	11.967.036	12.400.466
1973	437.664	13.627.160	14.064.824
1974	543.498	16.741.760	17.285.258
1975	758.332	23.026.064	23.786.396
1976	-	-	-
1977	-	-	-

FONTE: ARQUIVO da Junta Comercial do Paraná.

QUADRO Nº 115.

MÉDIAS QUINQUENAIS

INDÚSTRIA DE BENEFICIAMENTO DE FÉVIA-MATE NO ESTADO DO PARANÁ

CAPITAL INICIAL REGISTRADO POR ANO, (EM CRUZEIROS NOVOS).

1890 - 1977.

ANOS			BENEF. DE MATE	BENEF. ASS. RAÍZES	TOTAL
1890	a	1894	136,40	-	ignorado
1895	a	1899	150,00	820,00	1.000,00
1900	a	1904	525,00	1.950,00	2.370,00
1905	a	1909	726,20	1.950,00	2.686,20
1910	a	1914	457,00	2.170,00	2.627,00
1915	a	1919	303,00	2.580,00	2.883,00
1920	a	1924	3.241,60	2.650,00	5.891,60
1925	a	1929	6.402,00	5.570,00	11.972,00
1930	a	1934	6.788,00	6.450,00	13.238,00
1935	a	1939	5.554,00	6.450,00	11.984,00
1940	a	1944	4.035,60	19.900,00	23.935,60
1945	a	1949	5.893,20	24.300,00	30.193,20
1950	a	1954	2.551,80	42.736,00	45.067,80
1955	a	1959	7.895,80	118.450,00	126.345,80
1960	a	1964	82.918,00	462.036,20	544.954,20
1965	a	1969	480.588,00	7.289.211,00	7.772.799,00
1970	a	1974	435.450,00	11.967.056,40	12.400.486,40
1975	a	1977	932.000,00	27.667.033,00	28.599.033,00

FONTE: ARQUIVO da Junta Comercial do Paraná.

QUADRO Nº 116.

MÉDIA ARITMÉTICA, DA CONCENTRAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE DESEMPENHO DE UVA-MATA NO PARANÁ.

POR MUNICÍPIO. 1890 - 1977

MUNICÍPIOS	1890	1895	1900	1905	1910	1915	1920	1925	1930	1935	1940	1945	1950	1955	1960	1965	1970	1975	1980
Palmeira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Curitiba	-	2	3	4	5	6	6	7	10	12	11	12	10	8	7	7	6	4	3
Ponta Grossa	-	-	1	1	1	1	-	1	1	1	1	1	2	2	2	3	3	3	1
Paranaguá	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Rio Negro	-	-	-	-	-	-	1	1	2	1	3	2	2	2	2	2	-	-	-
Campina Grande	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Teixeira Soares	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Lapa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
S. Miguel	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Imbituva	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ipiranga	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Rebouças	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Rio Azul	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Guaracuna	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Iratí	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2	2	2	1	2	2	1	1
Divisa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Campo Largo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Bom Jardim	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Natal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Triunfo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
S. Mateus	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Guarapuava	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
União da Vitória	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pato Branco	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cel. Vivida	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Barracão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cascavél	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Laranjeiras do Sul	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pitanga	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Outros	-	1	-	-	1	-	1	2	1	1	1	21	6	6	8	4	9	7	5
TOTAL	-	3	4	5	7	7	8	11	14	15	17	58	22	20	20	18	20	15	10

FONTE: ARQUIVO da Junta Comercial do Paraná.

Observação: Outros inclui todos os municípios mencionados que não apresentam estatísticas isoladas.

QUADRO Nº 117.

QUOTIENTES DE LIQUIDEZ - (1944 - 1969)

LEÃO JUNIOR

ANO	Q. DE LIQUIDEZ IMEDIATA	Q. DE LIQUIDEZ GERAL
1944	269	148
1945	22	-
1946	-	-
1947	-	-
1948	101	142
1949	60	139
1950	43	131
1951	-	-
1952	64	232
1953	77	241
1954	-	-
1955	70	249
1956	-	-
1957	35	201
1958	68	353
1959	97	304
1960	61	311
1961	-	-
1962	66	557
1963	49	409
1964	30	284
1965	23	299
1966	15	181
1967	11	228
1968	15	189
1969	9	234
1970	-	-
1971	-	-

NOTAS: ARQUIVO da Junta Comercial do Paraná.

QUOCIENTES DE LIQUIDES
INDUSTRIAS AERONAUTICAS MEXICO. (1944 - 1974)

QUOCIENTES DE LIQUIDES IMEDIATOS.

BALANÇOS.

1944 -	91,4
1945 -	17,3
1946 -	4,02
1947 -	4,02
1948 -	4,9
1949 -	4,9
1950 -	1,43
1951 -	3,3
1952 -	17,9
1953 -	522,5
1954 -	2,83
1955 -	1,08
1956 -	54,68
1957 -	58% (Quociente de liquides geral)
1958 -	137,9
1959 -	126,8
1960 -	104
1961 -	48,7
1962 -	5,65
1963 -	69%
1964 -	89%
1965 -	100%
1966 -	57%
1967 -	507,6
1968 -	1967,4
1969 -	119%
1970 -	108%
1971 -	103%
1972 -	109%
1973 -	28,4%
1974 -	1477%

QUADRO Nº 119.

MOINHOS UNIDOS BRASIL LATE S.A.

SUCESSORES DE LIQUIDEM (1959 - 1970)

ANOS	COEFICIENTE DE LIQUIDEM IMEDIATA	COEFICIENTE DE LIQUIDEM GERAL
1959	7%	164
1960	8%	155
1961	16%	155
1962	9%	106
1963	6%	105
1964	4%	105
1965	12%	108
1966	10%	105
1967	14%	124
1968	30%	155
1969	12%	140
1970	12%	156

FONTE: ARQUIVO da Junta Comercial do Paraná.

SÉRIE DO CRESCIMENTO DO CAPITALLEÃO JUNIOR. (1942 - 1973)

ANO	VALOR DO CAPITAL	ÍNDICE GERAL DE PREÇO	CAPITAL REAL
1942	10.000	52,0	12.231
1943	15.000	53,1	27.223
1944	15.000	58,4	25.685
1945	15.000	61,9	24.233
1946	15.000	63,6	22.366
1947	20.000	60,5	23.777
1948	20.000	74,6	26.810
1949	20.000	79,6	25.126
1950	25.000	84,7	29.516
1951	25.000	89,7	27.871
1952	25.000	97,5	25.641
1953	25.000	100	25.000
1954	25.000	110,1	22.707
1955	25.000	117,7	21.240
1956	100.000	121,4	32.572
1957	100.000	131,2	76.220
1958	135.000	141,3	95.541
1959	135.000	149,2	90.483
1960	135.000	163,6	32.516
1961	140.000	180,5	77.362
1962	200.000	190,0	105.263
1963	246.175	199,9	127.610
1964	1.320.000	198,6	364.653
1965	2.244.000	204,0	1.100.030
1966	2.244.000	214,4	1.046.642
1967	2.244.000	224,7	996.665
1968	5.950.000	245,6	1.425.081
1969	5.950.000	237,7	2.322.657
1970	5.950.000	293,2	2.029.352
1971	5.950.000	353,1	1.635.075
1972	5.950.000	412,4	1.442.774
1973	10.500.000	474,5	22.111.457

FONTE: ARQUIVO da Junta Comercial do Paraná.

Obs.: O último capital registrado na Junta Comercial, da firma
Leão Junior, data de 1973.

QUADRO Nº 121.

SÉTIMA DA CIRCUNSCRIÇÃO DO CAPITAL

MOEDAS UNIDAS BRASIL MATH S/L.

1953 - 1977

ANOS	VALOR DO CAPITAL	ÍNDICE GERAL DE PREÇOS	DIFERENÇA
1953	8.250,00	100	8.250,00
1954	8.250,00	110,1	7.445,00
1955	8.250,00	117,7	6.992,00
1956	15.000,00	121,4	11.556,00
1957	15.000,00	131,2	11.433,00
1958	15.000,00	141,3	10.616,00
1959	15.000,00	149,2	10.354,00
1960	27.000,00	163,6	16.804,00
1961	27.000,00	180,5	14.958,00
1962	40.000,00	190,0	21.053,00
1963	50.000,00	192,2	25.920,00
1964	100.000,00	198,6	50.352,00
1965	600.000,00	204,0	294.118,00
1966	658.000,00	214,4	306.903,00
1967	674.000,00	224,7	399.955,00
1968	737.832,00	245,6	360.441,00
1969	800.000,00	267,7	396.842,00
1970	1.005.017,00	293,2	342.778,00
1971	1.005.017,00	353,1	394.546,00
1972	1.252.556,00	412,4	395.710,00
1973	1.252.556,00	474,3	365.903,00
1974	1.252.556,00	607,7	192.544,00
1975	1.252.556,00	700,3	160.520,00
1976	1.254.833,00	1102,5	113.619,00
1977	3.108.713,00	1535,1	202.809,00

FONTE: ARQUIVO da Junta Comercial do Paraná.

Obs.: O ano base tomado foi o de 1953.

SÉRIE DE CRESCIMENTO DO CAPITALADALBERTO ARAUJO S.A.

1944 - 1966

ANO	VALOR DO CAPITAL	ÍNDICE GERAL DE PREÇOS	CAPITAL REAL
1944	1.000,00	58,4	1.712
1945	1.000,00	61,9	1.616
1946	1.000,00	65,6	1.524
1947	1.000,00	69,5	1.459
1948	1.000,00	74,6	1.340
1949	1.000,00	79,6	1.256
1950	1.000,00	84,3	1.179
1951	2.500,00	89,7	2.787
1952	2.500,00	97,5	2.564
1953	2.500,00	100	2.500
1954	2.500,00	110,1	2.271
1955	2.500,00	117,7	2.124
1956	10.000,00	121,4	3.237
1957	10.000,00	131,2	7.622
1958	10.000,00	141,3	7.077
1959	10.000,00	149,2	6.702
1960	62.756,60	163,6	38.360
1961	62.756,60	180,5	34.763
1962	62.756,60	190,0	33.030
1963	62.756,60	192,9	32.533
1964	102.000,00	193,6	51.360
1965	176.715,00	204,0	86.625
1966	225.131,00	214,4	105.000

FONTE: ARQUIVO da Junta Comercial do Paraná.

Obs.: O ano base tomado foi de 1953.

O índice geral de Preços utilizado para deflactação das séries de G\$S. de capital nas firmas Leão Junior, Moimhos Unidos Brasil Mate S.A. e Adalberto Araujo S.A. foi dividido de uma equivalência feita entre o "Índice do Produto Real" com base em 1949 até 1970.* e o "Índice Geral de Preços" com base em 1960-67 até outubro de 1977**

Demos o nome de "Índice Geral de Preços" à nona coluna de índices que surgiu.

* CONJUNTURA ECONÔMICA, v. 25, n. 9, 1971. p. 92.

** CONJUNTURA ECONÔMICA, v. 31, n. 11, nov. 1977. p. 243.

GRAFICO Nº 4.

VOLUME DE PRODUÇÃO DE ERVA-MATE NO BRASIL,
SEGUNDO ESTADOS PRODUTORES. (1945-1975).

Em toneladas

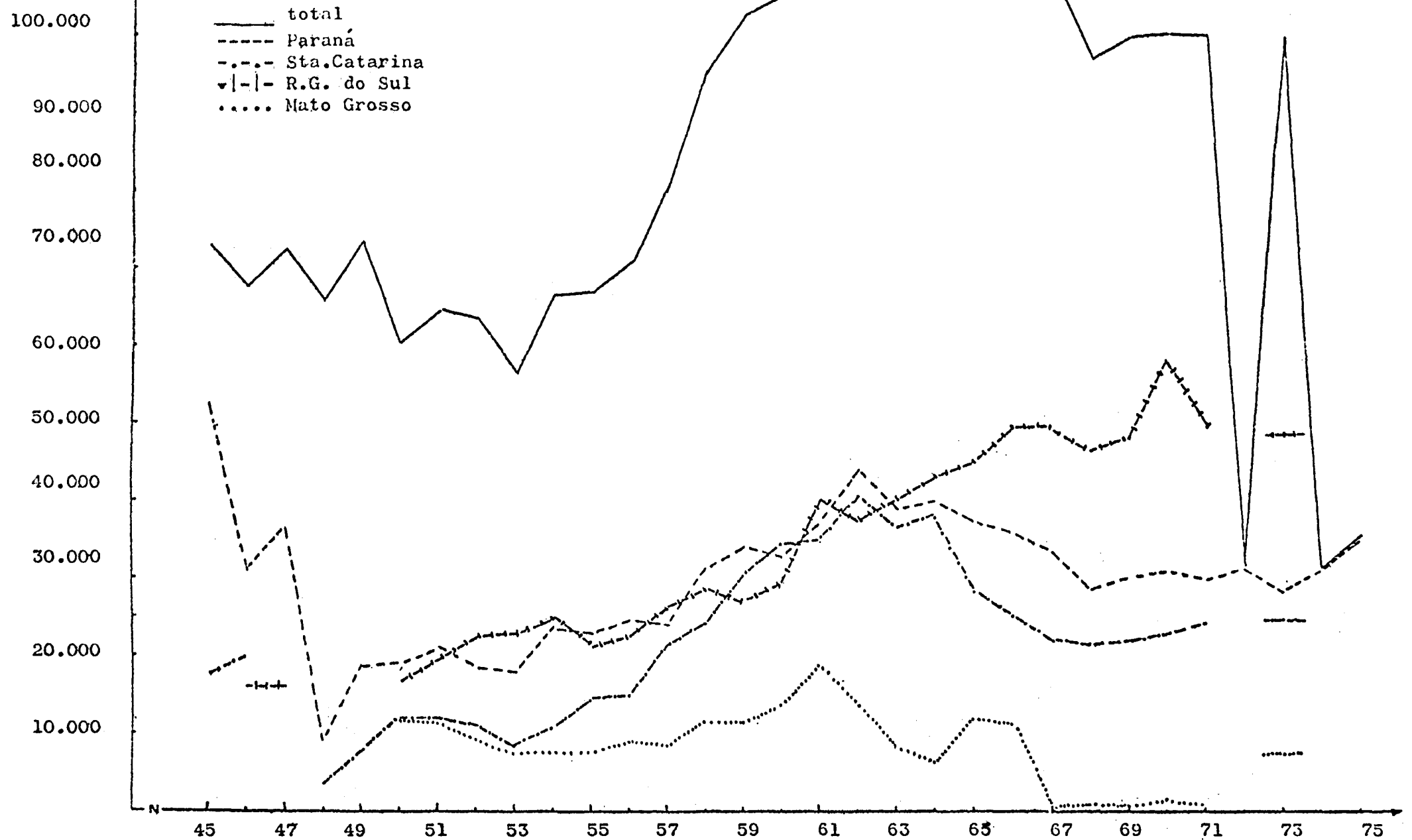


GRAFICO Nº 05

CONSULDO INTERNO APARENTE NO ESTADO DO PARANÁ.
(1940-1977)

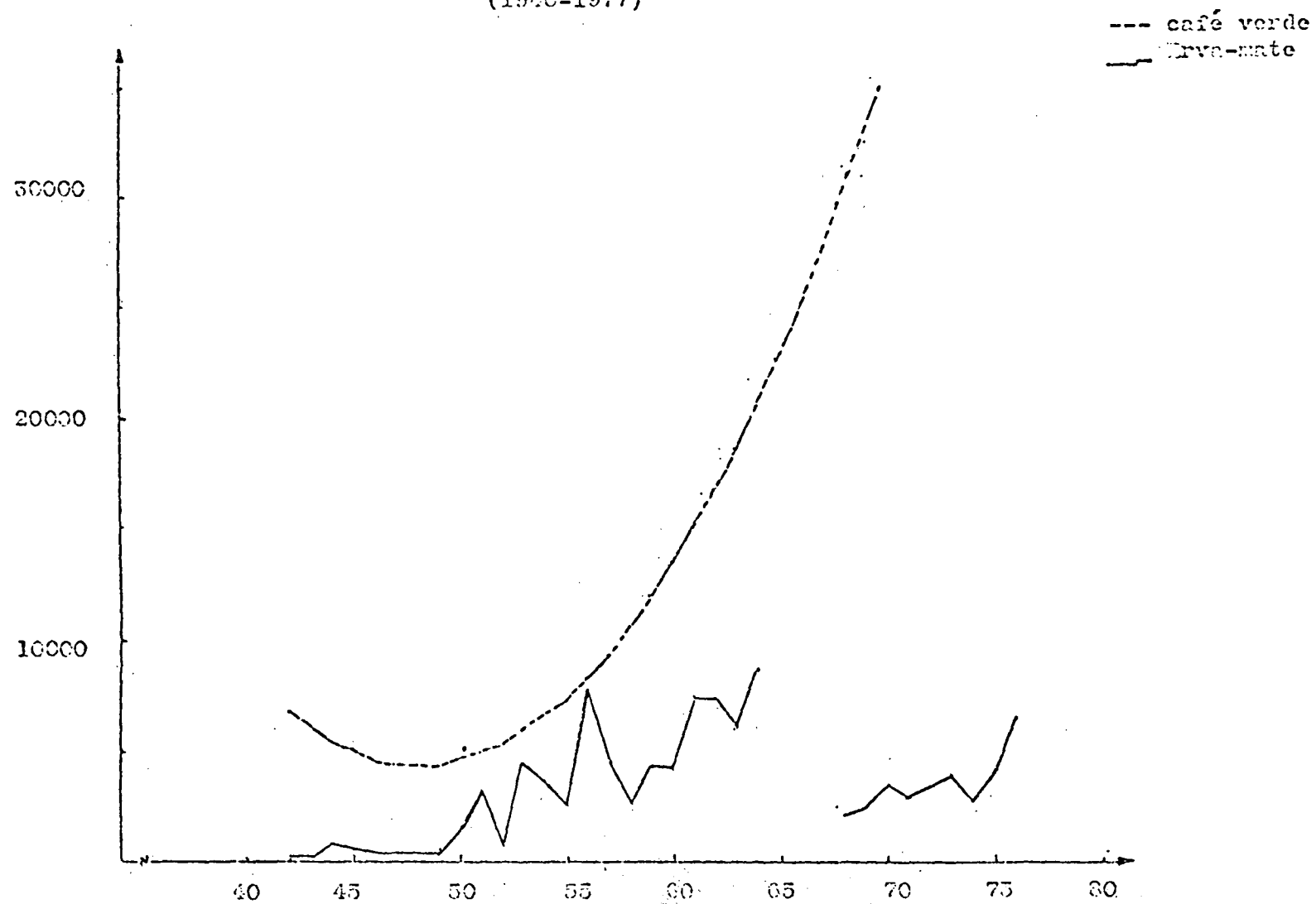


GRÁFICO Nº 06
CONSUMO APARENTE PER CAPITA DE ERVA-MATE E CAFÉ NO BRASIL
(1942-1970) (Em kg.)

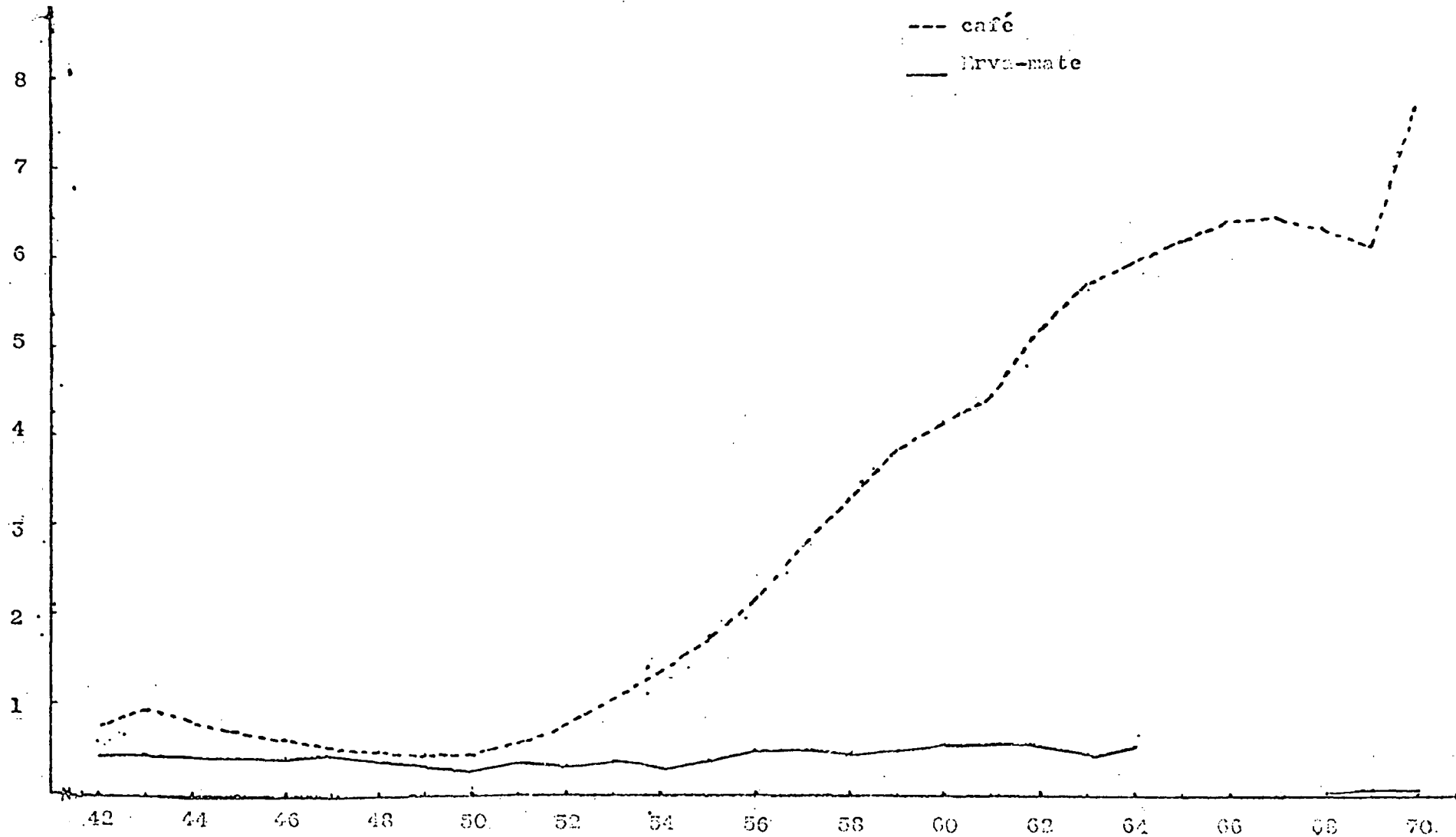


GRÁFICO Nº 07

289

CONSUMO MEDIANTE "PER CAPITA" DE ERVA-MATE E CAFÉ NO PARAGUAI (em kg)
(1940-1970)

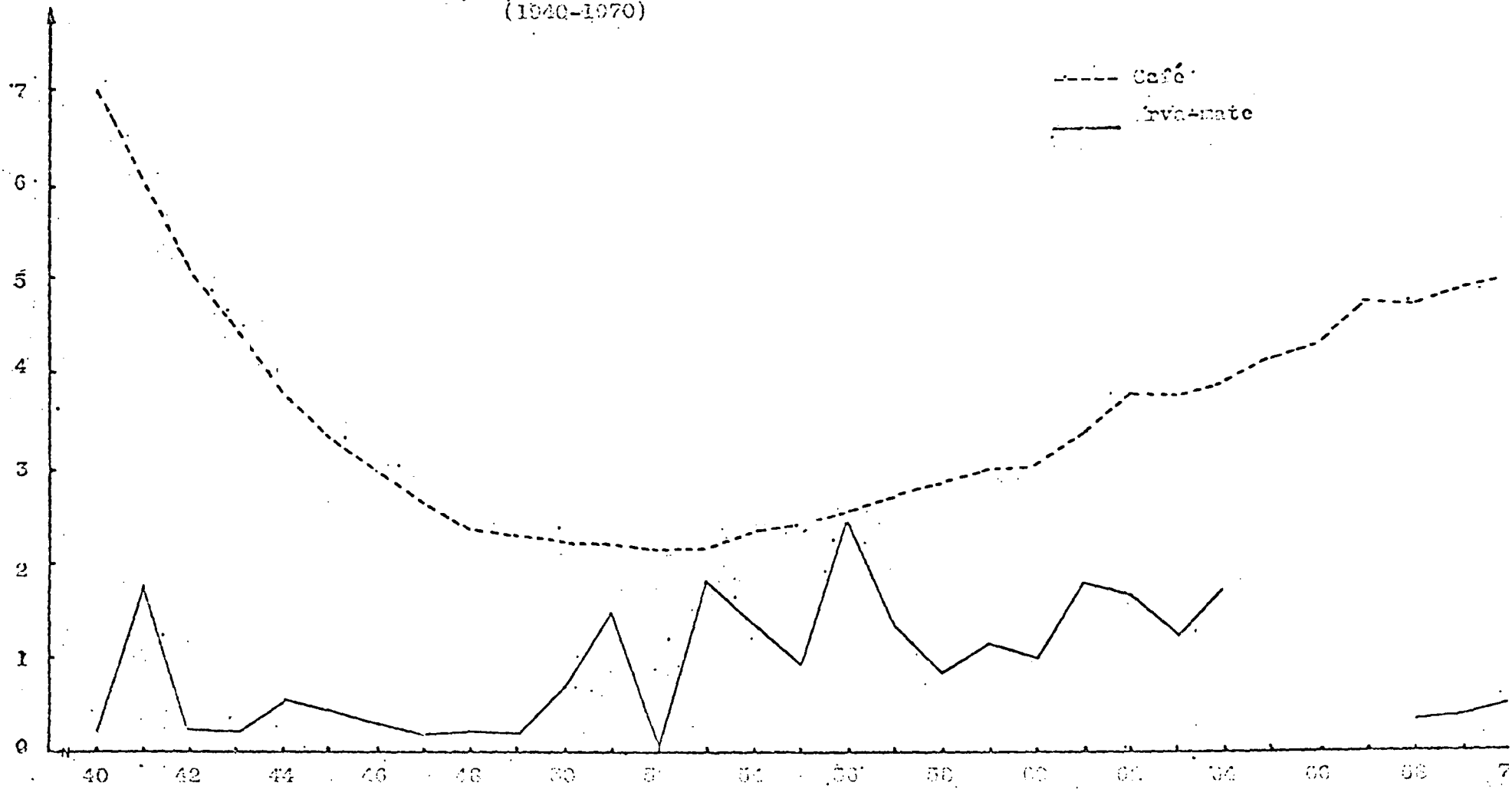


GRAFICO Nº 8
 ESPORTAÇÃO EXTERNA DE ERVA-MATE BENEFICIADA E CANCHEADA.
 (1940 - 1966) Unidade - Quilo Liquido.,

— Total
 ---- beneficiada
 -.-.- cancheada

290

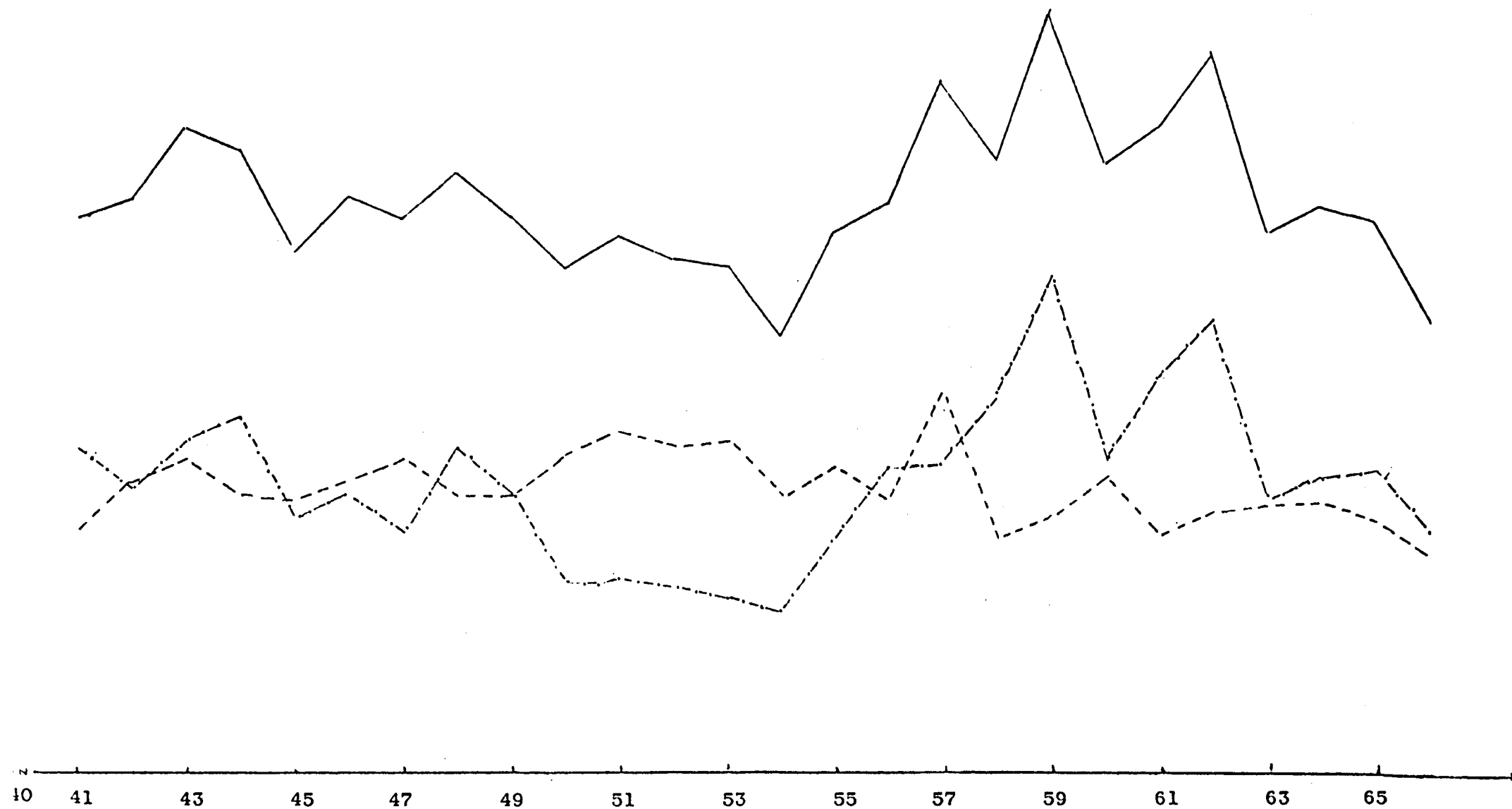


GRAFICO Nº 9
 EXPORTAÇÃO DE ERVA-MATE PARA O EXTERIOR SOMANDO AS CLASSES BENEFICIADA E CANCHEADA
 (1940 - 1965)

— total
 -.-.- Argentina
 - - - - Uruguai
 -|-|- Chile
 Outros

291

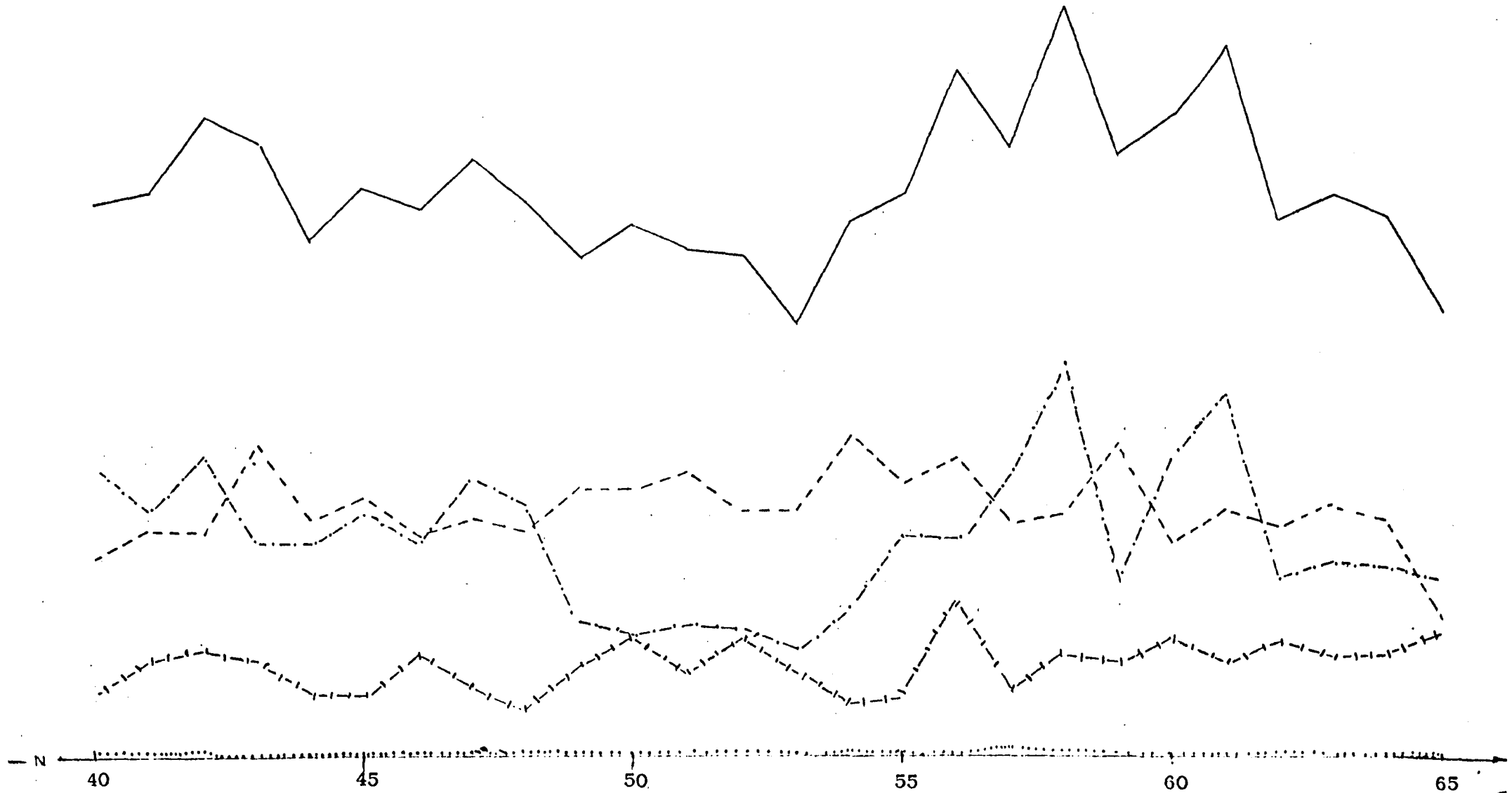


GRÁFICO Nº 10

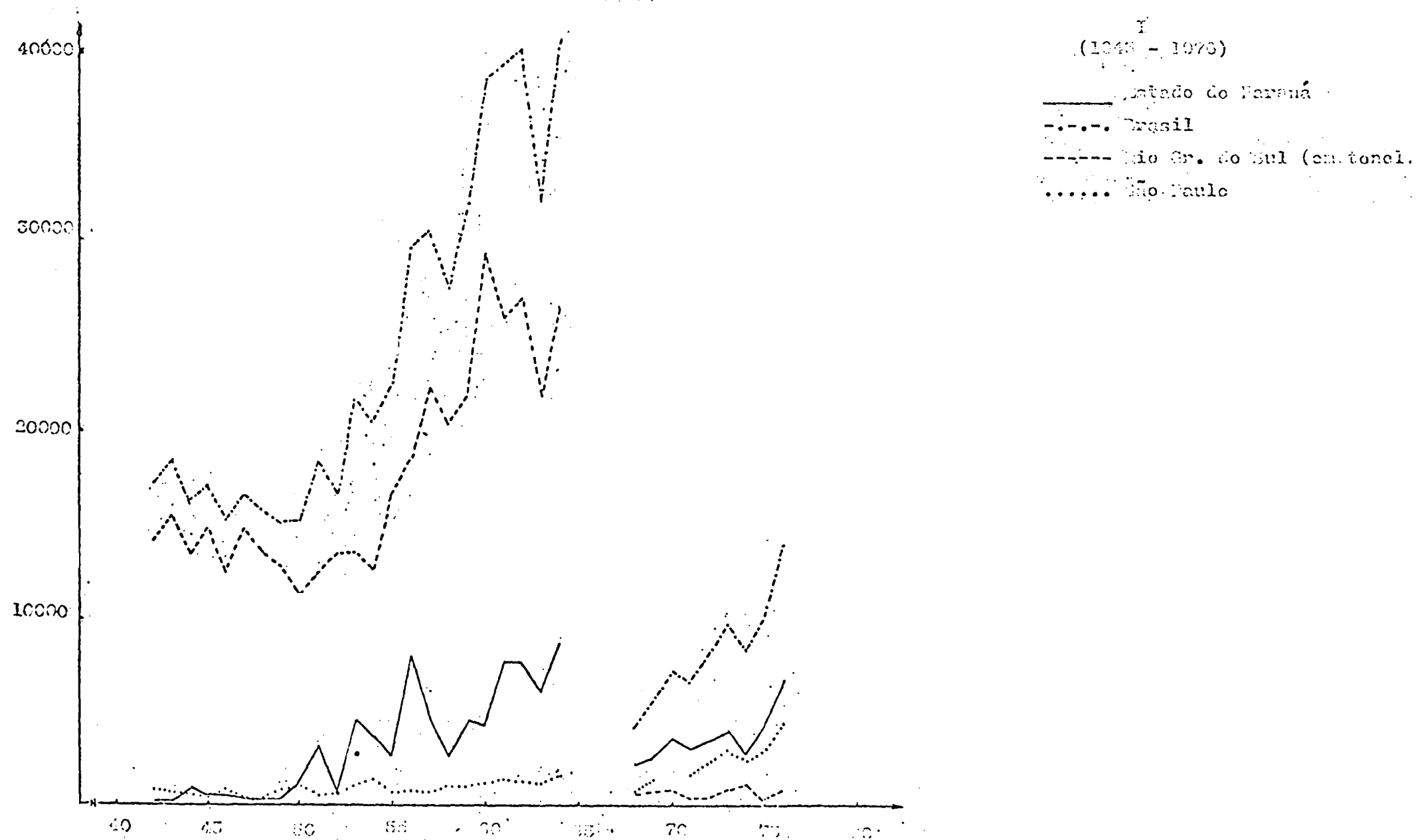


GRÁFICO Nº 11

COMPARAÇÃO ENTRE O CONSUMO DE CAFEÍNA E O DE MATÉRIA-PRIMA DE CAFEÍNA. (em toneladas)
(1905 - 1970)

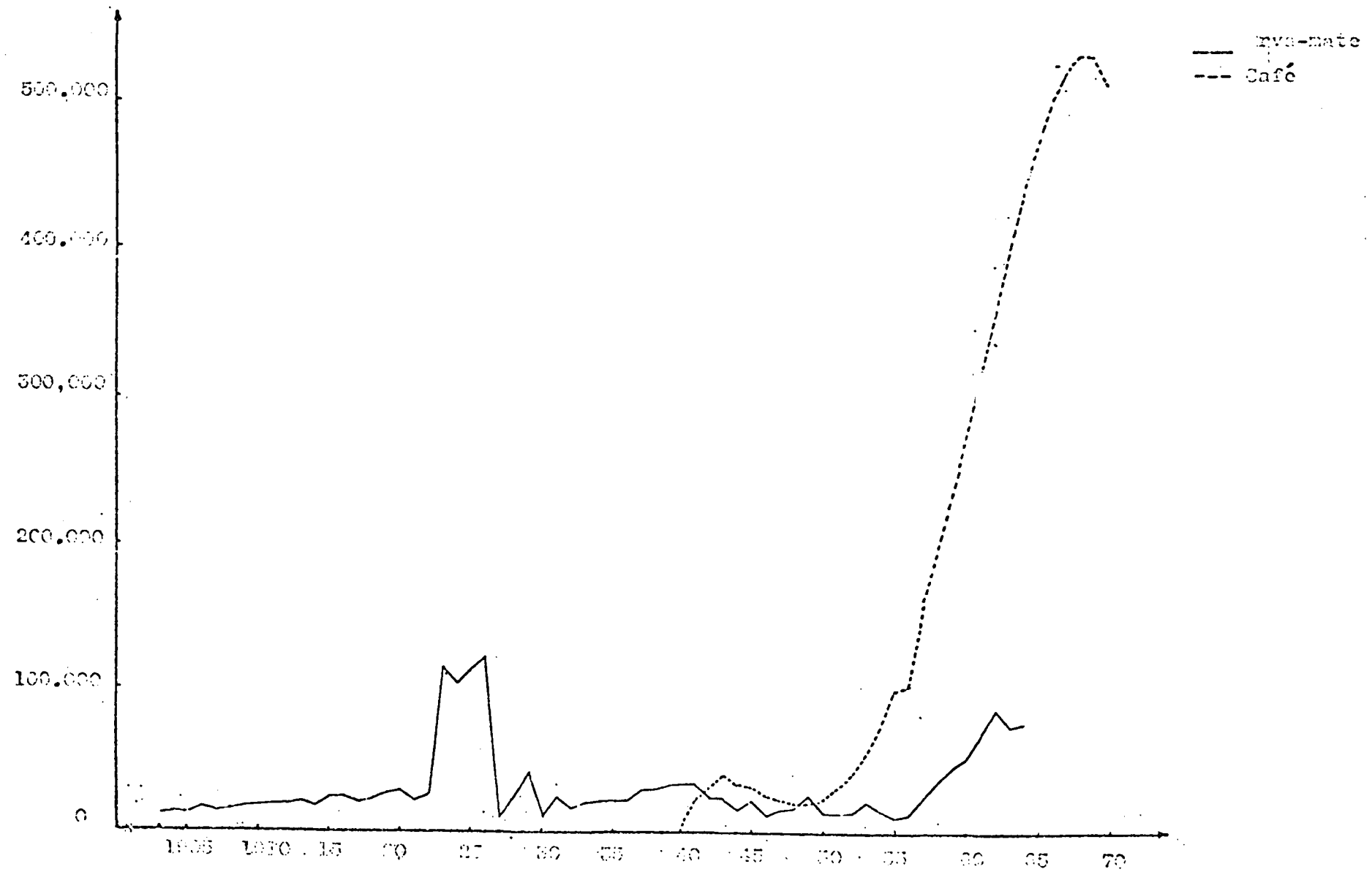


GRÁFICO Nº 12

VALÔR DAS EXPORTAÇÕES DE ERVA-MATE PARANAENSE PARA O EXTERIOR.

Cr\$ 1.000 (1943 - 1966) MÉDIAS MÓVEIS - 5 ANOS.

— Total
 -.- Argentina
 -.- Uruguai
 -.-: Outros

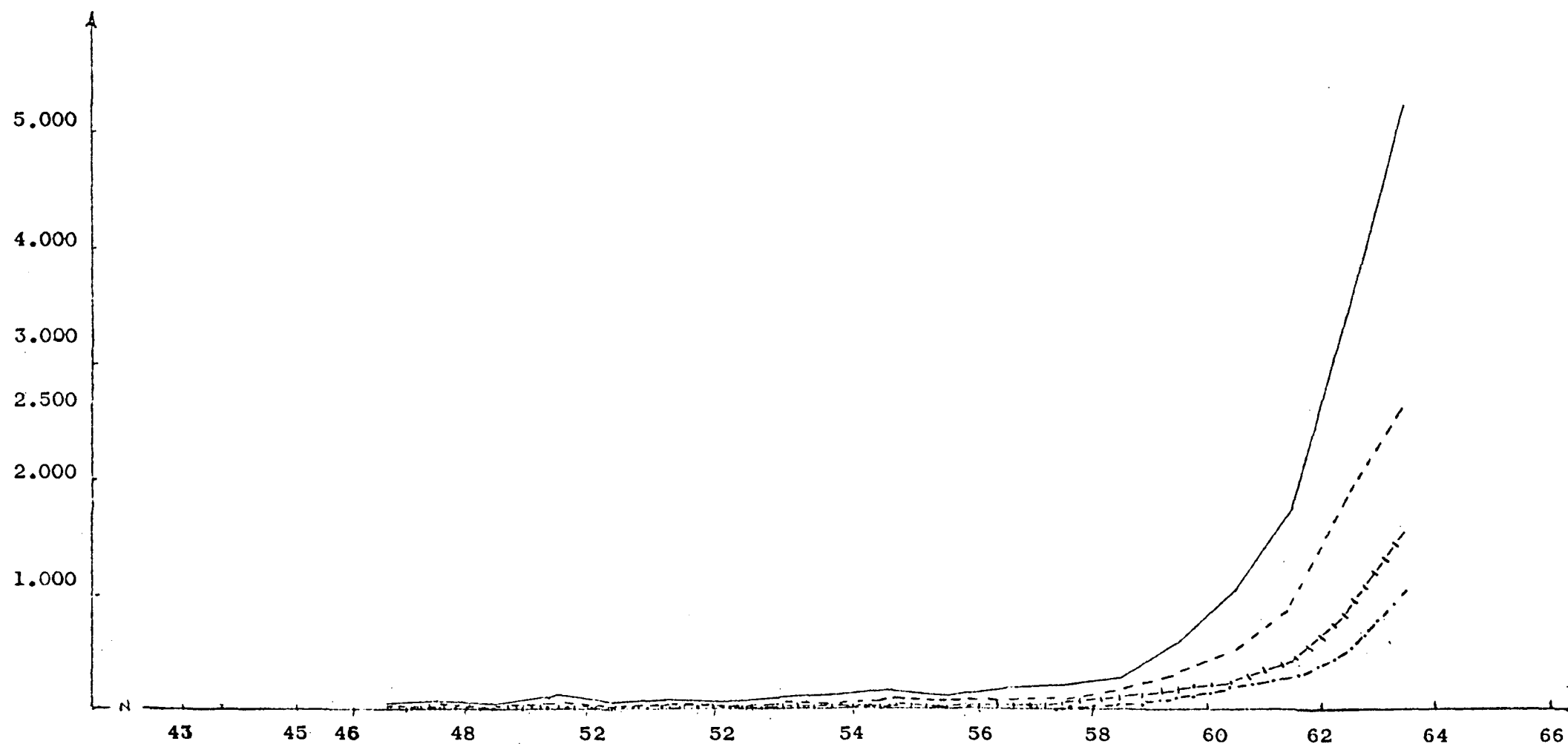


GRÁFICO Nº 13
 ESTADO DO PARANÁ
 INDUSTRIAL DO BENEFICIALIZADO DE CAVA-MATE
 (1890 - 1977)

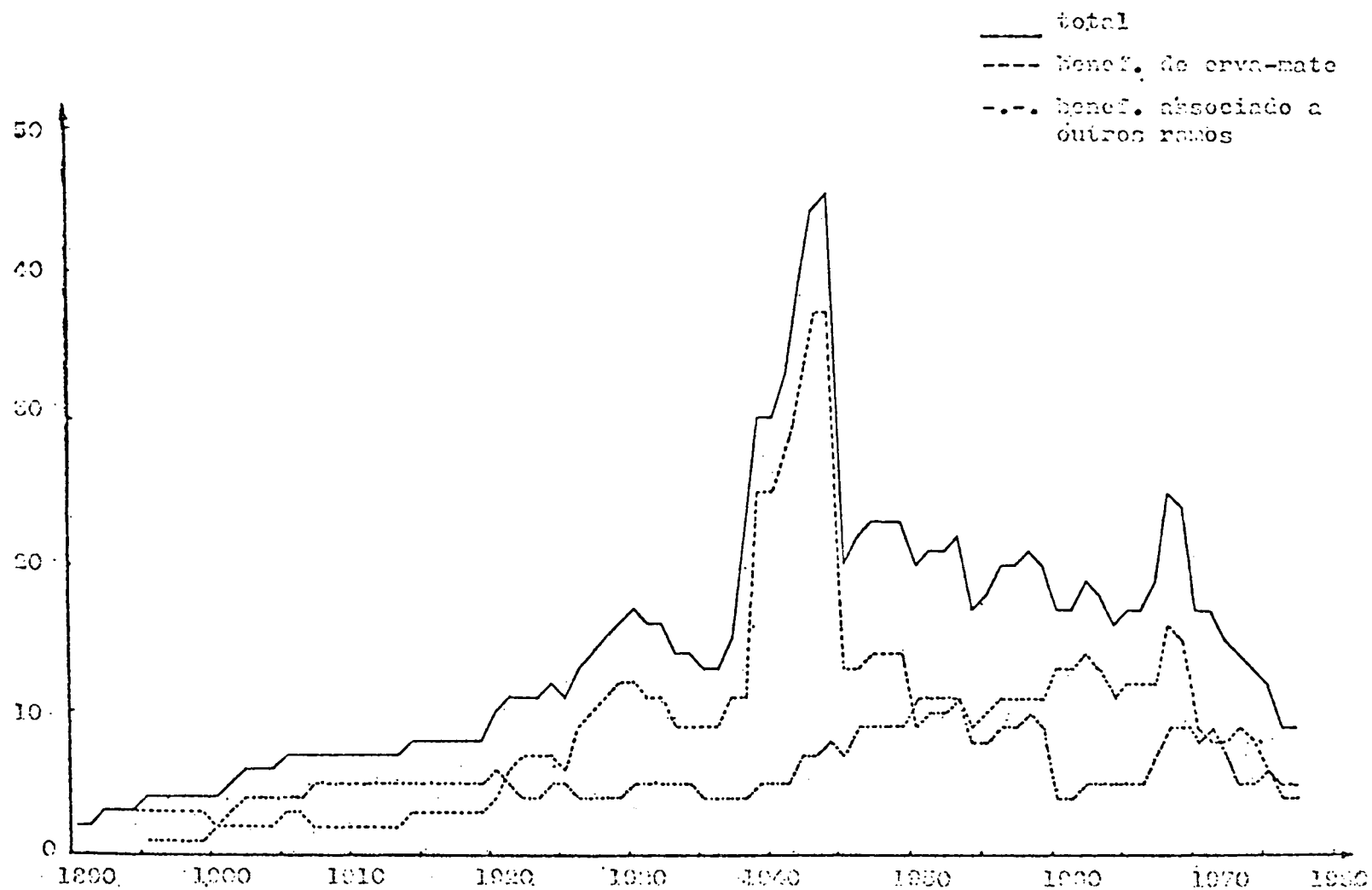


GRAFICO Nº 14
INDUSTRIAS DE BENEFICIAÇÃO DE CÂNDIDO
(1890 - 1977) - (por década).

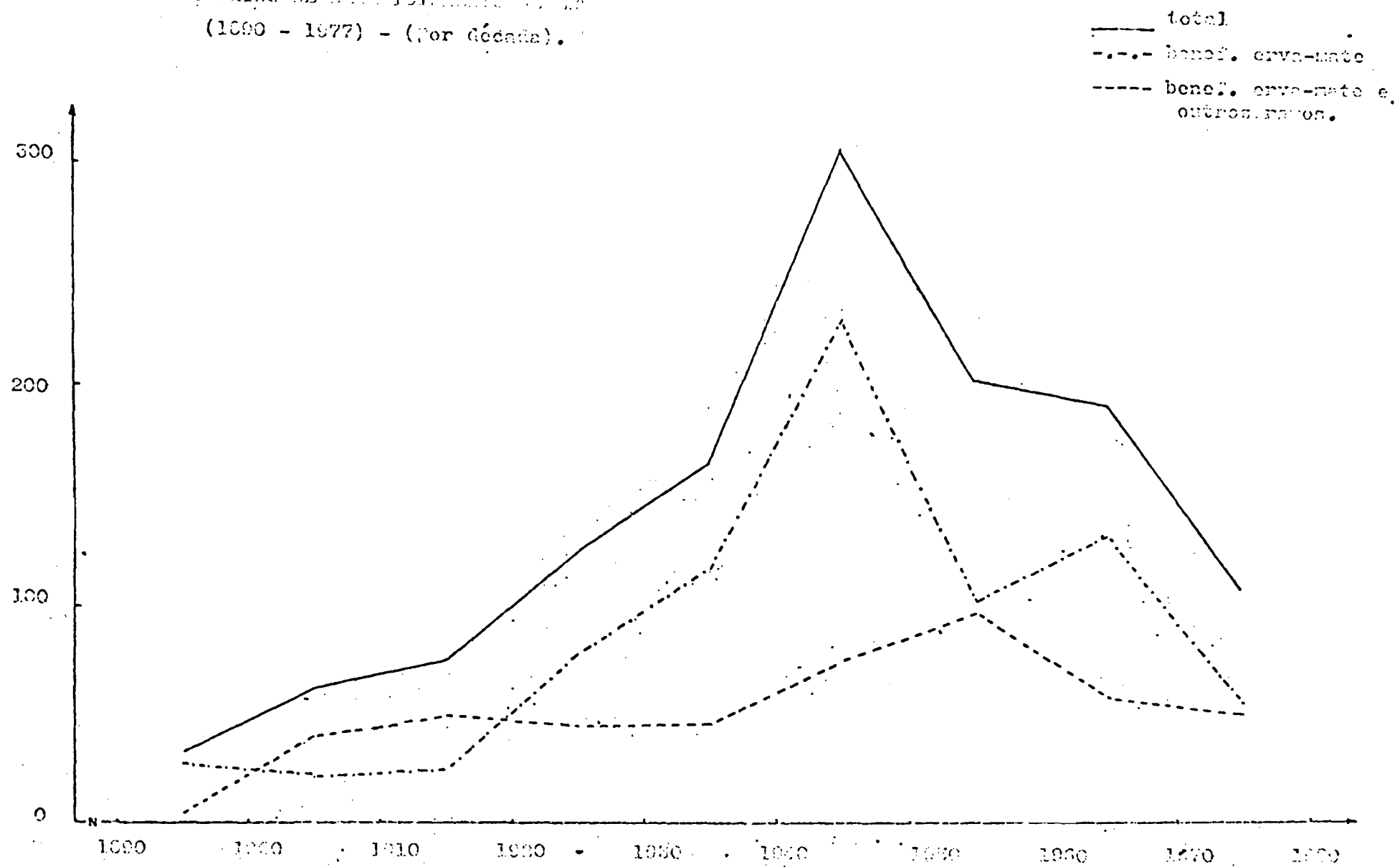


GRÁFICO Nº 15

INDÚSTRIA DO BOM INÍCIO DO ANIL - FÁBRICA DE FÁBRICA DE FÁBRICA. (PO: 0/0/0/0)
 TIPO DE FÁBRICA: (1890 - 1977)

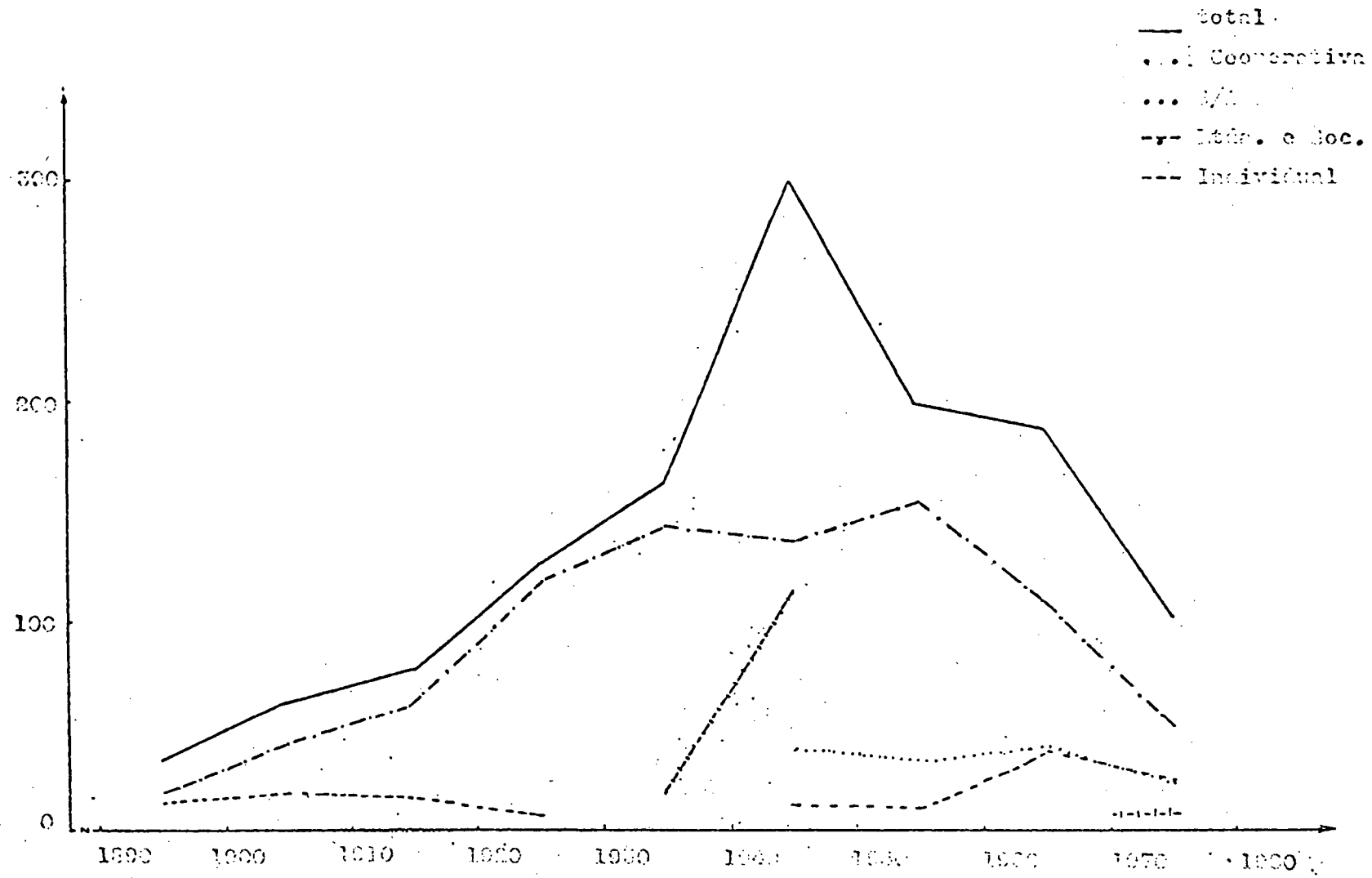
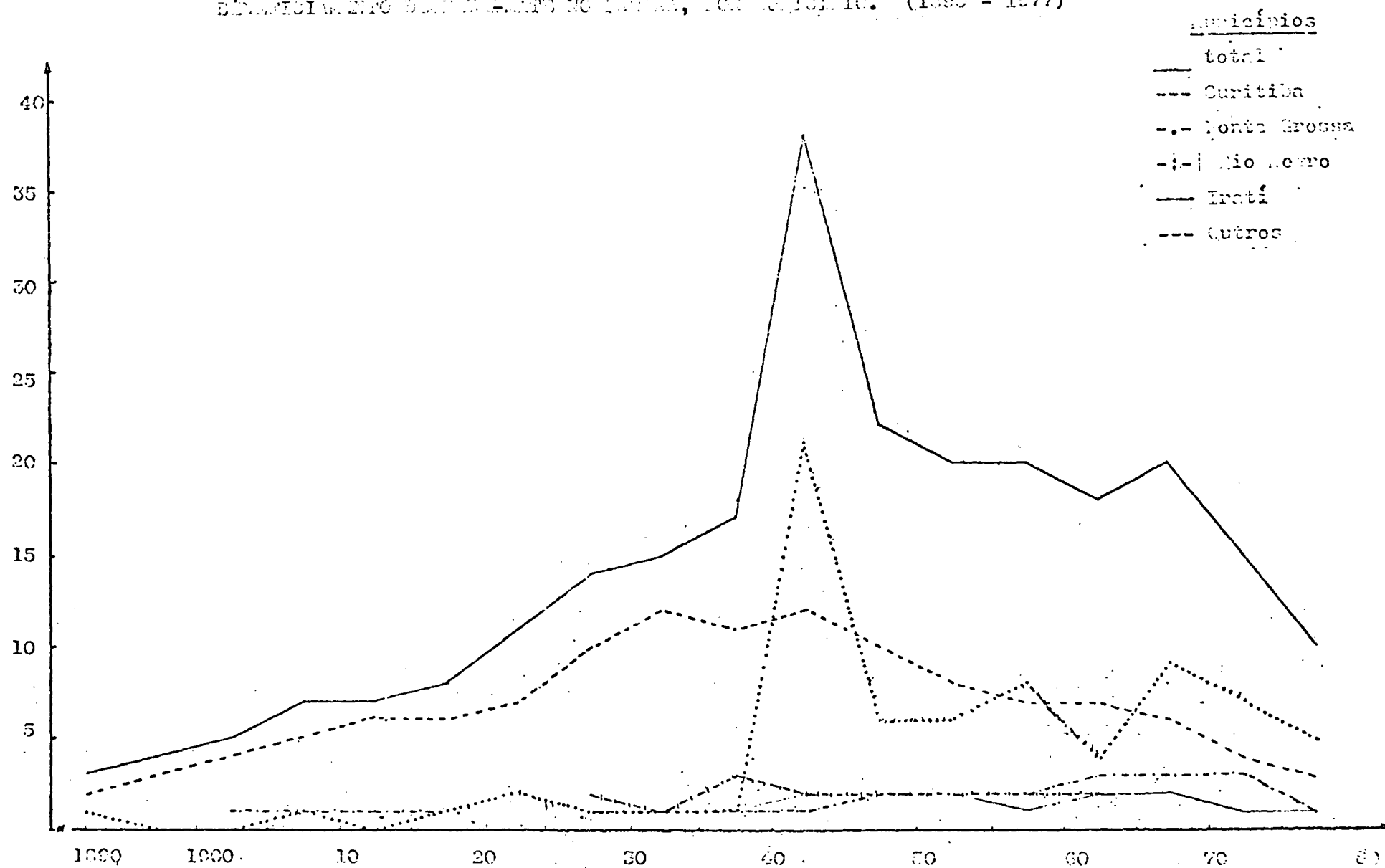


GRÁFICO Nº 16

COMPARATIVO DO NÚMERO DE HABITANTES DO MUNICÍPIO DE IRATÍ, POR DÉCADA, COM O NÚMERO DE HABITANTES DO MUNICÍPIO DE CURITIBA, POR DÉCADA, COM O NÚMERO DE HABITANTES DO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA, POR DÉCADA, COM O NÚMERO DE HABITANTES DO MUNICÍPIO DE RIO NEGRO, POR DÉCADA, COM O NÚMERO DE HABITANTES DO MUNICÍPIO DE IRATÍ, POR DÉCADA, COM O NÚMERO DE HABITANTES DO MUNICÍPIO DE OUTROS, POR DÉCADA. (1890 - 1977)



GRA. 100 No 17

T. 05. 10. 11. 12. 13. 14.

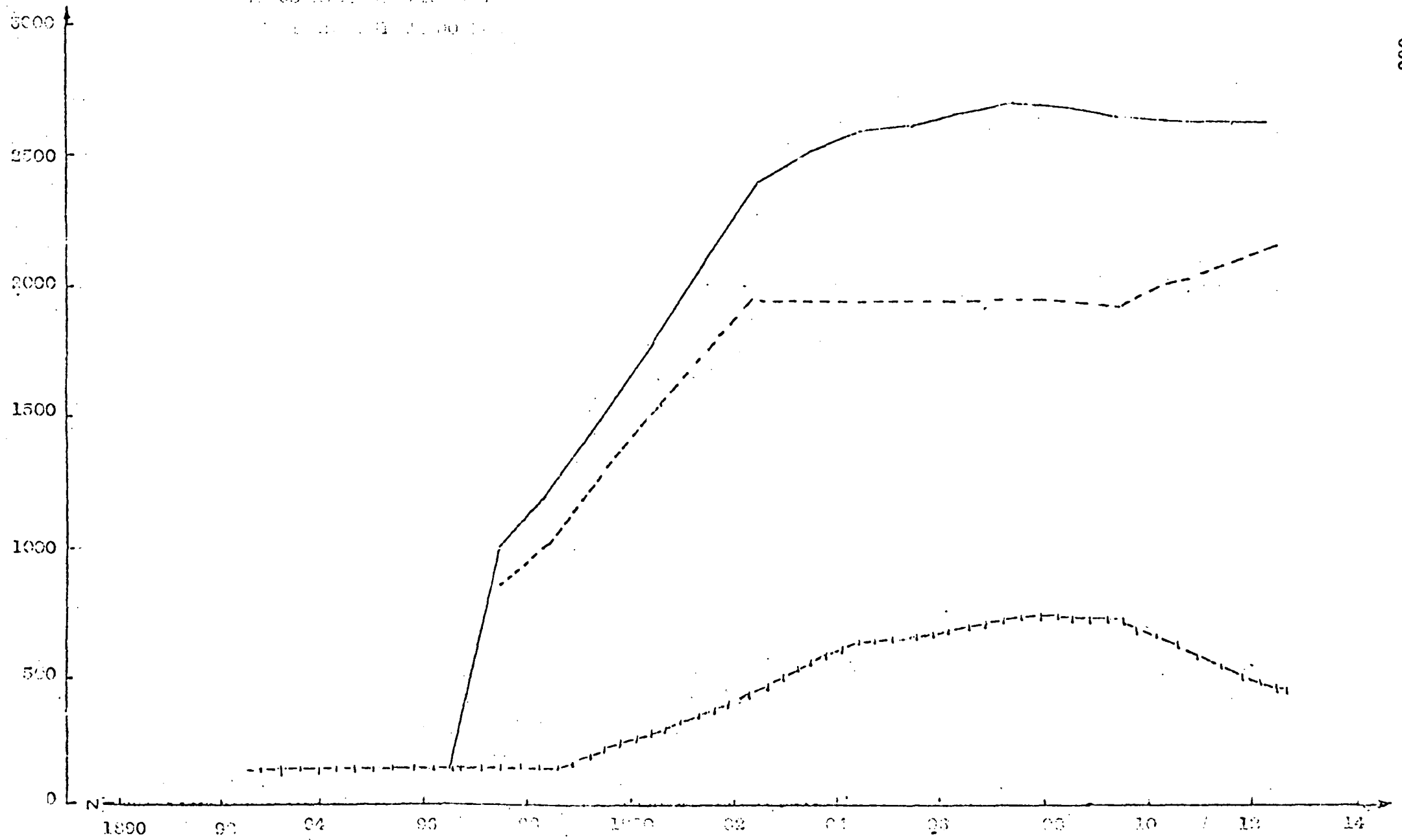


GRÁFICO Nº 18

INDICADOR DE LA ACTIVIDAD INDUSTRIAL EN EL
CHILE (1912 - 1934)

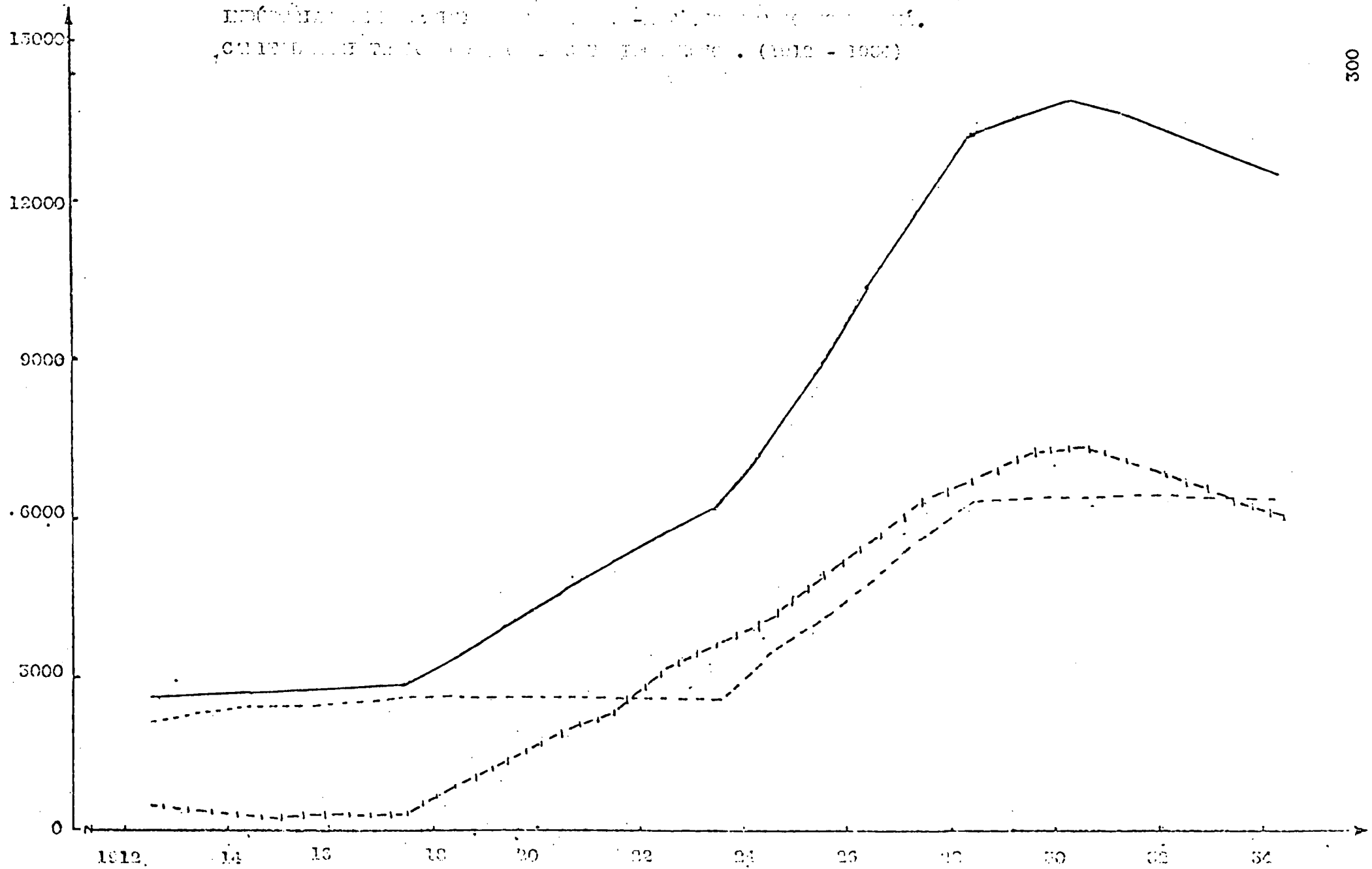


GRÁFICO Nº 19
 INDÚSTRIAS DE MANEJO DE MADEIRA - S. PAULO - SP.
 CAPITAL EMPREGADO POR EMPRESA (MILHÕES DE REAIS) (1934 - 1953)

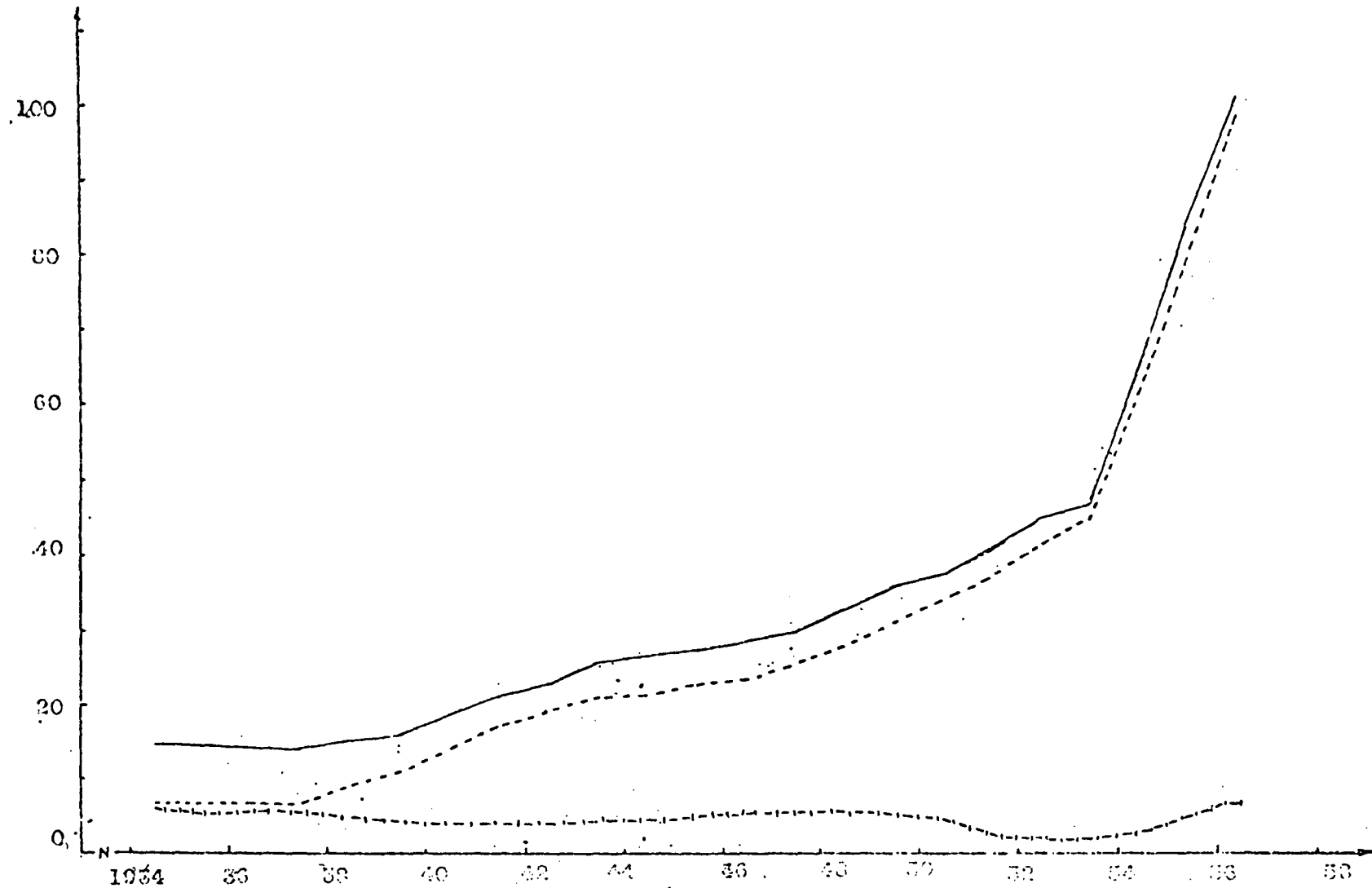


GRÁFICO Nº 20

INDÚSTRIAS DE BENEFICIAÇÃO DE CACAU E CHOCOLATE
CAPITAL REGISTRADO POR ANO EM CRUZEIRO NOVO.
(1956 - 1975)

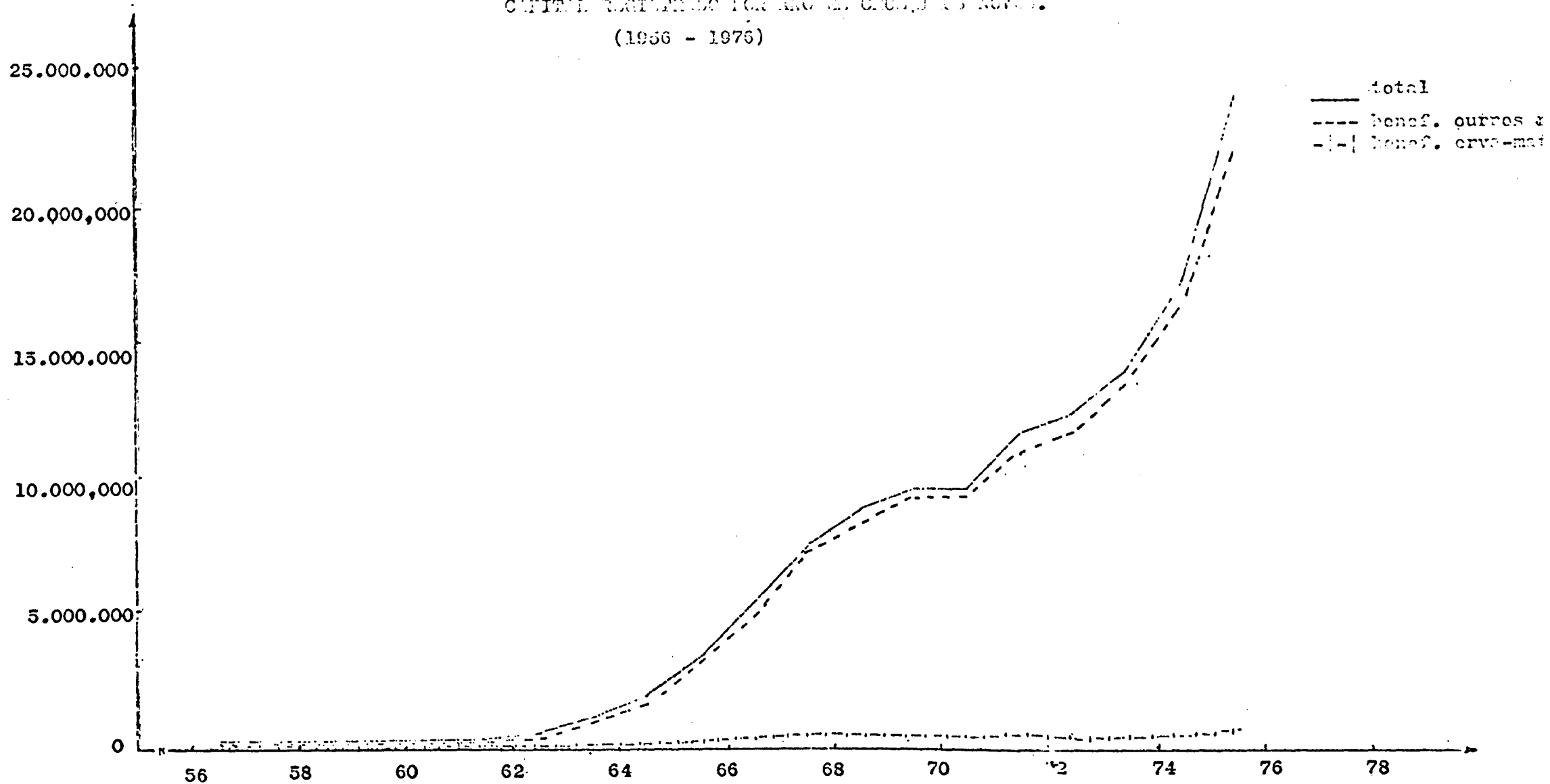


GRÁFICO Nº 21

NACIONALIDAD DE LOS BENEFICIARIOS DEL FONDOS DE PENSIONES (1890 - 1977)

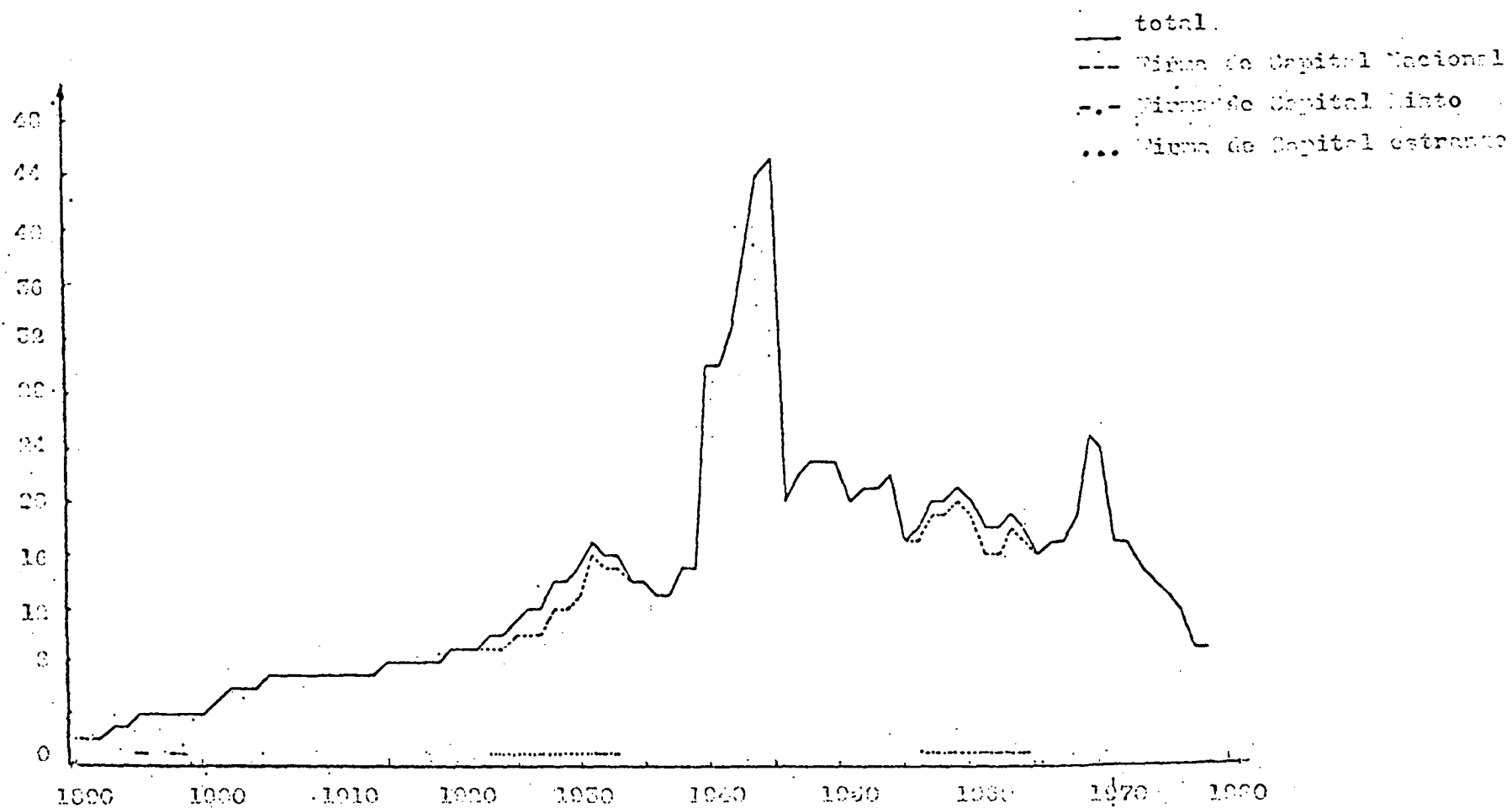


GRÁFICO Nº 22
SÉRIE DE CRESCIMENTO DO CAPITAL
ADELANTO ARAUJO S.A. (1944 - 1966)

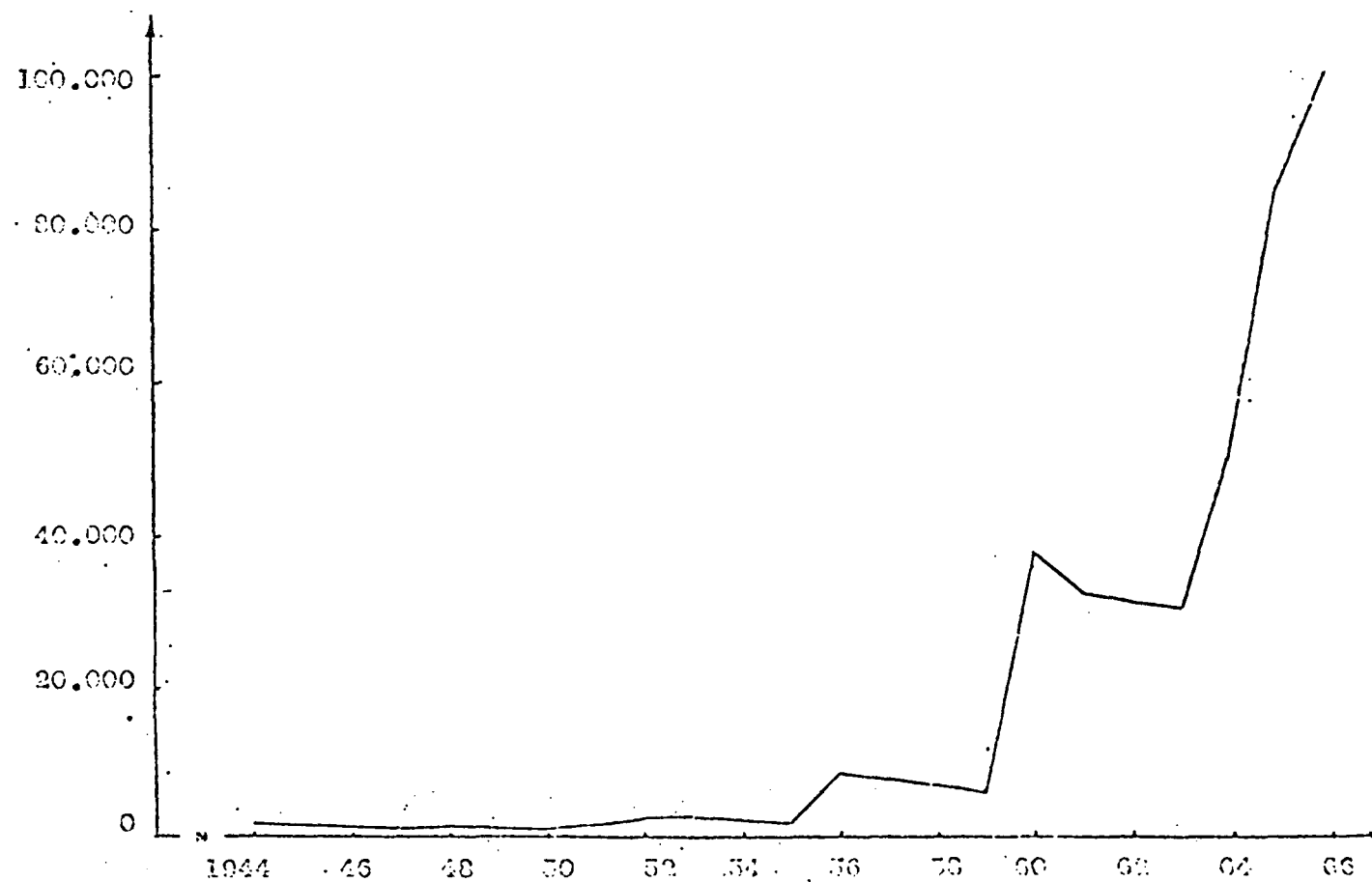


GRÁFICO Nº 23
 SÉRIE DE CRESCIMENTO DO CAPITAL
 REÍNDOS UNIDOS D'ALTO-LATO S.A. (1953-1977)

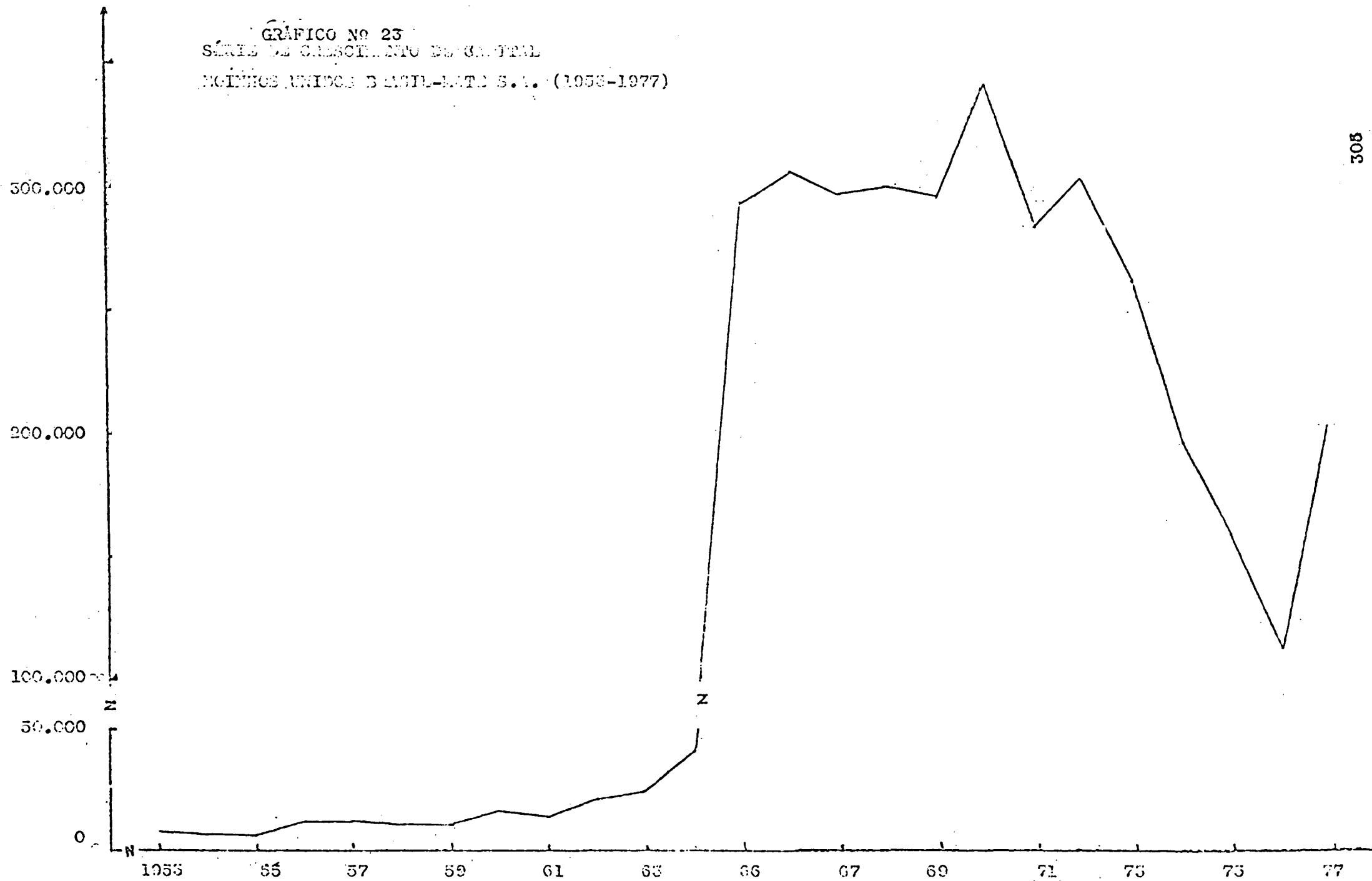


GRÁFICO Nº 24
SÉRIE DE ESTADÍSTICA DE OMI
Linha JUNIOR - (1942 - 1953)

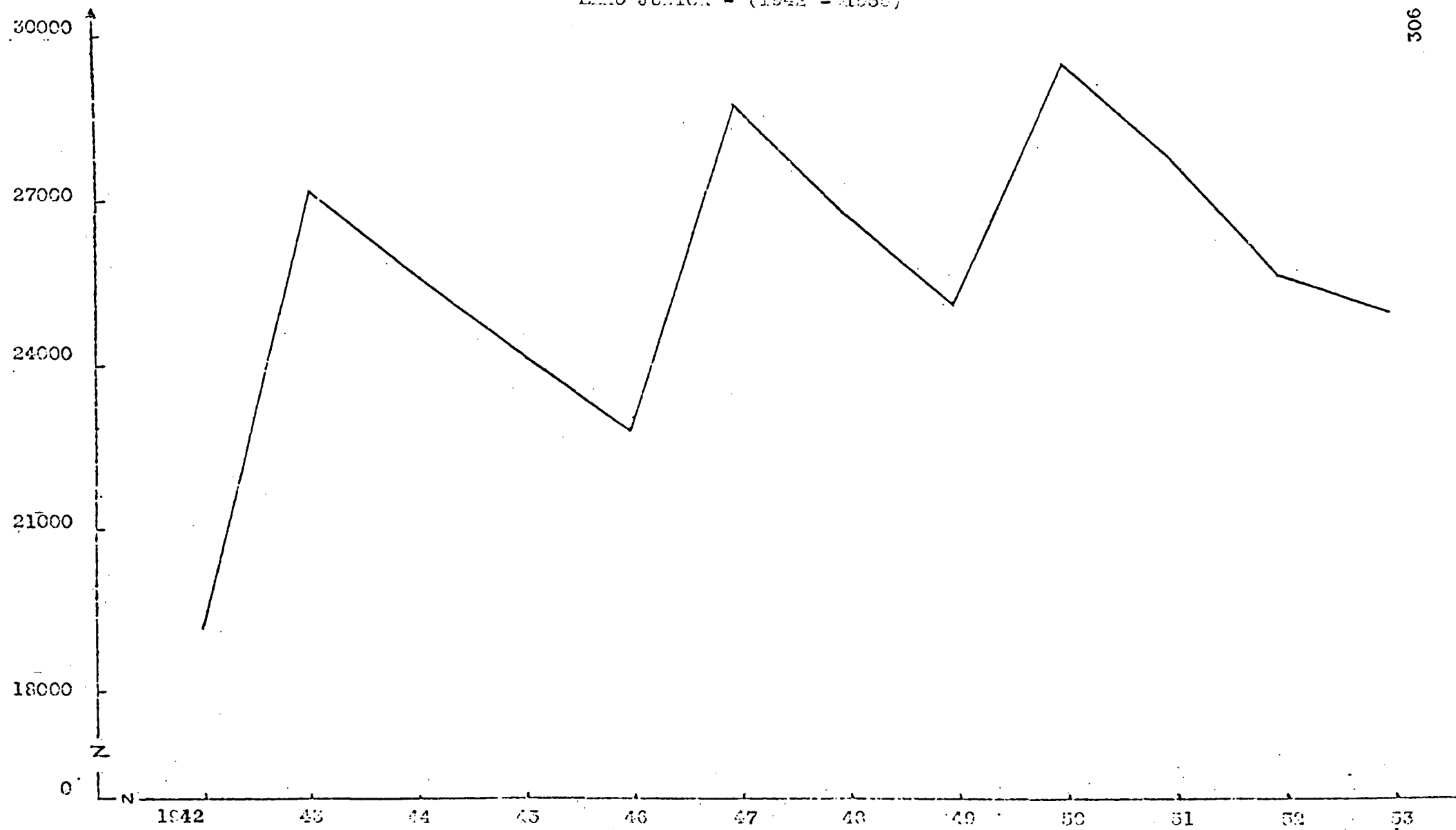


GRÁFICO Nº 26

SÉRIE DE CRESCIMENTO DO CAPITAL
LEÃO JUNIOR - (1965 - 1973)



GRÁFICO Nº 27

INDICADORES DE LA ACTIVIDAD INDUSTRIAL

INDICADORES ADJUSTADOS ANUALS S.A. DAI/INQOL. (1944-1956)

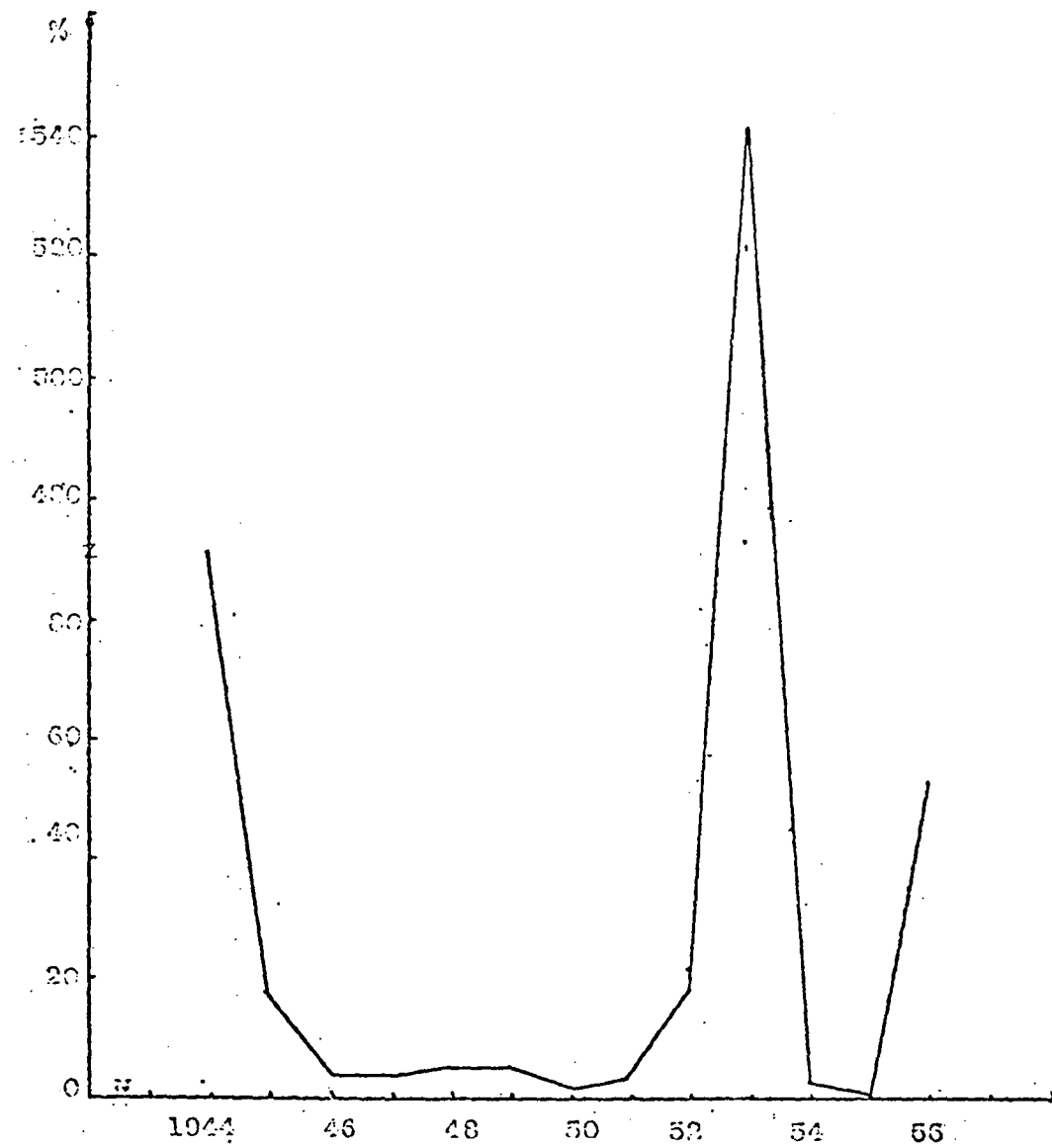


GRÁFICO Nº 28
INDUSTRIAS ADALDO LÓPEZ VILLALBA S.A.
1958 - 1973

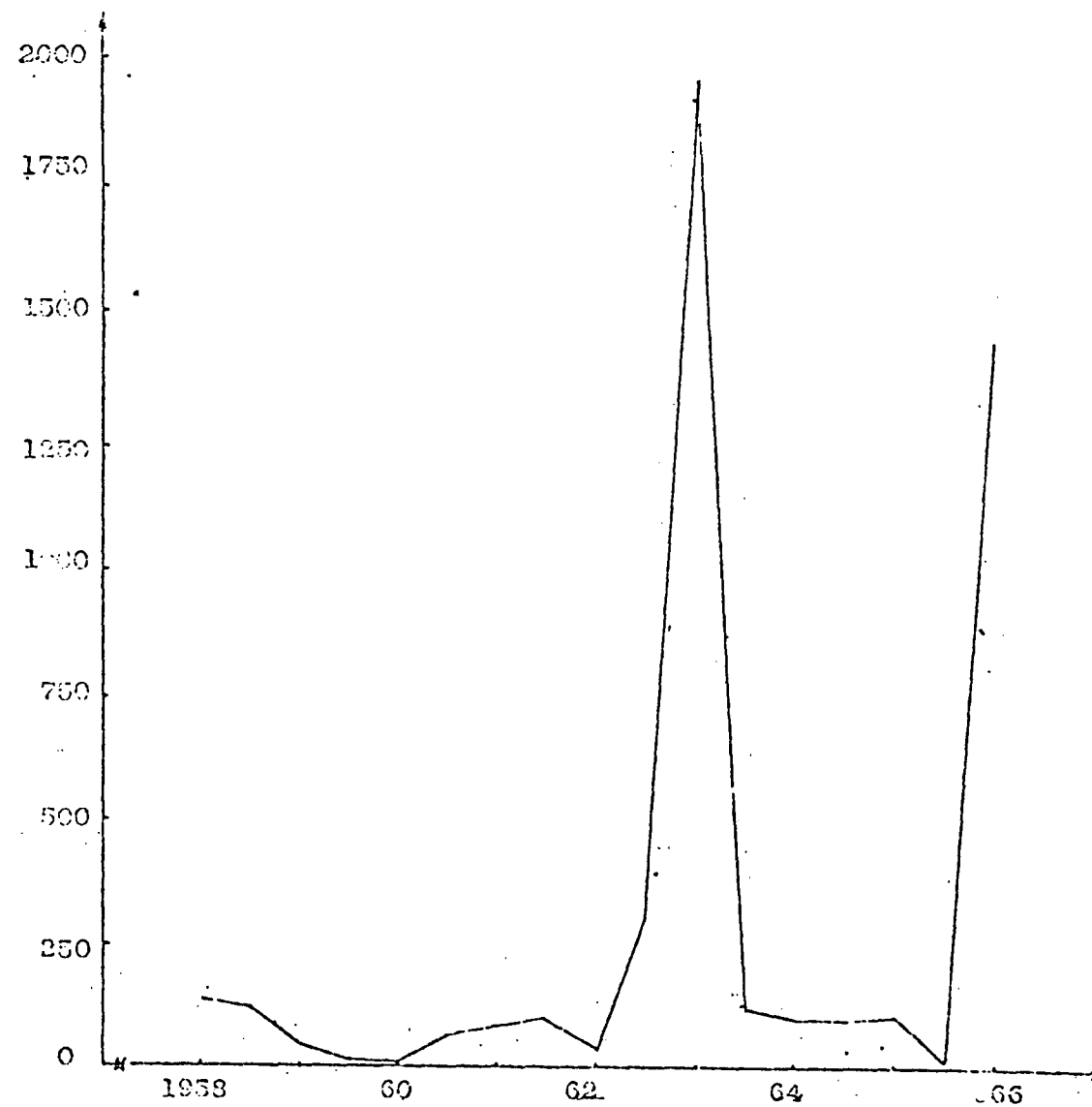


GRÁFICO Nº 29
COCIENTE DE LIQUIDEZ GERAL
LDO JUNIOR - (1944 - 1968).

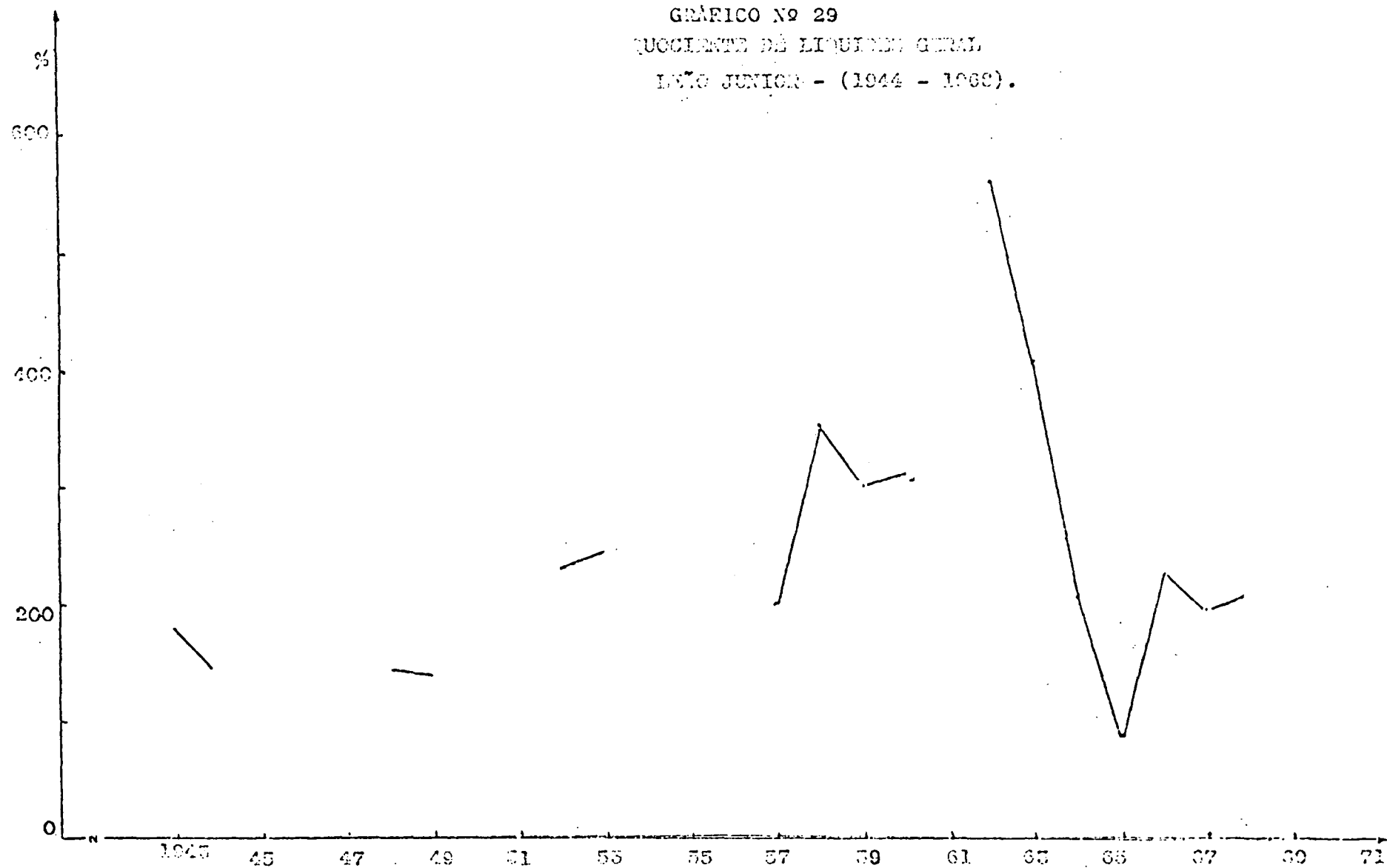


GRAFICO Nº 30
LUCCI EMB D: LÍ-SI-LI: INTERMÉDIA
LEÃO JUNIOR - (1948 - 1971)

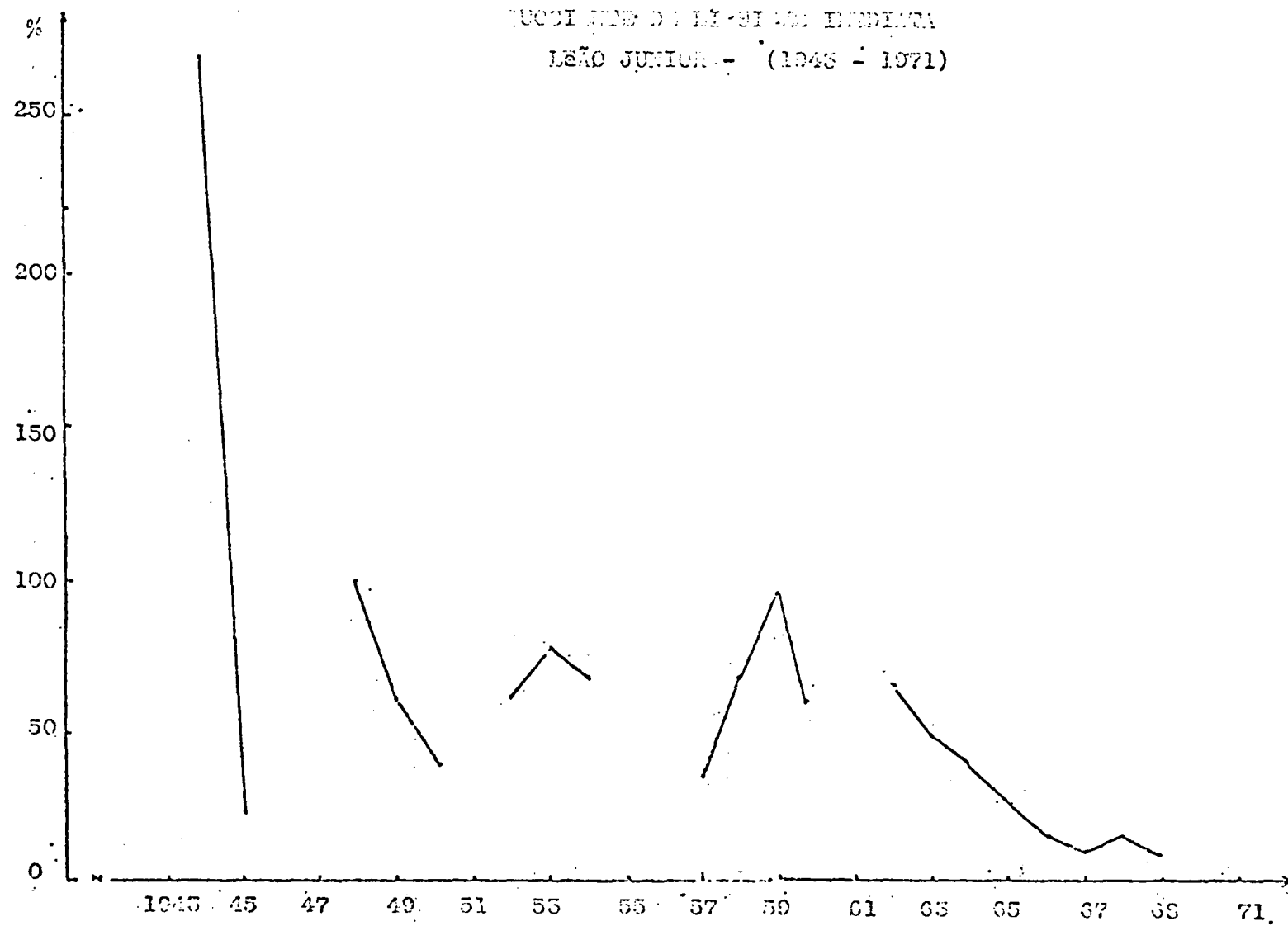


GRÁFICO Nº 31
 INDICADOR DE LIQUIDIDADE GERAL
 MOEDAS UNIDAS BRASIL-ÍNDICE S/A. (1958-1970)

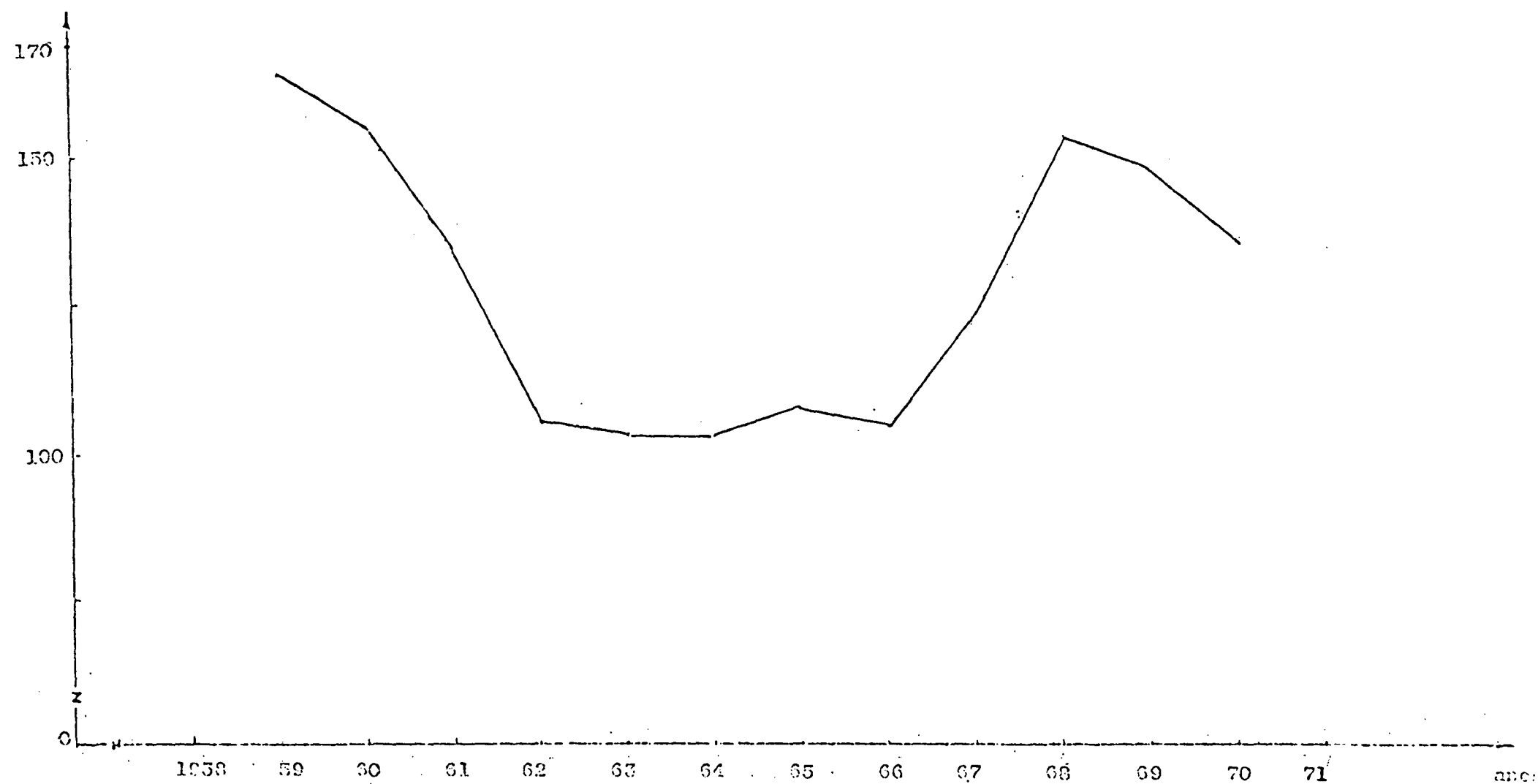
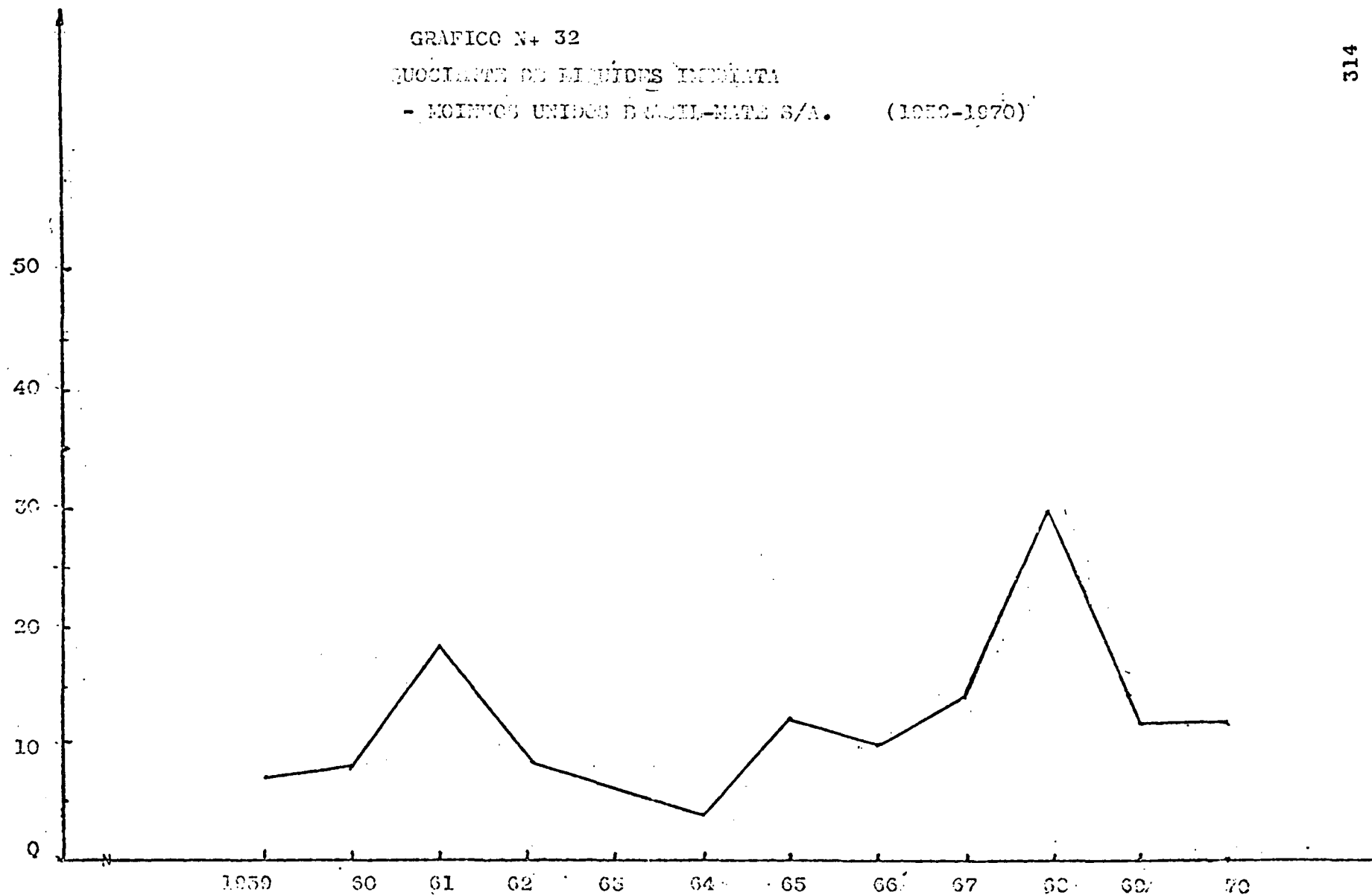
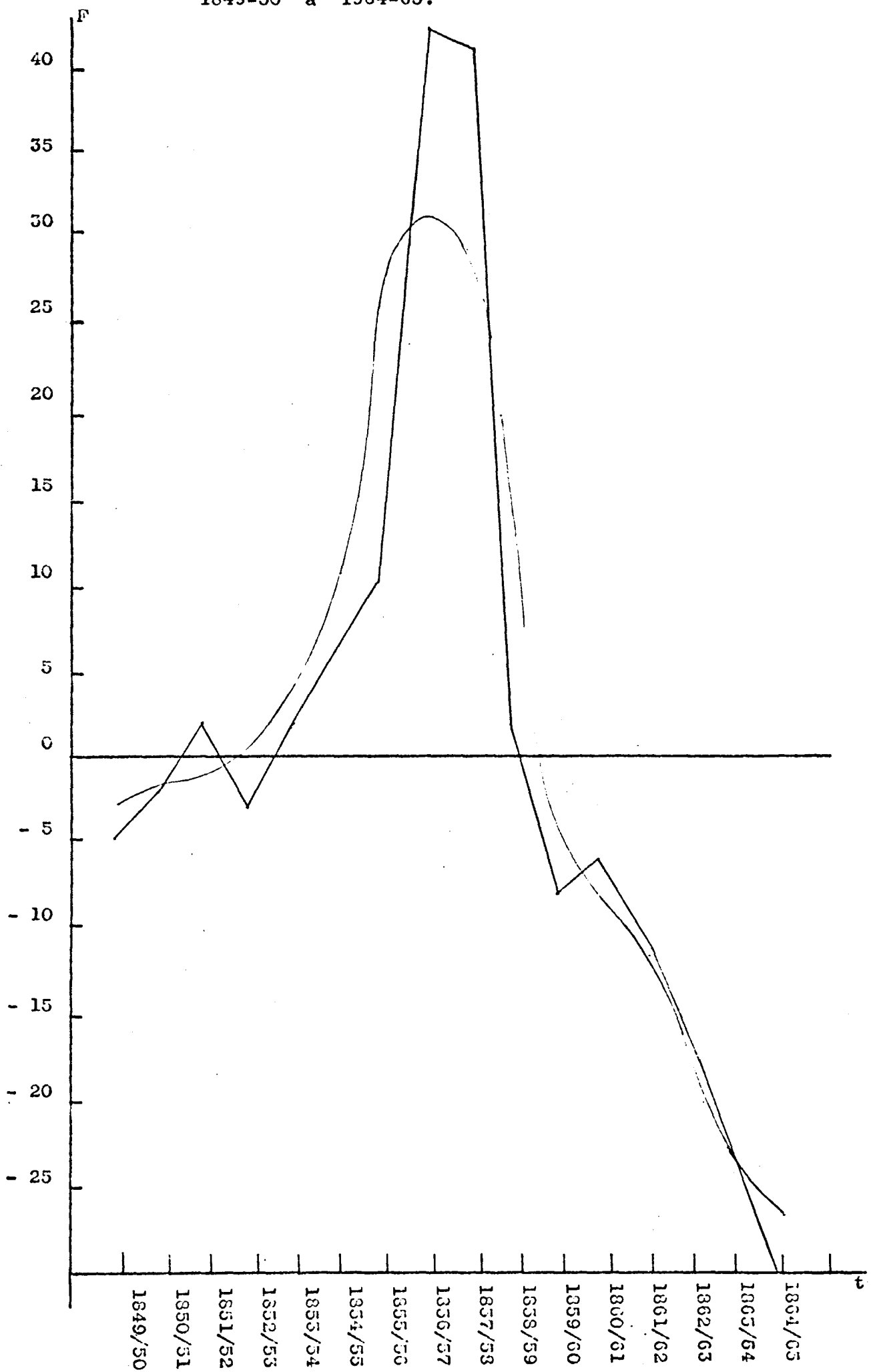


GRAFICO N+ 32
 QUOCIENTE DE PREÇOS INFLUENCIADA
 - MONETOS UNIDOS BRASIL-MATE S/A. (1959-1970)



VALOR MEDIO POR TONELADA DE ERVA-MATE EXPORTADA

1849-50 a 1964-65.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

a) Fontes primárias.

ARTIGAS, Antonio Souza. Relatório apresentado pelo Presidente Engenheiro Antonio Souza Artigas à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em março de 1959. s.n.t. 23 p. Mimeogr.

ATA de fundação das Indústrias Adalberto Araujo S.A. a 5 de fevereiro de 1944. In: S.As. e Diários Oficiais 1944. Arquivo da Junta Comercial do Paraná.

ATA da Assembléia Geral Ordinária das Indústrias Adalberto Araujo S.A. em 28 de abril de 1966. 5 p. Manusc.

ATA da Assembléia Geral Ordinária das Indústrias Adalberto Araujo S.A. em março de 1952. 3 p. Datilogr.

ATA da Assembléia Geral Ordinária de 31 de março de 1967 das Indústrias Adalberto de Araujo S.A. Arquivo da Junta Comercial do Paraná. Datilogr.

CONSTITUIÇÃO da cooperativa de produtores de Mate Vitória Ltda. a 20 de setembro de 1962. In: COOPERATIVAS 1962. Curitiba, Junta Comercial do Paraná. Mimeogr.

CONTRATO social nº 6.278 de 18 de jul 1929. In: FIRMAS 1929. Arquivo da Junta Comercial do Paraná.

CONTRATOS: 1893 - 1977. Arquivo da Junta Comercial do Paraná.

COOPERATIVAS: 1937 - 1977. Arquivo da Junta Comercial do Paraná.

DISTRATOS: 1893 - 1977. Arquivo da Junta Comercial do Paraná.

ENTREVISTA com o Dr. Harry Wekerlin, ex-presidente do I.N.M. a 10 de janeiro de 1977. 8 p. Datilogr.

ENTREVISTA com o industrial Adalberto Carvalho de Araujo Jr. realizada a 16 de setembro de 1974. 2 p. Datilogr.

ENTREVISTA com o industrial Adalberto C. de Araujo, realizada a 20 de setembro de 1975. 9 p. Datilogr.

ENTREVISTA com o sr. Arthur de Oliveira, funcionário da Leão Jr., realizada em 19 de setembro de 1974. 4 p. Manusc.

ENTREVISTA com o sr. Glaucio de Barros Furtado, diretor da Empresa Moinhos Unidos Brasil Mate-S.A. a 22 de junho de 1976. 3 p. Datilogr.

ENTREVISTA com o sr. José Lacerda Jr., empresário da Moinhos Unidos Brasil-Mate S.A. realizada a 27 de abril de 1976. 14 p. Datilogr.

ESCRITURA pública de Constituição da sociedade anônima Moinhos Unidos Brasil-Mate S.A. In: ATAS e Diários Oficiais, 1953. 2 v. Reg. nº 15.109. Arquivo da Junta Comercial do Paraná.

FIRMAN NETO, Pedro. Relatório apresentado pelo presidente Pedro Firman Neto à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em outubro de 1959. 84 p. Mimeogr.

- . Relatório apresentado pelo presidente Pedro Firman Neto à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em outubro de 1959. 84 p. Mimeogr.
- . Relatório apresentado pelo presidente Dr. Pedro Firman Neto à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em março de 1960. 51 p. Mimeogr.
- . Relatório apresentado pelo presidente Dr. Pedro Firman Neto à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em outubro de 1960. 40 p.
- FIRMAS: 1893 - 1977. Arquivo da Junta Comercial do Paraná.
- INSTITUTO NACIONAL DO MATE. Relatório nº 1 apresentado à diretoria do Instituto Nacional do Mate em abril de 1959, pelas divisões de defesa da produção e controle de mercado. Rio de Janeiro, 1959. 44 p. Mimeogr.
- . Controle de mercado. Racionalização da Indústria do Mate; informações referentes às indústrias Adalberto Araujo S.A. Ponta Grossa, 8 de dezembro de 1959. Rio de Janeiro, 1959. 1 p. Datilogr.
- LACERDA, José Jr. Anteprojeto apresentado pelo sr. José Lacerda Jr., representante e presidente do Sindicato da Indústria do Mate no Paraná, que constitui a comissão coordenadora da exportação de erva-mate. Curitiba, 1961. 4 p. Datilogr.
- LIMA, Jorge de. Relatório apresentado pelo Presidente Jorge de Lima à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em outubro de 1963. Rio de Janeiro, 1963. 46 p.
- . Relatório apresentado à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em 18 de outubro de 1965. Rio de Janeiro, 1965. 49 p. Mimeogr.
- . Relatório apresentado à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em 16 de março de 1965. Rio de Janeiro, 1965. 54 p. Mimeogr.
- OLIVEIRA, Marisa Correia de. Estudo da erva-mate no Paraná: 1959 - 1967. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1974. 133 p. Dissertação de Mestrado.
- PARANÁ. Secretaria de Viação e Obras Públicas. Coplan. Regionalização do Paraná: área e população 1967. s.n.t. 35 p. Mimeogr.
- PONCE FILHO, Generoso. Relatório apresentado à Junta Deliberativa pelo presidente Dr. Generoso Ponce Filho em março de 1946. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Mate, 1946. 57 p. Mimeogr.
- . Relatório apresentado à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate pelo presidente Dr. Generoso Ponce Filho em março de 1949. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Mate, 1949. 143 p.
- . Relatório apresentado à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em outubro de 1949. Rio de Janeiro, 1949. 180 p. Mimeogr.
- . Relatório apresentado à Junta deliberativa do Instituto Nacional do Mate em outubro de 1947. Rio de Janeiro, 1947. 127 p. Mimeogr.